

T. M. KECHICHIAN

EM
Você
ME
Encontrei



Dea
Romance



T. M. KECHICHIAN

EM
Você
ME
Encontrei

Dea
Romance

Copyright © TM Kechichian, 2020
Copyright © 3DEA EDITORA, 2020

Editor Chefe	Patrícia Azevedo
Produtor Editorial	Daniela Soares
Assistente Editorial	Géssica Fernanda
Revisão	Valeria Bueno
Revisão Final	Jéssica Martins
Ilustração	Dri K.K.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2016. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados à 3DEA Editora.

www.3deaeditora.com.br
contato@3deaeditora.com.br

*A todos aqueles que em algum momento da vida perderam
uma parte de si, mas encontraram, no amor, uma nova chance
de ser feliz.*

“ A cada dia que vivo, mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca, e que, esquivando-se do sofrimento, perdemos também a felicidade.

A dor é inevitável. O sofrimento é opcional. .”.

Martha Medeiros

Prefácio

A contemporaneidade nas histórias reflete os dilemas atuais vividos na sociedade. Nos faz pensar, refletir e enxergar os vários ângulos de uma mesma questão. Apresenta de maneira escancarada diversos temas que nos passam despercebidos na maior parte do tempo. Às vezes, é difícil enxergar algo que está diante dos nossos olhos e achamos que algumas questões são comuns, óbvias e naturais. Assim, seguimos surfando nessa onda sem parar para refletir.

Mas é necessário desacelerar. Só dessa forma será possível contemplar uma conversa a dois, um jantar entre amigos, um riso infantil puro e franco ou até apreciar uma taça de vinho no fim da noite em sua própria companhia... Coisas simples que nos escapam na agitação do dia a dia, na ânsia do mais, no desespero de cumprir metas e cruzar linhas em busca de expectativas desleais.

Vemos dilemas atuais nessa história que nos mostra, de maneira realista, sincera, singela e principalmente afetuosa, como reencontrar o caminho para a felicidade. Neste romance contemporâneo, T. M. Kechichian nos faz repensar hábitos, aprender a perdoar a si e aos outros para, enfim, voltar a amar. O leitor não passará imune a cumplicidade, carinho, respeito e todos os sentimentos narrados nas páginas a seguir.

Dani Assis
Autora

Prólogo

(...) Você pode me salvar de mim mesmo? Porque eu perdi tudo mais uma vez. (...)

(Can You Save Me? – Hoobastank^[1])

Tento abrir os olhos, mas ao fazer isto a sensação é que alguém está segurando minhas pálpebras, de tão pesadas que estão, além de a dor ser insuportável. Com muito esforço, eu os abro diminutamente e a claridade é tão forte que volto a fechá-los.

— Gabrielle! Gabrielle!

Ouçó me chamarem ao longe, contudo, não consigo balbuciar quaisquer palavras. Minha boca não obedece ao meu comando. Na verdade, só de pensar em falar já me sinto exausta.

Não sei onde estou, nem quem está me chamando.

O que aconteceu comigo?

Tento mover minhas mãos e pés, porém, não consigo sentir *nada*, a não ser exaustão. Eu quero dormir. Eu quero...

Apago.

Tudo escuro novamente.

Não vejo *nada*. Não sinto *nada*. Eu poderia ficar aqui para sempre. Por algum motivo este pensamento me atrai. Eu não lembro o que aconteceu, apenas não gostaria de voltar.

Eu estou sonhando? Será que morri?

Vago em meio ao denso véu negro que se estende diante de mim. Não consigo enxergar um palmo à minha frente e preciso tomar cuidado para não tropeçar e cair.

Antes que eu me dê conta, minha mente começa a receber flashes e mais flashes, imagens e mais imagens e acho que estou gritando — *acho* porque não estou ouvindo som algum, mas sinto minhas cordas vocais trabalharem com desespero. Meus joelhos dobram e caio com o rosto no que imagino ser o chão.

A dor que eu sinto é lacerante, porém, não é física. Uma dor que nunca senti em toda minha vida. Resquícios de memórias estão sendo lançados sem qualquer piedade, de uma só vez, e não estou preparada para isso. Não estou...

Uma avenida.

Carro girando.

Uma.

Duas.

Três vezes.

Vidros quebrando.

Gritos agudos.

Silêncio.

Lutando contra toda a agonia que me envolve, arregalo os olhos, ignorando o esforço que isto me demanda ao recordar o que aconteceu. Ao mesmo tempo, tomo consciência de que estou em um hospital.

Começo a respirar fundo à procura de ar e não o encontro. Ouço gritos e mais gritos. Os bipes acelerados das máquinas ao meu lado, demonstram que meus batimentos estão muito acima do normal. Mas tudo parece distante.

A única voz que consigo escutar com clareza é a dela:

— *CUIDADO, MAMÃE!*

— Giulia! Giulia! Giulia! — chamo sem parar, empenhando-me para que alguém me ouça, mas minha voz está muito rouca e minha boca

estranhamente seca.

— Calma, Gabrielle. Calma! Vai ficar tudo bem! — alguém tenta me tranquilizar, sem êxito.

— Onde ela está? — pergunto, agitada. — Onde ela está?

A movimentação no espaço estéril e claríssimo parece aumentar e eu me remexo com força, percebendo que meus braços e pernas estão presos à cama.

— Onde ela es...

De repente, sinto uma fisgada no braço direito e fico desorientada, esquecendo-me completamente do motivo de estar tão aflita.

Apago.

Não estou sozinha desta vez.

O seu rosto belo e angelical paira sobre mim. As lembranças me atormentam, querendo que eu recorde a qualquer custo.

Uma luta entre o querer e o não querer saber é travada dentro de mim.

Onde você está? Pergunto uma última vez em meus devaneios. *Onde você está?*

Fraca, perdida e cansada eu me entrego, querendo, do fundo da minha alma, que esta seja uma viagem sem volta.

Capítulo 1

(...) O céu quebra e a luz chega para mim. Estou acordada pela primeira vez, mas é tarde demais, estou do outro lado. Minha gênese, é aqui que tudo começa. (...)

(Genesis – Ruelle^[2]).

7 anos antes

Gabrielle

— Gabrielle, daqui a pouco você vai fazer um buraco no chão se continuar deste jeito. Vai dar tudo certo!

— Marcos, é o emprego dos meus sonhos que está em jogo. Eu preciso dar o meu melhor nessa entrevista.

É incrível como o Marcos não consegue entender a minha ansiedade. Para ele, tudo é muito tranquilo e calmo, afinal, o que há de emocionante em ser arquiteto de interiores? Não que eu tenha algo contra sua profissão, nada disso, mas eu sempre fui o “furacão da relação” com minhas ideias ousadas e temperamento forte. Chega a ser engraçado um casal diferente como a gente se dar tão bem.

Casei relativamente cedo, aos 23 anos, logo que me formei em Administração na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Apesar de ter nascido e crescido em Bento Gonçalves — Rio Grando do Sul —, decidi estudar em outro Estado porque, além de sempre ter sonhado em morar perto de uma praia carioca, sem precisar me preocupar com temperaturas baixíssimas, precisava sair das asas dos meus pais, demasiadamente

protetores.

Trabalhar na Fox Technology, uma empresa americana, gigante na área de tecnologia com filial no Brasil, é a minha meta desde que decidi me especializar em Marketing Digital. Não que eu não esteja bem, profissionalmente falando, mas.... Eu quero mais.

Eu moro em um bom apartamento no Leblon, estou com 27 anos e sou sócia de uma empresa de segurança. O dinheiro é bacana e tenho uma certa tranquilidade, porém, nunca fui uma mulher que se contenta com pouco, *muito menos* com calma. Meu objetivo é estar no meio dos *cachorros grandes*, por isso estou tão frenética com a entrevista de hoje.

— Eu entendo que seja o emprego dos seus sonhos, mas você precisa relaxar, meu amor. De nada adianta ficar assim, só vai te prejudicar. Respire fundo e assuma a postura da mulher confiante que você é. Gabrielle Fiore vai acabar com eles!

— Marcos.... Não sei o que faria sem você e o seu otimismo — confesso, buscando seus braços para me aninhar. Ele consegue extrair o melhor de mim.

— Eu sempre estarei aqui para você, minha linda. Nós somos melhores...

— Juntos — completamos. É o nosso lema.

— Agora, mudando de assunto, você retornou a ligação da sua mãe? Ela quer saber se iremos à Festa da Vindima — Marcos pergunta.

— Meu Deus! Estou tão aérea que nem percebi que já estamos na época. Mais tarde eu ligo, porque se eu fizer isso agora ela não vai parar de falar e preciso sair daqui a pouco.

— Concordo — ele responde, sorrindo, sabendo muito bem como Teresa Fiore é. Quando ela começa a falar pode contar no relógio, menos de trinta minutos não vai durar.

Minha família tem uma vinícola no Vale dos Vinhedos, uma região da Serra Gaúcha conhecida por ter os melhores vinhos do país, alguns reconhecidos mundialmente, apesar do desconhecimento de muitos brasileiros.

Em todos os finais de verão, diversos produtores da bebida organizam grandes eventos para celebrar a colheita das uvas, ritual que chamamos de Vindima. Entre as vinícolas que comemoram e planejam as festas está a dos meus pais, Famiglia Fiore. O nome é em homenagem aos meus avós paternos que vieram da Itália e se estabeleceram em Bento Gonçalves, assim como tantos outros italianos, sendo este o motivo da pequena cidade ter fortes tradições europeias.

Não é porque é da minha família, mas os vinhos, principalmente os espumantes que são a especialidade da vinícola, são maravilhosos. Inclusive, meu estoque está acabando e se eu for visitá-los é certo que trarei algumas caixas.

— Preciso ir — digo, saindo do abraço do meu marido para pegar minha bolsa.

— Querida, vai dar tudo certo. Estarei aqui te esperando e vamos abrir um espumante para comemorar.

— Obrigada, amor. Até mais! — Beijo seus lábios e sigo em direção à empresa que, caso me contrate, mudará minha vida para sempre.

Horas mais tarde, chego em casa.

— Marcos! — chamo.

Estranho tudo estar escuro e vou direto para o escritório onde meu marido trabalha. Também escuro.

— Marcos!

Sigo para o nosso quarto e me deparo com um facho de luz saindo de uma fresta. Quando abro a porta toda a cena à minha frente me deixa sem palavras.

Velas e mais velas espalhadas por todo o cômodo, um balde com gelo e uma garrafa de espumante em cima da mesinha ao lado da cama. E Marcos? Está deitado, usando apenas uma cueca boxer preta, a minha cor preferida, com as mãos atrás da cabeça — o que deixa seus braços torneados em evidência — e o sorriso mais safado no rosto.

— Uau! — exclamo. — O que é isso tudo? — pergunto, abrindo o zíper do meu vestido preto, elegante, deixando-o no chão.

— Estava te esperando — ele diz, naturalmente.

Meu marido é lindo. Eu poderia admirar seus olhos verdes por horas e horas, mas o conjunto da obra é que me faz ser completamente apaixonada por ele.

— Entendi.... Não quer saber como fui na entrevista? — questiono, tirando os meus saltos.

— Quero, mas imagino qual deve ter sido o resultado.

— Ah, é? — provoco, engatinhando na cama até pairar a centímetros dos seus lábios. — E qual foi?

— Você é a mais nova funcionária da Fox Technology — responde com a voz rouca de desejo enquanto eu tiro meu sutiã.

— E se eu disser que não?

— Eu vou falar que é mentira. — Seus olhos indicam seriedade e malícia ao mesmo tempo.

A confiança que Marcos deposita em mim é algo surreal e é o que eu mais amo nele. Ele me joga para cima, me coloca em um pedestal, me idolatra.

Não adianta mentir. Ele sempre sabe quando eu não estou falando a verdade. Ele conhece cada gesto meu, cada expressão, e eu não estaria desse jeito, tão tranquila, se não tivesse dado certo.

— Você está falando com a mais nova gerente de Marketing Digital da Fox Technology, querido — resolvo abrir o jogo de uma vez e começo a beijá-lo profundamente, o que ele prontamente retribui.

Fazemos amor ao longo da madrugada, trocamos carícias, declaramos o quanto nos amamos, brindamos, rimos e posso sentir que algo mudou. Dentro de mim, eu sinto!

Capítulo 2

(...) Quebre meus ossos sob seu polegar, faça-me sangrar pelas coisas que fiz. Mas, no final, não leve meus pecados. Deixe isso para mim. (...)

(My Sins – Unions^[3])

Dias atuais

Gabrielle

— Vamos, filha? Nosso voo sai em duas horas e ainda precisamos devolver o carro na locadora.

— Preciso de mais alguns minutos — respondo.

Minha mãe não desvia a atenção de mim, nem por um segundo. A expressão sofrida agora faz parte do seu rosto, e saber que eu sou o motivo de ela estar assim não melhora em nada meu estado. Eu não consigo encará-la porque acaba comigo enxergar o quanto ela envelheceu nesse último ano. Seus olhos, azuis como os meus, sempre tão vivos e alegres, estão caídos, tristes. Resultado de tudo o que eu a fiz passar. Por tudo o que eu os fiz passar.

Permaneço parada, o olhar fixo no prédio em que morei por anos. O lugar onde eu era feliz e deixei tudo escorrer pelas minhas mãos. Onde vivi tantos momentos inesquecíveis. Agora tudo não passa de um borrão. É como se eu nunca tivesse vivido *nada* daquilo. Sou apenas um fantasma, uma sombra de quem eu era.

Eu morri há exatamente vinte e cinco meses, o que restou é apenas uma parte do que Gabrielle Fiore fora um dia.

A dor é minha companheira. É com ela que eu venho convivendo por todo esse tempo, quase o mesmo tempo em que não vejo Marcos. Nesse período, falei com ele apenas uma vez, ainda no hospital. A partir daquele momento ele nunca mais quis me ver e se comunicava apenas com meus pais para saber se eu estava me recuperando bem. Ele não conseguia encarar um monstro como eu. Além do mais, quem vai querer ficar cara a cara com a pessoa que destruiu sua vida?

Estes são meus últimos minutos no Rio de Janeiro, a cidade que me acolheu quando cheguei há mais de 20 anos, inexperiente e cheia de sonhos. Cidade onde estudei, tornei-me uma mulher bem-sucedida, casei... *morri*. E, após anos, estou voltando para a casa dos meus pais, como uma garotinha que precisa de cuidados e não uma mulher de 34 anos.

Quando soube que eu estava indo embora, logo que recebi alta da clínica, Marcos pediu para minha mãe me entregar um envelope, e eu já tinha uma certa noção do que continha ali. Ele estava pedindo o divórcio.

Não posso julgá-lo, afinal, ele ainda teve a hombridade de esperar eu me recuperar, ressaltando o homem maravilhoso que sempre foi. E isso lamentarei o resto da minha vida. *Como pude ter deixado que ele escapasse?* Mais um dos meus muitos erros. Eu sei pelo menos cinco respostas para esta pergunta, e nunca me perdoarei por cada uma delas. Nunca.

Então fiz a única coisa certa que eu poderia fazer depois de tudo o que causei, assinei os papéis e o deixei livre. Ele merece uma nova chance de ser feliz, por mais que o fato de imaginá-lo com outra pessoa arranque uma batida do que resta do meu coração quebrado e destruído.

A melancolia me invade enquanto observo a janela onde tantas vezes sentei. Tantas vezes sorri. Tantas vezes planejei meu futuro olhando para o mar e seu infinito.

Como se combinasse com meu estado de espírito, uma chuva fina

começa a cair.

O celular da minha mãe toca e no mesmo instante sinto uma ânsia me tomar, seguida por um tremor incontrollável. Só tenho tempo de chegar perto de um poste, antes de começar a vomitar sem parar. Logo meus pais estão ao meu lado, cuidando da *filhinha* indefesa.

Eu odeio essa sensação de fraqueza e não posso culpá-los por viverem constantemente apreensivos. Eu faria o mesmo se fosse com a minha filha....

Volto a vomitar e todo meu corpo sacode com a violência dos tremores, fazendo meus joelhos dobrarem. Se não fosse a presença deles, eu teria caído de cara no líquido que se estende à minha frente. E não teria me importado.

Lágrimas inundam minha face, misturando-se com a chuva que começa a engrossar. Fica impossível conter a crise, então me deixo ser dominada por ela, sentindo meu corpo flutuar de repente. Lentamente viro meu rosto, como se estivesse em câmera lenta, e vejo que meu pai é o salvador da vez e me carrega em seus braços.

Eu pensei que estivesse melhor. *Do que adiantou passar tanto tempo naquela clínica?!* Continuo sentindo a mesma dor, o mesmo sentimento de impotência, a mesma culpa.

Minha vida se resume a isso?

Eu passei de mulher independente e confiante para uma mulher vulnerável e com uma bagagem enorme de traumas. A única certeza que eu tenho é que nunca mais serei a mesma. Nunca mais!

Sou colocada no banco de trás do *Jeep* alugado e abraçando-me forte minha mãe fala baixinho:

— Te aquieta, filha. *Shhhhh...* Respire fundo e solte o ar. — Obedeço, ainda tremendo e chorando como um bebê. — Isso! Devagar.

Meu coração acelerado vai voltando ao normal e os tremores vão

diminuindo.

— Desculpe, querida. Tua irmã me ligou para saber que horas chegaremos em Bento. Eu não devi...

— Mãe... por favor — interrompo com os dentes batendo um contra o outro. — Não... me faça.... sentir... pior... do que já estou. Você não fez... nada de mais...

— Eu sei, mas é que...

— NÃO! — grito com o que resta da minha voz fraca, uma das sequelas do acidente, apesar de os médicos acharem que é emocional. — Não... faça... isso. Já basta... me sentir a criatura... mais inferior do mundo. Não. Faça. Isso! — imploro, esforçando-me para que minha respiração volte ao normal.

— Tudo bem — ela sussurra e não diz mais *nada*, continuando a massagear minhas costas.

Após alguns minutos, já mais calma, sento no banco e endireito minha postura, secando minha face molhada com alguns lenços de papel que coloquei na mochila. Minha mãe permanece ao meu lado, preparada para qualquer outro episódio.

— Está melhor, Gabrielle? — meu pai pergunta preocupado, observando-me pelo retrovisor. Para ele tem sido angustiante me ver assim e não poder fazer *nada*. Ele sempre foi o meu parceiro, meu protetor.

— Sim — respondo, soltando o ar. — Podemos ir. Já terminei por aqui.

— Vamos para casa — ele diz ao virar para a frente e ligar o carro.

Casa. Meus olhos encontram o prédio uma última vez enquanto começamos a nos afastar, então tomo consciência de que é mais uma despedida na minha vida. Mais um adeus. Mais uma parte de mim que não passará de um borrão nas minhas lembranças.

— Sim, vamos para casa — respondo, voltando a olhar para a frente, deixando para trás tudo o que eu fui um dia para viver a incerteza do que serei.

É engraçado como tudo o que vivemos de bom é facilmente apagado pelas coisas ruins que acontecem conosco. É como se os piores momentos tivessem mais poder do que os melhores. Acho que essa é a maior verdade que existe.

Não adianta estar tudo bem, porque é o que aconteceu de negativo que vai nos marcar para sempre.

Um casamento é feliz e maravilhoso até que um dos parceiros faça algo que não agrade o outro. Tudo o que sempre foi bom entre eles é esquecido. E assim é a vida.... Uma bela contradição.

Não estou dizendo que sou inocente, que há justificativas para o que aconteceu comigo. Não estou falando disso! Sei o que passei e o que venho passando por uma irresponsabilidade unicamente minha, algo inescusável! O que quero dizer é que o mal sempre vence.

“E foram felizes para sempre...” Poupe-me dessa merda. Não há felizes para sempre. Não há *nada* que dure para sempre. Eu falhei, perdi, sou culpada e mereço as consequências dos meus erros, mesmo que custe a minha própria vida.

Capítulo 3

(...) Não importa o que criamos, ainda somos feitos de ganância. Este é o meu fim (...)

(Demons - Imagine Dragons^[4])

Três anos antes

Gabrielle

Chego do trabalho e a única coisa que eu preciso agora é de um bom e demorado banho. Sem querer fazer barulho, tiro meus sapatos de salto, sigo direto para o meu quarto e...

— Mamãeeeeee! Você chegou! Papai, papai, a mamãe chegou!

E meus planos vão por água abaixo. Respiro fundo e ao virar para minha filha abro o sorriso mais largo que minha exaustão permite.

— Eu cheguei, querida!

Abaixo para ficar na sua altura, abro os braços e ela pula em cima de mim. Dou um abraço apertado em seu corpo pequeno e ela retribui da mesma forma. Receber o carinho de Giulia sempre renova minhas forças. É incrível e nunca vou entender o poder que um filho tem em nossas vidas!

Apesar de ter apenas quatro anos, todos que a conhecem costumam dizer que Giulia parece estar à frente da sua idade e não posso discordar. Ela é tão esperta que às vezes fico assustada. Com seus cachos loiros e olhos azuis, ela é uma mistura entre Marcos e eu. Os cabelos e olhos como os meus, o queixo e o sorriso de Marcos. Nossa pequena e doce garotinha.

— Mamãe, eu estava te esperando. Lembra que você prometeu que

iria brincar comigo hoje?

Não acredito que esqueci que hoje é dia de brincadeira.

— Claro que lembro, filha.

Neste momento, Marcos chega ao meu lado e me cumprimenta com um beijo.

— Não ouvi você chegar... — ele deixa no ar. Meu marido me conhece como ninguém. É óbvio que ele sabe que eu não fiz barulho de propósito.

— Cheguei agora. Só estava indo ao banheiro — digo e ele me encara com um sorriso de canto, como se soubesse de um segredo sujo meu.

Reviro os olhos e volto minha atenção para Giulia.

— Você quer brincar de quê, filha? — pergunto e meu celular começa a apitar sem parar, indicando diversas notificações.

Antes que Giulia responda, abro minha bolsa e pego o aparelho.

— Só um minutinho que a mamãe já vai falar com você. É lá do trabalho. Já volto.

Sigo para o quarto e fecho a porta. Sento no pequeno sofá que fica ao lado da cama e começo a responder os e-mails que chegaram.

Depois que fui promovida à Diretora Executiva na Fox Technology, há mais ou menos dois anos, minha vida virou uma loucura. Giulia era um bebê e eu precisava me desdobrar para cuidar dela, da casa e de Marcos. Por isso decidimos que meu marido ajudaria nas tarefas domésticas, já que seu escritório fica no nosso apartamento e, vez ou outra, chamamos uma babá para mantermos nosso ritmo de casal.

Não é fácil conciliar o emprego que eu sempre quis com uma família que está crescendo e, apesar de Marcos sempre me apoiar, foi inevitável o meu casamento levar um *downgrade*. Mas eu sei que é temporário. Nosso amor é forte e vai suportar tudo isso.

Após responder os e-mails, entro no modo automático e clico no aplicativo de mensagem que contém notificações da minha irmã, minha mãe, meu chefe e meu estagiário. Aproveito e respondo um por um. Tenho um certo “TOC” ao ver aqueles números ao lado das conversas e fico satisfeita apenas em abrir e fechar para que eles desapareçam.

Quando dou por mim, estou verificando minhas redes sociais.

Não acredito que esse cara terminou com aquela garota...

Nossa! Como essa menina conseguiu tantos seguidores...

— Você realmente vai ficar aqui em vez de dar atenção para sua filha? — Tomo um susto com a voz de Marcos próxima ao meu ouvido. — O único momento que ela tem para ficar com a mãe e você está perdendo tempo acompanhando a vida dos outros?

Como não ouvi meu marido entrar? Que merda! Eu odeio quando ele me pega desprevenida porque sempre faz com que eu me sinta culpada. Parece até que estou fazendo algo errado.

— Marcos, para com exageros! Não começa, por favor. Eu respondi alguns e-mails e fui me distrair um pouco. Qual o problema? Eu vou ver a Giulia agora — digo, levantando do sofá, e ele ri. Uma risada amarga e irônica.

— *Qual o problema?* — replica, balançando a cabeça em negação. — Agora não precisa mais. Você ficou aqui por duas horas, Gabrielle. Giulia já está na cama. Dormiu chorando, perguntando o motivo da mamãe não querer brincar com ela.

Meu coração afunda no peito. *Eu fiquei duas horas no quarto?* Não, não pode ser. Pego o aparelho e consulto o relógio. *Meu Deus! Ele tem razão...*

Fecho os olhos e solto o ar, sem ter como me justificar.

— Eu não... Eu não percebi, Marcos. Desculpe. Vou deitar com

Giulia. Vou me desculpar com ela.

Ele nada fala e eu saio em direção ao quarto da minha filha. Quando chego, o aperto no meu peito se intensifica. Ela está dormindo e o abajur no formato de Cinderela está ligado, deixando evidente o rastro de choro pelo seu rostinho de anjo.

Deito ao seu lado e mexo em seus cabelos, dizendo baixinho:

— Desculpa, meu amor. Mamãe está aqui... Mamãe está aqui...

— Mah... — Giulia murmura, sonolenta, o apelido que só usa quando está cansada demais para falar “mamãe”.

— *Shhhhhh...* Durma, querida. Amanhã iremos brincar sem falta, está bem? Desculpe, filha... Mamãe te ama.

— Também... Amanhã... — Ela não consegue finalizar a frase. O sono a vence e eu desligo o abajur, permanecendo ao seu lado até que o cansaço decide cobrar seu preço.

Acordo de madrugada com a coluna doendo pela posição que fiquei na cama de Giulia e sigo para o meu quarto. Marcos está dormindo.

Pego uma muda de roupa no closet e entro no banheiro a fim de tomar um banho. Estou ansiando por este momento desde a hora que cheguei. O que me acalma é que o final de semana chegou e poderei acordar um pouco mais tarde, além de tentar consertar a situação chata que causei à minha filha.

De banho tomado, deito na cama e levo um susto quando o tom grave da voz de Marcos ressoa no ambiente:

— Você não acha que está passando tempo demais no celular, Gabrielle?

Não acredito que ele vai querer discutir a essa hora.

— Eu pensei que você estivesse dormindo, Marcos — murmuro, remexendo-me no edredom, e ele acende a luminária do seu lado.

— O que aconteceu hoje me deixou preocupado. Não consigo parar de pensar que você trocou nossa filha porque precisava se “distrair”!

— Marcos, para de jogar acusações sem sentido! Eu não estava apenas me distraindo, isso foi consequência — digo, exasperada. — Eu precisei responder alguns e-mails e fui conferir minhas redes depois. Você tem que entender que eu trabalho com tecnologia e preciso...

— Gabrielle... Você está se ouvindo? — questiona ao me interromper. — Não é a primeira, não é a segunda e nem será a última vez que você perde a noção do tempo por ficar no celular. Só estou dizendo para ficar atenta a isso. Não pode ser normal, Gabi. Não quando temos uma filha que precisa da mãe. Não se o único momento que temos como família é quando você chega em casa. Parece que nada disso é mais importante que o aparelho que vive agarrado na sua mão.

Ele só pode estar de brincadeira. Ele pensa que sou o quê? Uma criança?

— Não sei o porquê você implica tanto com o meu trabalho, Marcos. Você sabe que estou em uma posição de destaque na empresa, que trabalho com Marketing Digital... — ênfase. — ...e eu preciso estar ligada em tudo.

— Eu sempre fui muito compreensivo, Gabi. Isso está fora de discussão. Mas você precisa começar a rever as suas prioridades. Não estou dizendo para escolher sua família ao seu emprego! Estou apenas sugerindo que quando estiver em casa desligue o celular, deixe o trabalho de lado e dê atenção a sua filha. Eu admiro a mulher de sucesso que você se tornou! Sempre fiquei ao seu lado, em todas as suas decisões, só estou pedindo que preste mais atenção à sua volta.

— Marcos... — começo, mas ele me interrompe novamente.

— Gabrielle, escute. — Ele pega minhas mãos e as coloca junto ao seu peito. — Eu não quero que você se culpe mais tarde por não ter acompanhado o crescimento da Giulia. Eu não estou te pedindo muito, meu amor. Apenas que reveja a forma como está conduzindo a sua vida. O tempo está correndo e há momentos preciosos que você perde porque está ocupada demais para perceber. Eu gostaria de receber o mesmo aviso se fosse comigo, minha linda. Faça isso por você. Faça isso pela Giulia.

Suspiro e fecho os olhos.

— Tudo bem, Marcos. Vou tentar dosar as minhas atividades quando estiver em casa, mas não poderei ficar 100% *off*, faz parte do meu trabalho...

— Não estou te pedindo para não cumprir os seus compromissos, apenas que faça tudo com equilíbrio.

Após acordar um pouco mais tarde e receber uma ótima, e quente, motivação debaixo do edredom, sugeri que viéssemos ao parque para brincar com Giulia. Ela não poderia ter ficado mais contente, pulando sem parar de tanta animação.

Estamos empurrando nossa filha no balanço quando começo a receber notificações. Olho para o Marcos e digo silenciosamente que preciso responder, ele assente.

Afasto-me um pouco deles e começo a analisar alguns documentos que minha equipe enviou. Quando digo que meu trabalho requer muito de mim, não estou mentindo.

Logo que termino os meus afazeres profissionais aproveito para ver outras coisas, mas, ao lembrar da conversa com meu marido durante a madrugada, guardo o celular. Volto para brincar com Giulia, que está rindo

sem parar de alguma coisa que Marcos falou.

— Também quero rir assim! — comento, voltando a empurrar minha filha no balanço.

— Mamãe, o papai riu igual a um porquinho. Ele disse que é porque ele é metade porco e metade humano. — Giulia ri tanto que seu rosto está vermelho. — Papai, para de contar mentirinha. Você veio da barriga da vovó.

— Não vim, não. Sou um porquinho que está carente e precisa de um abraço. — Ao dizer isso, Marcos pega Giulia do balanço e a estende no alto com os braços esticados para, logo em seguida, começar a guinchar como um porco, fazendo nossa filha ficar sem ar de tanto rir.

Eu também não aguento e solto uma risada. É maravilhoso ver os dois juntos, felizes e em sintonia. A paciência e o cuidado de Marcos são únicos e o fazem ser um marido e pai exemplar.

Meu celular vibra no bolso da calça e despreocupadamente o pego para ver se é algo do trabalho, mas fico tranquila quando tomo ciência que é apenas uma marcação em uma das minhas redes sociais.

Sem pensar, desbloqueio a tela do aparelho e resolvo verificar o que é. Quando vejo a foto que me marcaram começo a rir sozinha. É de mais de dez anos atrás, quando estava terminando a faculdade, em uma das festas que fui com o pessoal da minha turma.

Nossa... meu cabelo era horrível nessa época!

Vejo os diversos comentários abaixo e resolvo deixar um também: “Ainda bem que o tempo passa... Quem tirou essa foto deveria ter vergonha.”

Coloco o celular no bolso novamente e quando procuro pelo meu marido e minha filha, eles estão em outra parte do parque, onde há um escorregador e duas gangorras, porém, o que chama a minha atenção não é a alegria da Giulia, mas os olhos de Marcos focados em mim. Ele realmente resolveu pegar no meu pé.

— Você não ouviu a Giulia te chamar aos berros? — ele indaga quando me aproximo.

— Ela não me gritou, Marcos. Nossa, como você está chato!

— Eu gritei sim, mamãe. — Olho para minha filha e estreito meus olhos para ver se ela está de conluio com seu pai, mas o que vejo é sinceridade. Fico sem palavras.

— Desculpe, filha. Mamãe estava ocupada com trabalho. Agora sou toda sua!

Marcos respira fundo e sai de perto, deixando-me sozinha com Giulia. Ele diz que estou passando dos limites, que não fico mais de cinco minutos sem pegar no *smarthphone*, mas ele está exagerando. Meu marido não entende. Como ele poderia entender? Ele não tem as responsabilidades que eu tenho.

Mal sabia que deveria tê-lo escutado e que suas preocupações seriam o motivo da minha ruína.

Capítulo 4

(...) Quem está em suas sombras? Quem está pronto para jogar? Nós somos os caçadores? Ou somos a presa? Não há rendição E não há escapatória (...)
(Game of Survival – Ruelle)

Dias atuais

Gabrielle

A sensação que tenho é que eu voltei a ter 15 anos de idade. É estranho ver que o meu quarto continua intacto, como se eu nunca tivesse saído da casa dos meus pais. A colcha de renda elegante que cobre a cama de casal é o único indício de que houve mudanças, como se estivesse ali para dizer que não sou mais uma criança.

Deixo minha mochila e a mala em um canto perto da janela e, antes de me afastar, meus olhos percorrem a vastidão verde do lado de fora. O entardecer alaranjado destaca ainda mais as inúmeras videiras carregadas de uvas.

Havia me esquecido como este lugar é lindo. É inevitável as lembranças virem sem parar. Eu costumava correr e brincar de esconde-esconde com Pietra, deixando meus pais malucos de tanto nos procurarem. Minha época favorita sempre foi a da colheita porque eu comia uva sem parar, além de amar esmagá-las com os pés naquelas tinas imensas de madeira e me aventurava, às escondidas, em cima do trator que servia para colher as frutas.

Passei a vir menos depois que me casei. Fiquei ocupada demais com

meu trabalho. Uma lágrima teima em escorrer pela minha bochecha e eu não faço questão de limpar. Eu daria tudo para aproveitar mais com *eles*. Agora só me resta a dor.

— Gábi, tu vai querer comer alguma coisa? — minha mãe pergunta, chamando-me pelo apelido que só minha família usa, e me desperta dos meus devaneios.

— Não — respondo, sem tirar meus olhos do vinhedo.

— *Bah*, mas tu precisa comer alguma coisa, filha. Está cada vez mais magra.

Seu sotaque gaúcho, quase cantado, ficou ainda mais pronunciado desde que chegamos aqui. Depois de anos morando no Rio, sem as pessoas conseguirem entender muito bem algumas palavras que eu falava e de tanto me perturbarem com brincadeirinhas velhas, acabei me rendendo ao sotaque carioca e nem parece que nasci aqui.

— Mãe, eu não estou com fome agora — digo de maneira incisiva e ouço-a suspirar.

— Tudo bem. Vou deixar no fogão caso queira depois. Fiz sopa de capeletti e um pouco de polenta com ragu de ossobuco, como tu gosta.

Minha mãe sempre foi uma ótima cozinheira e sei que está falando os meus pratos preferidos para que eu sinta vontade de comer, mas estou sem apetite.

— Obrigada.

Ouço vozes na sala, mas não faço questão de me virar ou procurar saber o que está acontecendo. Ultimamente não tenho feito questão de muita coisa.

— Aí está a minha guria! — A voz inconfundível da minha irmã me faz fechar os olhos com força.

Pietra é dois anos mais velha que eu e minha única amiga. A pessoa

que mais me conhece. Mesmo com a distância a gente se falava quase todos os dias. Ela, além de Marcos, acompanhou o que estava acontecendo comigo e tentou me alertar por diversas vezes, mas minha teimosia e orgulho não deixaram que eu visse que havia algo errado.

Nos últimos dois anos nos afastamos um pouco. Eu porque estava em uma clínica psiquiátrica no Rio e ela, que mora aqui em Bento, porque estava cuidando do seu bebê, Bernardo — que nasceu seis meses depois do meu acidente. Contudo, sabendo das minhas limitações, ela fez um esforço e, pelo menos, quatro vezes foi me visitar. Eu não sabia que estava com tanta saudade até ouvir sua voz.

Viro em sua direção e Pietra vem correndo, abraçando-me tão forte que penso que vou cair para trás, percebendo o quanto estou fraca.

Eu não tenho forças, nem ânimo, para retribuir o gesto. Choro porque tem sido a única coisa que consigo fazer atualmente e é um pranto sem qualquer filtro ou vergonha. Com ela sempre pude ser eu mesma. Nunca precisei esconder as minhas fraquezas e decepções, não preciso fingir que estou minimamente bem como tenho feito com a minha mãe, então despejo toda a minha tristeza em seu abraço apertado e aconchegante.

— Pode chorar, irmã. Estou aqui para ti.

Seu modo carinhoso e familiar de falar me faz derreter um pouco mais. Eu deixo que ela veja todas as minhas feridas, os meus medos, a minha dor. Pietra não está alheia a tudo o que estou transmitindo. Ela chora tão intensamente quanto eu. Somos uma bagunça de soluços e lágrimas.

Ela acaricia meu rosto e, ainda chorando, observa meus cabelos.

— *Tu precisa* tomar um banho, Gábi. Que tal a gente encher a banheira de espuma e eu lavo tua cabeça daquele jeito que *tu ama*? Como nos velhos tempos? — ela pergunta, fungando, aos poucos voltando à normalidade. Antigamente eu faria qualquer coisa para que Pietra lavasse

meus cabelos. Ela o fazia como ninguém.

— Quero — suspiro. — Mas só se você me ajudar a mudar.

— Mudar? Como assim?

— Eu não quero mais me olhar no espelho e ver o reflexo de uma mulher que não reconheço. E-Eu preciso mudar de alguma forma, Pipa. Eu preciso parar de ver aquela pessoa que não existe mais. Por favor, me ajude... — imploro, chamando-a pelo apelido de infância.

Eu não sabia que queria tanto mudar até olhar para minha irmã e ver o quanto somos parecidas, a diferença é que ela tem brilho em seus olhos. Meus cabelos naturalmente loiros e ondulados representam a outra Gabrielle, alguém que morreu há algum tempo.

— *Bah*, claro que eu te ajudo, irmã. E o que *tu gostaria* de mudar?

— Não sei. Talvez escurecer a cor do cabelo e diminuir o comprimento — respondo, encorajada com o seu apoio.

— Tudo bem. Vamos fazer isso. *Tu merece* um recomeço e se isso te fizer sentir melhor, vamos lá!

— Não! Não tem nada a ver com isso. Não há nada em mim que mereça algum recomeço. Isso só vai servir para que eu consiga me olhar no espelho sem querer dar um soco no reflexo a todo instante, ou coisa pior. Pelo menos é o que espero.

Ela me encara, parecendo perplexa, e olho para a vegetação além da janela, ainda com seus braços ao meu redor.

— Nós já conversamos sobre isso, Gabrielle. *Tu não pode* se culpar a vida toda pelo que aconteceu. Pelo amor de Deus!

Eu a observo abrir a minha mala, retirando roupas da outra Gabrielle, fazendo-me lembrar de cada momento em que as vesti e que passei com minha pequena, com meu marido...

— Temos muito o que fazer — Pietra continua como se eu não tivesse

passado uma vida longe. — Quero te apresentar alguns lugares novos e te atualizar do que aconteceu na tua ausência, são anos de histórias.

Enquanto ela fala sou bombardeada com sentimentos, culpa, o peso de uma vida em meus ombros.

— Não, Pipa — sussurro, dando alguns passos para trás — Foi tudo culpa minha. Destruí minha vida, a de Marcos e...

— Já mandei parar com isso, Gábi!

— Quem é o culpado, Pietra? — grito como posso, desvencilhando-me do seu abraço. — Foi por minha causa! Para de ser hipócrita! Por causa do que eu fiz hoje, eu não tenho uma vida. Uma família. Sou só um fantasma, Pietra. A sua irmãzinha se foi junto com a sua sobrinha.

Não me aguento em pé e desmorono no chão. Eu venho mantendo esse assunto trancado no meu coração despedaçado e o fato de colocá-lo para fora me desestrutura emocionalmente. Mesmo com as diversas sessões de terapia ao longo dos meses, ainda é demais para suportar. Logo minha irmã está ajoelhada ao meu lado.

— *Shhhhhh... Bah*, não fale isso, Gabrielle. O que aconteceu foi uma fatalidade e eu nunca poderei dimensionar a tua dor. Eu *a* amava também e todos lamentamos profundamente, querida. Só de pensar em perder meu bebê eu já fico doente e, na medida do possível, *tu tem* se mostrado muito forte, Gábi.

Forte? Eu não quero ser forte, porra!, quero gritar, mas de nada vai adiantar. Pietra vai continuar me lançando palavras encorajadoras e motivacionais.

Ela levanta minha cabeça e me faz olhar em seus olhos.

— Não foi culpa tua, minha irmã. Por favor, acredite em mim. A vida tem seus mistérios e nunca vamos entendê-los, mas acredito que se, apesar de tudo, *tu está* viva, há algo maior para ser compreendido. Viva pela tua filha.

Recomece por ela.

— Por favor.... Não quero me lembrar da minha Giulia agora, Pipa. Por favor.... Por favor... — imploro. — A dor nunca sai daqui. — Aperto meu peito, aflita. — Eu não consigo seguir em frente. Não consigo sequer cogitar viver sem a Giulia... sem o Marcos. Eu preciso compensar os meus erros. Não pos...

— Para, Gábi. Não diga isso. Olha, eu não vou mais tocar neste assunto. Tuas feridas ainda estão cicatrizando e o tempo é o melhor remédio...

— Por que a mamãe não me deixou ir? — murmuro, fraca e rendida. — Não era para eu estar aqui... Eu tinha que ter ido embora com a minha filha... Eu...

— Se *tu continuar* a falar dessa maneira, Gabrielle, juro que vou pedir para te internarem novamente. Ninguém tem o direito de tirar sua própria vida. Se Deus não fez isso, não é você quem vai fazer. Tudo tem um propósito, Gábi.

— Como você pode dizer que Deus teve um propósito ao tirar a minha filha de mim? Qual o propósito de continuar vivendo sabendo que fui a culpada por causar um acidente que custou a vida da minha Giulia?

— *Tu não está* em condições de entender coisa alguma agora, Gabrielle. Outra hora conversamos, porém, quero te dizer que mesmo em meio à tempestade o sol não nos abandona, basta abrir os olhos e deixar que ele ilumine. Enxergue além da dor, minha irmã, não deixe que ela te cegue.

Entre nós duas, Pietra sempre foi a mais religiosa, a que ia com meus pais à igreja todos os domingos pela manhã e acredita que todo mundo merece uma segunda chance. Já eu, sempre achei que nem todas as pessoas são dignas de salvação. Hoje eu sei que sou uma delas. Estou perdida e sem qualquer chance de redenção.

Ela me dá um beijo no rosto e se levanta.

— Vou na farmácia comprar tua tinta e já volto. Mesmo lutando contra, hoje será o primeiro dia do teu recomeço.

Observo minha irmã sair junto com o meu único sopro de ar fresco. Quando fico sozinha, meu tormento começa outra vez.

Capítulo 5

Não posso escolher como me sinto, mas posso escolher o que fazer a respeito.

(William Shakespeare^[5])

Carlos Eduardo

— *Carlos Eduardo Barcellos, você tem certeza que vai abandonar sua vida estável e bem-sucedida em São Paulo para viver no meio de plantas no Rio Grande do Sul? Você só pode estar louco!*

Gustavo Ferraz, meu melhor amigo, não conseguia acreditar que eu estava falando sério.

— *Gus, eu nunca tive tanta certeza! E não é qualquer planta, idiota. São videiras. Videiras que dão as melhores uvas do país! Eu não vou começar do zero. Eu comprei a vinícola de uma família tradicional. Os filhos não quiseram dar prosseguimento ao negócio do pai. Eu não deixarei de ganhar dinheiro, só que agora, além disso, também terei paz. Quer coisa melhor?*

— *E como você sabe que esse mercado de vinho vai dar retorno, Barcellos? Você vai conseguir largar o mercado financeiro? A adrenalina de Sampa?*

— *Se eu não tentar, nunca vou saber. Por isso contratei os melhores profissionais da área para trabalharem comigo. Vai ser uma experiência interessante, Gustavo. De qualquer forma, obrigado pela preocupação, meu amigo. Sempre que quiser me visitar, estarei esperando com uma boa garrafa de vinho.*

— *Eu não sabia que uma mulher poderia foder tanto com a cabeça de*

um homem... Por isso prefiro ficar solteiro.

— Melhor não entrar nesse assunto.

— Tudo bem, tudo bem... Vou dar seis meses para você voltar para São Paulo.

— Espere sentado porque em pé vai se cansar — eu disse, confiante de que tudo daria certo. Eu precisava acreditar.

— Não custa tentar, não é? Até breve, meu amigo. Estou apenas preocupado com você. É uma mudança drástica, mas estarei sempre aqui para o que precisar.

Lá se vai um pouco mais de dois anos desde que tive essa conversa com Gustavo e não poderia estar mais satisfeito com meu novo investimento, a Casa Barcellos. O tempo de Vindima chegou e eu estou otimista com a safra deste ano. A previsão é de que será a melhor dos últimos 60 anos. A estiagem vem castigando outras áreas, mas está ajudando, e muito, na qualidade das uvas.

Desde que visitei o Vale dos Vinhedos — localizado no triângulo formado pelas cidades de Bento Gonçalves, Monte Belo do Sul e Garibaldi —, em outra fase da minha vida, fiquei encantado com tudo isso. A paisagem, o verde, os casarões que contam tantas histórias, e estruturas gigantescas que abrigam vinícolas reconhecidas no Brasil e no exterior, como a *Casa Valduga*. Um império erguido com muito trabalho, perseverança e fé.

Apaixonado pelo mundo do vinho, foi em uma visita guiada por aquela vinícola que uma chama começou a queimar dentro de mim. Ao ouvir a história da família Valduga — que veio da Itália em 1875 para tentar um lugar ao sol em terras brasileiras, passou por dificuldades incontáveis até, enfim, começar a colher os louros, anos e anos depois —, eu fiquei admirado com a coragem e determinação que tiveram.

Dentro da enorme cave subterrânea, onde garrafas e mais garrafas de vinhos estavam empilhadas, apenas aguardando o tempo certo para serem consumidos, meus olhos brilharam. Andando mais um pouco, as garrafas deram lugar às barricas de madeira que maturam a bebida por meses, anos, dependendo do objetivo e do tipo de vinho que querem extrair. Então, caminhei para um local mais frio, climatizado, onde havia uma imensidão de garrafas de espumantes que ficavam levemente inclinadas e encaixadas em uma espécie de cavalete de madeira.

Vi de perto, pela primeira vez, como funcionava o método *chamenoise* — um processo mais tradicional na fabricação de espumantes e que dá complexidade à bebida —, presenciei funcionários girando as garrafas e isso era feito mais de uma vez por dia, sendo cada movimento anotado em uma prancheta. Uma organização excepcional e trabalhosa.

Diferente do método *charmat*, um processo mais simples que agiliza e barateia a produção de um espumante. Não que seja ruim, nada disso, apenas não tem a mesma intensidade do outro. É um espumante jovem, como costumamos dizer.

O guia, me lembro até hoje, se chamava Tasso e fez com que a experiência fosse ainda melhor. Ele contava histórias da família, brincava, servia vinhos e explicava o processo de cada um, tudo aquilo só fazia com que eu sentisse que estava no lugar certo, mas naquela época ainda não entendia o porquê.

Foi lá que ouvi uma frase que carrego sempre comigo e que reflete bastante o que tenho vivido nesse ramo: *persistir, insistir e não desistir*. Juarez Valduga é o autor, um visionário e um dos proprietários da Vinícola.

Naquela ocasião conheci outro membro da família, o Eduardo Valduga, que deve ter quase a minha idade e é filho do Juarez. Perguntei a ele, deslumbrado por tudo aquilo, como é ser dono de um lugar como aquele,

cujos produtos são tão bons que a Vinícola se tornou reconhecida internacionalmente, então tive uma aula.

— *Não foi do dia para a noite que tivemos todo o sucesso que tu está vendo, Carlos Eduardo. Leva muito tempo para chegar num bom produto e até isso acontecer a minha família sofreu bastante. Anos de lutas e sacrifícios. Os altos impostos quase nos quebraram, mas conseguimos nos reerguer. A gente diz que foi um milagre por tudo que nossos antepassados fizeram, junto com outros colonos.*

Eduardo continuou compartilhando sua visão:

— *É muito maravilhoso quando tu vê tudo aqui montado, organizado, mas o que acontece nos bastidores, o que precisamos lidar, é como matar um leão por dia. Torcer para o tempo colaborar, manter mais de 300 funcionários, pagar todos os tributos. Costumo dizer que “dono de vinícola é um eterno apaixonado e sonhador, e medianamente empresário”.*

Aquela frase também está comigo até hoje, por isso eu sei que o Gustavo nunca vai entender como pude abrir mão de continuar no mercado financeiro para produzir vinhos.

Depois daquela visita fiquei pensando, por semanas, como seria viver naquele estilo de vida. Anos depois a imaginação deu lugar à realidade.

Sarah nunca entendeu essa minha paixão. Faço cursos há anos, inclusive no exterior (Califórnia e Itália), consegui meu certificado em Vinicultura e Enologia e, então, surgiu a oportunidade de adquirir uma vinícola já montada. *Timing* perfeito porque eu havia me divorciado recentemente.

Como um funcionário do mercado financeiro, ponderei se valeria a pena, quais seriam os riscos, quanto eu teria que gastar até obter lucros.

Contudo, o indicador que me fez arriscar neste negócio foi o fato de que o Vale dos Vinhedos, além de ter um *terroir* especial — localidade

específica que produz vinhos únicos por fatores geográficos, climáticos, históricos e culturais —, foi a primeira região a receber a classificação de Denominação de Origem (DO), selo de garantia do Ministério da Agricultura e que possui normas rígidas acerca do controle de qualidade.

Lembro como se fosse hoje, quando o responsável pela venda da vinícola me disse a seguinte frase: “O vinho não é só o líquido que está no cálice. É uma expressão cultural, tem história.” E eu queria fazer história. Deixar minha marca de alguma forma. Por que não através do paladar e de uma bebida reconhecida há séculos?

Juntei todas as minhas economias, os bônus que eu vinha guardando para alguma emergência e tomei a decisão de comprar a vinícola. Considerei como uma nova chance depois de tudo o que passei.

Abandonar meu antigo trabalho não foi problema para mim. Eu já andava desgostoso, à procura de algo que fizesse com que meus olhos voltassem a brilhar. Queria era sumir de São Paulo, então quando cheguei em Bento foi como se eu pudesse respirar novamente.

Lidar com a produção de vinhos se tornou um grande desafio. Apesar de todos os meus estudos e pesquisas, me surpreendi com a quantidade de etapas e trabalho no processo de vinificação. A prática é bem diferente. Produção, condições climáticas, decidir se a colheita será mecânica ou manual — neste último caso, o número e a qualidade de trabalhadores também contam bastante —, qual o estilo de vinho desejado etc. Seria ainda mais difícil se os meus vizinhos não tivessem indicado profissionais gabaritados e experientes para trabalharem comigo.

Logo que cheguei em Bento fiz questão de ir à *Casa Valduga*, para tentar falar com o Eduardo ou com o Tasso, depois de anos desde a minha primeira visita. Por sorte, encontrei o Eduardo e contei sobre meu investimento. Fiquei surpreso quando ele me abraçou e disse:

— *É uma grande alegria receber mais um louco apaixonado pelo vinho e pela vida. Seja bem-vindo ao nosso mundo, Cadu.* — E emendou: — *Persista, insista e não desista. Boa sorte na nova caminhada!*

É mais do que óbvio que tenho a *Valduga* como inspiração, mas preferi não misturar as coisas e por isso não pedi que me auxilhassem. Ainda sou pequeno no meio de tantos peixes grandes e preciso criar minha própria experiência.

Eu não vejo meus vizinhos há um bom tempo, mais especificamente desde que estava negociando a compra deste lugar. Inclusive, tentei falar com o Sr. Marco Fiore, mas parece que ele e a mulher tiveram que cuidar de uma das filhas no Rio de Janeiro por um período, algo assim. Foi o que ouvi de um empregado deles.

Há dois dias percebi uma movimentação enquanto estava fazendo minha corrida matinal, então suponho que eles estejam de volta. A vinícola dos Fiore é bem maior que a minha e, como estou localizado ao lado deles, não demorou até que chegasse aos meus ouvidos que eles produzem ótimos espumantes.

Não vejo a hora de agradecê-los pessoalmente pela ajuda lá no início, para tanto, separei uma caixa com os meus produtos mais recentes, ainda inéditos no mercado, a fim de presentear-los.

O que eu aprendi na vida é que devemos retribuir o que um dia nos fizeram de bom grado. A despeito de serem bem-sucedidos, os Fiore não tiveram o menor problema em me auxiliar, mesmo que eu seja um concorrente direto.

Gustavo chegou de viagem ontem. Ele resolveu tirar alguns dias das suas férias para vir me visitar e se espantou com meu novo estilo de vida. Nós não nos víamos pessoalmente há quase dois anos e meio. Contrariando suas expectativas, eu não voltei para São Paulo.

— Cadu, você parece outro homem!

— Do que você está falando, Gus?

— Você está com uma aparência mais jovem, não sei bem dizer que merda está diferente em você, mas tem algo aí... Conheceu alguma beleza gaúcha? — perguntou assim que chegou.

Eu tive que dar risada. Tudo para ele tem a ver com mulheres.

— Isso não tem *nada* a ver com mulher, apenas decidi dar mais atenção à minha saúde. Comecei a correr, montei aquela pequena academia que te mostrei e mudei minha alimentação. Além de beber vinho de boa qualidade, claro.

Ele ainda não acredita que é apenas isso, mas eu não posso fazer muito para que confie na minha palavra. Olhando para suas feições, Gustavo parece ter envelhecido mais rápido nos últimos anos, o que o faz parecer estar acima dos 38 anos que realmente tem, a mesma idade que eu.

Desde que decidi largar tudo em São Paulo, comprometi a mim mesmo cuidar mais de mim. Dos *meus* prazeres, das *minhas* necessidades, do *meu* corpo. Diferente do que eu sentia quando estava com Sarah. Meu mundo girava em torno dela, em ser tudo o que ela queria. *Há males que vêm para o bem, não é o que dizem?*

— Cadu, você não sente vontade de transar, não? — Olho para a cara do meu amigo e não posso acreditar que ele realmente me fez esta pergunta.

— Por qual motivo você acha que eu não transo?

— *Porra*, eu só vejo planta por aqui... — Quando digo que meu amigo só vê o que quer, ele não acredita.

— Gus, a região do Vale fica a poucas horas de Gramado, uma cidade um pouco maior e que gosto bastante de ir. Ela serve muito bem quando quero me distrair. Os eventos sobre o mercado de vinhos também são ótimos para conhecer mulheres interessantes, nada mais que isso. Eu já te disse que

não estou à procura de um rabo de saia.

— *Meu*, se Santa Catarina não ficasse a quase seis horas daqui, eu já estaria lá. As mulheres daquele lugar são maravilhosas.

— Você veio para me visitar ou para foder?

— Eu vim para te visitar, mas não seria *nada* ruim se encontrasse um passatempo repleto de curvas.

— Você, definitivamente, é um caso perdido — digo, rindo. Eu senti falta do meu amigo.

— Agora me diga sobre esse mês da vin... sei lá o quê, que você estava falando mais cedo — ele pede, bebendo um gole de *Merlot*, cortesia da Casa Barcellos.

— Vindima! — respondo. — É quando colhemos as uvas. É uma celebração por aqui. Diversas vinícolas, em dias certos, abrem suas portas para receberem visitantes, moradores e outros produtores a fim de acompanharem a colheita, participarem da pisa das uvas, entre outras atividades. Estamos no início de fevereiro e as festividades se estenderão até meados de março. A minha será daqui a um mês, mas aqui do lado terá uma amanhã. Quer ir?

— Pode ser. Vou embora em três dias.

— Mas já? Pensei que estivesse de férias.

— Sim, mas não tirei tanto tempo. Alguém precisa trabalhar de verdade, Barcellos. — Mesmo mostrando passo a passo do meu trabalho diário, os maquinários, as barricas, o processo que cada tipo de vinho precisa ter, os lucros que minha empresa vem adquirindo, Gustavo continua com a ideia de que o que eu faço não é um trabalho normal.

— É verdade — resolvo retrucar. — Sente a sua bunda em um escritório, trabalhe como um cachorro para um figurão e no final receba 0,05% do que ele está ganhando. Isso que é trabalho para você, não é? Assim

você vai ficando mais velho, mais exausto e com menos tempo para viver.

Gustavo me encara e parece refletir.

— Carlos Eduardo, está claro que nossos objetivos são bem diferentes no momento. Brincadeiras à parte, nós dois sabemos o quanto você adorava sentar sua bunda em uma daquelas cadeiras e ganhar rios de dinheiro em apenas um dia. Agora não venha com esse papo furado que “se encontrou na vida” porque sabemos muito bem que a Sarah ocasionou tudo isso, pelo mal que fez a você.

Faz-se silêncio. Estamos sentados de frente à extensa plantação de videiras, ambos entretidos com os próprios pensamentos, apreciando a bebida rubra das nossas taças.

— Não nego que pode ter sido um pontapé para eu me libertar, Gus, mas estou feliz por ver aonde cheguei. O melhor: não preciso de mulher alguma para isso. E nem quero. Estou vivendo bem com a casualidade.

— Você a esqueceu completamente? — ele pergunta, olhando para mim.

Após alguns segundos, respondo:

— Eu a esqueci como mulher.... Os danos causados, porém, são mais difíceis de esquecer. Mas estou me curando.

Não preciso comentar dos pesadelos que ainda me assombram.

Ficamos mais alguns segundos sem dizer uma palavra.

— Preciso confessar que o lugar realmente é magnífico! — meu amigo afirma ao presenciar o céu alaranjado formando um entardecer deslumbrante, característica das tardes de verão por aqui, e eu agradeço internamente pela mudança de assunto.

— Verdade! Nunca vi nada igual.

Independente da motivação que me fez deixar tudo para trás, eu não trocaria este lugar pela metrópole que vivi durante toda minha vida. O céu

estendido sobre a minha cabeça só confirma isso.

Capítulo 6

(...) Os sentimentos ela esconde, os sonhos não consegue achar. Ela está perdendo a cabeça e ficando para trás. Ela não consegue achar seu lugar porque está perdendo a sua fé. Ela caiu em desgraça e está despedaçada (...)

(Nobody's Home – Avril Lavigne^[6])

Gabrielle

— Como tu está, Gabrielle?

— Sobrevivendo...

— E como tem sido “sobreviver”?

— Não é agradável.

— E tem feito alguma coisa para mudar essa situação ou está se rendendo?

Olho para a analista, o semblante calmo e calculista, e penso em xingá-la, mas de nada vai adiantar. Ela vai dizer que estou descontrolada por conta do meu histórico e eu continuarei com o meu sofrimento.

Mesmo tendo vivido dois anos em uma clínica psiquiátrica — depois de ter passado duas semanas no hospital — eu só saí de lá porque me comprometi a continuar as sessões aqui, mas parece que estou nadando, nadando e não chego a lugar algum.

“Você precisa ter calma”, é o que dizem. Mas estou cansada de ter calma, cansada de esperar. Como não respondo à pergunta, ela faz outra:

— Continua tendo pensamentos mórbidos?

É o mesmo que perguntar: continua pensando em tirar sua vida?

— Às vezes eles aparecem — confesso, esfregando a marca esbranquiçada em meu pulso direito. Me consome o fato de ter que ficar

fingindo que superei; que estou seguindo em frente.

— E o que você faz quando isso acontece?

— Nada.

— Já é alguma coisa — ela diz, fazendo suas anotações.

— Acho que sim — respondo e completo: — Há dias suportáveis e dias insuportáveis. Nunca bons. Nunca ótimos. Não mais.

— Gabrielle, desça quando estiver se sentindo à vontade! Não quero te forçar a *nada*, mas acho que seria bom para relembrar um pouquinho da tua época preferida — minha mãe diz, acariciando meus cabelos mais curtos e escuros. Ela fala que ainda não se acostumou com meu novo visual, mas que fiquei bem com ele.

— Ok, mãe. Não vou te prometer, mas farei um esforço para prestigiar vocês.

— Tudo bem, filha. Tome teu tempo. Te amo — ela diz e beija meu rosto, antes de levantar e sair.

Hoje, durante todo o dia, a Famiglia Fiore celebra a festa da colheita. Teresa Fiore sempre faz desse evento um acontecimento na região e não é para menos. A nossa vinícola é uma das mais prósperas por aqui e sempre recebe muitos visitantes.

Os negócios foram ficando tão lucrativos que meu pai decidiu construir esta casa há alguns anos. Ela fica nos fundos da vinícola e é uma grande e confortável construção. Eu e Pietra a apelidamos de Castelinho quando crianças.

Quem vê de fora pensa que é uma fortaleza pela característica da arquitetura. É como se fosse um pequeno castelo medieval, é a mesma ideia,

mas, apesar da imponente, eu sempre me senti extremamente aconchegada e em paz. É isso que eu venho buscando: aconchego e paz.

A vista é privilegiada porque os quartos ficam no terceiro andar, então conseguimos admirar as vinhas, o céu, além de uma parte da vegetação dos vizinhos de cada lado. Neste momento, começo a ver a movimentação dos moradores de Bento e arredores, alguns outros empresários do ramo de vinho chegando com seus elegantes carros, uma verdadeira celebração.

Eu sempre gostei muito dessa época, mas hoje não consigo sentir ânimo algum, por mais que eu tente me obrigar. Será que eu nunca mais vou sentir alegria? Ou ser feliz? O peso é constante e parece que vai me engolir a qualquer momento.

Minha mãe me deixou à vontade, mas sei que ela espera que eu desça e prestigie seu trabalho, seria o mínimo que eu poderia fazer. Se Pietra estivesse aqui faria uma bagunça até me convencer a descer, mas seu marido teve um imprevisto no trabalho e ela precisou ficar com o filho que não estava passando muito bem. Dor de barriga, algo assim.

Decido descer e ficar na varanda.

— *Tu vai para a festa, Gábi?* — meu pai pergunta, surpreso, e espanto-me com sua presença.

— Pensei que você estivesse por lá, pai... Eu vou ficar aqui na varanda.

— Ah, sim. Vou daqui a pouco. Estou esperando uma pessoa.

— Tudo bem — digo, saindo em direção à parte mais escura da varanda que possui uma cadeira de balanço suspensa. Assim não preciso me preocupar em aparecer e posso presenciar a festa.

Sento, recolho minhas pernas para cima e me cubro com uma pequena manta que sempre fica por perto. Observo o amplo espaço repleto de pessoas circulando, bebendo, comendo, dançando ao som de músicas de tradição

italiana, rindo, e lembranças começam a chegar sem que eu tenha chance de afastá-las.

— Mamãe, olha o que eu faço! — Giulia começou a dançar, mostrando o que aprendeu na aula de balé.

Ela girava o corpinho pequeno sem parar na ponta dos pés e as mãos estavam acima da cabeça. Uma perfeição.

— Que coisa mais linda, filha.

— Vem aqui que eu te ensino, mamãe.

Eu só queria vê-la feliz e então fui, mesmo não tendo ideia do que fazer. Ver seu sorriso e ouvir sua risada gostosa já valia por qualquer coisa.

Comecei a girar com ela ao meu lado. Eu estava rindo sem parar e ela me acompanhou.

— Vai, mamãe. Vai, mamãe.

Estávamos as duas girando e girando e girando até que ficamos tontas. Ainda rindo, fingi que tinha caído e deitei no chão da sala e Giulia, esperta, caiu em cima de mim.

— Assim a mamãe vai passar mal — eu disse, gargalhando.

— Vai nada! Eu vou cuidar direitinho de você...

Faz um tempo que não tenho uma recordação tão vívida e chego a ficar sem fôlego. Tento segurar o choro, mas é impossível impedir que as lágrimas rolem. A emoção ao relembrar de um dos momentos mais felizes que tive com minha filha, dias antes do acidente, me desestabilizou completamente.

Em seguida, sou levada para outra ocasião. É como se eu estivesse dentro de uma máquina do tempo que me levasse a lugares e épocas sem que eu tivesse controle.

Minha irmã me ligou, como muitas vezes ela fazia, mas aquela ligação em especial ficou marcada.

— *Como está o trabalho? — perguntou.*

— *Tudo ótimo.*

— *Hum... Que bom.*

— *“Hum”? O que foi? Vá direto ao ponto, Pietra. Você nunca foi boa em enrolar.*

— *Nada, Gábi. Só queria saber se tu continua trabalhando demais, se tem se desligado mais e aproveitado tu...*

Ela falou a palavra “desligado” de uma forma que eu entendi perfeitamente a conotação que tentava ocultar.

— *Se tenho me desligado? Foi Marcos quem falou com você, não é?*
— *interrompi suas palavras.*

Eu deveria imaginar que ele colocaria minha irmã na jogada, pensei.

— *Gábi, não foi nada....*

— *Claro que foi ele! — retruquei, exasperada. — Ele vem me perturbando com essa história há semanas.*

— *E tu não acha que ele tem motivos para estar preocupado?*

— *Pietra, por favor. Você também não! Não faço nada além de trabalhar! Ele está me tratando como se eu fosse uma dependente química. Você tem noção do quanto isso é absurdo?*

— *Talvez seja porque tu está agindo como se fosse uma, Gábi. — Antes que eu pudesse me defender, ela continuou: — Fingir que vai ao banheiro só para ficar na internet enquanto um aniversário está acontecendo na tua casa não é nada normal, né? E, na última vez que nos vimos, achei estranho tu ficar dando mais atenção ao celular do que para a reunião familiar que estávamos fazendo. Não tente dizer que era apenas trabalho*

porque, para mim, essa desculpa não funciona!

Ela não me deixou responder e finalizou:

— Nós queremos apenas o teu bem, antes que isso traga problemas maiores, irmã.

Fecho meus olhos e balanço minha cabeça. Aquele foi um dos vários avisos que eles me deram.

“Antes que isso traga problemas maiores, irmã”. E trouxe.

Transtornada, solto um gemido de agonia misturado ao choro, sem conseguir conter a tristeza que domina cada partícula do meu ser. Então, sou surpreendida com a voz de um desconhecido.

— Está tudo bem?

Capítulo 7

Atiramos o passado ao abismo, mas não nos inclinamos para ver se está bem morto.

(William Shakespeare)

Carlos Eduardo

— *Bah*, não precisava se preocupar, Sr. Barcellos. Fico feliz que esteja tudo dando certo com os teus negócios. Costumo dizer que a Serra Gaúcha é um lugar mágico que dá alegria e prosperidade a quem se arrisca a cultivar em suas terras.

— Não tenho dúvidas disso! Estou gostando muito desse lugar. Vocês me ajudaram quando cheguei, logo, é mais que justo os presentear como forma de agradecimento. Eu sei que os rótulos da Famiglia Fiore são muito bem reconhecidos e recomendados, mas os que eu trouxe têm um significado especial. Eles são da minha primeira colheita e gostaria de compartilhar essa conquista com vocês. E, Sr. Fiore, peço que me chame de Carlos Eduardo ou Cadu.

— *Bah*, sinto-me honrado, Carlos Eduardo. Podemos abrir estas garrafas juntos. Afinal, é de bom tom que ao ganharmos vinhos de presente, bebamos juntamente com quem presenteou. E pode me chamar de Marco, por favor.

Parecia que eu estava conversando com um amigo de anos e me senti à vontade para fazer um convite.

— Será um prazer, Marco. Podemos marcar um jantar em minha casa qualquer dia. O que acha?

— Seria excelente!

— Fechado! Aproveitando a oportunidade, parabéns pelo evento. Está maravilhoso. Agora preciso voltar porque um amigo de São Paulo está me visitando e para ele tudo aqui é novidade.

— Obrigado, mas o crédito é da minha esposa! Ela faz tudo com muita paixão e depois do que passamos nos últimos meses, fico feliz que Teresa esteja se ocupando. Agora vá lá, meu filho. Não deixe teu amigo sozinho. Nos falamos depois.

— Até mais, Marco.

Nunca poderia imaginar que um dos maiores produtores de vinho da região seria tão amigável. Eu não tinha visto sua casa ainda, mas fiquei impressionado. Uma obra de arte medieval. Não posso negar que senti como se estivesse na Europa, mas com o detalhe que aqui a construção é relativamente nova e bem cuidada.

Um detalhe em nossa conversa me chamou a atenção. “*Depois do que passamos nos últimos meses...*” O que será que aconteceu? Não sou um cara curioso com a vida de outras pessoas, mas confesso que o pesar na voz do meu vizinho me deixou intrigado.

Estou descendo as escadas de pedra em direção à festa quando escuto um barulho estranho que me faz parar de repente. Olho para trás e não vejo *nada*, mesmo com a parca luz iluminando os degraus.

Mais uma vez ouço o barulho e parece ser alguém chorando, um gemido, algo assim. Preocupado, subo novamente as escadas e começo a vasculhar a extensa varanda até que vejo uma pessoa quase deitada em um balanço suspenso disposto numa parte mais escondida.

— Está tudo bem? — resolvo perguntar.

Não consigo identificar se é um homem ou uma mulher, se a pessoa está passando mal, ou se está ferida, então repito:

— Está tudo bem?

Nada.

Chego mais perto e a luz do evento revela precariamente uma silhueta. Uma mulher.

Ela me encara, sem se preocupar em enxugar o rosto molhado, e responde:

— Está tudo bem.

— Quer que eu chame alguém?

— Não!

Forço minha vista até me acostumar com o ambiente e consigo notar que ela tem cabelos escuros, um pouco acima dos ombros, e os olhos bem claros. Não dá para definir se são azuis ou verdes, porém o que se destaca, quase como se eu pudesse sentir, é a sua tristeza.

Ela não fala mais *nada* e volta a deitar. Sem saber o que dizer, começo a me afastar. Se ela está aqui sozinha é sinal de que não quer companhia. Dirijo-me às escadas e o choro recomeça. Agora percebo que o barulho estranho de antes eram de gemidos aflitos. Sinto um aperto no peito por não poder fazer *nada*, mas não tenho o direito de me intrometer. Todos merecem ter o seu momento. Este deve ser o dela.

O que quer que tenha acontecido com essa mulher, não foi nada bom.

— Cadu, até que enfim você apareceu. Essa festa é muito louca. Me fizeram entrar em uma bacia cheia de uvas, começaram a tocar uma música e eu tive que ficar pisando nas frutas. *Meu*, você tem noção do nervoso que me deu? No final, eu tive que pisar com os pés encharcados de suco de uva em uma blusa branca estendida. Disseram que é para eu levar de recordação.

Começo a rir sem parar. A expressão de Gustavo é impagável, de

espanto e nojo.

— Meu amigo, isso é tradição. A blusa é uma forma de você lembrar que participou de um momento especial.

— Eu não parava de rir, Barcellos. No mais, estou achando legal. Animada, comida boa e o vinho, sem palavras. Você precisa experimentar o espumante *Brut* deles. Sensacional!

— Estou louco para experimentar mesmo — confesso, caminhando com ele até o quiosque que está servindo as bebidas.

— E como foi o encontro? — ele pergunta.

— O cara é fora de série, Gus. Zero formalidade ou antipatia. Combinamos de jantar na minha casa.

— Opa! Isso é muito bom! Qual dia?

— Boa pergunta. Eu não marquei... Fiquei tão animado por estar conversando com ele que não me toquei em datas. Se eu encontrar com ele aqui, marco. De qualquer forma, ele é meu vizinho e posso perguntar depois.

— Verdade. Hoje ele deve estar bem ocupado. Mas e aí? Viu algumas gatinhas? — ele pergunta, batendo com seu ombro no meu, e não posso deixar de rir. Não seria o meu amigo se não falasse de mulheres.

Chegamos no quiosque e eu peço uma taça de espumante *Brut*, que é o carro-chefe da Famiglia Fiore, e o Gustavo replica o meu pedido.

— Não, ainda não tive tempo para ver gatinhas, Ferraz.

— Eu vi umas duas ou três. Esta cidade te deixou mais lento, meu caro amigo — ele comenta, soltando uma risada sarcástica em seguida.

— Deve ser. — Entro na brincadeira.

Pegamos nossas taças e recomeçamos a caminhar pelo espaçoso ambiente. Há diversas barracas na cor branca, bem ornamentadas, servindo porções de comidas típicas como polenta e sopa de capeletti, oferecendo degustações de azeites e doces variados feitos com uva. No alto, fileiras com

pequenas lâmpadas fazem a iluminação, dando ainda mais encanto ao lugar.

No centro, um chafariz no formato de dois anjos esguicha água sem parar e o jogo de luzes faz com que a cada instante uma cor entre em ação, perambulando entre os jatos. Azul, amarelo, rosa, branco. Tudo muito bem organizado.

Apesar de toda música e alegria, não consigo deixar de pensar no lamento daquela mulher. No choro, no semblante contorcido de tristeza e amargura, visível mesmo com a fraca luz iluminando seu rosto. Um rosto que em outra época, provavelmente, teve traços exuberantes e delicados, mas naquele momento só transparecia... dor.

Lembrei da minha própria vida, antes de chegar aqui. Antes de ter coragem de abandonar tudo e seguir por outro caminho. Antes de me dar uma chance.

Eu me vi no rosto daquela mulher. O sofrimento. Os motivos podem ser diferentes, mas uma pessoa quebrada reconhece outra. Só espero que ela consiga encontrar uma saída, um escape, que siga em frente. Assim como eu venho tentando. Assim como me forço a acreditar que tudo vai dar certo, embora os meus fantasmas insistam em me levar de volta a um lugar onde nunca mais quero estar.

Capítulo 8

(...) Essas feridas parecem não querer cicatrizar. Essa dor é muito real e há tantas coisas que o tempo não pode apagar (...)

(My Immortal – Evanescence^[7])

Gabrielle

Cinco dias após a festa da colheita — a noite em que a dor resolveu me consumir por inteiro — estou *num* impasse. Começo ou não a cumprir o desafio que a Dra. Nanci recomendou?

Não tem sido fácil não me render à escuridão que, diariamente, tenta me abraçar. Não tem sido fácil conviver com o peso da culpa. Não tem sido fácil lembrar, lembrar e lembrar. Continua não sendo fácil me olhar no espelho.

Pensei que mudando de visual, deixando a velha Gabrielle para trás, algo dentro de mim despertaria, que poderia encontrar uma luz que indicasse esperança, mas o exterior não diz *nenhuma* verdade, só disfarça o que está podre e sem vida.

Depois de ver meu pai abdicando de comemorar sua tão esperada, e merecida, celebração para cuidar de mim — ele me viu chorando como um bebê e não quis me deixar sozinha —, eu não posso continuar vivendo como se tudo girasse ao meu redor. Não dá mais para ignorar o que ele e minha mãe estão passando por minha causa.

— *Está tudo bem?*

Aquela voz grave e compadecida volta a ecoar em minha mente, me pergunto de onde aquele homem apareceu.

Quando o avistei, apesar da fraca iluminação, pude perceber que

nunca o vira na região. Eu teria lembrado. Ele era imponente e não tinha uma feição conhecida. Na certa, era a pessoa que meu pai estava esperando e me ouviu chorar.

Quantas pessoas mais eu atrairei com a minha tristeza? Até quando a falta de controle das minhas emoções se agitará dentro de mim? Estou me fazendo estas perguntas internamente quando a voz da minha irmã invade o quarto sem aviso prévio.

— Gabrielle, *tu não vai* levantar dessa cama, não?

Sem cerimônia, ela abre todas as cortinas e a luz da manhã invade o quarto impiedosamente, ferindo os meus olhos em sequência.

— Ai, Pietra. Fecha isso! Meus olhos estão sensíveis.

— *Bah*, mas é claro! Está vivendo igual a uma vampira, enfurnada no escuro. Vamos! Levante! Chega de ficar na cama. — Ela começa a tirar o cobertor de cima de mim, mas eu o seguro com força.

— Por favor, não quero levantar agora, Pietra.

— Mamãe me disse que *tu está* deitada há mais de 15 horas. Isso não é vida! Capaz que eu vou deixar minha irmã definhando bem na minha frente. Bem capaz mesmo! Pode me xingar, bater, espernear, mas *tu vai* sair dessa cama ou não me chamo Pietra Fiore.

— O que você quer comigo? — pergunto, a voz rouca está abafada pelo travesseiro.

— Isso *tu só vai* saber quando levantar.

Não tem jeito. Quanto mais eu ficar aqui, mais serei perturbada e o que menos preciso agora é perder a paciência. Outro dia tento colocar em prática o que a Dra. Nanci pediu. Outro dia, quem sabe.

Pietra me trouxe para caminhar pelo centro de Bento. Não acredito que me rendi aos seus caprichos. Ela me fez tomar banho, trocar o conjunto de moletom que já vestia há quase dez dias por uma calça jeans e uma camisa branca de botões. Um presente pela minha nova vida, ela disse. Eu quase ri do seu otimismo, mas preferi ficar em silêncio e apenas agradecer. Minha irmã já estava se sacrificando demais ao passar tempo comigo em vez de curtir sua própria família.

Apesar de tentar elevar minha estima e me distrair, minha irmã entende que ainda não estou bem. Tanto que, desde que me mudei para cá, ainda não levou seu filho para a casa dos meus pais. Ela sabe que preciso ir devagar e eu a agradeço mentalmente por isso.

Ainda é muito difícil pensar em conviver com qualquer criança. Quando vejo alguma brincando, feliz e contente, sinto um aperto no peito e meu corpo fica involuntariamente fraco. Ver aquele serzinho tão puro. Tão inocente.

Fecho os olhos quando a tristeza tenta me encontrar novamente e respiro fundo. Parece que estou no meu corpo, mas não estou. É meio louco falando desta forma, mas é como se eu não estivesse aqui de verdade. Como se minha vida não passasse de flashes e tudo estivesse no automático.

— Gábi, está me ouvindo?

— Oi, Pipa. — Ela me olha, mas não insiste e nem briga. Compreensiva, como sempre.

— Estava dizendo que o Sr. Jair continua vendendo os melhores camarões da região. Que *tu acha* de pedirmos para a mamãe fazer aquele *fettuccine* delicioso com camarões gigantes?

— Pode ser — digo, observando o centro da cidade pela primeira vez desde que cheguei.

Mesmo desinteressada em fazer compras, posso ver o quanto a cidade

cresceu e mudou. Algumas pessoas ainda reconheço, mas a maioria parece ter chegado depois que fui para o Rio de Janeiro.

— Show! — ela diz, animada.

Sigo minha irmã para dentro da tradicional peixaria e não teria me ligado que havia mais alguém escolhendo frutos do mar se não fosse a voz ligeiramente familiar.

Ao virar em sua direção, avisto as costas largas de um homem alto, entretido, escolhendo camarões e outros frutos do mar. O Sr. Jair parece gostar dele pelo sorriso enorme que está esboçando em seu rosto já cansado — na minha época era raro ele abrir um sorriso e todas as crianças tinham medo de sua carranca.

— Tem certeza de que esta quantidade dá para mim e mais uma família, Sr. Jair? — o homem pergunta, em tom de brincadeira, sem qualquer vestígio do sotaque carregado do Sul.

— *Bah*, pode ficar tranquilo que esta quantidade dá para mais de dez pessoas! Só tome cuidado para a tua cozinheira não deixar os camarões no fogo por mais tempo que o necessário, *né*? Senão ficarão miúdos e perderão qualidade.

— Quanto a isso, o senhor pode ficar tranquilo. Eu que vou cozinhar e considero frutos do mar a minha especialidade.

— *Bah*, se tu está falando, não duvido.

Ainda absorta na conversa entre o homem e o dono do estabelecimento, demoro para perceber que minha irmã está me encarando.

— O que foi? — pergunto, franzindo minha testa.

— *Tu está* parada olhando para o homem sem piscar — sussurra. — Tudo bem que ele é lindo, mas teu olhar está mais para psicopata do que outra coisa.

Não consigo deixar de esboçar um sorriso diante do comentário

absurdo da minha irmã. Balanço a cabeça e sussurro de volta:

— Não é nada disso. É que... no dia da festa da colheita, quando eu fiquei... Você sabe... Um homem apareceu e perguntou se eu estava bem. Parecia que ele tinha saído de dentro de casa, talvez estivesse conversando com papai, não sei. Eu não estava muito bem para me ligar nas coisas ao meu redor. Como havia pouca luz não consegui ver nitidamente quem era, mas a voz parece com a deste cara, além do porte... — Aponto com o queixo na direção do desconhecido.

— *Bahhh...* entendi! Eu já o vi algumas vezes por aqui. Impossível esquecer de uma beleza como essa, *né?* Já viu o rosto dele? — Nego com a cabeça porque, no outro dia, a falta de iluminação não me permitiu ver seus traços e agora, de onde estou, só o que consigo ver é a parte de trás da sua cabeça coberta por um cabelo bem aparado em um tom loiro escuro.

Pietra resolve descrevê-lo para mim, porque eu que não vou ficar olhando para ele correndo o risco do homem me reconhecer.

— Parece um baita modelo. Sério! Olhos azuis mais claros que os nossos, se é que isso é possível, boca desenhada e rosada, barba por fazer, porém bem aparada, e o melhor, não tem cara de *piá*. Ele tem cara de homem com H maiúsculo. Eu diria que deve ter 35 anos para mais. Quase a tua idade!

Reviro os olhos e sem perceber acabo corando com a insinuação de Pietra. *Não tem cara de piá...* Não sei se um dia vou me acostumar novamente com o sotaque daqui. Faz tanto tempo que não escuto essa expressão que quase esqueço que ela significa que: ele não tem cara de *garoto*.

— Para com isso, Pipa. Ele vai perceber que nós estamos falando dele — murmuro.

— Ah, para com isso você, Gábi. Tu está solteira...

As palavras morrem em sua boca quando percebe que foi longe demais. Eu saio depressa da loja, com cuidado para que o desconhecido não me veja e vou para o outro lado da rua.

Pietra não me segue de imediato porque está esperando pegar o pedido que havia feito. Ando de um lado para o outro querendo sumir deste lugar, correr para longe.

— Gabrielle, eu não fiz por mal. Me perdoe! — É a primeira coisa que minha irmã fala assim que me alcança.

— Vamos embora — peço sem falar mais *nada*.

— Por favor, Gábi, não se feche. Eu pensei que... Eu pensei que você já tivesse superado. Faz mais de dois anos que tu e o Marcos não têm mais nada.

— Não é assim tão fácil, Pietra. Nós só não estamos juntos por causa do que aconteceu. Por minha causa. Não tenho a menor intenção de voltar a viver um romance. Meu coração está quebrado demais para ser reparado. Não estou disponível e nem ficarei. Eu vivi o que tinha que viver... com Marcos e Giulia.

Ela me observa por algum tempo antes de dizer:

— Você está enganada, Gábi. Eu já te disse e vou repetir: todos merecemos uma segunda chance e não há coração despedaçado que não se reconstrua com o poder do amor. Não se afunde na amargura e na tristeza, irmã. Apesar do que *tu possa* pensar sobre si, *tu merece*, sim, uma segunda chance de recomeçar e de ser feliz.

Caminhamos de volta para a casa dos meus pais e prefiro fazer o caminho em silêncio. Ninguém, a não ser eu mesma, entende o que estou passando. Eles podem ter compaixão, empatia pelo que vivi, mas nunca entenderão, de fato, o que é ter uma vida, uma família *num* dia e no outro não ter mais *nada*. E tudo por culpa única e exclusiva minha. *Ah, eles nunca*

entenderão.

Capítulo 9

(...) Você que tem tão pouca fé, não duvide. A vitória está em suas veias.

Você sabe e não irá negociar. Apenas lute e se transforme (...)

(Rise – Katy Perry^[8])

Gabrielle

Olho-me no espelho e tento visualizar se ainda existe algum resquício da mulher que fui um dia. Observo minhas olheiras escuras e fundas, os ossos da face proeminentes, muito distante da beleza de outrora. O cabelo curto e escuro parece realçar ainda mais a minha magreza, os olhos, que sempre foram de um azul vívido, estão opacos como uma vela.

Eu me considerava uma mulher bonita, fazia questão de me vestir bem, tanto para mim quanto para Marcos, porém aquela pessoa deixou de existir e hoje preciso me virar com o que restou.

A calça *legging* preta que cobre minhas pernas e a blusa branca que chega até o meio das minhas coxas só comprovam o quanto preciso ganhar peso e, conseqüentemente, me exercitar. Motivada pelo meu estado a Dra. Nanci me desafiou a fazer alguma atividade física em combinação com os remédios que já tomo. A princípio neguei, tentei fugir e resisti, mas quando me disse que isso poderia ajudar a encontrar a paz que venho procurando, que poderia me trazer uma nova perspectiva e aliviar minha ansiedade, eu comecei a pensar na hipótese.

Nunca fui uma mulher que gosta de academia — e não tinha *nem* tempo para isso —, mas sempre ouvi que a prática traz mais benefícios à saúde do que apenas um corpo bonito.

É pelo meu desespero de não pensar ou reviver o passado que decidi

cumprir o desafio. Por isto e pela minha família. Por mim, eu continuaria deitada, definhando, morrendo aos poucos fisicamente, mas sei o custo que isto teria. Eu não morreria sozinha, os levaria junto comigo, e já basta ter a culpa de uma vida nas minhas mãos.

— Não acredito que *tu vai* mesmo começar a correr, Gábi. Estou tão orgulhosa de você, guria. — Pietra parece que vai chorar e reviro os olhos.

Ainda não consegui digerir a “quase” discussão que tivemos há três dias. As palavras que ela me disse ficaram martelando na minha cabeça até que eu não tivesse vontade de falar com *ninguém*. Fiquei reclusa, quieta e só hoje decidi levantar e fazer alguma coisa.

— Não venha com drama além do meu, Pipa. Só estou fazendo isso porque preciso, não é *nada* de importante e nem um evento para ser comemorado.

— Para mim é tudo isso e muito mais. Só de pensar em ter minha irmã de volta fico emocionada, Gábi. Sinto falta dela.

Por um momento fico sem saber o que falar. Eu não havia pensado no quanto tem sido difícil para ela se segurar, deixar de ser espontânea, alegre, engraçada, para se adaptar ao que me tornei. Para não me afastar.

Solto um suspiro pesado e viro para minha irmã.

— Desculpe, Pietra. Estou tentando... — respondo com sinceridade. Estou tentando, *por eles*.

— Eu sei, irmã. Eu sei. — Em um rompante, ela informa: — Preciso dar um pulo em casa. O Marcelo deve estar louco cuidando do Bernardo sozinho. Hoje a minha ajudante não foi trabalhar, daí tenho que correr *pra* lá.

Pietra ri e abro um sorriso de canto, imaginando a bagunça que sua casa deve estar por ficar aqui comigo.

— Vai sim. Não se preocupe. Obrigada pela companhia. Sem você seria bem mais difícil.

Seus olhos ficam marejados e assente com a cabeça, recebendo minhas palavras. De repente ela franze o cenho.

— *Tu não vai* ouvir alguma música enquanto corre?

Afasto-me do espelho e faço um pequeno rabo de cavalo da maneira que dá, sem nada dizer. Minha respiração acelera, mas a contengo como posso, assim como as mãos que cismam em suar. Pela expressão sem graça em seu rosto, Pietra provavelmente compreendeu o que acabou de me dizer. A única forma de ouvir música neste momento não é uma opção para mim, então prefiro me exercitar sem ouvir *nada*.

Desço as escadas e dou de cara com meus pais na cozinha, os dois me olham espantados e tento fazer pouco caso, mas é impossível não perceber a emoção em seus rostos.

— Vou dar uma volta na região — aviso.

— Claro, filha. Está certa. Isso vai trazer um baita gás na tua vida, *tu vai ver* — meu pai comenta, disfarçando a voz rouca afetada pela emoção.

— Estamos orgulhosos de ti, minha filha. Um passo de cada vez — minha mãe completa e abre um sorriso para mim.

— É... Vamos ver. Até mais — digo, saindo de casa.

Não pensei que correr fosse tão desgastante, mas, ao mesmo tempo, uma energia que nunca senti está percorrendo todo meu corpo. Passei por diversos parreirais, às margens de importantes vinícolas do Brasil. É um caminho extenso e sinuoso, mas estou respeitando o meu tempo e a minha condição ainda precária.

Assim que paro para respirar, percebo que foi a primeira vez que não fiquei revivendo o passado ou que as lembranças não me sufocaram. A

concentração em correr e respirar corretamente não me deixou pensar em outra coisa.

Olho para o lado e tenho consciência de que parei em frente à *Igreja da Comunidade de Nossa Senhora das Neves*. Ela fica a alguns metros da *Casa Valduga*, uma renomada vinícola do Vale, e sempre gostei de visitá-la. Quando eu era pequena meu pai vivia me contando a história de como a igreja foi construída e em todas as vezes eu ficava perplexa. *Uma igreja de vinho*, eu dizia. E ele me corrigia: *uma igreja feita com vinho, filha*.

Chego mais perto, as portas estão fechadas, porém a placa de metal continua na entrada com os dizeres que eu li inúmeras vezes:

“A Igreja da Comunidade de Nossa Senhora das Neves “foi construída com vinho”, na época havendo uma grande seca não tinha mais água para a construção, então foi doado em média 300 litros de vinho por família. Foi iniciada em 1904 sendo concluída a sua construção em 1907”.

Uma igreja construída com vinho e muita gente não sabe disso. Ainda, segundo Marco Fiore, é por isto que o Vale dos Vinhedos é tão próspero. Que o sacrifício feito pelos seus antepassados, para construir este templo, garantiu que a região fosse abençoada. Eu nunca duvidei de suas palavras.

Volto a correr, subindo a rua inclinada, e sinto minhas coxas queimarem com o esforço. Minha garganta começa a doer com o ressecamento das minhas vias aéreas. Talvez esteja respirando errado, não sei. Preciso parar mais uma vez.

Estou curvada com as mãos apoiadas nos joelhos, respirando fundo pelo nariz e soltando pela boca, quando percebo que alguém para ao meu lado.

— Está tudo bem?

A mesma voz. A mesma pergunta. *Ah, não!* Esse homem só aparece

nos meus momentos mais críticos. Primeiro, chorando, agora, buscando fôlego e toda suada.

— Sim, está tudo bem. Eu comecei a correr hoje... — respondo, esbaforida, sem olhar para cima.

— Ah, eu sei bem como é. Em vez de começar caminhando você achou que já poderia correr uma maratona, não é?

Apesar de achar sua fala petulante ela me faz rir, porque é a pura verdade: como uma mulher fraca, como eu estou, poderia correr isso tudo sem quase morrer? O desconhecido ri também. Estranho o som da minha própria risada porque faz tempo que não a ouço.

Endireito minha postura e levo um baque quando finalmente olho para o seu rosto. A descrição de Pietra não chega a um terço do que ele realmente representa. Ele é o homem mais lindo que eu já vi em toda minha vida e não ajuda muita coisa estar sem camisa e todo suado, ressaltando o bronzeado e os músculos definidos do seu peitoral e abdômen. Tento disfarçar minha análise e agradeço por estar vermelha pela corrida senão, com certeza, ele veria como sua beleza me afetou.

— Nunca te vi por aqui — comenta, seus olhos azuis vivíssimos me perscrutando e fico desconfortável. *Será que ele está me reconhecendo? Droga!* — Além de correr todos os dias, moro há um tempo na região.

Definitivamente ele não é do Sul. *Paulista, talvez?*

Se ele me reconheceu, não quis dizer. Fico tentada a responder vagamente, mas quando percebo a minha boca já falou mais do que deveria:

— Eu... Eu voltei para a casa dos meus pais depois de passar um tempo fora — digo, sem dar muitos detalhes, apontando com o queixo para a vinícola ao fundo.

— Ahhhh, você é filha do Marco? Que coincidência! Nós somos vizinhos.

Vizinhos?

Talvez percebendo a confusão em meus olhos, ele emenda:

— Eu comprei a vinícola e a casa ao lado há mais de dois anos. Desde então criei a Casa Barcellos.

Nossa, eu estou há algumas semanas aqui e tão alheia a tudo o que está à minha volta que não percebi *nada* disso. Pelo visto nem Pietra está sabendo que ele é vizinho dos nossos pais. Como isso é possível?

— Eu não sabia.

— Pois é. — Ele estende a mão de repente. — Carlos Eduardo Barcellos.

Com cautela, estendo a minha também e me apresento:

— Gabrielle Fiore. — Sua mão é tão grande que a minha quase desaparece com o cumprimento.

— Gabrielle... Bonito nome.

— Obrigada — agradeço, mais uma vez encabulada, tentando ignorar como meu nome soou em seus lábios.

Meu Deus, quantos anos eu tenho? Parece que perdi completamente o tino para conversar com alguém que não seja da minha família. E antes que cometa mais alguma gafe, decido ir embora.

— Preciso ir.

— Claro! Foi um prazer conhecê-la. — Ele permanece parado e eu vou me afastando, até que o ouço gritando meu nome — Gabrielle! — Viro em sua direção. — Você vai sentir muitas dores por ter sido o seu primeiro dia. Sugiro que tome um *Advil*, se hidrate bastante e ficará novinha em folha. Amanhã você pode começar a correr com um ritmo menos frenético, intercalando uma caminhada com uma corrida leve. Vá com calma e daqui a pouco estará competindo uma maratona de verdade.

Ele termina de me aconselhar e sorri, dando uma piscada, antes de

seguir em direção à sua casa.

— Obrigada — digo, mas o agradecimento fica para mim porque ele já está longe demais para ouvir, ainda mais quando recoloca seus fones de ouvido.

Fico um tempo parada, hipnotizada, absorvendo a imagem do homem se afastando, suas costas douradas e suadas contraindo os músculos aparentes. Como se estivesse saindo de um transe, pisco os olhos e balanço a cabeça:

— Você não merece sonhar, Gabrielle — murmuro e recomeço a caminhar, constatando que já é hora de voltar para casa.

De repente, paro no meio do caminho e minha mente começa a montar um quebra-cabeças de informações. Será que este é o vizinho que convidou minha família para jantar? Sinto que, no fundo, eu já sei a resposta.

Capítulo 10

Todo mundo é capaz de dominar uma dor, exceto quem a sente.

(William Shakespeare)

Carlos Eduardo

Com certeza aquela mulher é a mesma que vi chorando na festa dos Fiore. Eu lembro daquela expressão triste como se fosse hoje. Saber que ela é filha do Marco me surpreendeu.

Foi por causa dela que ele ficou tanto tempo fora da vinícola. O que será que aconteceu?

É notório que ela está tentando se reerguer de alguma situação traumática. Sua magreza não é normal, mas nem por isso a beleza deixou o rosto de traços delicados, imagino como deveria ser antes... Antes do que quer que tenha acontecido.

Ver esse tipo de coisa me deixa reflexivo e me leva de volta para o meu próprio passado. O que eu busco vencer dia após dia. Aquilo me causou muito mal e eu quase me perdi.

Será que Gabrielle está perdida? Não cabe a mim saber de *nada* disso, eu sei, mas tenho noção do quanto sofri e não desejo que ninguém passe pelo que passei.

Logo que chego em casa tiro os meus fones, tênis, shorts e vou direto para o banho. Mais tarde terei a missão de preparar o jantar que marquei aqui em casa, justamente com meu vizinho e sua família. Ter reconhecido a mulher, que me deixou perturbado por dias, fez com que eu ficasse tão aéreo que nem perguntei se ela viria também.

Eu e Marco não nos vimos mais na festa da colheita porque, pelo que

fiquei sabendo, ele teve um imprevisto logo após a nossa conversa em sua casa. Porém, posso imaginar o que se passou.

Alguns dias depois, eu o encontrei no mercado e finalmente marcamos o jantar. Aproveitei a oportunidade para perguntar se ele e a mulher gostam de frutos do mar e graças a Deus a resposta foi positiva, porque assim posso preparar a minha especialidade. *Paella*.

Um vinho branco encorpado harmonizaria perfeitamente bem com esse prato, mas meu *Chardonnay* ainda está sendo preparado. Porém, o *Merlot*, por ser um vinho tinto mais leve, também dá conta do recado. E como gosto de criar meus próprios padrões, vou de *Merlot*!

Ouçõ meu celular tocar e estranho o número, mas resolvo atender. Pode ser algum cliente.

— Alô! — atendo.

— *Carlos Eduardo?*

Eu pensei que nunca mais ouviria esta voz e só de ouvi-la sinto calafrios percorrerem meu corpo. Como não respondo, ela insiste:

— *Carlos Eduardo?*

— O que você quer? — pergunto, ríspido.

— *E-Eu só queria saber como você está?*

— Estou ótimo — digo, usando ao máximo meu autocontrole.

— *Que bom! Eu lembrei de você porque esses dias bebi um Cabernet Sauvignon da sua vinícola. Gostaria de parabenizá-lo. Um dos melhores vinhos que já experimentei.*

Sabe Deus como ela ficou sabendo que estou no ramo de vinhos, mas não tenho a mínima intenção de prolongar o assunto, muito menos explicar que a bebida faz parte da produção do antigo dono e tem apenas o rótulo da minha Casa.

— Obrigado! Só isso?

— *Sim...* — sua voz estremece, antes de acrescentar: — *Carlos Eduardo... Eu nunca vou me perdoar pelo que fiz a você. A maneira como agi...*

— Sarah, se você já disse tudo o que tinha que dizer, vou desligar. Não temos nenhum outro assunto para tratarmos.

— *Ok. Um dia espero que você me perdoe.*

— Adeus.

Desligo.

Minha respiração acelera e jogo o celular no sofá antes que eu o quebre. *Como essa mulher me encontrou? Como ela ainda consegue ter o poder de me desestabilizar?* Faz três anos que me separei, que decidi me libertar, mas ela continua entranhada no pior lado da minha alma. Aquela parte que ainda não foi recuperada.

Ela pode dizer aos quatro ventos que hoje é outra pessoa, que se tratou e tudo o mais, eu não quero saber. Ela que me esqueça para sempre. O que ela causou em mim, o que ela me fez suportar, vai além de qualquer entendimento. O pior de tudo é que eu me culpo por ter me permitido viver tanto tempo ao lado daquela mulher. Por não ter me livrado antes. Por ter sido fraco.

Acabou, forço-me a lembrar.

O que me consola é que não fiquei parado, pelo contrário, decidi me dar uma chance. Um recomeço. É nisso que me apego.

Olho para o relógio e lembro que estava indo para o banho e é o que faço.

Estou com a *paella* no fogo quando meu celular toca. Estremeço,

involuntariamente, mas relaxo quando vejo o nome do Gustavo na tela.

Apesar de gostar de viver sozinho, hoje é um dia em que estou precisando conversar com um amigo e sua ligação é muito bem-vinda.

— Grande Gus, a que devo a honra da sua ligação?

— *Alguém está animado* — ele cantarola, rindo. — *Estou ligando porque acabei de chegar em casa e queria saber como um certo empresário do ramo de vinhos está.*

— Estou bem. Você não vai acreditar em quem me ligou mais cedo.

— *Quem?*

— Não vai nem tentar adivinhar? — pergunto.

— *Prefiro que você fale logo porque se eu disser quem eu acho que foi você vai desligar na minha cara.*

— Tente — insisto.

— *Sarah* — ele responde, direto.

— A própria.

— *Não acredito, Barcellos! O que ela queria com você?*

— Não sei como, mas ela sabe que estou produzindo vinhos. Disse que experimentou um dos meus e ligou para dizer que foi um dos melhores vinhos que ela já bebeu. Acredite se quiser...

— *Aquela mulher é uma dissimulada mesmo, só pode.*

— Você não comentou *nada* com ela, não é?

— *Você acha que eu seria louco de fazer isso com você? A filha da puta quase acabou com a sua vida, Cadu. Quero que ela se foda!*

— Imaginei... Bom, eu fui bem direto com ela e desliguei logo.

— *Porra, meu, que merda! Eu nunca mais a vi. Parece que ela mudou de empresa, mas não sei para qual e nem quero saber.*

— Mudando de assunto, estou fazendo aquela *paella* que você experimentou uma vez.

— *Putá que pariu, Barcellos. Estou morrendo de fome e você me faz uma dessa. Vai receber alguma gatinha, é?*

Solto uma gargalhada no telefone e me sinto mais leve. A tensão do contato com Sarah evaporando aos poucos.

— Você não desiste! Não, não é para uma gatinha, mas para a família Fiore. Lembra que eu tinha marcado?

— *Ah, claro! Quer mesmo impressionar o figurão, não é?*

— Eu realmente gostei de conversar com ele e preciso de um amigo por aqui, já que o meu parceiro não está por perto.

— *Quem manda morar no meio do mato?* — Ele tinha que jogar essa.

— Escolhas, meu amigo — digo. — E como você está? Saindo com alguma gatinha? Trabalhando muito?

Enquanto espero sua resposta, mexo a grande frigideira e misturo os camarões. Testo o sal e... deliciosa!

— *Tudo bem por aqui, Barcellos. Estou saindo com uma ou outra, trabalhando como um condenado, mas também ganhando dinheiro, que é o que importa. Não tenho do que reclamar.*

— Que bom. Isso realmente é muito bom! Agora preciso ir porque em 20 minutos eles chegam e tenho que terminar de arrumar tudo por aqui.

— *Vai lá, Barcellos. Vai lambe um pouco o saco do cara, vai.*

— Ah, vai se foder, Ferraz.

— *Fui* — ele diz, gargalhando, e desliga.

Estou terminando de arrumar a mesa quando a campainha toca. Sigo em direção à porta e dou de cara com um casal sorridente.

— Trouxe dois dos vinhos que tu me deu para começarmos os

trabalhos, Carlos Eduardo. No próximo jantar, que farei na minha casa, bebemos o restante — Marco anuncia, antes mesmo de entrar, como se já fôssemos amigos há muito tempo. Eu tinha esquecido que ele traria o vinho que eu dei. Ainda bem que é o *Merlot*.

— É claro! Concordo plenamente. Podem entrar! Sejam muito bem-vindos.

— Esta é minha esposa, Teresa Fiore — ele apresenta.

— Muito prazer, Sra. Fiore.

— Por favor, me chame de Teresa.

— Tudo bem, Teresa. E pode me chamar de Carlos Eduardo ou Cadu.

— *Bah*, Carlos Eduardo — ela diz, abrindo um sorriso amistoso. — Uma bela casa a tua — elogia, olhando para a ampla sala que está com uma iluminação ambiente convidativa.

Diferente da casa dos meus vizinhos, a minha é mais moderna e intimista.

— Fico feliz que tenha gostado, Teresa. Desde que a comprei, venho reformando aos poucos. Estou montando conforme o meu gosto.

— *Bah*, eu bem sei o quanto é desgastante montar uma casa. Mas é delicioso ter tudo do nosso jeitinho — ela comenta antes de se sentar no sofá, juntamente com seu marido.

Olhando melhor para suas feições, Teresa é uma mulher muito bonita. Uma beleza exuberante. Logo a imagem de sua filha aparece em minha mente. Gabrielle parece muito com ela. Tirando o cabelo escuro, os olhos são os mesmos.

Por que será que ela não veio? Eu venho tentando não me preocupar com aquela mulher frágil e triste, mas é difícil ver alguém sofrendo e ficar de braços cruzados.

— Preparei uma *paella* e espero que vocês gostem — aviso aos meus

convidados.

— Nós amamos, *tchê*! — Teresa responde, animada. O sotaque do Sul é fascinante.

— Vamos começar, *né*? — Marco emenda, abrindo a primeira garrafa de vinho.

E, pela primeira vez em muito tempo, eu não me sinto fora do lugar. Pelo contrário, sinto como se o meu propósito fosse estar exatamente aqui.

Capítulo 11

(...) *Em meu coração, neste coração frio, eu posso viver ou posso morrer.*

Acredito que se eu apenas tentar, você acreditará em nós (...)

(Cold Little Heart – Michael Kiwanuka^[9])

Gabrielle

— Quer dizer que *tu* começou a correr, mas parou?

— Eu não parei, vou recomeçar amanhã. Precisei fazer algumas coisas urgentes...

Eu não venho ao consultório da Dra. Nanci há uma semana, mas minha mãe a atualizou do motivo da minha falta.

— Que tipo de coisas *tu* precisou fazer, Gabrielle? — minha analista pergunta, inclinando a cabeça. Ela observa atentamente todas as minhas expressões e faz anotações aleatórias. Gostaria de saber o que ela tanto escreve...

— Comecei a ajudar meus pais com a vinícola.

— É mesmo?! — ela pergunta, arqueando as sobrancelhas, parecendo realmente surpresa, mas aposto que já sabia. — Isso é muito bom! E o que *tu* tem feito?

— Estou conhecendo o ramo mais a fundo. Só agora tenho visto como funciona a empresa de fato, por isso precisei dedicar todo meu tempo nos primeiros dias. A vinícola está precisando se atualizar e os estou auxiliando para isto, na medida do possível. É o mínimo que posso fazer pelos meus pais. Eles têm feito de tudo por mim e decidi ajudá-los, com alguns limites.

— *Bah*, mas já é um grande passo. Voltar ao trabalho, mesmo com limitações, é um ótimo sinal, Gabrielle. Como *tu* está lidando com essas

mudanças? Como isso tem te ajudado?

Penso por alguns segundos antes de responder e respiro fundo.

— Quando estou trabalhando, não penso tanto... não lembro tanto. Eu me culpo por isso ao mesmo tempo, porque eu não mereço esquecer.

— Ei, ei, Gabrielle. Você está tendo uma evolução incrível! São *tuas* conquistas, *tu merece, sim*, um recomeço. — Sua voz destaca as palavras que ela quer frisar com precisão. — Tem uma frase da *Cora Coralina* que eu gosto muito de citar aos meus pacientes: “às vezes o coração, rasgado pela dor, vira retalho. Recomenda-se, nestes casos, costurá-lo com uma linha chamada recomeço. É o suficiente.”

Reflito em suas palavras. *Recomeçar... Como recomeçar quando não vejo qualquer perspectiva para mim? Que futuro eu poderia ter com a sombra do meu passado sempre me rondando e apontando todos os erros que cometi?*

Dra. Nanci espera que eu jogue o que estou sentindo para fora. Como não falo *nada*, ela continua:

— Todos temos um passado, um arrependimento, uma lembrança ruim que gostaríamos de apagar, mas tudo isso nos molda para o futuro. Faz parte do nosso crescimento, por mais doloroso que seja, e não dá para permanecer na dor para sempre. Ela precisa ser superada e só vivendo um dia de cada vez é que conseguimos vencê-la. Basta saber se *tu está* disposta a vencer ou se prefere ser vencida.

Sinto como se tivesse levado uma chacoalhada e ao mesmo tempo uma luta é travada em meu interior. *Não, eu não mereço. Sim, eu quero viver. Não, eu não posso recomeçar.* Antes que eu perceba minha face está molhada. Lágrimas silenciosas transmitem tudo o que meu corpo quer dizer.

— Isso! Expresse o que está sentindo da forma que quiser. Deixe-se sentir, Gabrielle.

Suas palavras fazem com que eu comece a chorar com mais força e meu corpo se agita com os soluços. Em meio à bagunça de sentimentos, digo:

— Ao mesmo tempo que eu quero recomeçar, eu não consigo.... Há sempre uma luta aqui dentro — aponto para a minha cabeça — onde eu nunca sou a vencedora.

Agarro meus cabelos com força e a agonia da impotência me deixa louca. Impotência por não conseguir melhorar, por não ser forte.

Continuo chorando e ela diz, baixinho:

— *Tu não pode* continuar se martirizando cada vez que conseguir superar um obstáculo. Está se sabotando! Eu já entendi que *tu não quer* ser um peso para os teus pais e por isto está começando a ajudá-los da maneira que pode, afinal, Marketing Digital é sua especialidade. Mas eu quero saber, vai chegar o momento em que *tu terá* que lidar com o que tanto a atormenta, *né?* O que irá fazer? Hoje em dia é um instrumento natural de trabalho, *tu vai* precisar encontrar um meio termo, está entendendo aonde quero chegar?

Assinto com a cabeça, aos poucos voltando ao normal.

— Sim, eu estou entendendo... — respondo, limpando meu rosto. —... mas, por enquanto, eu auxilio os meus pais até a parte em que me sinto confortável e eles conversam diretamente com uma empresa que indiquei. Ainda não estou preparada para ficar à frente de tudo, sozinha. Não estou preparada para lidar com a causa de todo meu sofrimento. Estou com medo de voltar a ser quem eu era... — digo *num* fio de voz, a rouquidão pronunciada como se estivesse com temor de acordar um monstro. —... quando não tinha controle sobre os meus atos.

— Entendo e é completamente normal o teu receio. Por isso estou dizendo para ir devagar, sem pressa, mas não coloque barreiras antes de sequer começar. Encontrar um propósito é algo maravilhoso, mas a nossa mente sempre nos pregará peças, dúvidas e incertezas. Continue dando

passos de formiguinha e logo encontrará o teu próprio caminho.

Ela se aproxima do sofá onde estou sentada.

— Quanto ao medo específico de se deixar levar, Gabrielle, não acredito que isto volte a acontecer. O custo foi alto demais, por tudo o que *tu* passou e perdeu. Doe, marcou e transformou, contudo, uma hora a ferida vai cicatrizar. Quando isto acontecer, tenho certeza de que cada passo será bem orquestrado. *Tu não irá* se deixar dominar novamente. Eu tenho fé em ti! Tenho fé em *ti* e na tua *recuperação*.

Choro mais um pouco. Suas palavras são fortes, mas é o que eu precisava ouvir. Minha família fala comigo de forma delicada, com medo que eu quebre a qualquer momento, e entendo. Talvez, eu faria o mesmo se fosse o contrário. Nós nunca sabemos como falar com uma pessoa que passou, ou está passando, por momentos difíceis.

Ela está dizendo que tem fé em mim quando eu mesma não tenho. É tão difícil ouvir, sentir o aperto no peito, saber que eu preciso lidar com o que me atormenta.... Mas sei que essa hora vai chegar e preciso me preparar.

Estou me arrumando para correr e é nítido o ganho de massa em meu corpo. As comidas nutritivas que mamãe vem fazendo têm surtido efeito. A *legging* preta que minha irmã me deu esses dias preenche minhas pernas como há muito tempo não vejo, o top branco e preto transpassado nas costas deixa os meus seios visualmente mais cheios. Segundo Pietra, ao usar roupas largas constantemente eu não percebia as mudanças. E é verdade.

Não estou no meu peso normal, mas poderia me manter assim. Continuo magra, porém não com a aparência frágil de semanas atrás. Meu rosto está corado e um pouco mais cheio. Pela primeira vez após muito

tempo, consigo gostar do meu reflexo no espelho.

Não posso negar que a mera possibilidade de encontrar aquele homem me causa um certo incômodo. Ele me deixa desconfortável de um jeito que não sei explicar. O olhar vivo e intenso, o sorriso fácil e despreocupado, o modo de falar diferenciado.... E ainda tem o corpo grande e largo que chega a intimidar.

Não fui ao jantar em sua casa porque ainda não me sinto à vontade para encontros com outras pessoas fora do meu círculo familiar. Meu pai vinha comentando há dias sobre o encontro na casa de um novo produtor de vinhos e somente quando conheci o nosso vizinho que liguei os pontos.

Respiro fundo. Uma, duas, três vezes e começo a me alongar. Estar trabalhando com o que sempre gostei me trouxe um leve ânimo, mas não considero que seja suficiente para voltar a sorrir. É apenas o que nasci para fazer e estou usando isso para ajudar meus pais. *É o que tenho dito para mim.*

Saio de casa e aplico o conselho de Carlos Eduardo. Corro devagar e busco respirar corretamente. Quando o cansaço me exaure, diminuo o ritmo e caminho. *Assim é bem mais fácil.*

Absorvo a paisagem e respiro o ar puro com vontade. Nada comparado ao ar abafado do Rio de Janeiro. Lá pode ser melhor em muitos aspectos, principalmente da minha antiga vida, mas a Serra Gaúcha possui uma tranquilidade que nunca imaginei que gostaria tanto.

E pensar que em toda a região há mais de 500 vinícolas, segundo informação que pedi para minha irmã coletar na internet. O crescimento aqui é notório e constante, não é à toa que meu vizinho resolveu se aventurar nesse ramo e que meus pais conseguem se manter há anos no mercado, mesmo com as dificuldades diárias de uma empresa no Brasil. Contudo, meu *feeling* de marqueteira sente que falta algo para mudar a visibilidade deste setor no país. Os próprios brasileiros ainda não valorizam os produtos nacionais por falta de

conhecimento. *O que poderia ser feito para atrair mais atenção?*

— Olha quem voltou ao mundo da maratona... — Uma voz conhecida e, no fundo, esperada interrompe os meus devaneios.

Abro um fraco sorriso constatando que *isto* virou uma piada interna. Ele corre ao meu lado em uma velocidade reduzida enquanto caminho a largos passos. Olho para seu rosto e um sorriso impressionantemente lindo enfeita seus lábios.

Enrubesco e, mais uma vez, agradeço por estar corada pela atividade física. *Como pode ser tão bonito?*

— Pois é. Eu voltei... — digo, ofegante pela caminhada apressada.

Ele me observa e estreita os olhos em minha direção. FRANZO minha testa e estranho seu comportamento, sentindo uma agitação em meu estômago só por ter sua atenção totalmente voltada para mim.

Mas que droga ele pensa que está fazendo? E por que estou me sentindo como uma adolescente idiota? Pelo amor de Deus, Gabrielle!

— O que foi? — pergunto sem parar de andar, fingindo desinteresse.

— Você... Está diferente. — Analisa meu corpo, dos pés à cabeça, sem se importar com vergonha ou constrangimentos e posso jurar que seus olhos azuis estão mais escuros do que o normal.

— Diferente? — Quero saber mais sobre a sua minuciosa observação. Ele deve ter percebido minha mudança, mas por algum motivo quero saber de sua boca.

— Sim... — Parece refletir antes de responder. — Da última vez que te vi você estava bem mais magra. Agora, parece outra mulher.

— Ah, sim. Estou trabalhando nisso. Prefere assim ou como estava? — No instante em que faço a pergunta me arrependo.

Que droga é essa, Gabrielle?

Ele ri, mas sua risada sai grave e ao mesmo tempo ofegante por ainda

estar correndo. Quando penso que não vai responder, ouço sua voz:

— Sem dúvida alguma prefiro como está agora. Eu já te achava linda, mas assim está maravilhosa.

Mordo meu lábio inferior e viro meu rosto.

Eu não mereço. Não mereço.

Sei que provoquei, mas agi por impulso. Esse cara é perigoso. Ele faz com que eu me sinta outra mulher. Como se eu pudesse ter o que quiser. Como se eu fosse livre!

O que claramente não sou.

Ficamos em silêncio, apenas nossas respirações conversando entre si, até que Carlos Eduardo resolve mudar de assunto e relaxo internamente.

— Como não te vi esses dias pensei que tivesse se mudado novamente.

— Não, eu estava trabalhando bastante e não consegui sair.

— E também não foi ao jantar na minha casa com seus pais. — Direto ao ponto. Viro para ele e observo sua expressão brincalhona.

— Ah... Eu... tinha outro compromisso.

— Sei... — diz e volta a abrir um sorriso de quem sabe que não estou falando a verdade. — Mas me diga, no que você está trabalhando?

Fico reticente em responder, mas parece que quando estou com ele a minha boca não para de me trair.

— Estou ajudando na parte de Marketing da vinícola.

Resolvo parar um pouco porque falar e caminhar não está me fazendo bem e sinto uma pontada de dor na barriga.

— Está tudo bem? — pergunta, parando junto comigo.

— Sim, deve ser porque estou caminhando e falando ao mesmo tempo.

— Ah, não acho que seja só isso — diz. — Onde dói?

— Aqui. — Aponto para o lado direito da barriga.

— Como eu suspeitava. Muita gente acha que essa dorzinha é por não estar respirando direito ou por falar e correr ao mesmo tempo, mas é uma soma de fatores. Isso acontece com quem não tem a prática regular de correr. Você está apenas começando, está forçando seus músculos e deve ter passado um pouquinho do seu limite, mas com o tempo vai melhorar.

Olho para ele, ainda ofegante, e pergunto:

— Você é médico, algo assim?

Ele ri e balança a cabeça.

— Não. Já passei por isso e me consultei com um médico especialista em esportes. Ele quem me explicou.

— Entendi. — Ainda assim fico curiosa para saber no que trabalhava antes de vir para cá, mas resolvo não estender o assunto. Isso lhe daria o direito de perguntar o mesmo e nem de perto estou preparada para expor sequer uma parte da minha antiga vida.

— Então, não te aconselho a correr mais por hoje porque só vai piorar. Que tal bebermos um suco de uva que foi preparado mais cedo lá na minha vinícola? Assim você me conta sobre o trabalho que está fazendo. Fiquei interessado no assunto. Estou sempre buscando crescer no ramo e é muito bom trocar experiências, ainda mais na área de Marketing.

O incômodo na lateral da minha barriga vai diminuindo aos poucos e minha mente lança alguns alertas. Ele percebe a inquietação em meu rosto e diz com a voz baixa, cuidadosa:

— Só iremos beber um suco, Gabrielle. Não precisa se preocupar.

— Olha, não quero que me entenda mal, mas é que não estou passando por um bom momento. Eu estou me recuperando, na verdade. Agradeço o convite e espero que um dia possamos trocar uma ideia sobre o meu trabalho, mas, por enquanto, não estou preparada.

Ele me encara por alguns segundos e morde o canto da boca, parece pensar sobre o que falei.

— Eu entendo, Gabrielle, e não vou te forçar a nada. Já passei por situações bem ruins, mas se tem uma coisa que aprendi é que o tempo não para. Não sei o que aconteceu com você, e nem preciso saber, mas não deixe que isso defina quem você vai se tornar daqui *pra* frente. Só você tem o poder de reverter a situação. Decidi reverter a minha e não vou dizer que todos os dias são bons, mas faço o máximo para serem, pelo menos, razoáveis. Não vou mais tomar seu tempo e desculpe pelas palavras, não sei o que deu em mim, mas eu precisava te dizer isso. Qualquer hora nos esbarramos.

Carlos Eduardo abre um sorriso enorme, sem falsidade, como se não tivesse dito tudo o que disse, então volta a correr em direção à sua casa. *O que acabou de acontecer?* É como se ele tivesse visto minha alma e por alguns segundos me senti segura por não estar sozinha.

Mas...

Quem ele pensa que é? Meu analista? Aposto que esse cara não tem ideia do que é sofrer de verdade. Ele não sabe o que eu passei para me dar algum tipo de lição.

Enquanto caminho de volta para a vinícola, remoo as palavras do meu vizinho. Quem dera fosse fácil ouvir e agir, ou acreditar que tudo vai dar certo. Como um homem como ele, tão *pra cima* e sorridente, pode achar que passou por um problema parecido com o meu? Na certa é mais uma daquelas pessoas que falam sem conhecimento de causa só para demonstrar empatia.

Estou chegando em casa quando ouço alguém falar em um microfone, fazendo testes de som. Estranho o barulho e pergunto o que está acontecendo para a minha mãe quando ela aparece na varanda.

— *Bah, é que hoje é a festa da Vindima no nosso vizinho* —

responde, toda sorridente. — Eu estou indo *pra* lá arrumar algumas coisas. Daqui a pouco a colheita começa e o almoço é mais tarde.

Indo pra lá arrumar algumas coisas?

— Você nem o conhece direito, mãe. O que vocês sabem sobre ele? Quem garante que não é um idiota qualquer que está se aproveitando do seu conhecimento e do papai para depois dar o bote e ferrar com a *Famiglia Fiore*?

A raiva acumulada depois de ouvir tudo o que o Carlos Eduardo falou para mim resolve dar as caras.

— Minha filha, o que *tu tem*? *Tu pode* não conhecê-lo, mas eu e teu pai o conhecemos e vemos o quanto aquele rapaz é um bom guri. — *Por que eu não calei a minha boca?* — Ele morava em São Paulo, era casado, trabalhava no mercado financeiro e sempre gostou de vinhos e da Serra Gaúcha. Parece que ele teve um sério problema no casamento, o que eu obviamente não quis perguntar, *né?* E decidiu se divorciar. Quando surgiu a oportunidade de comprar a vinícola ao lado ele não pensou duas vezes. Largou tudo! É um homem gentil que nos trouxe uma caixa de vinhos de sua primeira colheita, demonstrando que sabe agradecer, e ainda fez *paella pra gente*. *Paella*, minha filha! Ele é um ótimo partido e não é à toa que a mulherada da cidade está *peleando* para ter a atenção dele desde que chegou por aqui, mas ele não se envolve com qualquer uma. Se eu não fosse casada e feliz com teu pai...

Fico boquiaberta. Eu não estou reconhecendo minha mãe. Ela ri sem esboçar vergonha ou arrependimento ao descer os degraus da escada e parar ao meu lado.

— *Bah*, só para constar, ele não me pediu ajuda, eu que me ofereci. Sempre fomos muito abençoados por compartilharmos e não retermos conhecimento. Não se esqueça disso, mocinha.

Uau! Uma mulher de 34 anos levando uma bronca da mãe?
Realmente o dia está perfeito. Ao que tudo indica, ela voltou a me tratar normalmente e desistiu de falar comigo como se estivesse pisando em ovos.

Acho que isso é bom, afinal.

— Ok, faça o que você quiser — respondo, mal humorada, e entro no Castelinho subindo para o meu quarto.

A dorzinha chata ameaça incomodar novamente pelo esforço que fiz aos subir os degraus de dois em dois, mas minha raiva é tanta que não me deixo sentir *nada* além da vontade de quebrar alguma coisa ou de fazer o que há muito tempo não faço...

Capítulo 12

(...) Antes da gente dar nome já era pra sempre e eu com medo de ser. Mas quando eu falo de amor por aí é pensando em você (...)

(Nossa Conversa – Kell Smith^[10])

Gabrielle

Nossa! Como pude ficar tanto tempo sem esta sensação? Muito melhor que os remédios fortíssimos que venho tomando e que me deixam desorientada. Isto me deixa leve, viva e em paz. Sinto cada parte do meu corpo relaxar. Que saudade de apreciar o gosto frutado, refrescante e borbulhante...

O fato de estar sozinha em casa me permitiu curtir este momento. Daqui consigo ouvir a cantoria tipicamente italiana da vinícola vizinha, porém não ligo. Eu estava com raiva, querendo quebrar alguma coisa, mas tive um clique e fui correndo em direção à adega “especial” sabendo que encontraria o que precisava. Chamamos de especial porque é nela que ficam os melhores produtos da vinícola para uso da nossa família. E lá estava, como tantas vezes apreciei, gelada e intacta, apenas me esperando.

Foi inevitável.

Desde o acidente não coloco uma gota de álcool na boca. Há 27 meses que não me sinto um pouco do que fui um dia. E pela primeira vez desde então, não me repreendo por isto.

Estou na terceira taça do melhor e mais reconhecido espumante que a Famiglia Fiore produz quando Pietra entra na sala.

Ela me vê no sofá, de pernas cruzadas, apreciando a bebida e em vez de reclamar ou falar qualquer coisa, vai até a cristaleira, pega uma taça e se

serve. Pietra se senta ao meu lado e leva seu copo até o meu para brindar. Minha irmã entorna tudo de uma vez e já letárgica sorrio.

— Uau! Alguém está com sede.

— Não é sempre que vejo minha irmãzinha se embebedando, *né?*

— Eu não sabia que mães com filhos pequenos podem beber e amamentar... — Mesmo sem ter graça começo a rir. Minha tolerância diminuiu bastante e percebo que preciso ir devagar.

Patético! Três taças e estou alegrinha.

— Se eu pudesse amamentar talvez não estivesse bebendo.

Uma sobriedade repentina desnubla minha mente e fico séria, olhando para a minha irmã.

— Como assim? Você nunca me falou isso...

— Como vou falar contigo se faz mais de ano que não conversamos de verdade? Meses que *tu tem* precisado de cuidados. Não houve espaço para mais nada, Gábi, e não estou reclamando, *tá?* Convenhamos que não poder amamentar não é um bicho de sete cabeças. Eu não sou menos mãe por isso.

— Com toda certeza que não, Pipa! Você é espetacular.

O álcool me deixa mais tranquila e consigo pensar com mais clareza sem ficar sendo assombrada pelo meu passado. Para cada pessoa a bebida age de uma forma, comigo sempre foi assim. Então, depois de muito tempo, consigo ter uma conversa saudável e necessária de irmã para irmã.

Ela me conta que o Marcelo, seu marido, tem sido maravilhoso, que ele a ajuda com o Bernardo, que o filho é uma criança tranquila e que não vê a hora de eu conhecê-lo, que o fato de não estar trabalhando fora tem sido importante tanto para me ajudar quanto para ver os passos do filho. Pietra me atualiza com tudo o que eu perdi durante o tempo que passei em *off*.

— *Tu não vai para a Vindima do “vizinho-gostoso”?* — pergunta, mudando drasticamente de assunto.

Desde que soube que o Carlos Eduardo é nosso vizinho e que vez ou outra nos encontramos nas minhas corridas matinais, ela não para de me perturbar.

— Bem capaz! — exagero na gíria propositalmente e minha irmã ri, enquanto me sirvo de mais espumante.

— Ainda não acredito que só agora eu descobri que aquele homem é dono de uma vinícola e que fica bem aqui do lado.

— Não tinha muito como saber porque, enquanto nossos pais ficaram comigo no Rio, você não vinha com frequência *pra cá*. Parece que ele comprou o lugar na mesma época em que minha vida foi atingida por um míssil.

Ela me olha e se serve novamente, terminando o conteúdo da garrafa.

— Senti falta de conversar contigo assim. Sem cuidados e sem limites. Sei que a bebida está ajudando, mas o que mais quero é que *tu se recupere*, guria. *Tu merece* ser feliz. Afinal, o que te levou a beber depois de tanto tempo?

Respiro fundo e começo a contar tudo para Pietra. Tudo mesmo, porque o espumante não me deixa esconder *nada*. A primeira vez que encontrei com o Carlos Eduardo, o quanto ele mexeu comigo com a sua beleza e masculinidade, mas que eu sabia que não poderia fazer *nada* além de olhar. Falo da corrida de hoje cedo, quando o provoquei sobre o meu corpo e ela dá um grito histérico enquanto pega outra garrafa de espumante e finca no balde de gelo que preparei. Por fim, conto a parte em que me deu um sermão e da conversa com a mamãe logo que cheguei em casa.

Ela dá uma gargalhada alta quando reproduzo as palavras da nossa mãe.

— *Barbaridade*, Gábi! Que coisa mais louca foi essa?

— Não é? — digo, levantando do sofá. Só de lembrar de mais cedo

fico agitada. Ando em voltas com a taça na mão. — Até a mamãe está do lado do cara!

— Mas é claro que ela está. *Tu deu* uma de doida!

Viro para ela, surpresa com suas palavras. Eu não esperava que minha irmã ficasse contra mim.

— Como é que é? Eu dei uma de doida? O cara mal me conhece e estava me dando lição de moral, Pietra! Como se tivesse passado por tudo o que passei, ou coisa parecida.

— Gábi, pelo amor de Deus, ele não *falou* nada além do que sempre falamos *pra* ti. Ele deve ter percebido que há algo de errado e está preocupado, quer ajudar... E não acho que *tu deva* julgar o homem só por não aparentar *estar ferrado*. Tem gente que segue em frente, ou pelo menos tenta. Na certa você o afastou porque ele te tirou da zona de conforto. Olhando bem *pra* ti e essa tua agitação repentina, *tu quer* tanto esse homem que está descontando tua frustração no coitado.

Eu tento formar palavras. Abro a boca, fecho. Preciso beber mais. Derramo a bebida de cor dourada em minha taça e bebo de uma vez, sem apreciar suas notas e frescor como sempre faço. Nunca quis ficar tão bêbada como quero neste momento, mas a minha querida irmã tem outros planos.

— Eu não vou deixar tu beber com raiva, Gábi. Ainda mais um espumante como este. O que o papai fala?

— *Dentro de uma garrafa de vinho há sonhos e possibilidades que não devem ser desperdiçados. Beba sempre com responsabilidade e alegria! Nunca se sabe quando teus desejos podem ser realizados.*

É o mantra de Marco Fiore. Sempre que ele nos via bebendo dizia que deveríamos ter responsabilidade porque nossos desejos poderiam ser atendidos. Tanto para coisas boas quanto para ruins, dependia do nosso sentimento ao consumirmos a bebida. Por isso, toda vida, ele nos aconselhou

a nunca beber com sentimentos negativos no coração. Se é lenda ou um mito eu não sei, mas eu e minha irmã nunca o desobedecemos. Até hoje.

Deixo minha taça no balcão da cozinha e me sento no sofá, cada ação sob o olhar atento da minha irmã.

— Mamãe te contou sobre o Marcos? — Olho lentamente para ela e balanço a cabeça, sem saber aonde ela quer chegar. E como se arrancasse um esparadrapo de uma vez ela joga a bomba. — Ele vai casar.

Pisco várias vezes seguidas para ver se desperto deste pesadelo. Mas, infelizmente, é a realidade. Pietra aperta meu ombro, oferecendo seu consolo.

— Não pode ser... — consigo pronunciar.

— Ele seguiu em frente, Gábi.

— Mas.... Não pode ser. — Me nego a acreditar.

Minha irmã fica calada enquanto tento digerir a notícia. Eu tinha noção de que não poderia recuperar o que eu e Marcos tivemos um dia, mas dói demais saber que ele seguiu em frente e está prestes a ter uma nova família, como se a nossa nunca tivesse existido. Dói muito!

Levo minhas mãos até a cabeça e seguro meus cabelos pela raiz. O álcool ajuda as lágrimas a descerem sem esforço. Bebi além da conta para uma pessoa que estava sóbria por tanto tempo.

— O que estou fazendo, Pietra? Eu quero recomeçar, mas não consigo. Quero parar de tomar esses remédios que me deixam lenta, tiram a energia que eu tinha. Quero uma vida! Sim, eu quero. Por mais que doa lembrar da minha filha... — Choro com força e meu corpo se agita. —... preciso. Eu preciso encontrar um motivo *pra* viver, *pra* ser feliz, Pipa. — E olhando em seus olhos claríssimos e compadecidos, pergunto: — Será que vou ser feliz de novo? Por favor, me ajuda. Me ajuda! Quero seguir em frente assim como o Marcos seguiu.

Estou implorando, desesperada por uma solução. Minha irmã enche

uma jarra de água e senta ao meu lado. Em um copo ela despeja o líquido transparente e me oferece.

— Sim, *tu será* feliz de novo! Está me ouvindo? — Ela pega meu rosto com autoridade e segura meu queixo. — *Tu será* feliz de novo, Gabrielle Fiore!

Suas palavras e ações me fazem acreditar e choro mais um pouco.

— Agora beba essa água toda. Nós temos algumas uvas para colher.

Olho para ela, uma bagunça de emoções transparecendo em minhas feições, mas não importa. Quero o que ela está me oferecendo. Cada mínima migalha de esperança estou juntando e assim, quem sabe, eu possa voltar a viver.

Depois de uma hora me hidratando e me deixando o mais recomposta possível, minha irmã me convenceu a ir à festa da Casa Barcellos. Mas é claro que ela não facilitaria. A bendita trouxe um vestido branco, sem mangas, que se ajusta muito bem ao meu corpo e fica a cinco dedos do joelho. Não é tão curto assim, pensando bem, mas faz muito tempo que não uso algo tão ousado ou que me sinta realmente bonita. Ela ainda arrumou meus cabelos, enrolando-os nas pontas. Só Pipa mesmo!

— Ficou perfeito, irmã! *Tu está* muito linda — ela diz, batendo palmas.

Reviro os olhos.

— Vamos logo antes que eu desista.

— *Bah!* Desistir? Capaz! Não tem nem chance disso acontecer. Vamos!

De braços dados saímos de casa até o nosso destino.

Ao chegarmos na vinícola de Carlos Eduardo somos surpreendidas com um número expressivo de pessoas colhendo uvas e depositando em cestas de vime. O sol que brilha forte sobre o vinhedo, os sorrisos, a alegria por estarem participando de um momento tão especial. É lindo de ver. Não é à toa que o vinho simboliza alegria, união e celebração.

Música e muitas atividades se estendem ao longo do lugar que, de perto, é ainda mais bonito do que da vista que tenho da janela do meu quarto. Vejo nossa mãe servindo queijos e embutidos aos visitantes e sua expressão não deixa dúvidas do quanto ama esta época.

— Ela parece feliz — Pietra comenta.

— Pois é. Parece que é sua própria vinícola — digo, sem acusação. Dona Teresa Fiore é uma mulher admirável e faz o que estiver ao seu alcance para ajudar alguém. *Preciso me desculpar com ela depois.*

— Vou avisá-la que estamos aqui. Ela não vai acreditar — minha irmã diz, mas sua voz sai longe porque estou perdida em lembranças.

Revivo minha adolescência de uma maneira tão vívida que até me assusto. Sinto o aroma das uvas, a música, ouço as risadas. Vejo-me correndo por entre os parreirais, tirando cachos e mais cachos para jogar em minha irmã, meu pai correndo atrás da gente... Esboço um sorriso. A inocência e a despreocupação que eu gostaria de ter hoje.

— Estou vendo uma miragem. — Viro em direção à voz e nem percebo que estou sorrindo. — E ainda com um sorriso no rosto. Realmente estou delirando.

— Você sempre recebe suas visitantes assim? — pergunto, fazendo um esforço para não ser afetada por sua beleza. Com uma camisa de botões azul clara, dobrada em seus antebraços bronzeados e sarados, além de uma bermuda de linho *off white*, ele está irresistível.

— Se todas tiverem o seu sorriso, os seus olhos e o seu corpo, acho

que sim.

Estremeço diante do seu olhar intenso e é impossível não corar. *Que droga!* Não estou nem correndo para disfarçar dessa vez.

— Vou considerar como um elogio. Obrigada! — Tento amenizar o clima.

— Não vejo como poderia ser qualquer outra coisa senão um elogio. Você está linda, Gabrielle. Para constar, não costumo elogiar minhas visitantes. — Ele dá uma piscadinha e sorri, bebericando o vinho que está em sua taça. — Servida?

— Não sei...

— É claro que quer. É um insulto vir em uma Vindima e não beber um vinho. Afinal, temos que brindar sua ilustre presença.

— Ah, para com isso, Carlos Eduardo.

— Pode me chamar de Cadu. É mais curto e não parece que está me dando uma bronca. — Rimos. — Tem algum apelido que goste ou prefere Gabrielle mesmo?

— Pode me chamar de Gabrielle ou Gabi.

— Tudo bem, Gabi. Vou pegar uma taça. Sinta-se à vontade.

— Não precisa se preocupar comigo, Cadu. — Gostei de chamá-lo assim. É bem mais fácil. — Você não tem que dar atenção aos seus visitantes?

— Eu venho conversando com eles desde cedo, agora é a minha vez de me divertir. — Ele pisca novamente e sai.

O olhar de Cadu ao mesmo tempo que me deixa envergonhada, faz com que eu me sinta linda e desejada. Havia me esquecido de como isso é bom. Na verdade, eu estava evitando esse tipo de contato justamente porque achava que não merecia sentir prazer ou realizar as minhas vontades, que deveria viver em uma eterna autopunição. Contudo, depois da conversa com

Pietra, do que fiquei sabendo sobre Marcos e pelo efeito do que bebi anteriormente, sinto-me um pouco menos culpada.

Vamos ver aonde tudo isso vai me levar.

Capítulo 13

Lamentar uma dor passada, no presente, é criar outra dor e sofrer novamente.

(William Shakespeare)

Carlos Eduardo

Admito que ver Gabrielle em minha festa era a última coisa que eu esperava. Depois de sua mãe me confidenciar que ela havia chegado da corrida de mau humor, pensei que não teria mais a sua atenção.

Não sei o que deu na minha cabeça para falar com ela daquele jeito, mas me arrependi na mesma hora. Eu não tinha o direito de me intrometer ou de dar algum tipo de lição, eu nem sei pelo que a mulher passou... *Porra*, eu só queria ajudar, mas como o Gustavo sempre diz: “De boas intenções o inferno está cheio.”

E agora ela está aqui. Quando a avistei chegando nesse vestido branco, linda como nunca a vi antes, não consegui desviar minha atenção. Ela está deslumbrante. Ganhou peso, os seios estão evidenciados por conta do decote que não mostra muito, mas o suficiente, a cintura fina que faria qualquer garota de 18 anos ter inveja e uma bunda...

Meu Deus! O que eu estou fazendo? Pareço um garoto que nunca viu uma mulher bonita.

Chego até a extensa adega onde estão armazenados os vinhos para o evento e tento não voltar aonde meus pensamentos me levaram anteriormente. A grande verdade é que Gabrielle é uma incógnita para mim. Ela me intriga cada vez mais. Quero saber o que aconteceu, o motivo de ter se mudado do Rio de Janeiro, o que fazia antes de chegar aqui, do que

gosta... ao mesmo tempo minha mente me avisa para ir devagar.

Não é que eu queira um relacionamento, nada disso, mas não posso negar que ela mexe comigo de alguma maneira. Ver o quanto vem progredindo, pelo menos fisicamente, mostra que está se reerguendo do que quer que tenha acontecido em sua vida e isso me deixa inexplicavelmente feliz.

Escolho o vinho depois de alguns minutos e corro até a cristaleira para pegar duas taças, quando tenho uma ideia. *Será que ela vai gostar?* Vamos ver! Hoje o dia está sendo repleto de surpresas, mais uma não vai fazer mal.

Saindo de casa a procuro e fico fascinado com o que vejo. Ainda não havia presenciado um sorriso tão grande em seu rosto. *Como pode ficar ainda mais linda?* Gabrielle está encantada, assistindo um casal pisando nas uvas na enorme tina de madeira, enquanto os músicos tocam uma canção italiana nos acordeons. Ela bate palmas no ritmo da música e seus olhos brilham tanto que tenho a sensação de que a qualquer momento uma lágrima pode deslizar pelo seu rosto alvo e delicado. Gabi está tão vidrada que não percebe quando chego ao seu lado.

— Vejo que alguém está gostando da festa... — sussurro em seu ouvido, demorando-me um pouco mais para aspirar seu perfume floral. Ela estremece e sorrio ao vê-la se arrepiar, fazendo uma parte dentro de mim se orgulhar por ser o causador de tal proeza.

Saindo de um transe Gabi me olha e sorri, um sorriso menor, mas ainda assim um sorriso.

— Estava lembrando da minha adolescência. Parece que voltei no tempo e no lugar do casal eu me via com a minha irmã, brincando, pulando em cima das uvas.

— Imagino que devem ter tido uma ótima adolescência.

— Com certeza. Éramos ingênuas, felizes, despreocupadas. O que eu não daria para voltar àquela época...

— E o que te impede de voltar no tempo? — Ela franze o cenho e eu abro um sorriso malicioso.

Não sei o que me dá na cabeça, mas não paro para pensar direito. Coloco a garrafa de vinho e as taças dentro da cesta que trouxe comigo e a deixo no chão. Sem aviso, pego a mão de Gabrielle e começo a correr.

— O que você está fazendo, Cadu? — Ela tenta se soltar, mas quando percebe aonde a estou levando, para de lutar e corre comigo. — Você é louco!

Neste momento, me sinto no auge dos meus 18 anos e não com os 38 que realmente tenho. Quando chego perto da tina, o casal que estava se divertindo antes sai e falo com um dos meus funcionários que agora é a minha vez.

— Vem, Gabi! — Ainda com sua mão na minha, ela me segue, mordendo o lábio inferior, refletindo algo. — Confie em mim! Só vamos nos divertir.

Nem acredito quando ela assente e me permite conduzi-la para dentro da espaçosa tina repleta de cachos de uvas recém-colocados. Tiro meus sapatênis e ela suas sandálias. Já sabendo que uma hora ou outra eu participaria da pisa, coloquei uma bermuda pela manhã e fico mentalmente grato por Gabrielle estar de vestido, assim nada nos impede.

— Sabe como é, não é? Pise com os calcanhares para extrair melhor o suco e a cor da uva — digo, esforçando-me para não rir.

— Você só pode estar brincando comigo! — Ela sorri e balança a cabeça com incredulidade quando passa uma perna e depois outra pela tina.

É claro que eu estou brincando. Ela faz isso desde pequena, mas minha intenção é diverti-la e deixá-la leve.

Entro depois dela e a música alegre recomeça.

Gabrielle, a princípio, fica tímida e insegura, mas não largou sua mão. Começo a pular, fazer movimentos estranhos e ela tenta segurar o riso, mas não consegue. Quando menos espero ela começa a dançar. Uma dança no ritmo da música. Ela levanta a bainha do vestido e o segura na mão livre para ter mais liberdade.

Fico surpreso com a sua destreza e não consigo desviar os meus olhos do seu rosto, do seu sorriso, da felicidade que está exalando... Tento acompanhar seus gestos, mas desisto e só fico pulando e rindo. Em nenhum momento nossas mãos se afastam. Dou uma olhada para as pessoas que nos circulam do lado de fora, batendo palmas, admiradas com a alegria de Gabi, quando vejo sua mãe e uma moça ao seu lado que, pela semelhança, imagino que seja irmã de Gabi. As duas estão chorando enquanto batem palmas, como se não pudessem acreditar no que estão vendo.

Eu posso não ser um especialista em psicologia, mas entendo que deve ser algo inesperado para elas. Ao me assegurar de que Gabrielle está concentrada na pisa e na dança, faço um movimento discreto para que elas cheguem mais perto. Há espaço suficiente para mais duas pessoas e com um aceno peço para entrarem.

Quando se dá conta de que a mãe e a irmã estão conosco, Gabi começa a rir tanto que lágrimas começam a rolar sem parar. Soltando sua mão com cuidado, vou me retirando do espaço e deixo as três à vontade. É uma coisa delas e não quero atrapalhar de forma alguma. Elas riem, choram, dançam de mãos dadas e a comoção é geral no lugar. Meus visitantes estão emocionados, mesmo sem terem noção do que está acontecendo. É contagiante!

Pego meu celular e tiro uma foto deste momento. Quando me diziam que o vinho simboliza alegria eu sempre falava que era besteira, mas hoje não

consigo encontrar outra explicação para o que está acontecendo.

A música finalmente termina e todos aplaudem o espetáculo das mulheres Fiore. Uma pena Marco estar viajando a negócios. Com certeza ficaria tão feliz quanto elas estão.

Caminho até as três e as ajudo a descer da tina. Peço que uma das minhas funcionárias traga uma toalha úmida para limpá-las e prontamente a menina me atende. Quando estão todas limpas, sou apresentado à irmã de Gabrielle, Pietra.

— Muito prazer em conhecê-la. Vocês agradeceram a minha festa, meninas. Foi maravilhoso.

— Carlos Eduardo, o que aconteceu foi uma surpresa. Eu nunca imaginaria que poderia rir e chorar tanto, ao mesmo tempo — Teresa se pronuncia, ainda afetada.

Nós quatro rimos.

Gabi abraça a mãe e ouço um pedido de desculpas. Teresa diz que entende em um sussurro e beija a bochecha da filha. Quando as duas se separam, Pietra fala:

— Mãe, *tu chora* por qualquer coisa, então não é parâmetro. — Rimos novamente. — Mas *bah!* Eu, Pietra Fiore, posso afirmar que realmente foi emocionante. Relembrar e ver a nossa Gábi sorrindo, dançando... Isso não tem preço.

Elas trocam segredos silenciosos através dos olhares e busco *as íris* azuis de Gabrielle para saber como está depois disso tudo. Notando que a estou observando ela sorri fracamente, tranquilizando-me.

— Se me permitem, quero mostrar algo para a Gabi. Tudo bem? — pergunto, voltando com a ideia que tive antes da pisa.

— Mas é claro! Voltarei a ajudar os visitantes — Teresa anuncia ao limpar o rosto e se recompor. — E a Pietra vai comigo.

Divirto-me quando as duas saem apressadas com os lábios formando um sorriso constante.

— Parece que você as surpreendeu — comento, dirigindo minha atenção à linda mulher que está ao meu lado.

— Acho que *me* surpreendi também — retruca com o timbre rouco ainda mais evidente.

Sem querer deixar que o clima descontraído mude, pergunto:

— Vamos?

— Você vai me levar para outra aventura? — Ela arqueia as sobrancelhas.

Com um sorriso que sempre a deixa corada, respondo:

— Eu sei que você está adorando minhas aventuras.

— Convencido.

Busco a cesta que havia colocado no chão e seguro sua mão. *Eu poderia me acostumar com isso*, o pensamento me assombra. Passo pelas pessoas, sorrio, cumprimento, aceno, e a levo para uma parte mais afastada, no meio das vinhas que se estendem em meu terreno. Olho de um lado para o outro e constato que o local é perfeito.

Pego uma toalha grande, quadriculada, e estendo na grama que preenche o solo.

— Sua nova aventura é um piquenique? — pergunta e no mesmo instante me pego pensando se não fiz uma besteira.

— Você não gosta? — A prática de piqueniques é normal quando há visitas nas vinícolas e passei a fazer bastante sozinho. Me dá uma sensação de paz inexplicável e eu quero que Gabi sinta o mesmo.

— Sempre adorei. Há alguns anos que não faço...

Merda. Acho que fiz besteira. Ela fica reticente e solta um longo suspiro. Seguro suas mãos e olho em seus olhos.

— Quer fazer outra coisa? Eu só achei que seria uma boa bebermos o vinho sem a bagunça da festa. — Sorrio e ela me acompanha, desfazendo a expressão triste que a assombrara há pouco. — Vez ou outra faço isso, mas sozinho. Me relaxa bastante.

— Não. Quero ficar aqui. Estou me forçando a dar um passo de cada vez, Cadu. Um dia ainda te conto a minha história.

Colocando uma mecha de cabelos castanhos atrás de sua orelha, sussurro:

— Gabi, me perdoe pelas palavras de mais cedo, na corrida. Não queria te importunar ou me intrometer em sua vida.

Ela diz que ficou chateada, mas depois entendeu que eu só queria ajudar.

— Não tenha pressa. Quando estiver preparada, estarei aqui para ouvir. — *Ah, se ela soubesse da minha própria história.* Quem sabe um dia eu também conte. Enquanto isso, só quero viver, aproveitar o momento e desfrutar da companhia desta bela mulher. — Já falamos demais. Vamos agir!

E empenhando-me para lhe proporcionar uma boa distração, peço que se sente e faço o mesmo em seguida.

A conversa flui naturalmente enquanto bebemos vinho e comemos os queijos variados que eu trouxe. Gabrielle é inteligente, tem uma fala sarcástica, ainda que contida, e diz que nunca quis se aprofundar no mundo dos vinhos, por isto tem *quebrado a cabeça* para ajudar os pais. O mais próximo que chegou de falar do passado foi quando disse que fez faculdade de Administração e se especializou em Marketing Digital. Contei que fiz Economia e trabalhava no mercado financeiro de São Paulo e ela ficou surpresa com a mudança radical. *Pelo visto, nós dois fizemos mudanças radicais.*

Ambos falamos da nossa vida pessoal de maneira bem superficial e fico grato por isto. Papeamos sobre trabalho, trocamos ideias sobre o que poderíamos fazer para aumentar a visibilidade e o conhecimento dos brasileiros sobre as vinícolas na Serra Gaúcha, que vai além do Vale dos Vinhedos, contei que tenho alguns projetos para dar andamento.

Não lembro quando tive um encontro tão gostoso com uma mulher. Mesmo que não seja um encontro propriamente dito. O sol entre nuvens proporciona uma temperatura agradável e agora estamos em silêncio, deitados de barriga para cima, cada um apoiando a cabeça nas próprias mãos. A única coisa que separa nossos corpos é a cesta. Ainda assim, está perfeito.

Então, meu celular toca.

Capítulo 14

(...) As estações vão mudar e a vida te fará crescer. Os sonhos vão te fazer chorar, mas tudo é temporário. Tudo vai deslizar e o amor nunca morrerá

(...)

(Birds – Imagine Dragons)

Gabrielle

Quando saio da tina de madeira é que a adrenalina começa a baixar e eu tomo consciência do que aconteceu. Não sei se a impulsão que tive foi causada pela bebida que consumi mais cedo, pelas lembranças vivas da minha infância e adolescência, ou pelo simples fato de estar com Carlos Eduardo. Ao lado dele tudo parece tão simples, leve e... fácil.

Olho para a minha irmã e minha mãe, as duas ficam esperando como vou reagir depois do nosso pequeno show. *Eu estou recomeçando*, digo a mim e abro um sorriso para que saibam que não devem me tratar com estranheza. Não posso negar que foi divertido e que ali, enquanto dançava, todas as minhas preocupações foram levadas, eu só conseguia sentir a mais pura alegria. E foi assustador também.

Carlos Eduardo é um perfeito cavalheiro, isso é inegável. Fazer o que fez, chamar as duas para entrarem na tina comigo, foi de uma sensibilidade sem tamanho. Ainda não consigo formular palavras para expressar o que estou sentindo. E não ajuda muito o fato de o homem estar mais lindo do que nunca, parecendo um daqueles modelos de capa de revista, porém mais bonito e maduro, um colírio para qualquer mulher.

Quando ele diz que quer me levar a um lugar fico reticente, mas resolvo depositar um pouco de confiança nele. Assim que chegamos na

imensidão de vinhas, ele para e coloca a cesta que trouxe na grama. De repente, uma toalha é estendida e já sei o que está fazendo.

Eu fazia muito isso. Sozinha, com minha irmã, com Marcos... com minha filha. A tristeza tenta me vencer, mas procuro ser mais forte e logo Cadu sabe que há algo errado. Não é possível que me conheça tanto em tão pouco tempo. Ou será que se reconhece em minhas ações? Fico com as palavras de Pietra na mente, dizendo que ele pode ter sofrido no passado e me pergunto se um dia estarei bem como ele aparenta estar.

Cadu pede desculpas pelas palavras que disse mais cedo, na corrida, e não sei se foi a conversa com a minha irmã que abriu meus olhos, mas agora percebo que ele só quis me ajudar.

— Já falamos demais. Vamos agir! — sua voz grave interrompe meus devaneios.

Respirando fundo, jogo os pensamentos obscuros para longe e trato de aproveitar cada minuto. Fico impressionada com o quanto Carlos Eduardo é inteligente, animado, interessado, apaixonado pelo mundo dos vinhos.

O *Merlot* que estamos bebendo é delicioso e eu brinco ao dizer que preciso de uma caixa só para mim. O melhor é que ele não me faz perguntas constrangedoras e nem aprofunda o assunto quando percebe algum desconforto, o que torna a conversa muito melhor.

Estamos deitados de barriga para cima, como se fôssemos dois adolescentes aproveitando um piquenique em um dia bonito, não paro de pensar que estou no lugar certo. A passos lentos, mas caminhando.

A princípio não me atento, mas à medida que volto à realidade ouço com clareza.

O toque.

Então, eu travo.

É involuntário.

É como se minha mente estivesse condicionada ao som, não sei explicar.

Meu coração acelera, minhas mãos ficam molhadas, busco o ar que me falta e começo a tremer.

— Gabi! O que foi? O que está acontecendo? — a voz desesperada de Cadu parece distante enquanto minha visão está enevoada e meus pensamentos descontrolados.

Como eu posso ter pensado que poderia ter uma vida normal? De novo, não. Eu não quero lembrar. Eu não posso. Por favor...

Ele senta atrás de mim com as pernas abertas e me puxa com cuidado para que eu fique com o corpo apoiado no seu. Só dá tempo de virar para o lado e vomitar na grama.

— Des-desculpa — balbucio, ainda tremendo, batendo dente com dente. — Não con... consigo con.... trolar.

Odeio ficar tão vulnerável. Odeio!

— Pare com isso. Não tem motivo para me pedir desculpas. Relaxe!

Sento-me de volta e trago as pernas até o meu peito, dando graças a Deus que o vestido não é curto ou minha dignidade teria ido embora de vez. Os tremores são fortes, como em todos os episódios, mas braços fortes me aninham em um abraço apertado.

— Calma! Inspire. Expire. Eu estou aqui. Você está bem, linda — sua voz em meu ouvido é mansa, aveludada e me faz querer dormir. Os tremores vão diminuindo e o ar, como em um passe de mágica, volta aos meus pulmões.

Eu nem percebi as lágrimas desta vez, mas quando uma brisa suave me atinge, sinto minha face molhada. Ficamos em silêncio por minutos que parecem horas.

— Qual foi o gatilho? — Sua pergunta sai *num* sussurro e eu tento me

encolher, mas ele continua me abraçando com firmeza e fica impossível fazer o que quero, que é me esconder. — Não se envergonhe, Gabi. Só quero te ajudar.

Com toda certeza ou ele passou por isto ou já cuidou de alguém com o mesmo problema. A linguagem corporal, o modo de agir... Tudo indica que é de uma pessoa que sabe o que está fazendo.

Não sei se devo responder. Estarei me expondo demais e já basta minha família me tratar com cuidados. Não quero que ele pense que sou tão frágil assim. Contudo, a sua preocupação é autêntica e sinto que posso confiar em Cadu.

Respiro fundo e solto o ar com força.

— Eu não posso ouvir, muito menos mexer ou chegar perto de um celular. Esse é um dos motivos *que* evito sair.

É como se um peso fosse tirado das minhas costas. Falar com alguém que não é da minha família ou minha analista sobre as minhas limitações, pelo menos uma parte que seja, faz com que me sinta menos estranha. Carlos Eduardo fica em silêncio e após alguns segundos diz:

— Entendo. Não precisa dizer mais *nada*, Gabi. *Um dia...* Um dia você me conta. Até lá, sem celular. Estava querendo diminuir meu uso mesmo.

Mesmo que não esteja vendo meu rosto, sorrio fracamente e uma lágrima teima em deslizar. Ele faz parecer que tudo é tão fácil, que as coisas podem ser resolvidas e isso aquece meu coração de uma maneira que nunca imaginei ser possível.

— Obrigada, Cadu. Muito obrigada!

Desde o episódio na Casa Barcellos, há duas semanas, eu e Cadu estamos mais próximos. Corremos juntos todos os dias e ele não me pressiona, me respeita e não me trata diferente, mesmo sabendo dos meus problemas... Tem sido um amigo incrível.

Pietra, que antes vinha todas as tardes, passou a vir menos porque comecei a trabalhar com mais afinco na Famiglia Fiore, ainda com ressalvas, mas tenho dado conta do recado. E com as consultas com a Dra. Nanci meu tempo tem ficado bastante corrido. Parece que, finalmente, as coisas estão se ajeitando. Com tudo isso, não me sobra muito tempo para ficar *remoendo e lembrando*.

A dosagem dos meus remédios diminuiu e consigo sentir a diferença. Estou com mais energia e disposição, menos sonolência, o que me faz aproveitar mais o dia.

Hoje, particularmente, estou ansiosa, mas é uma ansiedade saudável e compreensível. Finalmente vou conhecer o meu sobrinho, Bernardo. Em todo esse tempo que estou na casa dos meus pais, no intuito de não forçar uma situação complicada, Pietra o manteve afastado, mas decidi que quero conhecê-lo. Não posso passar a vida toda me escondendo do que pode me fazer lembrar do meu passado e isto é um passo para a nova Gabrielle. *Devagar e avante*, tem sido meu mantra atual.

Aliso meu vestido azul-marinho, de mangas $\frac{3}{4}$ que fica um pouco acima dos joelhos, e sinto-me preparada para descer.

Ao chegar na sala, encontro meus pais recebendo Pietra e o marido, Marcelo, que está com o filho no colo. Eles podem disfarçar, mas sei que estão com medo da minha reação. Contei o que aconteceu na Casa Barcellos e como o Cadu foi compreensivo e soube lidar com a situação. Desde então, eles têm ainda mais consideração e admiração pelo meu novo amigo. Principalmente minha mãe, que fica jogando umas piadinhas hora ou outra.

Aproximo-me da minha irmã e nos cumprimentamos com um abraço.

— *Tu está* linda, irmã. Radiante! — ela diz, assim que se separa de mim.

— Obrigada! Acho que teremos que fazer compras na próxima semana. Este é o último da leva que você me deu.

Pietra arregala os olhos sem acreditar no que estou pedindo e eu reviro os meus. Não posso julgá-la.

— *Bah!* Com certeza, Gábi! Mal posso esperar.

Cumprimento Marcelo que me olha com um sorriso enorme. Eu havia esquecido como ele é bonito e simpático. Os cabelos pretos têm fios brancos aparentes e estão penteados para trás, seus olhos verdes continuam amigáveis. Faz quase três anos que não o vejo. Quando minha irmã me visitava ele nunca conseguia acompanhá-la por conta do trabalho. Marcelo tem duas lojas que vendem peças de carro e são muito conhecidas na região.

— Quanto tempo, Gábi — me chama pelo mesmo apelido de Pietra desde sempre. — Finalmente vai conhecer o nosso mascote.

Sorrio e olho para o menininho em seu colo.

Meu Deus! Como ele é lindo! Bernardo se concentra em mim com seus olhos grandes e claríssimos. Ele abre um sorriso, mexendo as mãozinhas gordinhas.

Com quase dois anos de idade ele é todo ativo, tentando pronunciar palavras e se agitando no colo do pai. Os cabelos são espessos e escuros, iguais aos de Marcelo, mas os olhos são da mãe. Não tem como negar. Encosto os meus dedos em sua bochecha rechonchuda e o rapazinho pesca o meu indicador e o aperta, sorrindo ao mesmo tempo. É impossível não sorrir junto.

Parece que faz tanto tempo que tive esta sensação...

— Ele é lindo, Pipa. — Olho emocionada para ela, que retribui o

sorriso que dou sem ao menos perceber.

— Quer segurá-lo? — Vejo a cautela em sua pergunta, o receio de que esteja indo rápido demais.

Meus pais estão observando tudo à distância, mas um sorriso se abre em seus lábios, dando-me forças como têm me dado desde que me entendo por gente. Olho para o lindo bebê novamente e é irresistível *não* o pegar. *Eu quero! Sim, quero segurar o meu sobrinho.*

— Sim! — respondo de uma vez, afastando todas as sensações que querem tirar a beleza deste momento.

Com cuidado, Marcelo me entrega seu filho e o ajeito em meus braços, as mãozinhas se agitando querem pegar o meu cabelo, está curioso e eu rio.

— É a titia, filho. Titia Gábi — meu cunhado sussurra para Bernardo e ele parece assimilar o que estão dizendo.

— Titia... — meu sobrinho balbucia no meu colo e é impossível não sorrir com sua esperteza.

Acaricio seu nariz pequeno e afilado, as bochechinhas macias, aprecio a boquinha perfeitamente desenhada. Não tem como não lembrar da minha pequena Giulia, de como meu corpo se lembra da maneira que eu a segurava, de como a ninava, mas desta vez não fico triste, é uma lembrança maravilhosa e nem percebo que estou chorando até molhar a roupinha de Bernardo.

— Como eu demorei tanto tempo *pra* te conhecer, rapazinho? — sussurro. — Você é a coisa mais linda que já vi. A Giulia iria amar te conhecer. Ela amava bebês.

A recordação, ao mesmo tempo que provoca mais e mais lágrimas, me faz sorrir. Meu coração está apertado *num* misto de emoções que só o sorriso de Bernardo é capaz de tranquilizar. É como se ele pudesse ver a

minha alma com seus grandes e inocentes olhos azuis e me dissesse que tudo vai dar certo.

Já o imagino me chamando de tia, correndo entre os parreirais, fazendo arte. Não há um rosto na sala que esteja sem lágrimas.

— Pipa, será que ele vai ser tão levado quanto nós fomos? — Todos riem e chega a ser engraçado o som dos narizes fungando pela emoção de tudo o que está acontecendo. Sem dúvida alguma é uma grande superação para mim. *Mais uma.*

— *Bah*, minha filha, não tenho mais idade para ficar correndo como antes — meu pai brinca e rimos mais uma vez.

— Acho que terei que começar a correr com a Gábi para ter fôlego — Pietra entra na brincadeira.

Passamos uma tarde agradável em família, como há muito tempo eu não usufruía. Almoçamos, conversamos e brinquei por um tempo com Bernardo, tentando recuperar o tempo perdido desde o seu nascimento.

No final do dia estou exausta. Não física, mas mentalmente. Cada vez que passo por uma situação em que tenho que me provar, ou superar, fico assim. Estou deitada em minha cama quando ouço minha mãe me chamar. Grito de volta dizendo que já vou descer.

Ainda não tirei o vestido que usei mais cedo e no último degrau pergunto:

— Cadê você?

Caminho até a sala e só então percebo que há um visitante sentado no sofá. Carlos Eduardo sorri para mim, daquele jeito que é só dele, e não tenho como fazer minha face não corar.

— Olá, Gabi.

— Olá, Cadu. — Minha expressão deve ter entregado a confusão e a surpresa que estou sentindo por ele estar aqui.

— Vim te buscar! — Tento lembrar se marcamos alguma coisa, mas nada me vem à cabeça.

— Ah, sim, tinha esquecido. — Entro na dele sem nem pensar direito e percebo o olhar atento de dona Teresa, mas quando a encaro ela finge que está preparando o jantar.

Minha mãe não existe!

— Daqui a pouco eu volto. — Mesmo tendo 34 anos, gosto de dar satisfação aos meus pais, afinal, estou no teto deles e o que menos quero é preocupá-los depois de tudo o que os fiz passar.

Coloco uma sandália rasteira, sem me importar em trocar de roupa, sabendo que o vestido que estou usando ficou muito bem em mim.

Quando Carlos Eduardo levanta é quase impossível não ficar boquiaberta. O cabelo loiro está penteado para trás com gel, a barba por fazer lhe dá um charme — como se precisasse — e a roupa é um *plus*. Ele veste uma camisa jeans de botões dobrada em seus antebraços e uma calça jeans escura. É inegável que o homem é lindo e sabe se vestir.

Meu vizinho e novo amigo me acompanha para fora de casa e não perco tempo ao perguntar o que está acontecendo.

— Pensei que gostasse das minhas aventuras. — É a única coisa que diz ao pegar minha mão, um gesto tão natural e acolhedor que nem reclamo.

Ele me lança um sorriso malicioso com seus lábios rosados e desenhados. *Às vezes me pego imaginando qual seria o seu gosto...* Seu olhar captura o meu e me pega no flagra, fazendo-me enrubescer pela segunda vez. *Não é possível!* Só posso estar muito carente para ficar tão afetada assim. *O que Marcos diria...*

Não!

Como eu ainda consigo pensar no meu ex-marido? Ele vai casar, pelo amor de Deus! Nem esperou a cama esfriar para arranjar outra mulher. Se eu

não tivesse com problemas para ter um telefone já teria enviado uma mensagem ou tentado ligar, mas dou graças a Deus por não ter feito isso. É melhor assim.

Agora é a minha vez de pegar Carlos Eduardo me analisando descaradamente. Ele tem essa mania, seja nas corridas ou em momentos aleatórios como este, e quando faz isso sinto uma quentura por todo meu corpo, meu coração dispara.

Apesar de achá-lo lindo, atraente e charmoso, não estou preparada para fazer mais do que admirar. Parece algo distante me envolver com outro homem, ainda que a cada contato com Cadu eu fique menos tensa e desconfortável.

Ele nunca é direto em suas colocações, sempre solta piadas, mas não a ponto de me deixar constrangida. Carlos Eduardo sabe bem como lidar comigo e tem sido paciente, mesmo sem saber pelo que passei.

— O que foi, Carlos Eduardo? — pergunto, já irritada com seus olhos queimando minha pele. Irritada comigo, principalmente, por ele conseguir me desestabilizar de uma maneira que não consigo entender. É completamente diferente do que eu sentia com meu ex-marido.

— Uau! Não sabia que poderia te irritar tanto assim, dona Gabrielle. Não posso admirar sua beleza?

Reviro os olhos e balanço a cabeça.

— Sério, Cadu. Para onde estamos indo? — pergunto, tentando mudar de assunto.

— Lembra que eu queria que você experimentasse meu *Chardonnay*?

— Sim, claro! — Ele está animado para que eu experimente o vinho branco da primeira colheita de uvas *Chardonnay* que participou, logo que chegou em Bento Gonçalves há quase três anos. Segundo Carlos Eduardo, será o melhor produto da Casa Barcellos, melhor ainda que o seu vinho tinto

Merlot que eu adoro.

Amo o sabor da uva *Chardonnay*. Meu pai também a planta e com ela faz os famosos espumantes da *Famiglia Fiore*.

— Está na adega — diz com os olhos brilhando. — Assim que foi engarrafado, separei um para bebermos.

Minha expressão muda instantaneamente. Sei o quanto isso significa para ele, que veio de São Paulo a fim de se aventurar no mundo da produção de vinhos, para fazer seu nome em meio a tantas vinícolas espetaculares. Eu o admiro por isso. E o fato de querer abrir a primeira garrafa comigo me deixa assustadoramente feliz.

— Não acredito, Cadu! Estou louca para experimentar.

— Eu sei.

Sorrindo, ele aperta minha mão e apressa os passos para chegarmos em sua casa, enquanto sinto meu estômago revirar a cada segundo com uma agitação desconhecida.

Capítulo 15

(...) Antes da gente dar nome já era pra sempre e eu com medo de ser. Mas quando eu falo de amor por aí é pensando em você (...)

(Nossa Conversa – Kell Smith)

Gabrielle

É a primeira vez que entro em sua casa. O frio na barriga e as mãos suando nada têm a ver com um episódio de pânico/ansiedade. É por estar na casa de um homem depois de muito tempo.

Não é porque estou progredindo, como diz a minha analista, que tenho que estar preparada para todas as situações e, como sempre, Cadu identifica minha inquietação.

— Gabi, fique à vontade, ok? Nada de colocar caraminholas na cabeça. Já volto! — Assinto e ele some da minha vista.

Permito-me analisar o ambiente à minha volta e fico impressionada com a elegância do lugar. Muito diferente da casa dos meus pais que tem uma arquitetura medieval, a casa de Carlos Eduardo é moderna e parece que o ambiente foi feito para compor uma revista de arquitetura. É incrível! Minha mãe não exagerou quando disse que era linda.

Sento no enorme sofá preto de couro que fica na sala e mexo as mãos sem parar, esperando o dono da casa. *Por que ele está demorando tanto?*

O som de violão chama a minha atenção e a voz gostosa, melodiosa, de uma mulher preenche o ambiente.

— Preparei alguns frios e snacks para degustarmos com o vinho — ele diz com uma naturalidade que fico espantada. Ele percebe, é óbvio. — O que foi? Não gostou da ideia ou não gostou da música?

— Não é *nada* disso. Eu achei que só fosse experimentar seu vinho...
— *Não que fosse uma espécie de encontro*, quero dizer, mas não digo.

— Eu estou faminto e imagino que você não jantou já que a sua mãe estava cozinhando, então não vejo problema em comermos algo, até ajuda na harmonização do vinho. Mas se não quiser...

— Está tudo bem. Concorde com você. Eu como, sem problemas — retruco, abrindo um sorriso sincero.

— Ótimo!

— Música gostosa, hein? Nunca tinha ouvido, quem canta? — Faz tanto tempo que não paro para ouvir música que estou me sentindo uma alienígena.

— *Kell Smith*. Se chama *Nossa Conversa*. Particularmente gosto da cantora. As letras são muito boas.

— Parecem ser boas mesmo.

Cadu coloca o *Chardonnay* dentro de um balde com gelo e deixa os aperitivos em uma pequena mesa à nossa frente. Ele se senta na outra ponta do sofá dando-me espaço suficiente, e não consigo esconder o sorriso.

— O que foi? — pergunta, as sobrancelhas grossas e claras arqueadas.

— Não precisa sentar tão longe assim. Ou você está me sacaneando ou está fugindo de mim — provoco.

O riso fácil e a leveza de quando estou com ele são sensações tão bem-vindas que me fazem relaxar e cogitar que poderia voltar a ser a Gabrielle que um dia fui. Destemida, provocadora, engraçada... sensual.

— Estou dando seu espaço, senhorita Gabrielle. — E o sorriso safado já está no rosto de traços fortes e exuberantes. — Não quero que se sinta desconfortável em minha casa. E se eu tratá-la do jeito que gostaria, é capaz de ver uma linda mulher sair correndo...

Não sei se rio ou se lhe dou uma chamada, mas antes que eu pense no

que dizer, minha boca tem vontade própria e diz:

— E de que jeito você me trataria... — Encaro diretamente seus olhos abrasadores. — ... caso eu não corra?

Sem desviar sua atenção, ele morde o lábio inferior e algum lugar dentro de mim borbulha, ferve, e o calor chega a ser insuportável. *O que eu estou fazendo? Estou brincando com fogo e depois não poderei reclamar.* Após alguns segundos que pareceram minutos, ele responde:

— Não acho que você esteja preparada para ouvir. *Um dia...* quem sabe?

Isso, Gabrielle. Tomou, levou! Não se brinca com um cara vivido como Carlos Eduardo. Ele é um homem e não um *piá*, como minha irmã diz. E um homem que tem todo o jeito de ser muito experiente.

Até pouco tempo eu só pensava em definhar com a minha culpa, nem imaginava que sentiria prazer novamente, que teria vontade de viver e desbravar o desconhecido, muito menos que poderia voltar a ser uma mulher de verdade. Não estou sequer perto de me sentir recuperada, mas este homem... ele me faz querer mais. Me faz querer sorrir, correr, viver...

Levanto do sofá, *num* resquício de audácia que um dia eu tive de sobra, e fico entre suas pernas enquanto ele permanece sentado, atento a cada gesto meu, quase sem respirar.

Ouso tocar seu rosto com as mãos trêmulas e levemente suadas e Cadu fecha os olhos, deleitando-se com o deslizar dos meus dedos por toda sua face. Boca, queixo, os maxilares proeminentes, nariz, pálpebras, orelhas, pescoço.

Ele ofega. Eu ofego.

Há um desejo mútuo.

Mas, acima de tudo, há compreensão, respeito e admiração.

Beijo-o na bochecha demoradamente e, em um sussurro rouco, digo:

— Obrigada.

Seus olhos se abrem e estão mais azuis e brilhantes do que nunca. Ele pega as minhas mãos, que estão apoiadas em seu pescoço, e as leva até sua boca, beijando dedo por dedo até depositar um em cada palma carinhosamente.

— Obrigado — sua voz sai baixa e contemplativa.

As palavras não ditas nos rondam, ambos assentimos um para o outro, entendemos e reconhecemos. Uma lágrima solitária desliza pela sua bochecha e eu a enxugo com o polegar.

Então, eu sei.

Não estou sozinha na dor.

Ele sofreu tanto quanto eu e também está reaprendendo a viver.

A campainha toca e de repente é como se não soubéssemos onde estamos ou o que está acontecendo. Saímos do nosso torpor e eu me afasto enquanto Cadu levanta. Ele limpa a face molhada onde mais lágrimas rolaram e parece ser outro homem quando caminha para atender a porta, deixando para trás a vulnerabilidade que expôs diante de mim.

Eu pensei que depois da nossa introspecção o clima ficaria diferente, mas Carlos Eduardo não deixou que isso acontecesse. Logo depois que a campainha tocou — era um dos seus funcionários entregando um molho de chaves —, ele abriu o vinho e nos serviu duas taças.

Ele está na expectativa, nervoso como um adolescente, enquanto bebo o líquido refrescante, frutado e encorpado. *Que delícia!* Fecho os olhos para sentir todos os aromas e sabores, fico maravilhada.

— Meu Deus! Estou apaixonada! — soo dramática, mas não estou

mentindo. É delicioso!

— Você está falando sério, Gabi? Gostou mesmo? — Nunca o vi tão inseguro.

— Carlos Eduardo Barcellos, eu sou uma Fiore. Posso não entender a fundo a produção dos vinhos, mas de aromas e sabores entendo bastante. Este não perde *nada* para outros brasileiros reconhecidos, americanos e até europeus que já consumi. Está divino!

Ele salta da cadeira e vem até mim, dando-me um abraço tão forte que fico sem ar. É impossível não sorrir.

— *Porra*, não acredito que gostou! Você não tem ideia de como eu estava com medo de que não estivesse bom o suficiente.

— Pode ficar tranquilo que está maravilhoso e eu não preciso mentir. Uma vez meu pai disse que vinho bom é relativo. Pode ser ótimo para mim, mas não para você. Posso dizer que, para mim, está divino!

— Você tem toda a razão. Sabe, Gabi, nunca pensei que um dia poderia ser um produtor de vinhos, ter minha própria vinícola. Eu era um estudioso apaixonado pelo mundo das uvas, amante da bebida e não tinha pretensão alguma em viver disso, até que a oportunidade surgiu e não poderia estar mais realizado. Como as coisas podem mudar desse jeito?

Sorrio fracamente para ele, mexendo em uma mecha de cabelo loiro que se desprende do gel, um ato tão íntimo... *tão certo*.

— Ah, elas mudam! Mudam tanto para melhor quanto para pior, Cadu. De uma hora para a outra. Fico feliz que para você tenha sido para melhor.

— Linda, você vai ver como as coisas vão melhorar para você também. Já estão melhorando, Gabi. Só não enxerga quem não convive ao seu lado. Da mulher que encontrei àquela vez, chorando em um balanço....

— Meus olhos se arregalam. *Ele me reconheceu*. — Sim, eu te reconheci.

Meu coração ficou apertado por dias lembrando do seu choro e da sua agonia. E olhe para você agora! Linda, os olhos brilhando, sorrindo... Você merece ser feliz, Gabrielle.

— Será mesmo? — pergunto, aflita.

— Sim, merece. E no que depender de mim, será.

Eu o abraço forte, buscando me apegar em suas palavras, rogando no fundo do coração que seja verdade.

Acordo no meio da noite e fico olhando para o teto, mesmo sem conseguir enxergar *nada* no breu, relembando do que vivi horas atrás. Meu corpo se aquece com a memória do toque de Carlos Eduardo em minhas mãos, seus lábios quentes e convidativos beijando dedo por dedo, o abraço apertado que me permitiu sentir o corpo musculoso onde eu poderia me perder facilmente.

Faz tanto tempo...

Tanto tempo que não sinto um desejo tão grande... tão primitivo.

Tanto tempo que não sinto o calor que venho sentindo toda vez que o vejo, que ele sorri para mim daquele jeito só dele, quando fala que sou linda e me olha intensamente...

Na verdade, não lembro se um dia já me senti assim. Com Marcos era tudo tão diferente. Era um outro tipo de sentimento. Eu me sentia acolhida e segura, mas com Carlos Eduardo é como se eu pegasse fogo constantemente, como se pudesse ser livre independente de qualquer limitação. Há uma necessidade de tê-lo por perto, de ser guiada para onde ele quiser me levar.

Meu Deus! Estou ficando louca. Será que ele sente o mesmo? Algumas vezes posso jurar que sim, porém o seu cuidado e proteção me

confundem. Eu sei que seria injusto e imprudente trazê-lo para o meu caos, mas a vontade de quebrar as regras é enorme. Passar por cima dos meus limites, dos meus medos e receios, da minha dor.

Eu me pergunto como as coisas seriam se eu não fosse tão quebrada... Se a dor da perda não fosse uma constante em minha vida...

Depois de muito pensar, imaginar e fantasiar, meu corpo relaxa, os olhos vão ficando pesados e não lembro quando foi a última vez em que meus devaneios antes de adormecer não foram tristes. Um sorriso de agradecimento se estende pelos meus lábios antes que eu apague de vez.

Capítulo 16

(...) Dá pra viver, mesmo depois de descobrir que o mundo ficou mau. É só não permitir que a maldade do mundo te pareça normal, pra não perder a magia de acreditar na felicidade real e entender que ela mora no caminho. E não no final (...)

(Era Uma Vez – Kell Smith)

Gabrielle

O despertador toca alto perto da minha cabeça e apalpo a mesinha para desligá-lo.

Sete horas da manhã.

— Droga!

Depois de acordar no meio da noite, custei a dormir novamente. Não conseguia parar de pensar em como o Cadu tem se entranhado cada vez mais em minha cabeça e, conseqüentemente, em meu corpo.

Coloco o travesseiro no rosto e tento abafar a expectativa idiota que está se agitando dentro de mim, só porque vou encontrá-lo daqui a pouco em mais uma tortura matinal. Sem esquecer que ele me convenceu de que hoje faríamos exercícios em sua academia depois da corrida. Segundo meu vizinho, preciso fortalecer minha musculatura para correr ainda melhor e evitar lesões.

Quando Carlos Eduardo me apresentou o espaço equipado com aparelhos modernos fiquei admirada. Sem sombra de dúvidas é melhor que muita academia da cidade.

Sento na cama e devagar vou despertando. Ao levantar, pego as roupas que separei para o treino de hoje e entro no banheiro. Faço minha

higiene pessoal, coloco a *legging* branca de compressão de uma marca famosa e o top da mesma cor. É um lindo conjunto e minha irmã acertou mais uma vez. Finalmente tenho *carne* suficiente para preencher o que antes ficava folgado.

Pietra ficou animada quando a convidei para irmos às compras depois do meu trabalho na vinícola e confesso que estou apreensiva para fazer algo que antigamente eu tinha como costume.

Calço os meus tênis, prendo os cabelos e desço as escadas. Ainda não há movimentação em casa. Abro a geladeira, pego a vitamina que minha mãe preparou na noite anterior e entorno em um copo. Bebo em longos goles e saio apressada, fechando a porta.

Escondo a chave dentro de um vaso de planta e antes de virar em direção às escadas, escuto sua voz:

— Atrasada cinco minutos. — Sorrio, mas mordo meu lábio inferior para não rir de verdade.

— Desculpe, treinador. Qual será a punição?

Quando, enfim, olho para Carlos Eduardo fico sem ar. Ele está sem camisa, com uma bermuda mais curta que o normal, própria para corrida, e minha noção do quanto está forte é atualizada com sucesso. Seus olhos azuis brilham em divertimento, enquanto escaneiam cada parte do meu corpo, e o sorriso — *ah, aquele sorriso* — faz com que eu me arrependa da minha brincadeira.

— Sua punição? Vou lembrar disso quando estivermos na academia. — E pisca para mim. — Gostei dessa roupa, Gabi. Acho que fico feliz que vamos malhar na minha casa.

Estreito meus olhos e, curiosa, pergunto:

— Acha, é? Por quê?

— Porque não gostaria de ver um bando de marmanjos salivando em

cima de você.

Antes que eu retruque ou tenha tempo de analisar sua resposta, ele me estende uma pequena caixa. Diante da minha expressão confusa ele logo diz:

— É *pra* você. Um *Ipod*. Coloquei as mesmas músicas que uso para correr e isso aqui — ele chega mais perto — são os fones. Comprei *bluetooth* por serem mais práticos.

Fico sem palavras. Olho para Cadu e para o aparelho em minhas mãos. O gesto significa tanto que preciso fazer um esforço gigante para não chorar. Ele está aguardando que eu fale alguma coisa, mas resolvo responder de outra forma.

Ele parece surpreso quando o abraço pela cintura. Apertado. Ele me abraça de volta, colocando uma das mãos em minha nuca, recebendo meu agradecimento.

— Muito obrigada, Cadu — sussurro, olhando para cima, seu rosto pairando a poucos centímetros do meu.

Depois de alguns segundos é que percebo o quão perto estamos, que ele está sem camisa e que seu peitoral definido está na altura da minha boca.

Ele pigarreia e se afasta um pouco.

— Fico feliz que tenha gostado, Gabi. Deixe que eu coloco em você.

Além do aparelho e dos fones, ele comprou um cinto para guardar o *Ipod* enquanto eu estiver me exercitando. *Este homem realmente existe?*

Carlos Eduardo se posiciona atrás de mim e enquanto afivela o cinto na altura do cóis da minha calça, sinto sua respiração fazendo cócegas em meu pescoço. *Meu Deus! Não posso ficar tão perto dele.*

— Perfeito — murmura ao colocar o aparelho dentro do cinto, mais para si do que para mim. — Agora vou conectar os fones e já podemos começar. Você vai ver como será melhor correr ouvindo música.

Não digo *nada*, apenas o observo. Observo sua concentração, os

músculos das suas coxas, o abdômen trincado, o tórax que há pouco estava colado à minha boca. Molho meus lábios com a língua, repentinamente secos, e viro para o outro lado a fim de disfarçar o rubor do meu rosto. O dia está lindo, sem nuvens no céu e mais quente do que o normal.

— Pronto! Já pode usar. — Ele vem até onde estou e coloca os fones nos meus ouvidos. Eu os ajusto até que estejam devidamente presos e sorrio quando ele dá *play* no *Ipod*. — Está bom de volume? Quando quiser diminuir ou aumentar é só apertar “aqui” e se quiser trocar de música aperte “aqui”.

— Está ótimo, Cadu. Quero testar logo. — Sorrio imensamente grata e feliz.

— Eu também vou testar o meu agora.

— Mas e o seu telefone?

— Faz parte da minha meta de diminuir o uso. Lembra? — Claro que lembro, mas não imaginava que seria tão radical. *Por mim!* Ele consegue me surpreender a todo instante.

— Você não existe, Cadu — digo com toda sinceridade e ele abre um sorriso de canto de boca. *Como adoro esse sorriso.*

— Eu sei, Gabi. As mulheres tendem a falar isso *pra* mim.

Reviro os olhos antes de cairmos na risada, mas não consigo deixar de sentir uma pontada ao ouvi-lo falar de outras mulheres.

Pare com isso, Gabrielle. Vocês são amigos e só. Ele não quer mais um problema para a cabeça. Um cara como Cadu pode ter a mulher que quiser.

— Vamos começar? — pergunto antes que entre em parafusos de tanto pensar.

— Só se for agora.

E enquanto nos alongamos enfrente a realidade, venho pensando mais no meu novo amigo do que no motivo que me trouxe a Bento Gonçalves. Se

fosse antes eu me culparia sem piedade, mas hoje... hoje quero apenas seguir em frente.

Depois de correremos dez quilômetros — bom, Carlos Eduardo correu, eu fiquei revezando entre correr e fazer caminhadas rápidas porque ainda não consigo correr direto por tanto tempo —, seguimos para a sua casa.

A música realmente fez a diferença, pois não consegui ouvir minha própria respiração e isso me deu mais concentração na corrida.

Estou ofegante e ele também demonstra exaustão, mais pelo fato de estar muito quente e o sol castigando de tão forte.

Cadu me oferece uma garrafa de 1L de água e bebo sem cerimônia enquanto ele pega outra e bebe com a mesma voracidade.

— Que calor é esse? — digo, vermelha como um pimentão, abanando-me com um papel dobrado que estava em cima do balcão da cozinha.

— Isso porque eu pensava que aqui no Sul não fazia calor como em São Paulo ou Rio de Janeiro — ele diz, rindo em seguida.

— Pois é, os mitos de toda cidade. Quando fui para o Rio, ainda nova, achava que a cidade se baseava na Zona Sul: Copacabana, Ipanema, Leblon... Você deve conhecer e sabe como é. Não tem nada a ver.

— Conheço sim. O Rio tem mais do que dizem e mostram. A mesma coisa São Paulo. Acham *terrível* morar em uma cidade que não tem praia, mas mal sabem que se quiserem podem ir para o Guarujá, São Sebastião, Bertioga, que são cidades bem próximas. O que muitas vezes é o mesmo tempo que passam no trânsito para chegar nas praias de cidades litorâneas. As pessoas gostam de estereotipar tudo.

— Concordo bastante com isso — digo ao andar pela sala, ainda com a adrenalina lá no alto. — O que vamos fazer agora?

— Que tal um banho de piscina?

Olho para o Cadu como se tivesse duas cabeças e ele arqueia as sobrancelhas.

— O quê?

— Você tem uma piscina?

— Tenho. Não te mostrei?

— Com certeza não ou eu teria lembrado.

— Vem comigo.

Ele me leva para a parte de trás de sua mansão — porque uma casa do tamanho da dele pode ser considerada assim — e fico perplexa quando avisto uma piscina maravilhosa de azulejos azuis escuros, com direito a um degrau elevado para sentar, deitar e relaxar.

Uma tentação diante de um dia como o de hoje.

— Isso não se faz, Cadu.

— Ninguém está te impedindo, Gabrielle. — E caminhando até um chuveirão ele tem a audácia de tirar o short e ficar só de sunga preta, o que ressalta as coxas musculosas.

Pai amado!

Cadu toma uma chuveirada e quando chega na beirada da piscina dá um pulo de nadador profissional, fico aguando para me refrescar também, mas estou sem biquíni em casa — trouxe pouquíssimas coisas do Rio de Janeiro e roupas de banho não foram incluídas na seleção.

— Vai ficar só olhando? — o descarado pergunta.

— Eu não tenho biquíni.

— Entre como está.

Olho para mim. *Será que vão ficar transparentes?* O top não porque

tem um bojo cobrindo os mamilos, mas a parte de baixo... Afasto o cóis da calça e vejo que estou com uma calcinha nude. Acho que posso entrar sem problemas e depois coloco outra roupa para treinar na academia.

— Tem certeza de que posso entrar assim, Cadu?

— Claro, Gabi! Não tenho frescuras. Já entrei aqui de calça e camisa social só para esfriar a cabeça.

— Tudo bem então.

Tiro os tênis, o cinto com o *Ipod* e os fones de ouvido. Respirando fundo, caminho até a borda da piscina e coloco um pé na água.

— Nossa, está deliciosa!

— Vai melhorar quando você mergulhar.

Não duvido disso. Mal posso esperar para esfriar meu corpo com a água geladinha. Solto os cabelos e jogo o elástico na pedra de São Tomé que cobre a área da piscina, antes de abrir o chuveirão e me refrescar. Ao me virar, sem avisar, salto para dentro d'água.

Afundo com tudo e internamente agradeço por ter um vizinho com uma piscina tão boa. Não sei como meu pai não teve essa ideia. Minha corrente sanguínea começa a esfriar gradativamente e já consigo sentir o relaxamento.

Volto para a superfície e Cadu está sorrindo, ainda sentado no degrau elevado.

— E aí?

— Melhor impossível — declaro, chegando ao seu lado para não apenas me sentar, mas também para deitar a cabeça na borda enquanto meu corpo fica debaixo da água encontrando apoio no azulejo.

— Gostei da ideia. — Carlos Eduardo faz o mesmo, porém do outro lado, nossas pernas se esbarrando vez ou outra.

— Uma manhã completamente imprevisível — digo em voz alta, os

olhos fechados, descansando.

— Costumo dizer que os momentos que a gente não espera são os melhores. Não há planejamento, pressão, cobrança, apenas acontecem porque têm que acontecer.

— Cadu, acho que você daria um ótimo terapeuta. — Ele aperta meu pé e eu solto uma gargalhada. — Ai!

Tenho dado mais risadas com Carlos Eduardo do que nos últimos dois anos e meio e um aperto no meu peito faz com que me sinta culpada. Mesmo que eu sempre tente afastar essa sensação ruim, a cada superação ela reaparece, fazendo-me questionar se realmente me importava com o que eu tinha antes...

Meu Deus! Só esse pensamento me faz perder o ar. Fecho os olhos com força e mergulho para longe de Carlos Eduardo. Mergulho na intenção da água levar tudo embora e quando reapareço na superfície, Cadu está na minha frente.

— Você está bem? — *Como ele consegue me enxergar tão bem? Por que ele se preocupa?*

Olhando para além dele, a mente em um caos, pergunto:

— Já sentiu como se não merecesse ser feliz? Que sempre que você acha que está caminhando, avançando, uma força aqui dentro — com o punho fechado bato no meio dos meus seios — te faz dar um passo *pra* trás? Te faz pensar que não pode seguir em frente? Que você não tem o direito de fazer isso...

Meu rosto não está molhado somente com a água da piscina, lágrimas se juntam à minha bagunça. Segurando meu pescoço com suas mãos grandes e fortes, Cadu entra em meu campo de visão.

— Olhe para mim, Gabrielle. *Olhe para mim!* — Obedeço ao seu comando e meus olhos encontram os dele, tão lindos, tão azuis.... mas uma

sombra os perpassa. — Não dê ouvidos a esses pensamentos. *Você* precisa ser forte. Se não fosse para ser feliz, para seguir em frente, você não estaria *aqui...* *Você* merece, sim, ser feliz e *tem* o direito de seguir em frente. Ninguém, *nem você*, pode dizer o contrário. *Você* está entendendo?

Aceno a cabeça, chorando, e suas mãos continuam no mesmo lugar, seus polegares limpando minhas lágrimas que deslizam pela minha boca, maxilares, voltando para meus lábios.

Sinto o clima mudar. Ele já não encara meus olhos. *Suas íris* brilhantes analisam atentamente o contorno da minha boca, seus dedos quentes e acolhedores parecem avaliar a textura da parte superior, então a inferior, traçando um caminho minucioso em uma espécie de transe.

— *Você* é linda.... Impetuosa, engraçada, guerreira, competente... Eu poderia continuar enumerando adjetivos, mas ainda assim não chegariam perto do que vejo em você, Gabrielle. Também vejo dor, mas isso só demonstra que você é real e não uma princesa de conto de fadas.

Ofego. Sua respiração se mistura à minha. Tão perto.

Carlos Eduardo parece travar uma luta e antes que eu perceba me aproximo, hipnotizada por seu toque, pela sua presença, pelo azul dos seus olhos que me dizem tudo e nada ao mesmo tempo.

Fico na ponta dos pés e beijo o canto de sua boca. Faço o mesmo no outro lado. Ele parece segurar a respiração. Seja qual for o controle que vem mantendo comigo, parece se esvair pouco a pouco. Uma mão vai para a minha nuca, gerando uma pressão em meu couro cabeludo de leve, a outra permanece em meu rosto, segurando meu maxilar.

Ele se curva devagar, ficando mais perto, mais perto, mais perto... e é quando o meu mundo para.

Capítulo 17

Não é merecedor do favo de mel aquele que evita a colmeia porque as abelhas têm ferrões.

([William Shakespeare](#))

Carlos Eduardo

Não sei dizer em que momento comecei a desejá-la tanto. Quando nos tornamos amigos ou quando a vi em minha festa, ou no dia em que a conheci ainda muito frágil, durante sua primeira corrida.

Mesmo com o episódio durante o piquenique, não a tratei diferente, muito menos a achei menos mulher por aquilo. Ela pensou que eu iria ignorá-la, que a deixaria de lado, mas eu nunca faria tal idiotice. Não sou garoto e foi o tempo em que eu procurava apenas um corpo ou um rosto bonito. E Gabrielle... ela vai além. Chamou a minha atenção de uma forma inexplicável. É como se eu me reconhecesse nela e pudesse ser eu mesmo, sem desculpas, sem fingimentos.

Sei que não posso ir com tanta sede ao pote e fazer o que realmente quero com a Gabi, entre quatro paredes... *Ainda* não é possível, afinal, há o risco de ela não estar preparada para isso e fugir de mim, porém estou disposto a esperar.

Vê-la tão próxima e com a expressão desejosa chega a doer de tão irresistível. Desde a noite anterior, quando a convidei para degustar aquele vinho em minha casa e compartilhamos um momento íntimo e sentimental, algo que nunca experimentei na minha vida, não penso em outra coisa.

Não paro de imaginar o gosto de sua boca, como sua pele branquíssima ficaria se eu a beijasse dos pés até o seu rosto delicado ou como

seria ouvir seus gemidos enquanto eu a apreciaria com minha língua. Mas, além do carnal, eu quero mais.... Muito mais! E, *porra*, como isso me assusta! Quero cuidar dela, quero protegê-la, quero que ela confie em mim, que me dê tudo, até os seus medos e suas dores.

Abaixando meu tronco, fico a um centímetro de distância do meu destino. Respiro sua respiração, encaro os olhos azuis que me encaram de volta, sem piscar, espero que ela me impeça, que me diga que não está pronta, mas não o faz. Pelo contrário, ela beija os cantos da minha boca. Aí é demais para mim.

Desfaço a distância e me perco.

Ambos ficamos paralisados, assimilando o que está acontecendo. Minha mão agarra os seus cabelos com um pouco mais de força, a outra aperta sua cintura fina, o que me deixa louco, logo minha língua pede passagem e o beijo se inicia. Devagar, seguro, descobrindo, encontrando.

Após sentir seu gosto e ter a certeza de que pode muito bem ser meu novo vício, minha determinação cai por terra.

Apesar de seus cabelos chegarem na altura dos ombros, consigo enrolá-los em minha mão e quando faço isso um gemido rouco sai de sua garganta e o sorvo satisfeito. Querendo mais deste som, mais de sua entrega.

Nossas línguas encontram um ritmo frenético e as mãos percorrem cada centímetro um do outro. Ela desliza suas unhas em meu abdômen, seguindo para os braços até chegar às minhas costas. Gabrielle não tem a mínima noção do que faz comigo e deixo escapar um urro gutural, selvagem.

Deleito-me em cada parte sua. A cintura, os quadris, a bunda perfeita que ficou ainda mais gostosa com essa calça, a lateral dos seios empinados, apenas deixando subentendida a minha vontade de apertá-los e chupá-los... *Porra!* Se continuar assim não vou aguentar. *Preciso ir devagar, mas onde está o meu controle?*

Seguro suas pernas e as coloco em minha volta, levando-a até a borda da piscina, fazendo com que Gabrielle encoste as costas na parede de azulejos.

Como é bom senti-la assim, entregue e despreocupada, tão sedenta quanto eu. Aqui, muito mais que desejo, há verdade, admiração, compreensão, uma ligação que eu não tinha a real noção que compartilhávamos.

O ímpeto do momento vai diminuindo e paro de beijá-la, encostando minha testa na dela, tomando conhecimento de como seus lábios estão inchados. Linda! Nossas respirações se misturam, um esforço para voltar ao normal até que meus olhos encontram os seus e com uma voz que nem eu mesmo reconheço, digo:

— Perfeita! Você é toda perfeita, Gabi.

Ela tenta se desvencilhar dos meus braços, do nosso contato, mas eu a impeço.

— Você pode pensar o contrário, que não merece receber um elogio como este, mas eu repito para que fique bem claro e que você, enfim, compreenda: você é perfeita! Com todos os seus fantasmas, seus temores, continua sendo perfeita.

— E se eu for um monstro? Uma... Uma pessoa ruim que não merece nada de...

— *Shhhhh.* — Coloco um dedo em seus lábios vermelhos e a faço olhar para mim novamente. — Você não é um monstro, eu saberia porque conheço bem sobre pessoas ruins. Você não é e nunca será. Não quero mais te ver falando assim, tudo bem?

Se ela soubesse como eu conheço de perto esse tipo de monstro.

— Ah, Cadu. Parece tão fácil quando você fala... Eu vou tentar... Vou tentar afastar esses pensamentos. Eu adorei cada segundo.

— Que bom — digo, abrindo um sorriso que eu sei que a afeta e aproximo seu corpo ao meu —, porque eu estou louco para te beijar novamente.

Após muitos beijos, carícias e conversas ao pé do ouvido, decidi que era melhor parar. Estávamos entrando em um terreno perigoso e delicado, no qual eu não conseguiria me afastar caso continuássemos naquele ritmo, mas Gabrielle não está preparada. E descobri que eu também não. Não diante da velocidade e intensidade de tudo o que está acontecendo.

Sozinho, reflito nos últimos acontecimentos. Gabrielle precisou retornar para casa, a fim de dar continuidade ao trabalho que vem fazendo na vinícola de seus pais, e quando perguntei se gostaria de jantar comigo, ela disse que já tinha combinado de sair com a irmã para fazer compras. Apesar de precisar me empenhar na procura de um novo enólogo para me ajudar, já que o anterior foi estudar fora do país, não estou conseguindo focar em trabalho agora. Minha cabeça está um turbilhão e necessito conversar com alguém.

Pego o telefone que deixei desligado enquanto a Gabi estava aqui e ligo para Gustavo. A cada toque penso no trauma daquela mulher. *O que pode ter acontecido para ela ter tanta aversão ao celular?* Será que tem a ver com o que aconteceu no passado? Minha mente divaga, querendo decifrar um enigma, mas desisto. Quando for a hora certa vou saber. Depois de vários toques, a chamada cai na caixa postal e fico frustrado por não conseguir falar com meu amigo.

Levanto do sofá e penso em preparar alguma coisa para comer, mas a campainha do meu celular toca e eu já sei que é Gustavo. Sento novamente.

— Está ignorando seu amigo? — pergunto ao atender, abrindo um sorriso quando ele começa a rir.

— *Estava no meio de uma reunião, seu puto! Como é raro você entrar em contato, tive que sair para ligar de volta. Aconteceu alguma coisa?*

— Não, só estava precisando conversar. — Quando não falo mais nada, ele entende que realmente *preciso* conversar.

— *Pode falar.*

— Você está no trabalho, quando...

— *Desembucha logo, Cadu. Eu te conheço e não vou voltar ao trabalho enquanto não começar a falar.*

— Você é um teimoso do *caralho*.

— *Eu sei. Conte, como estão as coisas?*

— Está tudo bem. Muito bem, na verdade.

— *Mas?*

— Não tem “mas”... quer dizer, eu *acho* que estou saindo com uma mulher.

Ouçó o barulho de uma porta fechando e sua voz sai mais alta do que estava antes. Ele deve ter entrado em sua sala.

— Porra, *como assim* você acha? *Ou está ou não está, Cadu!*

— Gus, é complicado. Ela não é nada do que eu estava esperando. Você sabe que não tenho a intenção de ter um relacionamento sério...

— *Sim, eu sei, Cadu. E o que tanto te perturba? Por que ela é diferente das suas saidinhas?* — Ele nem espera eu terminar meu raciocínio.

— Ela desperta alguma coisa em mim, Gustavo, e isso tem me enlouquecido. Ela é linda... Mais que linda. Sempre que a vejo tenho vontade de cuidar e de protegê-la... — Conto tudo. Quando conheci Gabrielle, de quem ela é filha, que ela tem problemas emocionais causados por algum evento traumático, menciono as crises que presenciei, o quanto ela é

inteligente e fascinante, que mesmo sabendo que devo me afastar não consigo ficar longe. Por fim, comento que nos beijamos pela primeira vez hoje de manhã.

Quando termino de falar, a linha fica em silêncio.

— Gustavo?

— *Estou aqui, mas preciso assimilar o tanto de coisa que você jogou no meu ouvido.*

Só ele para me fazer rir em uma hora como essa.

— *Você está completamente ferrado, Barcellos.*

— *Porra, não vem com merda, Gus.*

— *Não estou brincando. Se você não está apaixonado por essa mulher, está quase, meu amigo. O jeito que você fala o nome dela, o modo que a defende e justifica suas ações, é como se ela fosse sua... E eu nunca te vi assim.*

Como se ela fosse sua...

Fecho os olhos e apoio minha cabeça no encosto do sofá, suas palavras martelando em minha mente. Como não falo nada, Gustavo intervém:

— *Eu sabia que Carlos Eduardo Barcellos não aguentaria ficar sozinho por muito mais tempo. Porra, finalmente uma mulher mexeu com a sua cabeça.*

Eu sei que a sua intenção é aliviar o clima, aliviar minhas preocupações e não posso deixar de rir da minha situação. *Como pude não perceber os sinais? Por que não consegui me afastar?*

— *Você é um filho da puta, Gustavo.*

— *Eu perco o amigo, mas não perco a piada. Mas, falando sério... E os seus episódios? Pararam de vez?*

Eu e ele evitamos falar da época sombria que vivenciei logo após o

divórcio, mas entendo sua preocupação. Quando me separei de Sarah não vim direto para Bento Gonçalves. Fiquei um tempinho em São Paulo até me reerguer e conseguir seguir adiante. E foi o pior momento da minha vida.

As vezes em que passei mal achando que iria morrer, o aperto no peito, os tremores, o corpo anestesiado, o choro incontrollável, a garganta querendo fechar... Sem pai nem mãe para me ajudar, foi naquele momento que Gustavo se tornou um grande amigo. Mesmo sem saber lidar com crises de pânico — o que só fui descobrir quando parei no hospital e, depois de diversos exames, diagnosticaram que meu problema era emocional —, ele ficou ao meu lado, ligando, procurando ajuda, encontrando o psicanalista que me atende até hoje via *Skype*. Afinal, do que adianta estar com o corpo saudável e deixar a mente sem cuidados?

— Não, quanto a isso estou bem. Só um sono agitado vez ou outra, mas nada que eu não consiga resolver.

— *Entendo. Você sabe que a qualquer sinal pode me ligar, Cadu. Nem quero lembrar daquelas situações de merda que você passou. Quanto a Gabrielle — só de ouvir seu nome meu corpo reage — deixe acontecer.*

Surpreendo-me porque achei que ele diria para cair fora, ainda mais sendo uma mulher que tem uma bagagem emocional pesada. E emenda:

— *Quem não tem problemas hoje em dia? Acredito que vocês dois possam se ajudar... Só não se feche novamente, Barcellos. Aproveite o que a vida está te oferecendo, meu amigo.*

— Eu preciso pensar...

— *Mande uma foto dela.*

— Como é que é? — pergunto, irritado.

— *Oras, se você decidir não ficar com ela, pelo menos quero saber como é a gatinha que deixou meu amigo de quatro. Quem sabe eu não a deixe de quatro quando for aí...*

Meu sangue ferve e minha vontade é entrar no telefone e dar umas porradas no *filho da puta*, mas sei muito bem o que ele está fazendo e ainda assim não consigo controlar meu instinto. *Que merda!*

— Sua sorte é que estamos a milhares de quilômetros de distância.

— *Não vejo mal algum em enviar...*

— *Não. Termine. A. Frase.* Eu não vou mandar *porra* de foto nenhuma. E quando você vier aqui vou manter Gabrielle bem longe de você, seu pervertido.

— *Aí está o que eu queria ouvir. Trate de não a deixar por medo de reviver o passado, Cadu. Quem sabe ela não encontra um cara que saiba o que realmente quer?*

Uma porrada na cara doeria menos.

— Acho que você já deixou seu ponto, Gustavo.

— *Eu sei que sim. Agora preciso voltar pra reunião.*

— Vai lá. Obrigado, Gus.

— *Que nada! Quando eu for aí você me agradece com uma garrafa do novo Chardonnay.*

— Pode deixar.

Desligo o celular e fico olhando para o nada, digerindo toda conversa. É inevitável lembrar daquele sorriso que me deixa fascinado toda vez que aqueles lábios rosados se curvam para cima.

O que eu não daria para fazê-la sorrir daquele jeito todos os dias....
Mas será que eu estou pronto para algo assim? Será que eu conseguiria ser seu porto seguro, mesmo quando penso que não há nada de seguro em mim?

Capítulo 18

(...) Eu quero aquela vida que a gente inventa antes de dormir. Mas, pra dar certo, sei que tenho que acordar tomando atitude. O tempo não me espera só porque quero jogar tudo pro ar e quase sempre é em desistência que o

fracasso se resume (...)

(Girassol – Kell Smith)

Gabrielle

Não sei como consegui chegar em casa, ainda molhada e carregando os tênis nas mãos, depois da minha pequena aventura. Fiquei tão perplexa por tudo que tinha acontecido que caminhei no automático. Graças a Deus, Carlos Eduardo mora perto.

Depois de tomar um longo banho, comecei a trabalhar em algumas ideias para a vinícola, mas foi impossível ignorar os flashes de lembranças da minha manhã inusitada e totalmente imprevisível.

Eu beijei o Carlos Eduardo. E não fiquei nem um pouco culpada, muito pelo contrário, eu queria mais. *Muito mais!* Seu toque continua latente em minha pele, o gosto de sua boca, seu aperto possessivo, as sensações que invadiram meu corpo quando o senti tão afetado quanto eu... Só poderia ser carência, aquela vontade de ser desejada, tocada, depois de tanto tempo.

Foi impulsivo, insano e sem esperar consequências apenas deixamos rolar. Uma hora aquilo aconteceria porque estava beirando o insuportável. Sua beleza, seu cuidado, o presente que me deu com tanto carinho, o desejo incandescente... Se não fosse Cadu sendo o cavalheiro de sempre, dizendo que tínhamos que ir devagar, eu nem sei se teria conseguido parar. Se gostaria de parar.

Agora, esperando Pietra chegar para irmos às compras, me pergunto se vale a pena contar o que aconteceu ou se mantenho em segredo. Ela não pararia de falar, de fazer suposições e imaginar algo que não existe além de atração física. Ao mesmo tempo, seria injusto não comentar *nada* já que ela, além de irmã, é minha confidente desde sempre.

Ouçõ uma buzina e sei que minha carona chegou. Combinamos de ir ao shopping da cidade e estou ansiosa, não só porque faz bastante tempo que não saio para um programa de “mulherzinha”, como Pietra costuma dizer, mas porque não sei como vou reagir em um lugar em que a maioria das pessoas está “conectada” e o risco de ter um episódio é iminente, mas... *Mais um passo, Gabrielle*. Respiro fundo.

— Tchau, mãe. Pietra chegou!

— Se cuide, Gábi, e aproveite com tua irmã.

— Tudo bem! Até mais. — Vejo a preocupação em seu semblante, pelo fato de eu estar saindo pela primeira vez, de verdade, mas faço um esforço para sorrir e ela parece mais aliviada.

Faço a caminhada até a entrada da vinícola e entro no *Jeep* vermelho de Pietra.

— Carro novo? — pergunto, aspirando o cheiro de couro dos bancos.

— Troquei semana passada. O outro estava me enchendo o saco por ser baixo demais. Eu queria um carro mais alto, então este atende bem ao propósito.

— Ele é bonito. Combina com você.

— Saudade de dirigir? — ela pergunta com extremo cuidado.

— Nem um pouco — digo, rígida, dando-me conta de que está sendo mais difícil do que eu imaginava.

Não dirijo desde... desde o dia em que tudo mudou. Apesar de ser sufocante e minhas mãos ficarem suadas, consigo controlar os tremores e o

enjoo. Muito mais fácil do que quando ouço um celular. Não consigo entender muito bem a dinâmica da minha mente, mas agradeço por minhas limitações não me impedirem de tentar levar uma vida normal. Pelo menos, não totalmente.

— Papai já chegou de viagem? — Pietra muda de assunto.

— Ainda não. Mamãe disse que ele vai encontrar com mais distribuidores hoje e chega amanhã.

— Ah sim. *Bah*, vamos colocar uma música para animar isso aqui — Pietra diz e liga o rádio.

Alguns segundos se passam e uma música que ouvi muito recentemente começa a tocar. Na casa do Cadu. Agora, sem a presença daquele homem que desestrutura minhas proteções, consigo assimilar melhor cada verso, o refrão, a voz aveludada da mulher.

— Essa música é linda — comento, relaxando consideravelmente. Deixo minha mente se esvaziar e apenas as lembranças da noite passada e de hoje de manhã permanecem.

— Eu adoro a *Kell Smith*. Ela arrebenta, irmã. Cada letra que eu fico imaginando como podem se tornar músicas tão lindas.

— É, me disseram que ela é muito boa. — Pietra me olha e ergue as sobrancelhas perfeitamente desenhadas, antes de voltar sua atenção para a Estrada da Vindima.

— Disseram, é? — pergunta como quem não quer nada.

Reviro meus olhos e solto um longo suspiro porque sei que depois do que vou falar, vai começar a *sabatinagem*.

— Sim, Carlos Eduardo disse a mesma coisa quando fui na casa dele na noite passada.

Pietra parece não saber o que fazer. Se me olha ou se continua dirigindo, mas o grito é certo.

— Como é que é?! *Tu foi na casa dele ontem? Como tu me conta desse jeito, Gábi, como se não fosse nada? Barbaridade!*

— Para de exagero, Pipa. Não foi *nada* de mais — minto mais ou menos, porque ontem à noite não rolou *nada* de mais mesmo, a não ser o nosso momento reflexivo. — Ele me chamou para experimentar um vinho branco que ficou pronto e estava querendo minha opinião. Inclusive, você iria adorar. É delicioso.

— É mesmo? Imagino que *ele* deva realmente ser delicioso...

Olho para minha irmã, boquiaberta e ela abre um sorriso malicioso enquanto continua dirigindo.

— Por que fui comentar com você? Sabia que já pensaria besteira.

— *Bah*, não vem com essa, Gábi. Eu venho analisando o jeito que *tu fica* perto do Cadu desde a Vindima na Casa Barcellos. Vai muito além de uma amizade ou o que quer que *tu chame*. E ainda te falo que aquele homem é intenso. Porque quando te olha... *Bahh!* Faz com que os outros caras pareçam *piás*. Ele tem uma maturidade, um porte. Mas, principalmente, te olha com admiração e quando ele sorri... Ah, irmã, *tu sorri* junto. É a coisa mais linda que já vi. E *tu merece* tanto.

Suas palavras me deixam atônita. *Como isso é possível? Um homem como Carlos Eduardo se interessar por uma mulher como eu, com problemas até o topo da cabeça? Não, é apenas uma atração.*

Pietra pode ser bem enérgica quando quer. Para ela é tudo ou nada. Se beijou, vai ser algo mais e pronto. Não pode ser apenas um beijo. Ah, não! Para ela vai além. *Conto, não conto, ignoro?*

Finalmente chegamos ao shopping e não tenho noção de quanto tempo fiquei em silêncio. Minha irmã estaciona o carro, mas não sai imediatamente. Ela vira o corpo em minha direção e pergunta, parecendo nervosa:

— Fui longe demais?

O que me mata é ela pisar em ovos comigo. Pensar que vou desmoronar a qualquer momento. Mas como poderia ser diferente? Até pouco tempo eu vivia tendo crises de choro, qualquer palavra mais dura fazia com que me sentisse ameaçada, eu recuava, entrava em meu casulo de dor e sofrimento.

Fecho os olhos e balanço a cabeça.

— Você não foi longe demais. Mas Carlos Eduardo não gostaria de ficar com uma mulher ferrada como eu. Não quando ele tem seus próprios fantasmas para lidar.

— Gábi, não tire conclusões precipitadas. Já te disse que todos temos direito a uma nova chance. Não somos donos de nossos destinos, querida. Ledo engano quem pensa assim. E se for para vocês ficarem juntos, não importa se um dia foram quebrados ou não, enquanto houver esperança, haverá uma oportunidade para ser feliz.

A emoção é palpável, mas consigo controlar as lágrimas. Começo a rir quando lembro do que falei para Carlos Eduardo mais cedo, porque vem a calhar no momento.

— O que foi? — Pietra indaga, confusa.

— Você e Cadu dariam ótimos terapeutas.

O resultado são duas irmãs gargalhando dentro do carro, em pleno estacionamento do shopping. E sem esperar jogo ao vento, mais leve que nunca:

— Nós nos beijamos hoje de manhã.

As risadas cessam. Por alguns segundos apenas. Pietra volta a gargalhar ainda mais alto, abanando-se com as mãos e eu não me contenho. Duas loucas, mas duas loucas que se entendem. Nos abraçamos, os risos diminuindo, e ela se afasta para me olhar.

— Estou tão feliz por ti, irmã. Pode ser apenas um beijo, mas também pode ser algo mais. Não se feche. Deixe acontecer.

Aceno em concordância e após respirar fundo, digo:

— Vamos? Temos trabalho a fazer.

— *Bah*, hoje eu serei tua fada madrinha, querida. — E não duvido nem por um segundo de suas palavras.

Três horas depois, roupas e calçados para usar por um bom tempo, muitas risadas e sem crises, chegamos na Família Fiore. Não lembro de quando foi a última vez que me diverti tanto com a minha irmã.

Pietra desliga o carro e pergunto se não vai entrar.

— Não, já falei com a mamãe. Marcelo está me esperando.

— Eu adorei nossa tarde, Pipa. Muito obrigada por não desistir de mim, por me levantar.

— É tu quem está fazendo isso, Gábi. Eu sou apenas tua maior fã e torcedora. Bom, depois da dona Teresa, claro. — Sorrimos e trocamos um olhar cúmplice, que diz muito mais que palavras.

— Dê um beijo no Bernardo por mim. Já estou sentindo saudade daquela gracinha. — É a mais pura verdade. Meu sobrinho é uma fofura.

— *Bah!* Pode deixar. Vou falar com a mamãe *pra* gente fazer um almoço no final de semana e trago ele.

— Ótimo. Até mais, Pipa.

— Até, Gábi. — Saio do carro e abro o porta-malas, pegando as diversas sacolas espalhadas. — Lembre-se: deixe acontecer.

— Vou tentar!

Logo que me afasto ela acena e joga um beijo para mim, antes de

partir em direção à sua casa.

— Acho que alguém precisa de ajuda.

Tomo um susto tão grande que meu corpo chacoalha todo, fazendo algumas sacolas caírem das minhas mãos. Ele tem a coragem de rir.

— Você está maluco?

— Eu não sabia que você não tinha me visto. Desculpe. — Ele tenta ficar sério e eu reviro os olhos, pegando as sacolas do chão.

— O que está fazendo aqui?

— Vim ver se você estava em casa porque quero te convidar para jantar comigo amanhã.

Direto. Muito direto. Tento aparentar indiferença, mas meu corpo não reage da mesma maneira. Um arrepio passa pela minha espinha e segue para os braços, cujos pelos ficam eriçados instantaneamente, meu rosto enrubesce, meu coração.... Ah, meu coração acelera como se estivesse correndo uma maratona.

Carlos Eduardo pega as compras da minha mão com graciosidade, sem me dar tempo para reclamar ou dizer que não precisa. Ele apenas *toma* das minhas mãos. *Toma o que quer...* Isso me faz lembrar dos seus braços me apertando, suas mãos me tocando, de sua boca cobrindo meus gemidos, *tomando* cada gota de desejo para si...

— Hum... — Tento formar uma frase, mas é difícil dispersar as lembranças com ele tão perto, então vou para a defensiva: — E não podia esperar até a corrida de amanhã?

Arqueio as sobrancelhas e espero sua resposta. Sabendo do meu problema com celulares, a única forma de ele conseguir falar diretamente comigo é vindo até aqui. Pergunto como seria se não morássemos lado a lado.

— Na verdade, não.

Após caminharmos por toda a extensão do vinhedo, subimos as

escadas da ampla varanda e ele lentamente deposita as compras no chão. Seu rosto lindo, forte e másculo se volta contra o meu, arrancando-me um suspiro trêmulo.

— Por quê? — Consigo perguntar, diante de toda a intensidade que nos envolve. É palpável. Espessa. Densa.

— Porque eu não poderia fazer isso.

Todo resquício de controle vai para longe quando toma minha boca. Sim, mais uma vez ele não apenas me beija, mas me toma como bem quer. Seus braços musculosos envolvem minha cintura, apertando-me contra a dureza do seu corpo e me sinto ardendo.

Minhas mãos não sabem o que fazer primeiro. Se puxam seus cabelos, se apertam seus bíceps. Resolvo fazer os dois. É para isso que tenho duas mãos. Eu também o tomo. Aspiro o ar pelo nariz sem me afastar dos seus lábios quentes, de sua boca irresistível, de sua língua atrevida que me faz ter pensamentos lascivos quando se movimenta preguiçosamente contra a minha, e eu gemo baixinho, sem vergonha de me expor, de mostrar que estou entregue, não me importando com mais *nada* à minha volta.

Ouçó algo quebrar dentro da minha casa e devagar me afasto. *Minha mãe!*

— Acho que esquecemos da plateia — sussurro, estranhamente tranquila e ciente de que não estou fazendo *nada* de errado.

Ao tirar meus olhos dos lábios vermelhos e inchados do meu vizinho, que devem ser reflexo dos meus, encaro *suas íris* azuis límpidas e brilhantes. Encontro fome, um desejo tão grande que seria capaz de fazer loucuras comigo caso não tivéssemos companhia. E, dentro de mim, sei que cederia.

— Desculpe. Não consegui me segurar. Não depois que experimentei o gosto dessa boca gostosa — sua voz rouca e grave me faz estremecer. *Meu Deus, o que está acontecendo comigo?*

— Não precisa se desculpar. Eu também não fui muito discreta. —
Nós dois rimos, ainda abraçados, as testas se tocando. — Só preciso conversar com ela.

— Tudo bem. E o meu convite?

— Não sei se seria uma boa ideia, Cadu...

— Será apenas um jantar, Gabi.

As palavras de Pietra piscam em minha frente: *deixe acontecer*.

— Tudo bem. Que horas? — Mesmo consciente de que eu poderia perguntar amanhã pela manhã, prefiro saber logo para me preparar mentalmente.

Ele não finge o alívio pela minha resposta.

— Às 20h te pego aqui.

— Não precisa. Posso ir...

— *Eu te pegarei às 20h*. Sem discussão, ok?

Sua determinação mexe comigo e me esforço para não o beijar novamente.

— Tudo bem, mandão.

— Muito bom. Agora vou deixar você se recompor porque imagino que a sua mãe esteja louca atrás daquela porta.

— Não tenha dúvidas. Nos vemos amanhã de manhã.

— Com certeza. Até, Gabi.

— Até, Cadu.

Ele se afasta e permanece parada, pensando no que acabei de fazer, quando ouço logo atrás de mim.

— A mocinha tem muito para me explicar, não tem?

Giro meus tornozelos e encontro minha mãe com as mãos na cintura, fingindo uma expressão de repreensão, mas ela não consegue segurar o riso.

— Vamos entrar, mãe. — Junto todas as sacolas e caminho em

direção à porta. — Quem sabe se você fizer uma sopa de capeletti e muita polenta eu te conte?

— *Bah!* Eu farei sim e *tu vai* me contar tudinho e depois quero ver o que comprou.

— Ok, mãe. Vamos para a cozinha.

Decido abrir meu coração para a mulher que vem cuidando de mim, incessantemente, por toda minha vida. Em especial, nos últimos dois anos. Ela que sofreu, chorou, consolou, se dedicou e continua se dedicando, merece saber de todos os meus passos e de todas as minhas superações. Não porque é uma obrigação, mas porque ela faz parte de tudo isso. Se não fosse por minha mãe e por meu pai eu não estaria aqui. Por isso devo minha vida a eles e o que eu puder fazer para vê-los felizes e bem, eu farei.

Capítulo 19

O passado é um prólogo.

([William Shakespeare](#))

Carlos Eduardo

— Sarah, o que você está fazendo aqui?

— Oras, não está feliz com a minha visita, *querido*?

Prendo a respiração com o apelido que ela costumava usar quando éramos casados. Tão pejorativo quanto qualquer coisa que saia de sua boca.

— O que você quer, Sarah? Nós não estamos mais juntos, não temos mais *nada*.

— Você é que pensa, Carlos Eduardo. Nós nunca nos separamos. Você apenas mudou de Estado.

Meu coração acelera em agonia quando ela se aproxima lentamente, os fios vermelhos, embora mais curtos, descendo em ondas um pouco abaixo dos ombros, os olhos verdes e grandes indicando uma malícia suja e a boca propositalmente pintada de vinho. Manipuladora e calculista ao extremo, ela sempre pensou em tudo. E ainda queria vir com a conversinha de que estava se tratando.

Sua presença macula minha casa, o que eu construí depois de me livrar de suas garras, depois de me reerguer. Eu quero gritar, quero fugir.

— Saia daqui, Sarah, antes que eu chame a Polícia. — Ela avança mais e mais em minha direção.

A mulher que eu chamava de esposa desafivela o sobretudo preto que cobre seu corpo e quando o joga no chão, está completamente nua.

— Sarah, pare com isso! Você só pode estar louca se pensa que quero

alguma coisa com você.

— Ah, *querido*, eu só quero o que você tem de melhor. Esse corpo gostoso. O resto eu não faço questão.

Totalmente exposta, uma cicatriz em especial chama a minha atenção e eu me contorço até vomitar a poucos metros de distância de seus saltos caríssimos.

Seu rosto se deforma, visivelmente enojado.

— Eu havia esquecido como você é fraco. Porém, não vim de tão longe para sair de mãos vazias.

Ela se aproxima, pisando no líquido que acabei de despejar e ainda estou encurvado, com as mãos nos joelhos, recuperando meu fôlego. Como se o mundo parasse, sinto suas mãos agarrando meus cabelos, da mesma forma que ela fazia durante o sexo, e algo em mim se desprende.

Um urro sai da minha garganta quando me endireito e pego seus pulsos. Seus olhos têm um brilho de loucura, perversidade, é algo doentio. Ela não sente medo, não sente remorso, muito menos arrependimento. Ela não sente absolutamente *nada*.

— *Não. Toque. Em. Mim!* — digo, entredentes. — Eu não sou seu, não quero te ver nunca mais. Saia da *minha* casa agora!

— Um mero bichinho de estimação que só late, mas não morde. *Querido*, a sua vizinha já sabe o quão passivo você é? Ela sabe que você não passa de um *profissionalzinho* de quinta categoria que pensa que sabe fazer vinho? Que é um fracassado?

Sua risada poderia ser comparada a uma bruxa, sem sombra de dúvidas. A malignidade de cada gesto e palavra causa arrepios por todo meu corpo. Assim como acontecia quando morávamos juntos.

A princípio ela se mostrou uma mulher maravilhosa, engraçada, além da beleza exótica. Nos conhecemos na empresa em que eu trabalhava e

Gustavo acompanhou nosso relacionamento desde o início. Ele também ficou assustado quando as coisas começaram a mudar, um ano depois de eu e Sarah casarmos.

Nós vivíamos muito bem em um bairro nobre de São Paulo, tínhamos um belo apartamento, cada um possuía seu próprio carro — sempre os mais atuais —, mas nada bastava para ela. Sarah queria que morássemos em uma casa de não sei quantos milhões de reais, começou a dizer que eu deveria ganhar mais já que, naquele momento, seu salário se igualava ao meu e aquilo era inadmissível. Segundo ela, *eu era o homem da casa e precisava suprir todas as nossas necessidades*. Como se eu não me desdobrasse para nos dar uma vida boa.

E a partir dali começaram os problemas. Problemas que quase me destruíram.

Voltando à realidade, pergunto-me o que essa mulher sabe de Gabrielle. E se Sarah fizer sua cabeça? Preciso protegê-la.

Antes que eu responda, a porta se abre e não posso acreditar no que estou vendo.

Gabrielle, que perceptivelmente esboçava um daqueles sorrisos lindos que amo, estanca na entrada da minha casa, vestida com roupas de treino, e seus lábios se curvam para baixo sem que perceba. Sua beleza é ofuscada por uma expressão de confusão quando vê Sarah, nua, e eu com apenas um short, segurando seus braços. É claro que ela não vai notar o vômito no chão, a mente logo junta dois mais dois quando um homem e uma mulher estão em uma posição comprometedora, e com ela não é diferente.

Lágrimas escorrem por sua pele alva e eu solto os pulsos de Sarah — que sorri vitoriosa —, e caminho em sua direção.

— Gabrielle, por favor, não é o que você está pensando.

Ela não me ouve. *É claro que não me ouve.*

— Ela é a minha ex-mulher e não está bem de cabeça.

— Ah, é verdade, eu não estou nada bem... *Gabrielle*. — Sarah gira o corpo para ficar de frente para Gabi, sem qualquer vergonha, expondo suas curvas nuas e sorri abertamente.

Porra! Como eu me odeio por ter ficado com essa mulher por tanto tempo, por tê-la deixado quase foder com a minha cabeça. E ela está prestes a fazer isso novamente.

Antes que eu me dê conta, Gabi sai correndo. *Por favor, Gabi, Por favor, não fuja de mim!*, é a minha oração silenciosa enquanto sigo correndo para alcançá-la.

— Gabrielle, Gabrielle!

Meu rosto está molhado, não apenas de suor, e minha garganta lateja de tanto gritar, enquanto me sento na cama.

Por um segundo estou desorientado, sem saber o que está acontecendo, quando assimilo que tudo não passou de um pesadelo.

Putá que pariu!

As batidas do meu coração estão tão fortes que parecem um bumbo tocando diretamente em meus ouvidos. *Não é real, não é real, não é real.*

Sinto o enjoo me envolver e corro para o banheiro. Depois de vomitar duas vezes, fico sentado no chão, sem conseguir me levantar.

Vez ou outra, quando tenho um sono agitado, sonho com minha ex-mulher e o que aconteceu no passado, mas nada como o que tive há pouco. Parecia tão real que senti na minha alma cada emoção: pavor, raiva, impotência, tristeza, dor. O que mais me deixa atordoado é que Gabrielle apareceu. Ver seu rosto contorcido em dor, uma dor causada por mim ao seu coração já tão machucado, foi como um nocaute.

Pego meu celular e vejo as horas: três da manhã.

Quando finalmente tenho forças para me levantar, resolvo tomar um

banho demorado, tirando o suor, a sensação ruim que ainda envolve meu corpo e mente, ao me sentir relativamente calmo, desligo o chuveiro, me seco e volto para a cama, não sem antes trocar os lençóis.

Tento não relembrar a porcaria de noite que tive. Pela primeira vez, em muito tempo, estou feliz e disposto a deixar as coisas acontecerem, eu deveria imaginar que minhas inseguranças me assombrariam.

Quando avisto Gabrielle vindo em minha direção é impossível evitar que meu corpo se agite, principalmente um órgão teimoso que insiste em golpear meu peito descompassadamente. Linda é um adjetivo muito simples para descrevê-la. Usando um conjunto de top e short cinza, ela está deslumbrante. Quem viu aquela mulher magra demais, a tristeza curvando seus ombros e deixando seus olhos azuis opacos, não acreditaria que é a mesma pessoa.

Ver o brilho em seus olhos ao presenteá-la com o *Ipod* me deixou satisfeito. Eu queria que se sentisse incluída de alguma forma. Imagino o quanto deve ser difícil conviver em um mundo tecnológico sem conseguir olhar ou mexer em um celular. Multiplique isso pelo fato de ela ter se formado em Marketing Digital. *Porra*, deve ter sido um baque grande demais para causar um trauma tão forte que mudou todo o seu estilo de vida.

— Bom dia — ela cumprimenta quando finalmente me alcança, um pouco sem graça, sem saber o que fazer com as mãos.

Abro um sorriso — aquele que eu sei que ela adora — e a abraço, cobrindo sua boca com a minha. *Eu poderia fazer isso todos os dias.*

— Bom dia, Gabi. Você está linda. Pode virar uma modelo de roupas de academia se quiser.

— Ah, ok! — O sarcasmo em sua resposta é nítido, mas não menti e nem exagerei. Ela realmente poderia ser uma modelo. — Obrigada de qualquer forma, Cadu. Ontem saí com Pietra e digamos que abasteci meu estoque.

— Verdade. Tinha me esquecido. Como foi com sua mãe? Está tudo bem?

Quando me dei conta de que estava beijando Gabrielle na varanda de sua casa, já era tarde demais. Não me liguei que sua família poderia estar lá, eu só queria beijá-la mais uma vez, provar seu gosto viciante, mas depois fiquei preocupado com o que poderiam pensar de mim, saindo às escondidas com a filha deles, como um adolescente. *Quem diria, Carlos Eduardo Barcellos?*

— Foi ótimo. Dona Teresa encarou bem, na verdade. Nada com o que se preocupar. Minha mãe sabe que somos adultos e, apesar de morar com ela, não me priva das minhas vontades.

— Que bom! Isso realmente é muito bom.

Fico em silêncio, os lampejos daquele pesadelo maldito querendo tirar minha tranquilidade e o melhor a fazer é começar a correr para gastar energia e expulsar os demônios que tentam me levar ao inferno.

— Está tudo bem? — Gabi pergunta.

— Tudo bem sim. Só tive uma noite agitada. Vamos começar?

Ela assente, respeitando meu momento de introspecção, liga o *Ipod* e ajusta os fones. Nos alongamos por alguns minutos e seguimos em direção às trilhas do Vale dos Vinhedos. Logo estou correndo em um ritmo mais acelerado do que o normal e Gabi consegue me acompanhar. Ela está bem melhor. Respirando corretamente, a postura ideal e pisadas precisas.

Olho de relance para o seu rosto vermelho, suado, e ainda assim é a coisa mais linda que eu já vi. Como se percebesse que está sendo observada,

ela me encara um pouco ofegante, tentando compreender o que está ocorrendo até sua expressão se abrandar e a boca desenhada se curvar em um sorriso que me arrebatava por inteiro.

É nesse momento que eu sei. Simplesmente sei que nada acontece por acaso, que eu não poderia estar em outro lugar, que vir para Bento Gonçalves vai muito além de ter tido um casamento de merda, muito além da minha vontade de produzir vinhos. É porque eu *precisava* estar aqui para recuperar algo que perdi lá atrás.

Esperança.

Esperança de que, apesar de tudo o que passei, o que tive que suportar, ainda posso ser plenamente feliz.

Estou aqui *por* esta mulher. Ainda não sei bem o que vai ser daqui para frente, mas a certeza que eu tenho é que estou me encontrando dia após dia. Me encontrando *nela*.

Capítulo 20

(...) Vou até você com a fé esmaecida, me dê mais do que uma mão para segurar. Me pegue antes que eu atinja o chão. Diga que estou segura, você me tem agora (...)

(Take Me Home – Jess Glynne^[11])

Gabrielle

O dia está rendendo. Depois de correr, malhar com Carlos Eduardo e fazer alguns planejamentos na Família Fiore, agora estou aguardando minha vez para mais uma consulta com a Dra. Nanci.

Minha mente me leva aos acontecimentos de mais cedo. Cadu estava mais concentrado do que o normal e respeitei seu silêncio. Contudo, o olhar que ele me lançou enquanto corríamos foi... não tenho nem palavras para expressar o que aquilo significou, só sei que foi impactante.

Dizia tudo e nada. Me acalmava e me agitava. Me protegia e me despia. Foi a coisa mais louca que já senti em toda minha vida. A vontade que me deu de sorrir foi tão grande que não pude agir de outra forma senão me render. Por um momento achei que estivesse delirando, mas quando ele sorriu de volta fiquei tão desnorreada que precisei reduzir um pouco a velocidade, para não cair estatelada no chão.

Na academia foi outro teste de resistência. Carlos Eduardo elaborou uma lista de exercícios para mim, deixando tudo registrado no quadro branco disposto em uma das paredes.

Nunca pensei que fosse tão difícil treinar sob a supervisão de Cadu. Sua atenção me deixou quente a ponto de eu pedir para diminuir a temperatura do ar condicionado. O olhar intenso ao me encarar enquanto me

alongava no colchonete, os dentes cravados em seu lábio inferior...

O conjuntinho que eu estava usando era muito bonito e se ajustou perfeitamente em mim. Não sou de usar short para correr, mas confesso que me senti muito melhor por conta do calor. Pelo visto Cadu gostou bastante. Ele não parava de me analisar.

E o que falar do seu corpo? Esculpido com perfeição. Nunca imaginei que seria tão excitante observar um homem fazendo exercícios. Sem camisa, eu conseguia ver cada músculo sendo trabalhado. Pernas, costas, trapézio, peitoral, braços, abdômen. Uma visão privilegiada, com toda certeza, mesmo que fossem apenas relances para que não ficasse na cara que eu estava secando o homem.

Junto às memórias do dia, é inevitável não rir da reação de dona Teresa quando contei o que estava acontecendo entre Carlos Eduardo e eu. Ela bateu palmas de felicidade, dizendo que estava torcendo para que isso acontecesse, que gostaria de fazer um jantar lá em casa e que eu poderia convidá-lo, mas pedi para ir com calma. Aquela mulher não tem freio.

Sobre o meu trabalho na vinícola, fazia tempo que eu não ficava tão focada. Depois de Pietra me presentear com uma máscara facial à base de uvas finas, que segundo ela é o último lançamento da *Vinotage*, marca de cosméticos comandada pelo grupo *Famiglia Valduga*, comecei a pensar em uma forma de aproveitar este mercado.

Já usei alguns dos seus produtos na época em que não vivia um dia sem passar cremes e mais cremes, confesso que eram os meus preferidos. Eles extraem o máximo da força natural dos polifenóis da uva — que têm ação antioxidante e são um aliado contra os radicais livres — para criar uma linha de cosméticos. O mais incrível é que são produzidos 100% com bases vegetais, harmonizando recursos naturais e tecnologia.

Cheguei até a falar para os meus pais investirem no ramo, lá atrás,

mas o meu trabalho era tão insano que não me permitiu continuar com aquela ideia, também porque eles sempre ficaram reticentes já que teríamos que contratar novos funcionários, especialistas na área de beleza e montar outro laboratório, apenas para a nova produção. Não seria pouco trabalho, claro que não, mas poderia gerar muitos resultados.

Anos depois, resolvi trazer o assunto à tona novamente. Tentei convencê-los, disse que o público feminino vem consumindo cada vez mais vinhos — vejo isso nas visitas que a nossa vinícola recebe e há um número grande de mulheres — e a busca por produtos de beleza e rejuvenescimento é constante. E não posso deixar de considerar que os homens estão igualmente vaidosos e preocupados com o corpo.

Poderíamos expandir consideravelmente nossa linha de negócios com a possibilidade de exportação dos produtos para departamentos de beleza no Brasil todo, até no exterior, porém a grande verdade é que Teresa e Marco Fiore são muito agarrados à tradição e não gostam da ideia de se aventurarem em águas desconhecidas, afinal, estão satisfeitos com o desempenho da vinícola.

Muito diferente da posição de Carlos Eduardo.

Quando conversamos sobre maneiras de crescimento e visibilidade da Casa Barcellos, ele se mostrou aberto a investir no que fosse necessário para conquistar mais espaço. Sua visão e conhecimento de mercado financeiro somada à paixão pelo mundo dos vinhos é uma combinação poderosa. Ele pode fazer bom proveito desta oportunidade.

Não vejo a hora de falar com ele sobre isso, então me lembro que temos um jantar marcado às 20h e minha inquietação piora. Perdida em pensamentos, não ouço meu nome sendo chamado até perceber que a Dra. Nanci está parada na minha frente.

— Boa tarde, Gabrielle.

— Boa tarde, Dra. Nanci. Desculpe.

Levanto e sigo em sua direção. Ela fecha a porta e me sento no sofá de sempre.

— Como está? — pergunta, indo para sua poltrona, o bloco de anotações na mesinha ao lado.

— Estou bem.

— Parece muito bem. Alguma novidade desde a nossa última sessão?

Tenho vontade de omitir uma certa informação, mas ela é a minha analista e preciso ser sincera, como tenho sido desde que cheguei aqui.

— Continuo fazendo minhas corridas diárias, hoje comecei a malhar, tenho tido bons resultados no trabalho e ontem saí com minha irmã para fazer compras.

Não comento a principal novidade porque estou criando coragem.

— Muito bom. Parabéns pelo progresso! E teve algum episódio por esses dias?

— Não. A última vez foi na festa do Carlos Eduardo.

— E por falar nele, como tem sido a relação de vocês? Na última vez que nos vimos *tu disse* que estavam conversando bastante.

— Está muito boa.

Dra. Nanci parece esperar que eu complete minha fala e eu solto um longo suspiro.

— Nós nos beijamos.

Ela pega o bloquinho e faz uma anotação.

— Um grande avanço, Gabrielle. E o que *tu tem* sentido em relação a isso?

— Aconteceu de maneira natural. A princípio me senti culpada por querer, por desejar, mas... depois que aconteceu não senti culpa. Ele tem me ajudado e eu nem sabia que precisava ser tocada e querida até encontrá-lo.

Passei tanto tempo achando que eu era um monstro, remoendo as ações do meu ex-marido com relação a mim, porém o Cadu me faz ver e sentir que não sou *nada* daquilo. Mesmo que, por dentro, eu ainda não tenha tanta certeza.

Mais anotações.

— Gabrielle, é nítido o teu progresso. Tanto no modo de falar quanto no modo de se portar. Está indo muito bem. Comece a pensar naquele desafio. Aproveite as tuas superações e avance aos poucos.

— Vou tentar, Dra. Nanci. Vou tentar. — Só de cogitar o que preciso fazer, minhas mãos suam e minha boca fica seca, contudo, sei que não posso fugir para sempre.

— Que bom, Gabrielle. Este é o caminho.

Aliso meu vestido pela décima vez em frente ao espelho.

— Gábi, é capaz que o pobre espelho fique enjoado de tanto te ver.

— Para com isso, Pietra. Estou nervosa. É um encontro, pelo amor de Deus. Não achei que faria algo do tipo depois de me divorciar do homem que era o amor da minha vida.

— *Bah!* Falou certo. *Era* de não é mais. A vida está aí para ser vivida, querida. Deixa eu terminar a maquiagem, vem.

Sento na beirada da cama e Pietra espalha o blush. Quando soube que eu jantaria com Cadu ela fez questão de vir me ajudar. De olhos fechados, não consigo impedir que uma lágrima role e deslize pelo meu rosto.

— O que foi, Gábi? Por que está chorando?

Ainda com os olhos cerrados, recebendo os cuidados da minha irmã, respondo:

— Eu nunca vou esquecer de tudo o que você está fazendo por mim,

Pipa. Se estou me reerguendo, mesmo que um pouco capenga e com um buraco enorme no peito, você tem uma parcela muito grande nisso. Obrigada por ser minha melhor amiga.

— *Bah*, minha irmã. Meu maior desejo é que *tu seja* feliz. Por favor, pare de chorar que eu preciso finalizar esta obra de arte.

Faltando dez minutos para o horário marcado, estou pronta. Pietra me surpreendeu. Ela não pegou pesado, apenas ressaltou as maçãs do meu rosto e os olhos, na boca passou um batom nude.

— Não sabia que maquiava tão bem, Pipa.

— Eu amo maquiagem, Gábi, e vez ou outra assisto vídeos na internet.

Internet. Quando eu poderia imaginar que ficaria mais de ano sem acessá-la? Minha vida era imersa no mundo da tecnologia, tinha o celular de última geração, vivia conectada. Como as coisas podem mudar de maneira tão radical?

A forma que a nossa mente trabalha sempre será um mistério para mim. Ao mesmo tempo que nos protege, ela nos limita para não revivermos aquela experiência traumática, até que estejamos preparados para lidar com a situação. Isso tudo só fui entender com a longa jornada entre psicanalistas e psiquiatras. Ainda há muito a fazer e superar, mas agora tenho um encontro.

Pela última vez, dou uma olhada no espelho. Insegurança, nervosismo, ansiedade, tudo batendo de uma só vez. O vestido preto é um pouco mais curto do que os últimos que usei, mas tem um recorte elegante e é abotoado na parte de trás do meu pescoço. Um cinto fino da mesma cor marca minha cintura, meus cabelos estão presos em um coque despojado, os fios mais claros por conta do desgaste da tinta escura. Posso dizer que gosto do que vejo. A roupa é uma das peças que comprei com minha irmã e assim que experimentei na loja decidi que gostaria de usá-la... para *ele*.

Ainda não consigo entender o que Carlos Eduardo me causa, as sensações de tê-lo por perto sorrindo, cuidando, desejando e não consigo me afastar. Sinto uma segurança em sua presença que nem meus pais ou minha irmã transmitem e é impossível não ficar assustada. Faz pouco mais de dois meses que nos conhecemos, mas parece muito além disso.

— Acho que o teu encontro chegou — Pietra interrompe meus devaneios.

— A campainha tocou? Não ouvi.

— Sim, tua cabecinha estava bem longe. — Ela fica na minha frente e segura meus ombros. — Vai dar tudo certo, Gábi. Lembre-se...

— *Deixe acontecer* — falamos juntas e nossas testas se encontram.

Exalo profundamente, buscando forças para não retroceder, para não pensar demais e após um longo suspiro, sussurro:

— Amanhã nos falamos.

— *Bah*, mas com toda certeza *que* amanhã *tu vai* me contar tudinho.

Rindo, descemos juntas os lances de escada até chegarmos na sala, onde um homem alto e imponente está de costas, cumprimentando meus pais.

Pietra vira para mim, balança a cabeça para cima e para baixo, fazendo um *joinha* de aprovação e indicando Carlos Eduardo com o queixo.

Reviro os olhos com um esboço de sorriso ainda nos lábios, quando Cadu gira o corpo em nossa direção.

Meu coração dispara, retumbando forte no peito.

Minha boca fica levemente aberta.

As pernas vacilam e, por Deus, estou com um braço entrelaçado ao de Pietra.

Lindo é pouco.

Carlos Eduardo está magnífico.

O blazer azul-marinho, aberto de maneira descontraída, deixa a

camisa branca desabotoada no colarinho à vista, a calça jeans de lavagem escura e elegante não passa despercebida.

Seus olhos azuis claríssimos fazem uma varredura dos meus pés até a minha cabeça, sem se importar se há mais gente no recinto. Ele apenas *toma* para si cada detalhe, cada pedaço de pele exposto, cada curva.

Meu rosto fica vermelho e desvio a atenção para os meus pais, que nos encaram espantados com tudo o que estão “enxergando”. Na certa se perguntam como não perceberam que estava acontecendo algo bem debaixo dos seus narizes.

Minha mãe pigarreia antes de falar:

— Gabrielle, não lembro a última vez que te vi tão linda assim. — Ela me lança um olhar repleto de significados e claramente emocionado.

— *Bah*, Teresa, nossa filha sempre foi linda, mas hoje ela está deslumbrante. Uma princesa. — Meu pai, protetor que só ele, me lança um sorriso tão grande que sou incapaz de não retribuir. O rubor em seu rosto claro destaca os olhos verdes que estão mais brilhantes que o normal.

Como se tivesse encontrado a própria voz, Carlos Eduardo diz:

— Deslumbrante é a palavra ideal, Marco. — Ele não tira os olhos dos meus. — A mulher mais deslumbrante que já conheci.

Isso é hora de falar uma coisa dessas? Na frente dos meus pais. Meu Deus, estou me sentindo como se tivesse 18 anos.

Todos os presentes na sala me observam com um tipo de orgulho estampado em suas feições e agradeço por Pietra me salvar neste momento.

— Tenham uma ótima noite.

Como saindo de um transe, Carlos Eduardo finalmente assente, estendendo seu braço para que eu entrelace o meu.

— Boa noite a todos. Em breve nos vemos — ele se despede, dirigindo-se à porta.

— Ah, com toda certeza que sim, Carlos Eduardo. Em breve vou te convidar para um jantar, viu? — Fecho os olhos. Ela não perde uma oportunidade.

— Será um prazer, Teresa. Obrigado.

— Boa noite — é o que me digno a dizer antes de fechar a porta, o rosto queimando.

Eu e Cadu seguimos para sua casa em silêncio, até que um ruído estranho me faz olhar para o seu rosto, iluminado apenas pelos holofotes das duas vinícolas.

— O que foi? — pergunto.

De repente, o ruído se transforma em uma risada. Paro de caminhar e cruzo os braços.

— Calma — ele diz, recuperando o fôlego depois de tanto rir. — Você precisava ver a sua cara, Gabi.

— Você está rindo de mim?

O homem mais parece um garoto de tanto que está rindo. Uma risada leve e sem malícia. Expondo quem ele realmente é e isso me faz perder a seriedade. É contagiante e não consigo deixar de rir e, em seguida, estou rindo tanto que a minha barriga começa a doer.

— Você é louco, Cadu.

Ele chega mais perto, segurando meu rosto com as mãos grandes, a boca desenhada ainda curvada em um lindo sorriso.

— Sim, e acho que o motivo da minha loucura tem a ver com uma certa branquinha de olhos azuis e tempestuosos como o mar.

— Sei. Não coloque a culpa em mim.

— Vamos logo antes que eu te beije do jeito que estou querendo desde manhã e não será nada discreto com a plateia que aposto que está assistindo da janela.

Não ousa discordar e muito menos olhar na direção da minha casa,
apenas sussurro, com a mesma urgência que ele:

— Vamos sair daqui.

Capítulo 21

(...) Escalei os topos das montanhas, nadei por todo o oceano azul, atravessei todas as linhas e quebrei todas as regras. Mas, querido, as quebrei por você. Porque mesmo quando eu estava despedaçada me fez sentir como um milhão de dólares. Eu fui feita para você (...)

(The Story – Sara Ramirez^[12])

Gabrielle

— Uau! — murmuro assim que entramos em sua casa.

As luzes estão apagadas e há tantas velas acesas que aposto que deram bastante trabalho. Uma música baixinha reverbera pela sala, o que deixa o ambiente ainda mais acolhedor.

— Gostou? — Cadu pergunta, aguardando meu veredito e, ao me virar para ele, encontro um olhar cauteloso e inseguro.

— Adorei!

Carlos Eduardo parece relaxar e me pergunto se ele achou que eu iria me assustar com a surpresa. Pelo contrário, realmente adorei. Faz tanto tempo que não recebo um carinho como este que meu coração parece que vai explodir.

— O cheiro está maravilhoso também. — É impossível ignorar o perfume de temperos que serpenteia o lugar.

— Espero que a comida esteja tão boa quanto o cheiro — ele diz, rindo. — É a primeira vez que faço essa receita.

— Imagino que esteja maravilhosa depois da *paella* que minha mãe ficou falando por dias.

— Ah, mas *paella* é minha especialidade.

— Aposto que você tem várias especialidades, Cadu. — Quando termino de falar, percebo que a conotação da frase ficou dúbia e é claro que um sorriso malicioso já desponta nos lábios rosados do homem à minha frente.

— Posso te mostrar uma delas agora, Gabi. — Ele chega mais perto, segurando meu rosto em concha e aproxima seus lábios dos meus.

O beijo é delicado, como se pedisse permissão e eu a concedo de bom grado. Sua língua desliza com uma calma angustiante por toda minha boca e movimento a minha em resposta até que as duas se encontram. O ato se aprofunda, suas mãos descem para a minha cintura, sobem tranquilamente para a minha nuca, massageiam meu pescoço e sua boca resvala em meu maxilar, os dentes mordiscando minha pele. Solto um gemido incontido e Carlos Eduardo me pega no colo, segurando minhas pernas ao seu redor. Não paramos de nos beijar por um segundo.

Um ritmo perfeito. Ao mesmo tempo que me desfaleço, sinto-me viva, queimando em partes há muito esquecidas. E eu que pensei que não fosse conseguir me encontrar novamente ou que não conseguiria ter pelo menos metade do vigor que tive um dia, contudo, o desejo que tenho sentido com este homem é surreal e inexplicável. Porque não é só pele ou tesão, vai muito além. É um conjunto de elementos que tem me libertado pouco a pouco, fazendo com que eu pense menos em quem um dia fui e descubra quem posso ser, ou melhor, *quem realmente sou*.

Enquanto ele me prensa na parede, minhas pernas ainda enlaçam sua cintura e suas mãos grandes e fortes seguram-me pelas coxas, puxo os cabelos rentes à sua nuca e é a vez de Carlos Eduardo bramir um gemido gutural. É impossível não sentir sua excitação nesta posição. Chega a ser torturante.

— Se continuarmos assim, eu não vou conseguir parar, Gabi, e eu

poderia me banquetear com a sua boca à noite toda — sua voz sai rouca e me pego imaginando ouvindo-o falar assim enquanto estamos...

Preciso ter calma e pensar direito para não estragar tudo. Não quando finalmente minha vida está se ajustando.

Seguro o rosto de Cadu, apoiando minha testa na sua e procuro ar, além da minha sanidade.

— Seria um desperdício enorme deixarmos a comida de lado, Cadu. Depois continuamos de onde paramos. — rio, fingindo que sou muito sensata quando na verdade o que eu mais queria era continuar, sem qualquer interrupção.

Ele abre aquele típico sorriso de lado, o rosto bonito ficando ainda mais perfeito, como se visse muito adiante das minhas palavras.

— Tudo bem. Não vamos pular etapas, não é mesmo?

Com cuidado, ele me coloca no chão.

— Vou finalizar os pratos — anuncia, dirigindo-se à cozinha, não sem antes depositar um beijo em minha têmpora. — Fique à vontade!

— Tudo bem.

Com as pernas bambas, esforçando-me para parecer tranquila, caminho até o grande espelho que fica na sala de jantar e acendo a luz apenas para verificar como estou. Tomo um susto com a bagunça que alguns minutos de amassos com Carlos Eduardo me causaram. Uma bagunça muito bem-vinda, por sinal.

Meu rosto e pescoço estão vermelhos, minha boca inchada, e dou graças a Deus que o batom não era escuro, senão o estrago seria pior. Ajeito meu vestido, o coque está todo desgrenhado, então resolvo soltar os cabelos.

Eles cresceram desde que decidi mudar o visual e estão mais claros, o que dá para ter uma maior noção por conta da iluminação. Uma sombra chega atrás de mim e braços musculosos envolvem minha cintura. Pelo

reflexo, vejo Cadu aspirando meu pescoço.

— Tão cheirosa, tão linda, tão gostosa...

Meus pelos eriçam e uma parte em especial se contrai absorvendo o desejo de cada palavra, querendo contato, querendo atenção. É impossível não corar. Sempre achei que ser chamada de *gostosa* era algo pejorativo, mas na boca deste homem... *Meu Deus!* É como se fosse uma adoração e como tenho gostado de ser adorada por ele.

— Sabia que você é lindo? — minha voz sai entrecortada. Levo meus braços até sua nuca e a posição me faz ficar com os seios empinados diante do espelho. Olhos azuis brilhantes e lascivos me encaram famintos, em um fio de autocontrole. — Um homem lindo, inteligente, *gostoso*...

Eu me senti muito bem em chamá-lo assim porque ele realmente é. *Todo gostoso e irresistível.*

Suas mãos percorrem a extensão do meu vestido, desde a bainha, subindo levemente a saia, passando pela cintura, apertando, chegando até o fecho que abre a roupa. Um gesto silencioso, repleto de expectativa.... Logo seus dedos deslizam de volta para o meu corpo, passando levemente pelos meus seios que estão sem a cobertura de um sutiã, livres debaixo do tecido, e seus olhos incendeiam um pouco mais. Os dedos longos e másculos circulam, instigam, deixando meus mamilos duros em um segundo, sedentos por seu toque, mas ele continua com a leve carícia que poderia muito bem me levar ao céu, sem apertar, sem apalpar, como um sopro...

Um homem e uma mulher é o que vejo diante de mim. Duas pessoas maduras, que sabem o que querem, que já viveram muitas histórias, tantas dores e tantos amores.

— Cadu... — Eu nem sei o que estou pedindo, apenas fecho os olhos e comprimo minhas pernas, tentando aliviar a tensão crescente.

Seus lábios encontram um ponto abaixo da minha orelha e um beijo

molhado refresca minha pele, antes de ouvir em um timbre ainda mais rouco que antes:

— Vamos jantar, minha linda. Depois continuamos.

— Posso saber o menu? — pergunto, desfazendo o clima flamejante que nos envolve.

Ele apaga a luz e nos encaminhamos para uma mesa já preparada.

— Para a entrada teremos uma salada verde com queijo de búfala, o prato principal será um *risotto* de açafrão com medalhões de *filet mignon* que será servido com um excelente *Cabernet Sauvignon*. Ah, e para a sobremesa teremos merengue de morango.

Estou boquiaberta. *Como ele ainda está solteiro? Ou melhor, como uma mulher deixou que ele escapasse?*

— Carlos Eduardo... Estou sem palavras. Não precisava disso tudo!

— Ele puxa uma cadeira para que me sente e agradeço quando o faço.

— Não é precisar, é querer fazer, Gabi. É um prazer para mim. — Ele dá uma piscadela e se retira para pegar nossos pratos.

Aqui, sozinha, diante de toda esta demonstração de carinho e afeto é a primeira vez, depois de tudo o que passei, que arrisco a pensar que posso ter uma chance de ser feliz novamente e que nem tudo está perdido. Posso estar sendo impulsiva por tudo o que Carlos Eduardo me faz sentir, mas não consigo ignorar o fato de que após perder tanto de mim estou finalmente me reencontrando e vislumbrando um recomeço.

O jantar não poderia ter sido melhor. A comida estava impecável, o vinho tinto harmonizou perfeitamente e a sobremesa, divina!

Aproveitei para compartilhar com Cadu sobre a linha de cosméticos à

base de uvas e, como eu esperava, ele ficou muito interessado. Disse que analisaria os prós, contras, gastos e se contratar mão de obra terceirizada não valeria mais a pena inicialmente. Eu tinha certeza que com a sua visão de mercado, ele saberia o que fazer com a informação.

Depois de falarmos de trabalho, partimos para a sala com nossas taças e nos sentamos no tapete felpudo em frente à TV. Uma noite tão agradável que eu já estava triste ao lembrar que em algum momento chegaria ao fim.

Tentamos ver um filme, mas sabíamos que seria impossível resistir à presença um do outro. Não demorou muito para começarmos a nos tocar, sedentos para sentir e descobrir as sensações que tanto ansiávamos.

Neste instante estamos deitados no tapete e ele apoia-se em um dos cotovelos. Sua língua perpassa meu pescoço fazendo-me silvar, enquanto sua mão aperta minha cintura levando-me para mais perto. Minhas mãos vão até seus cabelos, agarrando-os, e meus dentes prendem meu lábio inferior impedindo-me de soltar sons desconexos.

Sua boca encontra a minha em um beijo profundo que o faz mudar de posição. Ele fica sobre mim, apoiando seus braços ao lado do meu rosto, deixando centímetros de distância entre nossos corpos sem parar o beijo. Ambos estamos ofegantes, querendo mais, e o puxo para fazer com que a pequena distância seja eliminada. Quando ele cede, deixando-se reconhecer cada parte do meu corpo sob o seu, mesmo que tecidos nos impeçam de ter uma maior percepção, solta um gemido baixo e prende meus braços acima da minha cabeça, interrompendo o beijo.

Nos encaramos por algum tempo, buscando ar depois de minutos perdidos em nossas carícias, e percebo que estamos em um impasse.

Continuamos ou paramos por aqui? Estamos prontos ou ainda é cedo? Tantas perguntas que estou me fazendo e parece que Cadu está no mesmo dilema. O receio que o encanto acabe por causa de um passo

apressado.

— Ao mesmo tempo que eu quero muito continuar, quero ir devagar. Será que você consegue me compreender?

Abro um sorriso, ainda deitada sob Cadu.

— É claro que consigo. — Ele solta meus pulsos e passo minhas mãos por seus cabelos claros e sedosos, ele fecha os olhos respirando fundo, quase que ronronando. — É isso que te faz ainda mais perfeito.

É a vez dele de rir, com os olhos ainda fechados enquanto recebe meu carinho.

— Não sou *nada* perfeito, apenas experiente demais para não querer perder o que demorei tanto para encontrar.

Sinto uma batida a menos no meu peito depois de ouvir suas palavras. É profundo, intenso e mesmo ciente que nos conhecemos há poucos meses, não sinto medo porque ele me traz segurança e o melhor, me traz esperança.

Nem percebi que parei de mexer em seus cabelos até Cadu abrir os olhos preguiçosamente e me encarar com um sorriso de lado ao ver o quanto estou pensativa.

— Não tem por que ficar preocupada, Gabi. Não é um pedido de casamento — Ele aperta meu queixo de brincadeira e nós dois caímos na risada.

— Eu sei, seu bobo. Por incrível que pareça não estou preocupada, não com o que você disse.

— O que te preocupa, então?

— Que o meu passado interfira de alguma maneira. — A seriedade do assunto recai sobre o ambiente deixando o clima mais pesado. — Que isso me faça perder o que eu também encontrei quando achei que não haveria mais chance de ser feliz.

Carlos Eduardo fica mudo, mas isso não o impede de traçar desenhos

em meu rosto, cabeça e pescoço, concentrado em cada detalhe. Quando passa o polegar em meus lábios entreabertos, Cadu chega a engolir em seco com algum tipo de emoção que não consigo identificar. Como *num* passe de mágica ele se recompõe e seus olhos azuis como o mar do Caribe encaram os meus.

— Acho que, antes de qualquer passo, precisamos pensar em uma maneira de...

Ele não precisa terminar de falar porque eu sei o que virá e resolvo concluir seu pensamento.

— Sim! Eu sei que, se a gente quiser seguir em frente de verdade, juntos, uma hora ou outra teremos que expor o que aconteceu lá atrás, afinal, temos nossos fantasmas particulares, mas ainda não consigo fazer isso. Só peço um pouco mais de tempo, Cadu. Mal assimilei o que nós — aponto de mim para ele — significamos. Mexer com o passado sempre me faz descer um degrau, então preciso estar preparada.

— Concordo plenamente com você, Gabi.

Sem retrucar. Sem reclamar. Apenas um aceite. É, acho que, no final das contas, Carlos Eduardo tem tanta ou mais bagagem do que eu e tudo indica que ainda está se recuperando.

Que belo casal! Seria cômico se não fosse trágico. Dois corações quebrados. Duas vidas marcadas. Dores entrelaçadas. O que o futuro pode nos reservar?

Capítulo 22

(...) Deitado no chão do banheiro, sem sentir nada, estou sobrecarregado e inseguro. Me dê algo que eu poderia tomar para relaxar a minha mente (...)

(In My Blood – Shawn Mendes^[13])

Gabrielle

— Mamãe, você não me pega! — Giulia corre, afastando-se de mim, a cabeleira loira balançando com o movimento, e fico atônita.

Olho para os lados, para os móveis dispostos na ampla sala de uma casa que não reconheço. Penso que pode ser um sonho, porque é impossível minha filha estar aqui, viva, mas seu perfume, o que eu sempre passava nela após o banho, está tão forte e sua voz tão tangível.

Corro em sua direção, não me importando com *nada*, realidade ou delírio, apenas me apresso para alcançá-la e abraçá-la com toda a saudade que venho sentindo nestes quase três anos sem a sua presença, sem o seu cheirinho, sem um pedaço do meu coração.

— Vem, mamãe!

Lágrimas rolam sem piedade pelo meu rosto e soluçando acelero, seguindo na direção da minha pequena travessa. Tão inteligente, tão linda...

Afasto a melancolia, finalmente chegando perto de Giulia, quando de repente ela é levantada no ar por fortes mãos. Sua risada gostosa reverbera no ambiente pela surpresa do ato e meus pelos se arrepiam no mesmo tempo em que meus joelhos se dobram ao ver quem a segura.

Ele está ainda mais lindo. Os lábios curvados para cima em um sorriso enorme enquanto eleva Giulia no ar, girando e girando, os olhos brilhantes com a alegria incontida, e a risada da minha filha preenche o

silêncio.

— Cadu, o-o que está fazendo? — pergunto, confusa.

Mas ele não responde. Sua atenção é só da minha pequena. Em um lampejo Giulia me olha, abrindo aquele sorriso banguela que eu amava e acena com a mão, como se estivesse se despedindo. *Um tchau*. Meu coração em frangalhos afunda no peito.

Não.

Por favor, não!

Eu preciso abraçá-la. Uma última vez.

— Filha... — murmuro, chegando mais perto, contudo a visão dela e de Carlos Eduardo vai esmaecendo, pouco a pouco, como uma fumaça se dispersando.

— Filha!

Giulia, minha pequena, meu eterno amor, continua acenando a mãozinha até o final da miragem ou o que quer que tenha sido tudo isso.

Acordo aos prantos e sento na cama.

Meu Deus! A dor é lancinante, como se eu a tivesse perdido agora. Tudo o que senti quando soube que nunca mais veria o seu sorriso ou ouviria a sua vozinha gostosa e estridente ou... não sentiria seus braços à minha volta.

Agonia.

Começo a urrar com o edredom na boca para abafar meus gemidos de dor.

— Giulia... Giulia, meu amor, me perdoe! — meus sussurros arranham minha garganta, mas pouco me importo. — Me perdoe por tudo, filha. Eu te amo tanto. Sempre vou te amar. Nunca vou te esquecer, *Giu*. Nunca! Você sempre será a minha estrela preferida.

Volto a deitar e cubro minha cabeça, chorando sem parar. Foi tão real.

Por que Carlos Eduardo apareceu?

Sonhos e suas peças fora do lugar. Fazia tempo que não tinha um com Giulia, por vezes eu só dormia para poder encontrá-la e nada. A sensação de realidade ainda me aflige, o perfume, suas risadas...

Os soluços vão diminuindo, os olhos ardendo depois de derramar tantas lágrimas, o sono cobrando seu preço, até que só vejo breu e adormeço novamente.

É impossível não perceber o quanto meu rosto está inchado e repleto de pintinhas vermelhas, sinais do esforço que fiz ao chorar sem que ninguém percebesse.

A casa está em silêncio, mas a bolsa da minha mãe está no sofá, o que demonstra que não está longe. Tomo meu café da manhã rapidamente antes que meus pais cheguem e fiquem preocupados com a minha aparência.

Hoje não tenho corrida com o Cadu, que precisou ir para uma feira de vinhos em Pinto Bandeira, uma cidade que fica a 30 minutos daqui. Meus planos incluem ficar em casa à toa.

Depois da noite conturbada que tive, acordei com um pensamento que não para de martelar em minha cabeça. Seria arriscado demais, não sei se estou preparada para isso, mas a vontade de tentar superar e de tentar passar por cima do que vem me restringindo está pulsando cada vez mais forte. O sonho só me deu mais munição. Antes eu teria me trancado no quarto e só sairia sabe Deus quando, mas não agora. Sonhar com Giulia a princípio foi um choque, fiquei aflita porque parecia real demais, mas também me deu forças para querer passar por cima dos meus obstáculos, das minhas próprias barreiras.

Não posso desconsiderar que foi lindo ver Carlos Eduardo segurando minha filha. A alegria em seu rosto era tão evidente que não lembro se já o vi daquele jeito desde que o conheci. No sonho era como se ele fosse um pai orgulhoso e feliz, brincando com sua filha. Não ousou perguntar se ele pensa em ser pai, não quando estamos juntos há poucos dias.

Sei que a qualquer momento meus pais estarão por aqui, mas uma *vozinha* na minha mente não para de sussurrar: *Vá, está na hora de seguir em frente de uma vez por todas. Você precisa dar o próximo passo.* A voz se mistura com a da Dra. Nanci que, sem me cobrar diretamente, vez ou outra me indaga sobre o desafio que preciso cumprir. O mais difícil de todos. Estalo meus dedos dando voltas na sala, nervosa e ansiosa, pensando, maquinando. *O que faço?* Olho para a bolsa da minha mãe e ela parece me chamar.

Contra todas as minhas defesas e instintos, caminho na direção do sofá. Ignoro a fraqueza nas pernas, o suor nas mãos, a palpitação acelerada no peito e abro a bolsa. Então, eu o encontro. O objeto que por tanto tempo foi meu companheiro de trabalho, onde eu gastava horas sob a alegação enganosa de estar me distraindo quando só afundava em um vício incontrolável. Respirando fundo eu o pego.

Corro para o meu quarto e fecho a porta, como se estivesse cometendo algum delito. Sento no meio da cama e o coloco sobre o colchão com as mãos trêmulas. Um retângulo tão leve parece tão inofensivo... só *parece*. Quantas pessoas estão *amarradas* a ele sem perceber? A vida passando em uma rapidez desenfreada e os olhos abaixados, com a atenção vidrada em sua tela, em suas redes invisíveis que vão pescando mentes como peixes indefesos. Pessoas que, muitas vezes, começam usando para fins profissionais, em seguida querem *apenas* se distrair, mas em um rompante são pegas na armadilha criada para a dependência. Porque foi isso o que eu

vivi.

Eu achava que estava tudo bem. *Vou ficar só mais um pouquinho*, eu dizia para mim. E uma coisa levava a outra, que ia levando a outra e quando eu olhava ao meu redor já estava amanhecendo, não dei atenção a minha filha como deveria, não dei um beijo de boa noite em meu marido. Estava presente fisicamente, porém a cabeça permanecia muito distante.

Lembro que por vezes desbloqueava o celular com um objetivo, mas quando consultava minhas redes sociais ou o aplicativo de mensagens instantâneas eu perdia o foco e o que precisava fazer ficava esquecido até que me recordasse e o ciclo recomeçava. Duvido que só eu tenha passado por isso. Acredito que muita gente já se deu conta de que vivemos dias cada vez mais difíceis, com menos contato e mais tecnologia, uma inversão de valores onde é quase impossível se imaginar sem um celular — como eu achei por um bom tempo —, mas não conseguem se desprender até que alguma situação grave aconteça, fazendo com que um clique gire na cabeça, lançando a seguinte pergunta: *como eu deixei isso acontecer comigo?* Foi o que *eu* me perguntei quando acordei do pior pesadelo da minha vida. Um que me assombrará para sempre.

Não estou querendo dizer que o celular é o culpado de tudo, que a internet não deveria existir ou que o mundo tecnológico *é coisa do mal*, nada disso. Para quem sabe usar com limites é a chave para o futuro e o conhecimento, contudo, infelizmente nem todos sabem dosar o uso. A Gabrielle do passado estava nesse rol.

Pego o aparelho engolindo em seco, sopesando o que devo fazer primeiro. Desbloqueio a tela inicial sem muita dificuldade — minha mãe não costuma colocar senha —, deslizo meu polegar passando por diversos aplicativos, redes sociais, mensagens, até parar no ícone do navegador de internet. Puxo ar para dentro dos meus pulmões e clico no *app*.

O que eu devo procurar?

Uma ideia e todos os pelos do meu corpo se arrepiam. Uma ânsia inesperada me faz ficar alerta e sigo para o banheiro. Prefiro ficar aqui, caso seja necessário.

Puxo o ar mais uma vez e agora consigo escutar as batidas do meu coração diretamente nos meus ouvidos.

Quantas coisas eu perdi por estar offline? O que será que meus antigos colegas de trabalho pensam sobre mim? Será que me acham uma louca?

Meu ex-chefe ainda tentou me visitar no hospital, na clínica, mas eu nunca o aceitei. De alguma forma, em meu luto, o culpei pelo que aconteceu, mesmo que só haja um culpado na história toda: *eu*.

Sem saber muito bem o que estou fazendo, os meus dedos, reconhecendo o que fizeram por tantos anos, digitam uma data e uma palavra: *acidente*. Na verdade, durante os meses em que fiquei internada na clínica eu tinha uma grande curiosidade de saber como tudo repercutiu, porém não estava nem um pouco preparada. Arregalo os olhos, em choque, com a quantidade de matérias encontradas.

Uma em particular, no estilo sensacionalista que pode ferir alguém por muito tempo, chama a minha atenção. É nela que eu clico.

O texto é grosseiro e as imagens distorcem os rostos, mas ainda assim é pesado demais, asqueroso e repulsivo. Contudo, é uma frase em especial que o idiota que se diz redator fez questão de usar que me deixa horrorizada.

Não consigo respirar, lágrimas já molham minha face sem qualquer controle e o som que sai de dentro de mim, da minha alma, é como um grito esganiçado. Deito no piso frio do banheiro em posição fetal, largando o celular de qualquer maneira como se queimasse minha mão e choro sem parar. Soluços, tremores, gritos...

Se já não bastasse eu não me perdoar e me culpar todos os dias, a internet também não perdoou. O pior é que é desse jeito que esse povo ganha dinheiro. Às custas das desgraças dos outros e depois que acontece uma fatalidade, como tantos suicídios por aí ocasionados por tamanha falta de responsabilidade e empatia, pedem desculpas, partindo para a próxima notícia.

Posso ter agido como uma masoquista ao querer ver as matérias, mas eu precisava saber, era uma pendência que eu tinha comigo e agora...

Escuto uma batida forte na porta do quarto e logo ouço a voz da minha mãe:

— Gabrielle!

Não respondo, mas meu choro chama sua atenção e ela vem até o banheiro, onde estou caída em um estado lastimável.

— O que aconteceu, filha? — Ela rapidamente senta no chão e levanta minha cabeça para ficar em seu colo. — Fale comigo!

— Mãe... Como eu pude fazer aquilo? — grito, inconsolável.

— Pelo amor de Deus, minha filha. *Tu estava* tão bem. — Ao ver o telefone no chão ela junta as peças. — Por que tu foi mexer nisso agora, Gabrielle? Para se torturar mais?

— Não... Eu pensei que... que estava bem — digo entre soluços. — Eu pensei que fosse aguentar, então fui ver algumas matérias sobre...

— Ah, meu amor. *Tu está* se recuperando ainda. Não tem que se cobrar, Gabi. E nem ver baboseiras. *Tu*, mais do que ninguém, *sabe* como a internet é traiçoeira. Não confie em uma palavra sequer, está me ouvindo?

— Mas, mãe...

— *Shhhhhh*, *tu não vai* acreditar no que eles dizem sendo que nem os policiais sabem o que houve. A maldita câmera de trânsito não estava funcionando e ninguém sabe de *nada*.... Uma meleca, mas é a realidade em

que vivemos. Portanto, pare de dizer que é a culpada, Gabrielle. Pare de acreditar no que um qualquer escreveu.

— Mas eu lembro... Eu sei...

— Eu, antes de tudo, conheço a filha que tenho e sei que ela não faria *nada* para machucar a minha neta. *Nada!*

Encolho-me em seu colo e a dor é tão grande que grito sem vergonha, disparando o peso que estou sentindo, a tristeza, a sensação de que nunca terei paz. *Será que alguma hora vai parar de doer?*

No dia seguinte custo a levantar da cama. Logo depois do episódio do celular, minha mãe me deu um remédio e eu apaguei. Fazia tempo que não precisava me submeter a um medicamento tão forte, mas foi necessário.

Sinto meu corpo todo doer, a tensão irradiar pelos meus braços e costas, a cabeça latejar.... Não estou bem. Sento devagar, passo as mãos pelo rosto sonolento e respiro profundamente até conseguir ficar de pé.

Devagar sigo para o banheiro, ainda tonta e desorientada. Faço minha higiene pessoal com muito esforço contra a fraqueza que me assola e volto para a cama, no momento em que ouço uma batida na porta.

Minha mãe abre uma frestinha e coloca o rosto para dentro do quarto.

— Está acordada, Gabrielle?

— Sim — respondo, preparando-me para me cobrir novamente.

Ela entra no cômodo e pela iluminação do corredor noto sua expressão nervosa.

— O que foi? — pergunto, alarmada.

— Carlos Eduardo esteve aqui. Ele queria vê-la, estava te esperando para correr, mas eu tomei a liberdade de dizer que *tu estava* indisposta e que

não iria sair.

Carlos Eduardo. Fecho os olhos recordando da última noite em que estivemos juntos. Do que ele me fez sentir. O toque, o olhar, o sorriso.... Tudo naquele homem me fazia querer ser outra mulher, sem um passado tão ferrado, para poder aproveitar cada momento com ele, mas a realidade é bem diferente.

— Tudo bem, mãe. Eu agradeço! Não quero falar com ele neste estado.

— O pobrezinho parecia tão preocupado, mas ele não quis insistir, querida. Como se quisesse respeitar o teu silêncio. Acho que nunca vi um homem tão maduro como ele.

Pensativa, preciso concordar com Teresa Fiore. Cadu é o homem mais compreensivo e maduro com quem já me relacionei até hoje. Não sei se isso se deve ao fato de ter 38 anos ou porque os acontecimentos da vida o moldaram de alguma forma.

— É verdade, mãe. Ele é incrível. — *E não merece lidar com uma mulher tão fodida como eu*, quero acrescentar, mas prefiro guardar para mim. Não quero que ela pense que estou sendo autopiedosa ou algo do tipo.

— Vou no mercado, tudo bem? — avisa. — Preciso fazer compra.

— Sem problemas.

Ela busca por algum sinal de instabilidade e eu, conhecendo seu olhar, a tranquilizo:

— Mãe, pode ir em paz. Eu estou melhor, foi um episódio pontual. Só preciso dormir um pouco.

— Hum...

— Pode confiar em mim, mãe. Não sou criança.

— Eu fico preocupada, filha. Pietra já deve estar chegando. Ela ficou de vir para saber como você está.

— Ok, mas não preciso de babá, mãe.

— *Bah!* Eu sei, Gabrielle. Ela só quer te ver. Pode ir parando de conversinha fiada. *Tu estava* indo muito bem e de repente escorregou. É normal as pessoas que te amam quererem saber como *tu está*.

— Desculpe. Estou caindo de sono.

— Está bom.

Assim que ela sai do quarto, reflito as suas palavras. *As pessoas que te amam...* Sem querer pensar por muito mais tempo, viro de lado e resolvo voltar a dormir. Depois eu me preocupo com o significado disso. *Depois....*

Capítulo 23

Ninguém é perfeito até que você se apaixone por essa pessoa.

([William Shakespeare](#))

Carlos Eduardo

Dois dias. Faz *dois dias* que não a vejo. Desde que voltei de uma feira de vinhos em Pinto Bandeira, onde fui convidado para expor alguns produtos, não encontrei com Gabrielle. Eu estava animado para compartilhar os detalhes do evento, as parcerias que fechei, mas quando fui em sua casa dei de cara com Teresa Fiore e ela me contou, por alto, que a filha estava indisposta e não poderia me receber.

A princípio achei que Gabi estivesse chateada comigo por conta dos avanços que tivemos no jantar em minha casa, mas depois, analisando a expressão de sua mãe, entendi que foi uma recaída.

Eu a esperei para correremos, mas ela não veio. Mesmo com uma vontade louca de encontrá-la e abraçá-la, estou dando o espaço que ela precisa para se recompor do que quer que tenha acontecido. A Gabi estava tão bem...

Amanhã.

Se ela não aparecer pela manhã, nada me impedirá que eu vá ao seu encontro. Depois das palavras que trocamos, das carícias, dos beijos.... Não tem como deixar para lá. Não há possibilidade de esquecer o que ela me faz sentir. Gabrielle garantiu um espaço em meu coração e em meu corpo, depois de muito tempo vivendo no vazio. Não serei covarde de fugir do que sei que podemos ser juntos, da esperança que experimentei em cada gesto seu.

Solto um longo suspiro, exasperado pela impotência de não poder

ajudá-la como gostaria, de não conseguir protegê-la dos seus piores fantasmas, mas se Gabi me permitir, quero passar *tudo* com ela. Os bons e os maus momentos.

Ah, Gabrielle, o que você fez comigo?

A manhã chega e nada da mulher que vem ocupando minha mente aparecer. Estou em frente à sua casa, no lugar e mesmo horário que sempre nos encontramos antes de correr. Passo as mãos pelos cabelos buscando uma alternativa e a única opção que me vem à cabeça é que não vou esperar mais nem um segundo para vê-la. Eu *preciso* saber como está ou vou enlouquecer.

Decidido, subo as escadas da varanda e toco a campainha.

Nada.

Toco uma segunda vez, espero. A terceira, espero. A quarta, já impaciente, e espero. Somente na quinta tentativa é que a porta se abre e o que vejo na minha frente me deixa com o coração partido. Meus olhos descem pelas pernas cobertas por um pijama gasto e, ao encontrar seus olhos, aquela tristeza que senti quando a conheci está aqui. O brilho e a alegria de alguns dias sumiram.

— Gabi... — minha voz sai rouca, irreconhecível. Quero que saiba que estou aqui por ela.

Ela me encara, *as íris* de um azul intenso, opacas, e sua hesitação me faz compreender que está em um conflito interno. Após segundos, que pareceram horas, ela se dá por vencida e abre um pouco mais a porta para me deixar entrar. Atento a cada movimento, vejo quando ela se afasta e sobe as escadas no que acredito ser para o seu quarto. Gabrielle percebe que não a acompanho e para no meio do caminho, chamando-me com um aceno de

cabeça.

Subo degrau por degrau pensando no que pode ter causado tamanha tristeza, mas tenho a sensação de que hoje o dia será desafiador. Para nós dois.

Assim que chego em seu quarto absorvo cada detalhe. A cama box de casal no meio do cômodo, o sofá creme de dois lugares perto do banheiro, a mesinha ao lado da cama, mas o que chama a minha atenção é a vastidão de videiras que consigo ver através das amplas janelas, inclusive uma parte do meu vinhedo.

— Uau! A vista é linda — murmuro, chegando mais perto.

— Sim. É linda — é o que Gabrielle se digna a responder.

Voltando-me para ela tomo ciência do quão cansada parece. A região ao redor dos olhos está avermelhada, como se estivesse chorando há dias, o bronzeado presenteado pelas corridas diárias está apagado pela palidez da exaustão, a boca que eu aprendi a admirar e desejar está curvada para baixo.

...

— O que aconteceu, Gabi? — pergunto *num* sussurro, controlando-me para não colocar minhas mãos em seu rosto.

Em silêncio ela se vira e caminha em direção à cama.

— Não quero falar sobre isso, Cadu — diz, a rouquidão pronunciada, antes de se sentar.

— Eu só quero saber como posso te ajudar. — Atravesso o cômodo e sento ao seu lado em uma distância respeitável. — Passei os últimos dois dias pensando nas piores coisas, preocupado com o que poderia ter te deixado tão mal.... Fale comigo, Gabi.

Mexendo na barra do camisão que está usando, Gabrielle não dá sinais de que vai se abrir e eu não posso deixar que se feche novamente, não quando me permitiu conhecer a mulher por baixo de toda essa dor.

— Gabi, seja o que tiver acontecido, não se afunde de novo. Não deixe que todo o seu progresso escoe pelo ralo. Você é mais forte do que pensa, minha linda.

Ela se encolhe e em um murmúrio diz:

— Acho melhor não nos vermos mais.

Cada palavra, um soco no estômago. Eu sequer havia cogitado essa hipótese. Na ânsia para saber como ela estava, não me passou pela cabeça que Gabrielle poderia não me querer em sua vida, mas ao encará-la... perscrutando, buscando confirmação, eu a reconheço. A sensação. A vontade de querer afastar qualquer pessoa que tente se aproximar.

— Você não está falando sério, Gabi.

— Não tem como a gente dar certo. Eu pensei que estaria preparada para recomeçar, mas não acredito que um dia estarei.

— Gabrielle, todos passamos por dias ruins, é normal se sentir assim, mas não desista do que podemos viver e descobrir juntos.

— Se você fosse quebrado, *como eu sou*, entenderia.

Ah...

Procuro uma forma de convencê-la de que me *importo*, de que *não posso* deixar que ela simplesmente se renda, contudo, o caminho que se desprende à minha frente é um que eu pensei que teria mais tempo antes de trilhar e compartilhar com Gabrielle. É inevitável e uma hora isso aconteceria. Se é o que eu preciso fazer para que ela veja o quanto somos parecidos, *o quanto eu sou quebrado*... eu farei.

Levanto-me da cama em silêncio e resolvo me sentar no chão, próximo ao banheiro apenas para garantir. Com a visão focada na paisagem além das janelas, tomo coragem para expor a pior parte da minha existência.

Tomo uma respiração profunda e começo.

— Por um tempo eu achei que havia encontrado a felicidade. Adorava

o meu trabalho, mesmo sendo desgastante, era o que eu amava fazer antes de me aventurar no mundo dos vinhos, claro. — Sorrio fracamente para a vista diante de mim.

Lá fora o dia está lindo e as lembranças dançam conforme vou falando.

— Conheci a Sarah na empresa, tínhamos o mesmo cargo, porém em áreas diferentes. Ela era linda, bem-humorada e extremamente inteligente.

Olho para Gabrielle de esguelha e ela está com a atenção voltada para mim, esperando pelo restante da história, e eu retorno minha visão para os parreirais.

— Eu estava solteiro e queria aproveitar o momento, então a chamei para sair depois de um *happy hour* que marcamos com a galera do trabalho, entres eles estava o meu melhor amigo, Gustavo. Um dia te apresento, acho que você gostará dele. — Dou uma pausa. — A partir daquele encontro Sarah e eu nos víamos todas as noites, não demorou muito para que a nossa relação ficasse séria e começássemos a namorar.

Uma nuvem cheia e branquíssima desliza pelo céu azul, cobrindo totalmente o sol, como o prenúncio de uma reviravolta em minha própria história.

— Um ano depois nos casamos. Eu estava apaixonado, achei que finalmente havia encontrado a mulher perfeita para mim e estava tão bem, em paz. Morávamos em um dos melhores bairros de São Paulo, tínhamos uma vida acima da média, mas, da água para o vinho, bom, ela não merece ser comparada a um vinho. Melhor dizendo, de um dia para o outro, as coisas começaram a mudar.

Minha boca fica instantaneamente seca e vou até o banheiro para lavar meu rosto e, aproveitando, faço um bochecho. Cuspo a água fora, pego um pouco de papel e me seco. Volto para o quarto e me aproximo das janelas

como se fossem meu refúgio.

Gabrielle continua quieta, mas atenta a tudo, respeitando meu momento.

— Eu costumo dizer que namorei uma mulher e casei com outra. Um ano e meio casados e Sarah começou a implicar com meu salário, que eu deveria ganhar mais porque ela ganhava a mesma coisa e eu tinha o dever de dar uma vida boa *pra* gente, que eu não deveria me contentar com pouco... Dali começaram as ofensas. *Ela dizia que eu não prestava, que era mais um idiota que se achava o dono do mundo, que era um fracassado e não sabia como tinha casado com um homem como eu...*

Pelo canto dos olhos observo Gabrielle colocar a mão na boca, no mínimo horrorizada. *Quem não ficaria?*

— Até hoje me pergunto como pude ter aturado algo assim. Me sinto culpado por ter permitido que uma pessoa me rebaixasse tanto a ponto de eu duvidar de mim, de pensar que ela estava certa...

Fecho os olhos e coloco a testa no vidro gelado, encontrando um alívio momentâneo.

— Mas eu *precisei* aturar, afinal, ela estava grávida.

O som de espanto de Gabrielle faz com que eu a encare, meus olhos denunciando toda a dor que a recordação me traz, as lágrimas molhando meu rosto, mas não tenho vergonha de me expor, de mostrar para a mulher à minha frente quem realmente sou e o quanto tudo aquilo me despedaçou.

— Então eu aguentava. Ouvia calado. Ela minava minhas energias, minha confiança, meu amor, minha vontade de viver. Você tem noção do que é chegar do trabalho e em vez de encontrar um abraço, um carinho, ser recebido com xingamentos e palavras que ferem mais que uma porrada? *De graça!* Querer sentir meu bebê chutar na barriga, fazer o que um pai faz e não estar à vontade para me aproximar da minha própria mulher? Ouvir a minha

esposa dizendo que o que ela menos queria era ter um filho comigo, que a *estraguei* de propósito....

Olho no fundo dos olhos de Gabrielle, que estão igualmente inundados de lágrimas, e pergunto *num* fio de voz, aflito com a vivacidade de cada palavra e sentimento:

— Como um filho pode *estragar* uma mãe? Me explica, Gabi?

— E-E o que aconteceu? Seu filho, ou filha, nasceu? — Gabrielle pergunta, parecendo ter medo da minha resposta.

Engulo em seco e desvio o olhar, soltando um longo suspiro. Minhas mãos tremem e tento fugir do assunto, pelo menos por alguns segundos.

— Seus pais não estão em casa? — questiono, só agora tendo ciência de que não encontrei *ninguém* lá embaixo e que está tudo em silêncio.

— Eles precisaram ir a Gramado.

— Ah!

— Cadu, se não estiver bem, não precisa me falar *nada* agora.

— Mas eu quero. Comecei e vou terminar.

Ela assente e sinaliza que posso continuar.

— Ao longo de seis meses pedi a Deus que nada de errado acontecesse com o meu filho. Sim, um menino — respondo à pergunta que Gabi fez antes. — Eu nunca planejei ter filhos, mas quando descobri que seria pai.... Meu mundo se transformou. Um amor tão grande cresceu dentro de mim, a sensação de que eu não estaria sozinho, que teria alguém para proteger e cuidar... Comprava roupinhas, ainda que Sarah dissesse que não era necessário. Gustavo deu um conjuntinho de camisa e bermudinha do *Santos Futebol Clube*, meu time, eu estava radiante, apesar dos pesares. — Sorrio com a lembrança. — Era um sentimento inexplicável. Algo que transcendia qualquer entendimento e sempre imaginei que com uma mãe isso deveria triplicar...

— Mais que triplica — Gabrielle interrompe, mais para ela do que para mim.

Penso em parar para entender sua afirmação, mas prefiro deixar para depois porque eu preciso finalizar a minha história de uma vez por todas. Tirar esse peso que é fingir que está tudo bem, pelo menos para a Gabi.

— Pois é, mas como eu disse, com Sarah não foi nada assim. — Sento no chão novamente, a fim de evitar que minhas pernas cedam à fraqueza que se estende por todo meu corpo. — Ela pediu licença no trabalho alegando que não estava bem e passava o tempo todo dormindo. Entretanto, com seis meses de gestação, houve uma complicação. Em uma noite tive que levá-la às pressas ao hospital. Sangue e mais sangue escorria por suas pernas e precisei reunir todas as minhas forças para não vomitar assim que desci do carro. Eu a carreguei até a emergência, onde rapidamente vieram com uma maca e a levaram para a ala da maternidade. Passaram-se horas e eu não tinha ideia do que estava acontecendo, até que um médico veio ao meu encontro e disse que minha mulher estava bem, mas, infelizmente, o bebê não tinha resistido. Houve um aborto espontâneo.

Tento desembaçar minha visão, mas é inútil. De repente Gabrielle se ajoelha na minha frente e segura meu rosto, chorando copiosamente enquanto passa seus polegares em minhas bochechas. E eu continuo:

— Perguntei o motivo daquilo ter acontecido e o médico, com muita cautela, respondeu que tudo indicava o uso excessivo de ansiolíticos e que Sarah tinha mais facilidade para abortar do que outras mulheres. O exame de sangue deu positivo para *benzodiazepina*, substância encontrada em remédios como *Rivotril*. Antes de engravidar, Sarah tomava um comprimido desse depois de um dia estressante no trabalho, mas eu não poderia sequer imaginar que ela estava fazendo uso contínuo e muito acima do recomendado para uma grávida. Eu pensava.... Pensava que a sua sonolência era resultado da

gravidez. Porque quando pesquisei vi que isso era normal em seu estado, mas estava errado.

— Meu Deus! — Gabi arqueja.

— Eu pensei que o baque terminaria naquele momento, mas o maior deles estava por vir.

— Cadu, como assim? Mais? — Ela está assustada e aflita, mas continua com as mãos em mim, passando os dedos pelos meus cabelos, oferecendo seu carinho, quando sei que ela precisa de tanto, então eu a trago para o meu colo e a abraço.

Sei que a abraço tão apertado que ela teria todo o direito de reclamar, mas não o faz. Pelo contrário, seus braços entrelaçam meu pescoço e sua respiração atinge meu rosto com uma lufada. Neste momento, ela é o meu ar, minha sanidade, minha luz.

Só percebo que estou soluçando quando a ouço sussurrar:

— Calma. Eu estou aqui.

— Ainda dói... Como se fosse hoje — minhas palavras saem balbuciadas com o choro desenfreado. Faz muito tempo que não tenho uma crise, mas eu sabia que quando revivesse aqueles momentos de maneira tão descritiva, como estou fazendo agora, não aguentaria.

— Eu sei. Eu sei como dói, Cadu.

Relaxando o abraço, afasto-me um pouco para olhar para ela.

— Eu senti meu mundo desabar. A euforia e a alegria que experimentei quando soube que seria pai se dissolveram em tristeza e decepção pelo que eu poderia ter tido, se não fosse pelo egoísmo e mau-caratismo da minha ex-mulher.

Gabrielle continua me olhando, compreendendo minha dor de corpo e alma, e apoio minha testa na dela com os olhos fechados, buscando forças para concluir o que comecei.

— Quando entrei no quarto de Sarah, ela parecia estar dormindo, abatida. E por um minuto senti pena. Consegui sentir pena depois de *tudo* o que ela fez, de tudo o que falou e, de repente, como se notasse minha presença ela acordou. Lembro como se fosse hoje. Sarah virou para mim e ficou me encarando pelo que pareceram minutos, observando minha expressão derrotada e enlutada pela perda do nosso filho. Sem esboçar qualquer sentimento, piscando uma, duas vezes, lentamente ela disse: *não precisa chorar, o bebê não era seu*.

Silêncio. Um suspiro de surpresa e Gabrielle leva as mãos até a boca.

— Meu Deus! Cadu, como ela pôde... Como ela pôde fazer isso com você?

A única coisa que consigo fazer é trazê-la para mais perto de mim, até colocar meu rosto no vão do seu pescoço e seu ombro, derramando toda a minha frustração e dor nas lágrimas que não param de rolar. Aspiro seu cheiro, sinto sua pele sob meus lábios, deixo que, por uma vez, ela me veja assim, vulnerável, transtornado.

Minha voz sai abafada e rouca, com a boca ainda colada em sua pele:

— Gabi... Entenda. Não fiquei arrasado por Sarah ter me traído. Eu não larguei a minha vida em São Paulo por causa do divórcio ou do jeito que ela me tratava. Não! Fiquei arrasado e quis deixar tudo para trás porque ela me fez acreditar que eu seria *pai*. Fez com que eu fantasiasse uma vida cuidando de um rapazinho, ensinando-o a falar, levando-o para um estádio de futebol, contando histórias antes de dormir, recebendo abraços e beijos quando eu chegasse em casa após um dia cansativo de trabalho... E tudo não passou de uma mentira! *Num* dia eu era pai e no outro não era mais. *Num* único dia Sarah conseguiu o que queria: me destruir.

Um soluço baixo sai de sua garganta e juntos choramos. Nossas dores, nosso sofrimento, nossas fraquezas se misturam. Uma só bagunça.

Depois de um tempo, desvencilho-me do abraço e seco as lágrimas de Gabrielle com meus polegares e ela faz o mesmo comigo. Um momento que nunca esquecerei.

— Quando ela deu o golpe final, os médicos tiveram que me levar para ser atendido em um quarto separado porque entrei em choque. Não conseguia me mexer, parecia que eu tinha esquecido de como é respirar. Depois daquilo, nunca mais falei com ela. Gustavo me ajudou muito e depois descobriu o restante da farsa da minha ex-mulher. Ela me traiu com um figurão do mercado financeiro e tentou dar o golpe no cara, mas se deu mal. Quem *pagou o pato* fui eu, o marido palerma.

— Cadu... — Gabrielle segura meu rosto fazendo com que eu a encare e sua expressão está tão consternada quanto a minha. — Você não era palerma. Você fez o que um homem de verdade faria. Cuidou da sua esposa, do seu filho, foi um marido exemplar.

Acariciando seus cabelos, cada gesto pesando depois de tudo o que desabafei e do quanto me expus, falo:

— Quando você me disse que se achava um monstro... Agora você sabe que conheci um monstro de verdade.

Capítulo 24

(...)As lágrimas escorrem pelo seu rosto quando você perde algo que não pode substituir. Quando você ama alguém, mas isso é desperdiçado. Poderia ser pior?(...)

(Fix You – Coldplay^[14])

Gabrielle

Um monstro. Eu ainda não consigo acreditar que Carlos Eduardo passou por tudo aquilo. *Meu Deus!* Humilhado, traído, enganado de uma maneira tão atroz... *Quebrado* de tantas formas.

Em todo esse tempo eu continuo em seu colo, incapaz de me mover ou deixar de consolá-lo.

— Me perdoe, Cadu. Não fazia ideia de que algo assim tinha acontecido com você...

— Gabi, você é humana e tem seu próprio fardo, quem sou eu para te recriar? Sei o quanto a dor pode nos deixar solitários, que nos faz sentir como se fôssemos os únicos a sofrer no mundo, mas se tem uma coisa que aprendi com isso tudo é que nem todos expõem suas fraquezas e é por isso que me esforço para não julgar as aparências.

— Você não poderia estar mais certo. É exatamente assim que me sinto. Como se ninguém entendesse o que sinto aqui. — Bato no meu peito. — Como se estivesse sozinha, enfrentando fantasmas que por vezes penso que me vencerão, *que já me venceram...*

— Eles não te venceram, minha linda. Você continua lutando, mas ainda está fragilizada. É normal pensar que não tem forças, que não vai se reerguer, mas vai. É só não se render, Gabi. Não se renda, como *eu* não me

rendi!

Não se renda...

Carlos Eduardo se abriu de uma forma que nunca pensei que veria. Ele não teve vergonha de se derramar em lágrimas, de expressar toda a sua dor e seus temores. Se não fosse por este momento eu sequer imaginaria que ele tem um passado tão pesado, tão triste. E ainda assim, desde que nos conhecemos, ele nunca deixou de cuidar de mim e de oferecer um ombro amigo. *Como posso continuar me escondendo dele depois disso?*

Aproveito nossa proximidade para abraçá-lo forte, enterrando meu rosto em seu pescoço, e choro pelo que estou prestes a fazer. Pelo que estou prestes a compartilhar para o homem que vem me ensinando muito mais do que viver, a enxergar o sol depois de uma tempestade.

— Eu era casada. Marcos é o nome dele. Vivíamos muito bem no Rio de Janeiro, mas depois que fui promovida à Diretora em uma empresa onde sempre quis atuar, as coisas desandaram. Eu trabalhava demais e quando chegava em casa, por vezes, continuava trabalhando. Meu marido não parava de pegar no meu pé, dizendo que eu estava ficando viciada no celular, porque perdia meu tempo com coisas banais enquanto tinha um papel a exercer...

Eu aperto o abraço em Carlos Eduardo, segurando-me nele como se fosse meu abrigo, minha proteção, e ele passa suas mãos pelas minhas costas, me confortando e dando coragem para prosseguir.

— ... o de mãe.

Cadu se afasta apenas para me olhar nos olhos e entender que o restante da história não será nada bonita.

— Giulia tinha 5 anos — minha voz sai fraca e trêmula. — Eu amava mais do que a minha própria vida. Quando Marcos começou a falar que eu a estava deixando de lado para dar atenção ao trabalho e ao celular foi demais para mim. Relutei e não quis acreditar, mas, por via das dúvidas,

decidi me policiar. De verdade, eu tentei ao máximo não atender telefonemas, enviar e-mails ou acessar minhas redes sociais quando estava em casa com eles. E achei que estivesse progredindo.

Pego as mãos de Carlos Eduardo e as seguro com força, ancorando-me caso eu não aguento. Minha face são só lágrimas, mas entrego ao homem à minha frente quem eu sou de verdade, o que venho carregando por todo esse tempo.

— Há quase três anos, eu sofri um acidente. Minha Giulia estava comigo. — Abaixo a cabeça e tento respirar, com vergonha de olhar para cima e perceber que Cadu pode me considerar um monstro também. — A última coisa que eu me lembro, muito vagamente, é que chegou uma mensagem no meu celular e eu não me dei conta de que o semáforo estava vermelho quando fui verificar o aparelho.

Não me contenho. Choro, soluço, solto um grito abafado no ombro de Cadu. Levo minha mão ao peito para tentar arrancar a dor que se alastra por todo meu corpo.

— Um caminhão... Um caminhão nos pegou com tudo e meu carro quicou por várias vezes na avenida. A última vez que ouvi a voz da minha filha foi quando ela gritou: *Cuidado, mamãe!*

Um urro gutural sai de dentro de mim e Cadu encosta sua testa na minha, contrariando minhas expectativas. Ele não me afastou, não me olhou com desprezo, apenas emoção e pesar perpassam suas feições.

— Ah, Gabi. — Ele me abraça firme, segurando minha nuca e enlaça minha cintura, embalando-me como uma criança indefesa. — Imagino quanta dor você vem carregando. Agora consigo compreender você por inteiro, minha linda. Uma filha. Você tinha uma filha de cinco anos! Gabi, você é muito mais forte do que eu pensei. Se fiquei destruído por ter perdido um filho que nem era meu, sequer posso mensurar o seu sofrimento... Não sei se

aguentaria...

Ele está tão transtornado quanto eu. Chorando comigo, sofrendo comigo.

— Você também vai se afastar de mim, como meu ex-marido fez?

— Ele pode ter tido seus motivos, mas eu não sou o Marcos e o que vejo não é uma pessoa ruim, mas uma mulher de carne e osso que não merece ser julgada ou crucificada. O que vejo é uma mãe que amava tanto a sua filha que continua sofrendo e se abdicando de viver depois de quase três anos, que nunca lhe faria mal algum propositalmente. O que aconteceu foi uma fatalidade, Gabi. Uma fa-ta-li-da-de!

Palavras que eu nunca daria crédito se fossem proferidas por alguém que não entendesse pelo que passei. Mas Carlos Eduardo não é essa pessoa e ainda assim consegue enxergar o meu melhor, consegue enxergar que mereço ser feliz, apesar de tudo.

Solto-me dos seus braços e olhando em seus olhos, digo:

— Não sei o que fiz para merecer um homem e um amigo como você. Depois de tudo o que passei e de achar que nunca mais encontraria um parceiro, me vejo torcendo para que você não me deixe, que não me rejeite mesmo que a culpa me corroa ao ponto de pensar que não sou digna de nada disso.

— É porque eu vejo quem você é, Gabrielle. Desde a primeira vez, quando te ouvi chorando em agonia no escuro, eu soube que havia algo mais em você do que apenas tristeza e amargura. Queria te conhecer melhor, secar suas lágrimas e dizer que daria tudo certo... Não há explicação para certas coisas, só sei que estarmos aqui, nesta cidade, depois de tudo o que aconteceu com a gente, não é algo que deve ser ignorado. Eu saí de São Paulo disposto a não me envolver profundamente com nenhuma mulher e daí você aparece, minha vizinha, tão frágil que poderia quebrar a qualquer momento... Não

consegui me afastar. Desde a primeira vez, eu não consegui me afastar, Gabrielle. Então, eu sei. Aqui no fundo eu sei... — ele bate no peito com a mão grande espalmada —, que não foi por acaso.

Não sei quem avançou primeiro, mas quando dou por mim a boca de Cadu está na minha. O beijo é calmo e intenso. Sua língua busca a minha e as duas dançam uma música própria, só nossa. Pode ser uma canção triste, mas também é de esperança. Seus dentes físgam meu lábio inferior e eu busco o dele e faço o mesmo, arrancando um ofego que atinge a minha alma. Aprofundamos o beijo, minhas mãos vão para os seus cabelos e as dele para a minha cintura, apertando, exigindo. Ambos conscientes de que estamos uma confusão de sentimentos, mas não nos importamos porque finalmente *nos* encontramos.

Ele para de me beijar e, sem desgrudar os lábios dos meus, diz:

— Não se culpe pelo que aconteceu, Gabi. Nós não sabemos qual é o nosso real propósito por aqui, mas desde que parei de me culpar por ter me envolvido com a Sarah, comecei a viver melhor. Todos nós erramos, afinal, somos seres humanos e somos falhos, mas lembre-se sempre: você não é culpada e merece ser feliz. *Nós merecemos.*

Aproveito o momento e digo a ele o motivo de ter me distanciado por esses dias, quando peguei o celular da minha mãe e me aventurei a ver o que haviam falado do acidente, anos atrás, e Cadu fecha os olhos, parecendo indignado.

— Foi horrível. O que desencadeou um dos piores episódios que já tive foi encontrar uma matéria sensacionalista que, se eu visse na época, não sei o que aconteceria.

— Não precisa me falar, Gabi. O que você fez foi uma tortura.

— Mas eu quero! — Pauso por alguns segundos para lembrar de cada palavra que permaneceu piscando em minha mente por horas. — A matéria

dizia: se a mulher não podia esperar para ver uma mensagem, então foi merecido o que aconteceu! Só tenho pena da criança.

Recordar ainda dói.

— Pelo amor de Deus, Gabi! Você não pode confiar em uma fonte dessa. Isso é absurdo. Se você quer superar o seu pânico, eu te ajudo, mas não se sabote. Escolha um caminho mais fácil.

— Sim, eu não vou mais fazer isso, porém confesso que quando superar o pânico tenho medo de perder o controle novamente, mesmo minha psicanalista dizendo que não.

— Minha linda, garanto que não vai. E no que eu puder ajudar, pode contar comigo.

— Eu sei, Cadu. Eu sei.

Ele se levanta do chão comigo no colo e me leva até a cama. Com cuidado me coloca sobre o colchão e em seguida se deita ao meu lado. Levo minha cabeça junto ao seu peito e o som das batidas do seu coração chega ao meu ouvido como um calmante, um arco-íris depois da tempestade que enfrentamos juntos.

Acariciando meus braços, Cadu parece sentir o mesmo, pois ouço sua respiração ficar mais tranquila até se tornar um ressonar e logo o acompanho, rendendo-me ao cansaço e à letargia gerada pelas revelações que o dia nos trouxe.

Capítulo 25

(...) Eu não sei bem como dizer como me sinto. Aquelas três palavras são ditas demais. Elas não são o suficiente (...)

(Chasing Cars – Snow Patrol^[15])

Gabrielle

Três dias depois do nosso desabafo mútuo, encontro-me emocionalmente melhor. Ter aberto minha vida e meu passado para Carlos Eduardo foi um divisor de águas.

Sinto como se uma mochila gigante e pesada tivesse sido tirada das minhas costas e o aperto no peito se dissipado. *Será que esta é a sensação de seguir em frente? De saber que, mesmo sendo imperfeita, há alguém com quem posso contar?*

Naquele dia, depois de acordarmos do nosso cochilo e colocarmos a cabeça no lugar, combinamos que tiraríamos um tempinho para nos recompor. Porém, ontem fui surpreendida com a visita de Cadu, que parecia tão ansioso quanto eu e veio me convidar para jantar em sua casa hoje.

Na verdade, eu estava com saudade de sua presença e só fui me dar conta disso quando o vi maravilhoso como sempre, imediatamente tive certeza de que estava pronta para aceitar seu convite e, assim, prosseguir com nosso relacionamento, sem segredos e ressalvas.

Eu me ofereci para fazer o jantar. Senti que deveria agradá-lo de alguma forma, um gesto de gratidão. Afinal, o bem que ele tem me feito não pode ser ignorado.

Neste momento estou colocando todos os ingredientes que vou precisar para fazer uma macarronada tipicamente italiana em uma sacola retornável. Minha mãe ainda não chegou, então deixo um bilhete dizendo que estarei na casa de Carlos Eduardo.

Estou usando um vestido longo, de alcinhas e florido. Fico incrivelmente mais nova com ele e meus cabelos soltos, que cresceram e estão dois dedos abaixo do ombro, reforçam esta constatação. Passo um *gloss* nos lábios, espalho um pouco de *blush* nas maçãs do rosto e finalizo com duas camadas de rímel nos cílios. Sem Pietra por aqui é o que me arrisco a fazer, mas estou satisfeita.

Calço minhas sapatilhas e sigo em direção à Casa Barcellos. Carlos Eduardo queria me buscar de qualquer jeito, mas consegui convencê-lo de que não é necessário.

Admito que estou nervosa pelo desenrolar da noite.

Tenho 34 anos, em poucos dias completo 35, e depois de tudo o que desabafamos e expusemos, não tenho motivos para disfarçar o quanto o quero e o desejo. Uma sombra de culpa continua me sondando, mas se Carlos Eduardo me aceitou com todos os meus defeitos e erros, não vou desperdiçar esta chance.

Chego em sua casa, que desta vez está toda iluminada, e uma música alta me recebe quando Cadu abre a porta. Com uma taça de vinho tinto na mão, ele me olha dos pés à cabeça e posso jurar que um brilho se destaca em *suas íris* caribenhas.

— Linda, linda! Entre, Gabi. — Ele abre espaço, não sem antes pegar meu rosto com a mão livre e deixar um beijo casto em meus lábios.

Carlos Eduardo está descalço, com uma camisa rosa clara dobrada em seus antebraços definidos — do jeito que adoro — e uma calça jeans desbotada. Nunca conheci um homem tão sexy como ele. Quanto mais

despojado, mais lindo consegue ficar.

— Você não está de se jogar fora, Cadu — brinco depois que nos soltamos, e eu caminho até a cozinha para preparar o jantar.

— Ah, preciso surpreender a *minha* garota.

— *Sua* garota? — pergunto, as sobrancelhas arqueadas ao me virar e encará-lo.

— Sim, *minha* garota — ele reforça, bebendo o líquido rubro da taça enquanto me fita sem desviar a atenção.

Busco palavras para retrucá-lo, mas prefiro desistir do duelo e engulo em seco, voltando-me aos ingredientes que espalhei pelo balcão de mármore, para divertimento de Cadu.

— Não sabia que você era tímida. — Ele adora me deixar sem graça.
— Quer um vinho para relaxar?

— Aceito o vinho, mas não sou tímida. Estou fora de forma.

— Fora de forma? Pelo que me lembro das nossas corridas, você está perfeita. — Ele está muito perto agora e afastando meus cabelos para o lado, seus lábios roçam minha nuca.

— Você sabe o que quero dizer, Cadu — murmuro, sentindo um arrepio perpassar minha espinha quando ele morde o lóbulo da minha orelha.

— Não, eu não sei, me explique. — Ele está minando qualquer controle que eu tenha juntado para mantê-lo longe, pelo menos até terminar de cozinhar.

Minha voz sai ainda mais rouca:

— Fora de forma no sentido de estar há bastante tempo sem flertar ou receber cantadas.

Ele ri sobre a pele exposta logo abaixo da minha orelha e o som reverbera em cada parte do meu corpo. Meus pelos eriçam e meus mamilos cobertos pela fina camada de renda do sutiã tomara-que-caia ficam

intumescidos.

O que ele faz comigo não pode ser descrito como algo que eu já tenha sentido um dia. Pode ser a novidade, o tempo sem ser tocada, mas é sempre tão intenso, tão... latente.

— Estava louco de saudade — sussurra.

— Eu também — confesso, fechando os olhos quando ele beija minha nuca e solto um longo e trêmulo suspiro. — Cadu, se você não se afastar agora não vou conseguir cozinhar.

— Ah, que pena, princesa. Eu pensei que estava te ajudando. Mil perdões.

Balanço a cabeça tentando segurar a risada, mas ela me vence.

— Nunca vi pessoa mais cínica.

— Estou ofendido, madame, mas vou deixá-la preparar o jantar porque estou faminto e quanto mais rápido você terminar, mais rápido poderei apreciá-la... *quer dizer, apreciá-lo*.

Carlos Eduardo me serve uma taça de vinho e brinda comigo antes de sair pela sala cantando uma parte da música que está tocando.

Quando dou por mim estou com um sorriso de orelha a orelha enquanto coloco uma panela de água para ferver com o objetivo de fazer a melhor macarronada que ele já experimentou. Não lembro quando foi a última vez que me senti tão feliz.

— Com toda certeza foi a melhor macarronada que eu já comi — Carlos Eduardo declara ao servir mais vinho. — Este *Merlot* harmonizou perfeitamente. Eu disse que seria melhor do que o *Pinot*.

— Verdade. Casou muito bem com o molho de tomate caseiro.

Deu gosto de ver Cadu comendo. Ele parecia estar provando o melhor dos manjares, fechando os olhos, degustando o sabor do molho, do manjericão que coloquei para dar um toque a mais. Ele amou e eu fiquei satisfeita.

— Fico feliz que tenha gostado.

— Linda, gostar é *muito* pouco. Acho que você terá que repetir esta receita toda semana.

— Aí nem a corrida vai nos salvar — brinco.

— Nada que um treino mais pesado não resolva. A academia está aí para isso — diz e pisca para mim. Como se lembrasse de alguma coisa, Cadu emenda: — A lua está dando um show, vamos para a área da piscina?

— Vamos sim!

Ele pega minha mão e me conduz até a parte de trás da sua casa. A cada visita fico mais confortável. Ela é tão acolhedora e me transmite tanta paz que nem percebo o tempo passar.

Ao chegarmos perto das espreguiçadeiras, Carlos Eduardo senta em uma e se acomoda no encosto da cadeira, a taça na mão.

— Ah, agora sim! Perfeito para assistirmos o espetáculo. Vem, Gabi!

Sento na cadeira ao lado e faço o mesmo, esticando minhas pernas até ficar com os pés cruzados sobre o apoio. Maravilhoso!

Antes que eu me dê conta, Carlos Eduardo entrelaça sua mão livre na minha e ficamos desse jeito, como se fosse a coisa mais natural do mundo, mas dentro de mim sinto tudo se agitar. Um turbilhão, uma tempestade, um mar revolto. Nada indicando medo ou ansiedade, apenas a sensação única que o seu toque me causa.

Observo ao redor e constato que o jardim em volta da piscina fica ainda mais bonito do que de dia. Holofotes com luzes diretas na cor verde estão focados nos pequenos coqueiros dispostos ao longo da grama,

embelezando ainda mais o lugar. Ao olhar para o céu, sou agraciada com uma lua cheia maravilhosa. Suprema, exuberante, apaixonante!

— Linda, não é? — Cadu pergunta, a poucos centímetros, fazendo-me encarar seu rosto sombreado pela noite que nos cobre, mas ele não está olhando para a lua. Agradeço por não estar claro o bastante para que ele perceba o quanto estou corada com a intensidade de seu olhar. Não sei se um dia poderia me acostumar com isso.

— Sim, demais — respondo com a voz fraca, voltando a observar a imensidão de estrelas e o astro luminoso que nos atrai.

Beberico o vinho, sorvendo o sabor intenso e inspirando o aroma frutado. Mais uma noite imprevisível. Quem diria que depois de passar dias trancada em casa, em uma tristeza sem fim, eu estaria me aventurando com Carlos Eduardo. É... a vida sempre surpreendendo.

Cadu parece tão perdido quanto eu quando me arrisco a virar o rosto em sua direção. Ele percebe que está sendo observado e sustenta o meu olhar, entornando a bebida de uma só vez para, em seguida, depositar a taça embaixo da cadeira.

Ele aproxima a espreguiçadeira da minha e nossos braços se tocam, além das mãos que continuam entrelaçadas, lançando uma fagulha quente em mim. Termino de beber e faço como Cadu, coloco a taça embaixo da cadeira. Ficamos nos olhando, ele afasta uma mecha de cabelo com um cuidado tocante e seus dedos deslizam até meu pescoço.

— Olhando para você agora, eu tenho certeza de que não poderia estar em um lugar melhor. — Seu indicador percorre meu rosto e eu fecho os olhos, desfrutando de seu toque. — Como você está se sentindo depois de tudo o que conversamos, Gabi?

Sua pergunta sai baixa, cuidadosa, e eu abro os olhos para responder e para que ele veja a sinceridade em minhas palavras:

— Estou leve, Cadu. Aliviada por você não ter fugido de mim, mas, principalmente, estou grata por não ter desistido de viver quando pensei que não teria forças para resistir à dor.

Respiro fundo e olho novamente para o céu estrelado. Lembro do dia em que eu cometi o pior erro da minha vida. Após contar o que havia acontecido no acidente para o meu ex-marido, o homem que eu tanto amava... de ver a expressão de desprezo em seu rosto... eu só queria sumir. Não encontrava motivos para continuar vivendo, o aperto no peito não diminuía um segundo sequer, então *numa* noite, quando estava sozinha no meu antigo apartamento, eu peguei uma faca. Se minha mãe não tivesse me encontrado...

Um soluço escapa da minha garganta.

Carlos Eduardo vira meu rosto em sua direção, a feição enternecida, e seus polegares secam minhas lágrimas:

— Nós dois sobrevivemos a situações traumatizantes, difíceis demais para esquecer e seguir em frente, mas agora... — Ele beija minha testa suavemente, antes de continuar: — ... temos um ao outro, não estamos mais sozinhos. — Depois de uma pausa, ele completa: — Não nos encontramos por acaso, Gabi.

Com a voz embargada e rouca apoio minhas mãos em seu pescoço, acariciando suas mandíbulas cobertas pela barba por fazer.

— Ainda não consigo acreditar que você passou por tudo aquilo... Não nos encontramos por acaso, Cadu — repito, beijando seus lábios em seguida.

Minha boca se movimenta lentamente e a dele dita um ritmo mais intenso. Nossas línguas se chocam em uma explosão de significados, de um lado para o outro, cabeças seguindo a dança. Em um segundo estou deitada na espreguiçadeira, no outro estou em seu colo, sendo levada para algum

lugar, mas nem eu e nem Cadu conseguimos separar nosso contato.

É mais selvagem que qualquer momento íntimo que tivemos até hoje, uma necessidade crua, pura, que só aumenta e aumenta e aumenta.

Mordisco seu pescoço, ele solta um gemido rouco e grave, segurando-me com mais firmeza enquanto me carrega. Somente quando ele para de andar é que eu percebo que chegamos em um cômodo que eu ainda não conhecia.

Só pode ser seu quarto.

Uma cama imensa coberta com uma colcha preta e ornada com travesseiros cujas fronhas são da mesma cor ocupa o espaço decorado com uma tinta acinzentada, tudo muito masculino e a cara de Carlos Eduardo. Uma luminária de piso, de inox, está ligada e uma luz amarelada e fraca, que deixa o ambiente ainda mais acolhedor, destaca a poltrona reclinável perto da varanda.

Cadu me coloca sobre o colchão, sem cerimônia, na certa lendo o desejo escrito em meu rosto, em meu corpo. A vergonha e o constrangimento passam longe, nós dois estamos na mesma sintonia, no mesmo limite, no mesmo propósito.

— Uma paisagem digna de ser pintada — ele diz, luxúria disparando do seu olhar, que parece ter o poder de derreter cada parte do meu corpo abrigado pelo vestido longo e que agora está levantado um pouco acima dos joelhos.

Ele desabotoa a camisa, demorando-se em cada botão e a joga no chão, dirigindo-se para o outro lado do cômodo.

Prendo o ar quando o vejo apenas com a calça jeans clara, os músculos dos braços, peitoral e abdômen gritando para serem apreciados, admirados, desejados. Engulo em seco. Ele é lindo demais. *Todo ele.*

De repente uma música instrumental gostosa e propícia começa a

tocar e Cadu retorna. Deitando ao meu lado, ele apoia o cotovelo na cama e fica de frente para mim, observando, absorvendo. Eu faço o mesmo, esperando o próximo passo, o que não quer dizer que eu precise ficar parada.

Tomada de coragem, resgatando uma Gabrielle esquecida, passo meus dedos, as unhas raspando em seu tórax robusto. Vejo os pelos se arrepiarem, a pele reagindo ao meu toque e a satisfação me atinge.

— Você é lindo — sussurro, desprendida de timidez, passando meus dedos em seu abdômen trincado, braços, nuca, no rosto anguloso. Minha vontade é tocá-lo por inteiro.

Ele afasta a alcinha do meu vestido e a deixa caída em meu ombro, levando sua boca até o local, a língua traçando um caminho até meu colo, um pouco acima dos meus seios, fazendo-me soltar um suspiro trêmulo.

— Linda... — ele murmura sobre minha pele, um sopro quente que me faz estremecer —, toda linda. — Um beijo entre o vão dos meus seios, uma lambida tímida. — *Minha Gabrielle.*

Minha Gabrielle.

O significado de suas palavras liberta alguma coisa dentro de mim e eu preciso sentir sua boca, seu gosto, eu preciso do que ele tem para me oferecer.

Pegando seu rosto com todo meu respeito e admiração, eu o deito na cama, subo em seu quadril e o beijo com tudo o que tenho e tudo o que sou. Meus olhos expressam a emoção que estou sentindo, derramando lágrimas que chegam em nossos lábios e se misturam ao enlace das nossas línguas. Uma combinação mútua de dor, paixão, redenção e esperança.

Esperança. Esperança. Esperança.

Minha vontade é gritar, correr, sorrir, gargalhar... *amar*. Como se lesse meus pensamentos, Carlos Eduardo balbucia:

— Eu preciso de você — sua voz sai desesperada em meio ao beijo

carregado de sensações e palavras não ditas, as mãos me percorrem sobre o tecido fino do vestido. — Só de você, Gabi.

Uma súplica.

Montada em Cadu ergo meu corpo e, devagar, deslizo o tecido comprido que me cobre para cima da minha cabeça, jogando-o para o lado. Fico apenas com o sutiã rendado e a calcinha fio dental, sentindo sua calça jeans áspera embaixo de mim.

— Meu Deus... — ele sibila. — É demais para segurar. Posso te tocar, linda? Você é mais do que maravilhosa e resistir tem sido uma tortura.

Vidrado. Carlos Eduardo está vidrado, perscrutando meus mamilos rijos que empurram a renda fina, os seios pesados implorando por atenção, meus braços, minha cintura, até meu umbigo. Uma veneração. E apesar de quase não conseguir se segurar, continua sendo um perfeito cavalheiro.

— Não precisa resistir. Pode tocar, Cadu. — minha voz sai irreconhecível. Prazer, emoção, verdade, entrega.

Ele parece identificar o que falei, o que eu quis dizer, de fato, e responde igualmente afetado:

— Vou fazer jus a isso, Gabi. Vou cuidar de você, ser digno do homem que você merece.

Eu estava em cima dele, mas com uma rapidez sobrenatural ele me girou e seu peso cobriu o meu. Agora ele está tirando sua calça com uma pressa louca e eu não posso deixar de rir.

— Calma, Cadu. Eu não vou fugir.

— Mas é claro que não vai, só não quero desperdiçar um segundo sem te tocar, minha linda.

Minha linda.

Quando escuto a forma carinhosa com que Cadu me chama, um calor aquece meu coração. Não é um simples apelido. É a essência do conceito de

carinho em uma expressão.

Quando ele tira a cueca boxer, preciso de alguns segundos para me recompor. É a confirmação de que ele é *todo* lindo.

— Agora você não me escapa. — Uma promessa e eu não vejo a hora do seu cumprimento.

Cadu volta para cima de mim e seu rosto paira sobre meus seios. Em um instante ele abre o fecho frontal do sutiã e os libera. A língua serpenteia meus mamilos e eu sibilo seu nome, arqueando meu tronco e agarrando seus cabelos. Continua descendo, chegando em meu ventre, sua boca tocando minha pele, chupando, mordiscando, até parar na beirada da minha calcinha.

Ele instiga, provoca e, sobre o tecido, inspira meu cheiro. Só com a expectativa fico inquieta.

— Cheirosa demais. — diz, beijando a parte interna da minha coxa, deixando-me ensandecida. — Antes de qualquer coisa...

Forço-me a ficar atenta às suas palavras enquanto sinto o ar quente de sua boca chegar mais perto da parte em que estou queimando.

— Quero que você saiba, Gabi, caso haja alguma dúvida, que isso... — Beija meu centro e eu gemo. — ... não é apenas sexo.

Sinto a peça minúscula deslizar pelas minhas pernas e, em mais uma mágica de Cadu, estou nua.

— Quero que você saiba, o que eu vou fazer com você vai muito além de qualquer definição. O que está prestes a acontecer vai mudar a minha vida, e eu sei que vai mudar a sua também.

Sem esperar minha resposta, sua boca me fisga e não consigo fazer outra coisa senão gritar. A surpresa, a satisfação e o prazer me envolvem de uma só vez. Ele não para. Continua me degustando com vigor.

Vou desfalecer.

Quero mais.

Não vou aguentar.

Sentimentos conflitantes que chegam a tocar a minha alma.

Plena, divina, elevada, é como me sinto e quando encontro meu *nirvana*, me derreto, contorcendo meus pés, uivando e balbuciando frases sem sentido, arranhando as costas de Carlos Eduardo, meu salvador.

Quando seu rosto sobe até o meu estou ofegante, recuperando-me depois de cair em um poço sem fundo, reaprendendo a respirar. Um sorriso malicioso desponta em seus lábios. *Aquele sorriso.*

— Satisfeito por me ver rendida?

— Isso é óbvio, mas o melhor foi ouvir você implorando. — Ele me beija e não me importo se a sua boca estava em mim há pouco. — Seu gosto é sem igual, Gabi. Eu poderia passar a vida toda me deliciando.

Eu não reclamaria de passar a vida toda recebendo tamanha atenção.

Pego-o pela nuca e trago sua boca até a minha, selando um beijo gostoso, profundo, enquanto vou saindo da minha posição até ficar em cima de Cadu. Seu corpo demonstra o quanto está sensível e ávido por libertação e o que mais quero é senti-lo por inteiro, infiltrando-se em cada parte minha.

— O que você quer fazer comigo? — ele brinca, mordiscando meu lábio inferior e me abraçando pela cintura.

— Eu quero fazer *tudo*. Quero te fazer sentir o que você me faz sentir, quero seus suspiros, seu fôlego, seu corpo, quero provar a sua essência, conhecer todos os detalhes.

Nunca fui tão sincera, tão direta, mas com ele as coisas são diferentes. Não é a Gabrielle antiga falando, percebo enfim, mas uma nova versão, ainda em construção.

Seus dedos contornam minha boca inchada, minha mandíbula, pescoço, os olhos azuis de um mar caribenho me encaram.

— Pode me tomar, linda. Estou completamente rendido. Faça o que quiser comigo.

Assim que termina de falar, ele abre a gaveta da mesinha que fica ao lado da cama e me entrega um preservativo.

— Comece quando preferir.

Sorrio com a sua praticidade e fico admirada com o quão fácil seria me apaixonar por um cara como ele. Eu poderia fingir, mentir, ignorar meus instintos, mas estaria me enganando sem motivos.

Depois de ter meu coração arrancado e quebrado em tantos pedaços, ver minha vida ruir, pensar que não tinha mais esperança para mim, imaginar uma vida solitária pelo resto dos meus dias, eu não poderia sequer sonhar que encontraria um homem como Carlos Eduardo.

Como pode? Em meio ao luto encontrei consolo. Em meio à dor encontrei um alívio. Em meio ao caos encontrei um porto seguro.

Parecia impossível me reerguer, voltar à vida, mas agora estou aqui, nos braços de Cadu, a ponto de mudar nossos caminhos para sempre. Porque eu sei que este é apenas o começo. No fundo, eu sei.

— O que foi, Gabi? — A pergunta me traz de volta à realidade e tomo ciência de que estava chorando. — Se você não estiver prepara....

— *Shhhhh*. Não é *nada* disso — abro um sorriso. — Eu estou feliz. Do meu jeito, mas finalmente estou feliz, Cadu.

Ele segura meu rosto que está a centímetros do seu, nossos corpos estão colados, ele embaixo e eu em cima, sentindo-o perfeitamente entre minhas pernas, quando diz:

— Temos muito a percorrer, Gabi, muito a aprender, conhecer, mas estou disposto a enfrentar qualquer coisa ao seu lado. Só peço que não me afaste.

— Eu não vou.

Eu o beijo novamente, selando um acordo, um compromisso. Suas mãos me agarram, apertam, o beijo intensifica, as línguas dançam, celebram uma nova fase, meu cabelo é agarrado assim como a minha cintura, o que faz com que eu o sinta em toda sua imponência e não contenho um gemido.

Afasto-me do seu contato apenas para colocar o preservativo. Cadu sibila. Demoro mais do que o necessário, minha mão subindo e descendo. Ele revira os olhos completamente entregue. Volto para minha posição e o observo abaixo de mim, os olhos injetados de luxúria, desejo incendiando, refletindo os meus. Ele espera. Aguarda.

Então, desço meu corpo.

A sensação é como se eu tivesse passado a vida toda com um vazio dentro de mim e agora, finalmente, fosse preenchida com o que estava faltando.

Ele urra, força-me a subir e descer em um ritmo constante, frenético, segurando minha cintura com precisão, mantendo o comando, eu grito, minha cabeça pende para trás, cravo minhas unhas nos músculos dos seus bíceps.

— Estou no paraíso. — Carlos Eduardo murmura, arfando. — Nunca vou esquecer dessa visão. Tão perfeita.

— Eu não vou aguentar por muito tempo — confesso, chegando muito perto de me libertar.

— Eu estou quase, linda. Vem comigo. Encosta esse corpo gostoso no meu.

Levo meu tronco até ele e ficamos colados. Cadu me abraça forte e eu coloco minhas mãos em seu rosto, iniciando um beijo lascivo que poderia muito se assemelhar a outro ato. Ele percebe e geme em minha boca. O entra e sai fica mais rápido, mais fundo, estamos à beira do ápice.

— Cadu... — grito e penso que vou desmaiar. Sem controle, descolo meu corpo do dele e fico sentada, remexendo com força, chamando seu nome

e me desfazendo em seguida.

Sabendo que Cadu está quase chegando ao limite também, ignoro a fraqueza que tenta me dominar e continuo me movendo, memorizando cada detalhe, o prazer de tê-lo dentro de mim. Ele massageia meus seios com determinação, aplicando um aperto em meus mamilos e urra meu nome ao encontrar seu alívio.

— Gabi... — Suas mãos não sabem o que fazer. Se vão para os meus seios, se apertam minha cintura para que eu não pare de me mexer, se agarram meu pescoço. — *Minha Gabrielle*. O que você fez comigo?

Ele ofega, o suor formando uma camada úmida em sua pele bronzeada, o cabelo desgrenhado, *as íris* azuis escurecidas. Carlos Eduardo conseguiu ficar ainda mais lindo do que o normal.

— Eu poderia perguntar o mesmo — respondo, desmoronando em seu peito. Sonolenta, pergunto: — O que você fez comigo?

Carlos Eduardo cumpriu com sua promessa.

Ah, como cumpriu.

Capítulo 26

Um fogo devora um outro fogo. Uma dor de angústia cura-se com outra.

([William Shakespeare](#))

Carlos Eduardo

— *Cadu, não sei se aguento mais um round. Estou enferrujada.*

Eu ri, mas não parei de instigá-la com a minha língua, passando em seus seios, descendo para o ventre liso, revezando com leves mordidas, até chegar ao meu destino. Eu não conseguia parar. Suguei o sumo viciante e chupei com vontade, fazendo com que gritasse meu nome. Aquilo me deixou extasiado.

Gabi estava exausta após nos perdermos durante toda a noite, eu também já demonstrava cansaço, contudo nenhum dos dois queria se afastar. Quando eu a tocava, ela queria mais. E quando ela me tocava, eu queria muito mais.

Minha vista chegou a escurecer quando Gabrielle deu lugar à ousadia e me colocou em sua boca quente. *Porra*, achei que não fosse aguentar de tão bom que estava. O vai e vem, a língua circulando, fazendo mágica, indo cada vez mais fundo, foi o auge para mim e precisei segurar sua cabeça para controlar a velocidade antes que eu me derramasse cedo demais.

Perfeita. Ela é perfeita.

Naquela noite descobri o verdadeiro significado de fazer amor e sexo ao mesmo tempo. Descobri o quanto estava rendido e não tive medo.

Uma semana depois da nossa primeira vez, eu ainda custo a acreditar no avanço que tivemos. Após tanta dor, tanta tristeza, finalmente algo bom está acontecendo na minha vida. Faz tempo que não me sinto tão bem... tão vivo!

Quando fiquei sabendo, enfim, do que aconteceu com Gabrielle, senti a sua dor, o seu desespero, os seus gemidos agonizantes quando a vi pela primeira vez, o choro incontrolável. *Porra*, ela perdeu uma filha de cinco anos, um casamento sólido, uma vida. Agora entendo como tem sido difícil para ela conviver com a culpa, com a responsabilidade de ter causado o acidente e, com ele, ter perdido sua Giulia.

Engulo em seco toda vez que lembro da história. Se eu sofri com a morte de um filho que, além de não ser meu, não tinha estado em meus braços, imagino como deve ser para uma mãe perder uma criança que ela cuidou, abraçou, ninou, beijou, amou mais do que a própria vida... *Foi uma fatalidade*, eu disse para Gabrielle. E foi! Ela não pode ser julgada mais do que seu próprio julgamento, a própria culpa que corrói e vai matando por dentro, a dor da perda de um filho que por si só já é algo imensurável, mas *eu a encontrei*. Eu a encontrei e ela me encontrou.

Ferrados de diversas formas, mas sobrevivemos. E se sobrevivemos é sinal de que a nossa história tem capítulos a serem escritos, uma frase que ouvi do meu psicanalista e sigo acreditando. Foi com esse pensamento que decidi que não iria mais resistir aos meus instintos, ao que eu tanto queria. *Gabrielle*.

Desde que a provei, que descobri como é bom estar dentro dela, que ouvi seus gritos de prazer, que senti sua entrega e seu gosto, eu não quero outra coisa. Seu corpo alvo me hipnotizou, me deixou viciado, sedento por mais e mais e mais. Suas curvas me deixam louco, os seios empinados balançando quando está montada em mim, subindo e descendo, os mamilos

rosados sempre tão rijos, deliciosos, aquela...

Se eu continuar falando de todos os seus atributos, não vou conseguir correr. Só de pensar nela já estou duro e preciso de todo meu autocontrole para não a levar para casa e esquecer a corrida.

Quando estamos juntos todo o resto desaparece. Somos apenas nós. Uma só respiração, um só corpo, uma só alma. Não lembro quando comecei a ficar tão meloso ou poético, mas só pode ser o efeito da minha Gabrielle.

Minha.

Também não recordo quando me tornei tão possessivo. Nada doentio, mas uma vontade desvairada de proteger, cuidar, consolar, acariciar, beijar... *amar.*

Neste momento estou sentado na varanda do Castelinho dos Fiore, como Gabi chama, esperando a donzela para corrermos e, em seguida, malharmos na minha academia, o que deve terminar na minha cama. Como tem sido em todas as manhãs desde a nossa primeira vez e se tornou a hora preferida do meu dia.

Estou relativamente mais tranquilo no trabalho, consegui contratar um enólogo e agora tenho três profissionais da área. Para o tamanho da vinícola é o bastante. A produção está *de vento em popa*, os maquinários funcionando, empregados trabalhando sem criarem problemas, a única coisa que me tira do sério é a hora de pagar os impostos altíssimos. Eu sabia que os primeiros anos seriam complicados, não teria lucros substanciais e o que ganhasse teria que investir na Casa, mas me parte o coração ter que despende de tanto dinheiro com tributos. Porém, não tem para onde correr. É o ônus de um negócio.

Por falar em negócios, preciso ligar para o Gustavo mais tarde. Além de ser meu melhor amigo, ele é quem sempre me questiona sobre como anda a empresa, se estou satisfeito, me atualiza sobre o mercado financeiro. Gus enviou uma mensagem ontem à noite, perguntando se eu tinha morrido,

sarcástico como só ele, porque nunca mais liguei e não atendi sua ligação há duas noites, enquanto estava jantando com Gabrielle. Tenho desligado o celular quando estou com ela e acabei esquecendo de retornar. Por mais que Gabi esteja progredindo dia após dia, ainda não superou o trauma com o aparelho, o que é completamente compreensível.

O lado positivo é que isso também me força a aproveitar cada momento ao seu lado, diferente do que tem acontecido com muitos casais, que no lugar de conversarem dão atenção ao celular, perdendo um tempo valioso, deixando esfriar a relação pouco a pouco. A situação de Gabi me fez enxergar que tudo que estimule o vício, aquela vontade exacerbada de olhar o celular de minuto a minuto, não pode ser saudável. Sem perceber, eu estava entrando nesse *looping*, colocando a desculpa no trabalho, mas depois de presenciar aquela crise de pânico de Gabrielle, só por ouvir o toque do meu telefone, comecei a me policiar e estou bem mais equilibrado no uso.

Nesta semana, mais especificamente na noite em que levei Gabi para casa depois do nosso jantar, sua mãe esperou que ela fosse para o quarto e me encontrou na varanda. Teresa havia me enviado uma mensagem mais cedo, dizendo que queria falar comigo a sós. A princípio, achei que fosse para perguntar o que estava acontecendo entre mim e sua filha, contudo, ela disse apenas que sabia que eu estava cuidando de Gabrielle porque ela parecia muito bem, mas queria falar sobre outra questão.

O dia do acidente.

Ela me contou que até hoje a Polícia não sabe o que aconteceu, que a câmera que deveria filmar aquela área não estava funcionando e que, para ela, a filha não era culpada. Teresa achou que eu deveria saber para que não criasse *nenhum* tipo de preconceito, porque ela tinha ciência de que Gabrielle havia me contado tudo.

Em nenhum momento olhei diferente para a Gabi ou a apontei como

culpada porque para mim foi uma fatalidade. O fato de sua mãe querer protegê-la de alguma forma me deixou compadecido. Uma família como a dela é raridade.

— Me esperando há muito tempo? — uma voz rouca que conheço bem interrompe meus pensamentos. — Meus pais me acordaram com um café da manhã na cama.

Levanto da mureta de pedra, dou o meu melhor sorriso e abro meus braços.

— Parabéns, gatinha!

— Podemos pular essa parte? — Gabi pergunta e me abraça.

— Nada disso. Hoje o dia é todo seu.

— Então você poderia me dar uma trégua da malhação.

— Ou poderíamos pular para outro tipo de exercício — sussurro em sua orelha, mordiscando o lóbulo, e vejo seus pelos arrepiarem em resposta.

— Ai, não faz isso, Cadu — diz, afastando-se do abraço para me olhar. — Era o que eu mais queria. Ficar o dia todo com você, naquela cama gostosa ou na piscina...

Gabi fica pensativa, como se imaginando o que poderíamos fazer e eu caio na risada. Descobri que é tão fogosa quanto eu e isso me deixa louco. Ela ri também e complementa:

— Mas não poderei demorar. Pietra me convocou, ainda tem o jantar que minha mãe está preparando... Não adiantou eu ter pedido para não fazerem nada. Os Fiore são teimosos demais.

Hoje é o seu aniversário de 35 anos. Eu só fiquei sabendo porque na noite em que conversei com Teresa ela me convidou para o jantar. Fiquei surpreso porque Gabi não tinha me falado *nada*, mas compreendi que não queria fazer alardes. Quantas memórias ela *não* deve ter de sua antiga vida, nesta mesma época? Não é fácil.

— Linda, fique tranquila. O que você quer fazer? Hoje a escolha está na sua mão.

— Podemos correr? Estou precisando me distrair. Não me entenda mal, Cadu.

Como eu imaginava. Ela não está bem.

— Só se for agora! — Coloco minhas mãos em volta do seu rosto e emendo: — Não se preocupe, Gabi. Estaremos juntos à noite. Só quero que você fique bem, ok?

— Obrigada.

Eu a beijo, precisando sentir sua boca, sua língua, e ela retribui com a mesma avidez, passando os braços pela minha cintura e apertando-me contra si. Em cada gesto deixo que saiba que estou com ela, que pode contar comigo e o que eu puder fazer para que fique bem, eu farei.

A manhã não foi como eu esperava. É evidente que a família de Gabi está fazendo de tudo para que ela tenha um dia ocupado, sem ter tempo para pensar em outras coisas. Eu não teria planejado uma tática melhor.

De banho tomado, após correr 10 km debaixo de sol forte, decido ligar para o meu amigo.

— *Já estava encomendando uma coroa de flores.* — É a primeira coisa que Gustavo fala assim que atende.

— Você é um *filho da puta* mórbido, sabia?

— *Achei que você tivesse batido as botas, Cadu. Não liga, não responde mensagem...*

— Eu passei os últimos dias um pouco ocupado.

— *Já sei que temos novidades, então.*

— Estou saindo com a Gabrielle.

— *Aí sim, meu camarada. É coisa séria ou passageira?*

— Séria! Bem séria, por sinal.

— *Senti firmeza, Cadu. E o problema dela? Descobriu o que era?*

Eu poderia desconversar, dizer que é problema de Gabrielle, mas Gustavo tem sido meu braço direito, meu melhor amigo, mais chegado que um irmão, o cara que me ajudou quando mais precisei e, principalmente, temos uma relação de cumplicidade, por isso resolvo contar tudo.

Ele ouve e demora alguns segundos até dizer:

— *Meu, que situação bizarra essa mulher passou. Traumatizada com celular, perdeu uma filha, o marido... Cadu, você tem certeza de onde está se metendo?*

— Eu sei que parece pesado, mas de alguma maneira a gente se completa, Gus. Ela me entende, eu a entendo. Estamos indo devagar, nos curtindo. Um passo de cada vez.

— *É, eu preciso voltar no Vale.*

— Ah, é? Posso saber por quê?

— *Porque preciso ver com meus próprios olhos como é essa Gabrielle. Preciso aprovar o relacionamento.*

— Conta outra, Gustavo. — Ele ri.

— *Falando sério agora. Preciso te contar uma coisa.*

— O que foi?

— *Estou namorando.*

— Você não para de me sacanear, não? *Porra, Gus, você não...*

— *Estou falando sério.*

A gargalhada que eu solto é alta o bastante para que o meu amigo comece a me xingar, mas não consigo parar. Gustavo? O maior fanfarrão que conheço, namorando? Não pode ser.

Vou parando de rir e quando me recomponho, pergunto:

— Eu conheço?

— *Não. Ela se chama Vanessa e tem 25 anos. Começou a trabalhar aqui há um mês. A gente saiu algumas vezes e ela me deixou louco quando disse que só continuaria ficando comigo se a gente namorasse. Então a pedi em namoro e vou dizer que não me arrependo. Até que está bom.*

— Não acredito, Gustavo. Vinte e cinco anos. Ela é nova.

— *Gosto de novinhas. Ela conseguiu fisgar o garanhão aqui. A mulher é um furacão na...*

— Ok, Gus. Não quero saber os detalhes, porra!

— *Ao contrário de você, que não quis enviar foto da Gabrielle, vou te mandar uma da Vanessa no Whatsapp.*

— Não precisa — digo.

— *Mas eu quero.*

— Faça o que você quiser, mas não vou te mandar da Gabi.

— *Não tem problema, cuzão. Quando eu for aí eu vejo.*

Reviro os olhos mesmo sabendo que ele não pode me ver.

— Estou feliz por você. Tomara que dê certo, Gus.

— *É... quem sabe? Vamos ver. Prefiro não criar expectativas. O que tiver de ser, vai ser.*

— Cara, foi mal não te dar atenção na semana, mas está tudo tão recente com a Gabi que eu fiquei aéreo.

— *Tranquilo, Cadu. Eu sei como é. Espero que dê tudo certo entre você e a Gabrielle. Brincadeiras à parte, quero conhecê-la quando for em Bento.*

— Obrigado, Gus. Quando quiser, você já sabe, só chegar. Pode trazer a namoradinha.

— *Pode deixar. Até qualquer dia, camarada.*

— Até, meu caro.

Desligo e reflito o que Gustavo me contou. Quem diria que meu amigo estaria namorando? Fiquei realmente surpreso com a novidade, mas feliz por ele ter encontrado alguém, mesmo que ele finja não fazer muita questão.

Checo a hora e me assusto com a rapidez que o tempo está passando. Levanto do sofá e resolvo adiantar a preparação do presente da Gabi. Estou apreensivo tanto pelo jantar, com toda a família Fiore, quanto para saber o que ela vai achar do que estou preparando.

No que depender de mim, a noite de Gabrielle será excelente.

Capítulo 27

(...) Se você chega amanhã eu já te espero hoje, com saudade do que a gente ainda não viveu e talvez eu já te esperasse sem saber teu nome. São coisas que nem Freud entende e muito menos eu. Pouco a pouco e de repente como pegar no sono. Deus tem dessas ao criar encontros (...)

(Maktub – Kell Smith)

Gabrielle

E eu achando que conseguiria dobrar a dona Teresa. Como pude esquecer que ela é mais teimosa que uma criança? Eu disse que não queria festa, jantar, nada de aniversário, mas é a mesma coisa de dizer: sim, quero uma festa de aniversário.

Não é que eu não goste de comemorar, mas passei pelo menos dez anos celebrando com meu ex-marido, cinco anos com minha filha. Tantas lembranças, tantos pedidos.

Minha vontade era aceitar o convite de Cadu, passar a manhã toda com ele, curtindo e desbravando seu corpo, recebendo a mesma atenção dele, que é um cara incrível e sabe o que faz. Foi tão fácil me acostumar a apreciar seu corpo nu, saborear seu gosto, desejá-lo a cada minuto, admirar a sua beleza que vai muito além do exterior. Uma beleza que eu nunca pensei que fosse encontrar em outro homem. Não depois de Marcos.

Mas nem tudo sai como queremos, ainda mais se a família Fiore estiver envolvida. Pietra me chamou para fazer compras e passar o dia com ela no shopping, depois de tudo o que ela fez por mim, não tive como recusar. Minha mãe marcou um jantar e convidou Carlos Eduardo antes de mim com a desculpa de que estava com receio de que eu não fosse chamá-lo.

Não tive opção a não ser seguir o ritmo deles.

Trinta e cinco anos. Paro e reflito em tudo o que já vivi. E caramba! Foi muita coisa. Saí do Sul, fui para o Rio de Janeiro, estudei, me formei, casei, consegui o emprego dos meus sonhos, gerei uma filha que eu amava mais que tudo, me tornei Diretora na empresa dos meus sonhos, perdi minha filha, perdi meu marido, quase *me* perdi, voltei para o Sul... Se minha vida fosse um gráfico, os últimos anos fariam minha vida parecer uma montanha-russa.

Respiro fundo e ajusto o macacão que ganhei da minha irmã. Mesmo tendo dito que tenho roupas novas desde a outra vez que saímos juntas, ela não quis saber. Disse que eu precisava desta peça porque era linda demais e condizia com um aniversário.

Eu não tive como discordar. No início estranhei porque nunca fui de usar macacões, mas por ele ser da minha cor favorita, preta, colaborou. A peça é sem mangas e na parte de cima é um pouco mais soltinha. Na cintura tem uma espécie de cinto de cetim, da mesma cor, equivalente a quatro dedos, e marca a separação da calça cigarette. Nos pés, coloquei um *scarpin* cinza escuro com um salto que eu não usava desde a época em que trabalhei na *Fox*.

Deixo os cabelos soltos, a maquiagem que Pietra fez é leve, mas nos lábios estou usando um batom vermelho, cor que não uso há anos também. Quase não me reconheço. Uma outra mulher. Lembro do pensamento que tive na primeira noite em que me entreguei a Cadu. Não é a antiga Gabrielle que está ressurgindo, mas uma nova versão está nascendo. E ousar dizer que gosto desta versão. Representa um outro ciclo, porque aquele, *o que eu era, o que eu tinha*, não vai voltar mais. *Nunca mais*.

Saio do quarto, Pietra desceu antes para dar comida ao Bernardo e tento não ficar nervosa. Um som ambiente está tocando uma música que ouvi

na casa de Carlos Eduardo e imagino que ele já está por aqui. Meu coração acelera.

Calma, Gabrielle.

Respiro fundo e desço as escadas. Quando estou no último degrau avisto os meus pais, minha irmã com o filho no colo, o marido ao seu lado e então o encontro, o homem mais lindo que já vi e tenho o prazer de ter como parceiro, Carlos Eduardo. Todos se viram quando percebem a minha presença, desligam o som rapidamente e começam a cantar parabéns.

Pressiono meus lábios um no outro na intenção de impedir o choro, mas é impossível. Meus pais estão visivelmente emocionados e não têm vergonha das lágrimas que rompem de seus olhos, Pietra disfarça abrindo um sorriso gigante, mas a face está vermelha, sinal de que está se segurando. Ela chacoalha meu sobrinho para cima e para baixo e ele cai na gargalhada batendo as palminhas e Cadu... Cadu é uma visão à parte. Os lábios desenhados e rosados estão curvados para cima e um dos seus sorrisos mais arrasadores é lançado em minha direção.

— *Gabrielle! Gabrielle!* — as vozes entoam no final.

Sorrindo de volta, seco minhas bochechas e agradeço a cada um, só agora percebendo a decoração da sala com balões dourados espalhados no teto e uma mesa com dois arranjos de flores copos-de-leite e um *naked cake* de três andares. Elas me enganaram direitinho. Eu pensei que seria apenas um jantar, mas deveria ter imaginado.

— Está tudo lindo. Muito obrigada! — digo ao chegar perto da minha mãe.

— Feliz aniversário, filha. *Tu merece* muito mais. — Olhando-me como se me visse por dentro, emenda: — Está tão linda.

— Ah, mãe. Obrigada. Foi presente da Pipa — respondo, referindo-me à roupa.

— O macacão é apenas um acessório, querida. *Tu está* radiante, o semblante iluminado — ela diz, segurando meu rosto. — Estou tão feliz que está se reerguendo, se transformando em uma mulher mais linda do que era. Sempre soube que um dia *tu voltaria* a sorrir.

Eu a abraço forte, aconchegando-me em seu pescoço e sussurro:

— Nunca vou conseguir agradecer o suficiente por tudo o que vocês fizeram. Obrigada por não desistirem de mim.

— *Bah!* Mas nunca nessa vida! — exclama e meu pai se aproxima, abraçando-me também.

— Tu e Pietra são nossas pedras preciosas, nossas maiores riquezas, minha filha. — É a vez de Marco Fiore me fazer chorar. — O que tivermos que enfrentar, nós vamos enfrentar por vocês.

Um amor tão puro, tão forte. Não quero pensar em como eu estaria se não tivesse uma base familiar tão sólida.

Afasto-me, secando meu rosto e minha mãe arruma meus cabelos.

— Vá falar com tua irmã antes que ela comece a reclamar.

Eu rio e assinto.

Vou até Pietra, que já está me aguardando, mas Bernardo se agita em seu colo, balbuciando sem parar.

— Oi, Bernardo — digo com uma voz infantil. — Quer vir com a titia?

— Titiaaaaaa. — ele grita e eu, Pipa e Marcelo rimos. Ao fundo consigo ouvir uma risada grave, mas não ousa olhar para ele.

— O Bê quer ir com a titia — meu cunhado constata.

Minha irmã me passa o rapazinho e eu dou um abraço apertado.

— A titia estava com saudade, sabia?

Ele me encara e escancara a boquinha *num* sorriso tão largo que sou incapaz de não o seguir. Olho para o lado e Carlos Eduardo me observa. Fico

sem graça com o olhar intenso, parecendo ler a cena à sua frente. *Será que ele ainda quer ter filhos? Será que eu quero ser mãe novamente?*

Jogando os questionamentos para longe, coloco meu sobrinho no chão sabendo que ele começou a andar e que Marcelo está de olho, volto-me para minha irmã.

— Parabéns, Gábi!

Sem esperar, lanço meus braços ao redor do seu pescoço.

— Obrigada por tudo, irmã. Você sabe que eu nunca vou parar de te agradecer e ainda não será o bastante.

— *Bah, Gábi. Tu quer me ver chorar mesmo, né?*

— Só estou dizendo a verdade. Obrigada por esta festinha também. Sei que tem o seu dedo por aqui.

— Estou tão orgulhosa de ti, irmã. Sempre te olhei como exemplo de mulher, talvez *tu não saiba* mas uma mulher-maravilha era o que eu enxergava, que conseguia fazer mil coisas ao mesmo tempo, cuidar de casa, marido, filha, trabalho, mas nada se compara ao quanto te admiro agora. A força que *tu conseguiu* extrair do fundo do teu ser, da tua alma... Feliz 35 anos! Feliz vida nova!

Suas palavras me levam ao choro. Um choro que não me importo de segurar ou minimizar, corre livre. Eu me permito sentir. Soluçando, aperto mais seu corpo contra o meu, agradecendo por ela existir na minha vida.

— Obrigada, obrigada, obrigada, Pipa. Te amo muito.

— Te amo mais, irmã.

Quando me desvencilho do contato, sem levantar a cabeça, digo que preciso ir ao banheiro e todos riem, compreendendo a bagunça que estou.

Ao me deparar com o espelho vejo que a maquiagem, que é à prova d'água, não saiu, mas preciso lavar meu nariz que está vergonhoso. Após, pego um pedaço de papel e passo em todo meu rosto. Penteio os cabelos com

os dedos e julgo estar mais apresentável agora.

Saio do banheiro e a música voltou a tocar, minha mãe está na cozinha terminando de preparar a comida e o restante do pessoal continua na sala. Falo com Marcelo, que me deseja feliz aniversário, sempre muito reservado e, enfim, chega a vez de falar com Cadu.

— Olá — digo e abro um sorriso.

— Feliz aniversário, minha linda. — Sem se importar com a presença da minha família ele me cumprimenta com um beijo casto nos lábios e me abraça, o corpo musculoso quase me cobrindo por inteira. Levando a boca ao meu ouvido, sussurra: — Você está mais do que deslumbrante. Maravilhosa. Mas não vejo a hora de tirar este macacão lentamente e cobrir seu corpo de beijos dos pés até essa boca gostosa.

Engulo em seco e sinto minha temperatura subir gradativamente. Pensei que ele seria polido e recatado, como vem se mostrando desde que o conheço, mas é inegável que as coisas mudaram. Nós somos amantes, parceiros, nada como antes. Agora temos intimidade, um vínculo que estamos curtindo pouco a pouco, descobrindo, aprofundando.

Confesso que prefiro o Carlos Eduardo de hoje que, ao mesmo tempo que fala coisas bonitas e elogios respeitosos, faz com que eu me sinta desejada ao expressar seus pensamentos mais escusos.

— Estou sentindo até calor — Pietra brinca quando passa por mim e isto me lembra de que não estou sozinha com Cadu.

Meu Deus. Que cena! Saindo do seu abraço, olho para o meu pai e ele finge que não estava nos observando, mas o conheço muito bem. Minha mãe faz o mesmo.

— Você me paga — digo, entredentes, ao meu vizinho e ele tem a coragem de rir.

— Não vejo a hora de pagar — ele murmura e eu me arrepio com a

proximidade dos seus lábios em minha orelha.

Impossível. Até o final da noite o que será que me aguarda? Não sei se estou preparada para descobrir.

Sentada à mesa, bebendo um espumante, *brut rosé*, premiado da Famiglia Fiore, fico admirada com a quantidade de comida que mamãe cozinhou. E só o que eu amo. A entrada não poderia ser outra senão sopa de *capeletti*. Em seguida, foram servidos costelinha suína, *tagliatelle ao pesto e mafalda ao funghi*.

— Teresa, acho que nunca comi tão bem. Está tudo delicioso — Carlos Eduardo diz, ao meu lado, arrancando um sorriso orgulhoso da matriarca da família.

Pipa revira os olhos, sabendo como nossa mãe fica boba com elogios.

— *Bah!* Não precisa exagerar, Cadu. Tudo foi feito com muito amor. Acho que esta é a diferença.

— Não tenho a menor dúvida. Consigo sentir todo esse amor e preciso agradecer pelo convite.

— Nós é que agra... — Teresa começa a falar, mas meu pai a interrompe.

— Carlos Eduardo, estou curioso. — Estranho o seu tom e fico alerta. — Devo me preocupar com a tua aproximação com a minha filha?

Todos à mesa ficam quietos. Entorno o líquido borbulhante de uma só vez e fico esperando a resposta de Cadu, sem conseguir olhar para ele. Meu pai é mais tradicional do que a minha mãe. Ele mantém a veia italiana de seus antepassados viva até os dias de hoje e protege suas filhas com unhas e dentes, independente de qualquer situação.

O proprietário da Casa Barcellos leva alguns segundos para responder, mas quando ouço sua voz, inconscientemente seguro o fôlego:

— Marco, não há motivos para se preocupar. Como falei em minha casa, quando você e a Teresa aceitaram meu convite, eu não sou um *piá*. — Olho para Pietra e ela arqueia as sobrancelhas. — Tenho 38 anos, já passei por muitas coisas nessa vida e mesmo não fazendo parte dos meus planos, conheci uma pessoa maravilhosa que tem feito os meus dias ficarem melhores. Inclusive...

Ele gira o corpo na cadeira, ficando de frente para mim, e sou obrigada a levantar meu rosto, encontrando os olhos azuis flamejantes e *aquele* sorriso despontando em seus lábios.

— Diante de todos aqui presentes, gostaria de pedir a mão da Gabi em namoro.

Primeiro veio o susto. Depois os olhares direcionados a mim, esperando uma resposta.

Namoro.

Isso já é mais do que eu poderia prever. Eu imaginei que teríamos um tempo para curtir, sem qualquer compromisso. Contudo, não posso ignorar que bem no fundo eu gostaria de ser exclusivamente dele e que ele fosse exclusivamente meu. Nem posso desconsiderar o quanto Cadu me faz bem e como me sinto viva ao seu lado. Muito mais do que algo carnal, nós temos uma relação de cumplicidade e de respeito que amo e acho essencial.

Solto um longo suspiro remexendo as mãos de nervoso e passo a língua entre os lábios secos. Tomo coragem.

— Bom, fui pega de surpresa, como devem saber. — Mais risadas. — Porém, assim como Cadu, vocês mais do que *ninguém* têm conhecimento de que eu também não planejava conhecer outro homem.

Silêncio.

Não querendo tornar o momento sério demais, continuo:

— Se tem uma coisa que aprendi com a Família Fiore é que jamais devemos ignorar os sinais que a vida nos apresenta e eu encaro que o Cadu é um destes sinais. Ele apareceu no momento certo, em que eu precisava ser vista como uma mulher e não como uma filha ou uma irmã que passou por uma fase difícil. Enfim, sem prolongar e evitando entrar em outras questões, quero dizer que ele tem me feito muito bem e que eu aceito ser sua namorada.

Um longo e tenso suspiro sai de dentro de mim e relaxo na cadeira, servindo-me de mais uma taça de espumante.

Carlos Eduardo está paralisado, parecendo perplexo com as minhas palavras. Ele pisca, voltando à realidade, abre um sorriso ao segurar minhas mãos e levá-las à boca, beijando dedo por dedo. Como fez certa vez. Eu sorrio de volta, aproximando-me para beijar o maxilar ausente de pelos e sinto o cheiro refrescante da colônia pós-barba.

Palmas irrompem ao nosso redor e eu e Cadu saímos do nosso estupor. Meu pai acompanha, a expressão mais leve, e minha mãe seca os olhos com um guardanapo.

— Vamos aos presentes? — Pietra pergunta, animada. — Depois partimos o bolo.

— *Bah!* Vamos, gente — Teresa Fiore responde igualmente animada.

— Pessoal, não precisava. Vocês estão fazendo tanto por mim.

— Fica quietinha, Gábi. Vamos lá — minha irmã retruca, tão gentil quanto um cavalo. Ela está toda serelepe porque Bernardo está dormindo. Carlos Eduardo apenas ri da nossa interação com uma expressão deslumbrada.

Todos se juntam na sala de estar. Minha mãe está com um envelope no colo e Pietra tira uma caixa debaixo do carrinho do meu sobrinho. Cadu senta ao meu lado no sofá que contorna o cômodo em “L”.

— Vou começar. — Pipa fala como se fosse uma criança. Às vezes esqueço que ela é dois anos mais velha que eu.

— Comece, Pietra — minha mãe incita.

— Irmãzinha, eu e Marcelo pensamos bastante no que poderíamos te dar e analisando o que *tu tem* feito na vinícola escolhemos este presente. Espero que goste e que *tu faça* muito bom proveito dele.

Ela me entrega a caixa e eu agradeço. Rasgo o papel e tomo conhecimento do que é. Arregalo os olhos.

— Pipa! Marcelo! — exclamo. — Não acredito.

Eles sorriem.

Abro a caixa de papelão e tiro um notebook de dentro.

— É para te ajudar a superar... e pode ser útil com o trabalho — Pipa enuncia.

Meu antigo notebook ficou no Rio de Janeiro. Não quis trazê-lo porque eu não estava mexendo em nada relacionado à tecnologia e não queria ligação alguma com o passado, mas confesso que há alguns dias eu senti falta da praticidade que ele proporciona. Ter que escrever tudo à mão não é nada legal e quero começar a testar minha entrada na internet, pelo menos para as pesquisas que preciso. Cadu aperta meu ombro e eu interpreto o que ele quer dizer instantaneamente: *não será fácil, mas estou com você e te apoiarei*. Esta nossa ligação, de entender o que o outro quer dizer sem precisar falar, é tão inexplicável que às vezes me espanto.

Aperto seu joelho em resposta.

— Muito obrigada! Vai me ajudar bastante. — Levantando, beijo a bochecha de Pietra e do meu cunhado.

Chega a vez da minha mãe falar:

— O nosso presente, meu e do teu pai, está guardado há um tempo, mas acreditamos que tudo tenha um propósito para acontecer. — Ela me

estende o envelope e minhas mãos começam a suar em expectativa.

A primeira coisa que percebo é que é um documento. Quando começo a ler levo uma mão na boca, surpresa, boquiaberta, perplexa.

— Mãe, pai! Eu não posso acreditar. Eu não posso...

— *Bah!* Pode ir parando, Gabrielle — meu pai me detém, reprovando minha quase recusa. — Nós fizemos o mesmo com Pietra há alguns anos. Agora é a tua vez. É direito teu como nossa filha.

Um terreno.

Eles me deram um terreno. Ele fica a poucos metros da Famiglia Fiore e eu ainda não posso acreditar no que está acontecendo.

— Eu... Vocês estão empenhados em me fazer chorar hoje, não é possível — falo e não contenho a emoção. — Muito obrigada, pai, mãe. Não tenho como agradecer — Eu me aproximo deles e os abraço de uma vez, segurando cada um com um braço.

— *Tu pode* construir o que quiser, Gabi. Quem sabe pode refazer a tua vida aqui — minha mãe complementa, ansiosa. — Ele é teu há três anos.

Três anos. Quase na época do acidente. Por isso a demora. Meu Deus!

— Muito obrigada. Amo vocês!

— E nós te amamos. Muito, filha.

Volto para o meu lugar e Cadu levanta. *Hum... O que ele está aprontando?* Ele retorna com uma bolsa grande e senta ao meu lado.

— Também tenho um presente para a Gabi.

— *Bah!* Pensei que teria que te ensinar a dar um presente, Cadu — Pietra se intromete e é claro que todos caem na risada.

— Não precisa, Pietra. Eu só queria fazer um suspense — ele responde e pisca para ela.

Lindo demais. Preciso me beliscar para saber se tudo o que está acontecendo é real. Tem vezes que penso que estou sonhando, que a qualquer

momento vou acordar na clínica em que vivi durante meses, mas quando Carlos Eduardo me beija ou me toca, vejo a verdade em cada gesto. Ele é real. O que temos é real.

— Bem, primeiramente gostaria de dizer que o amor que vocês sentem um pelo outro é inspirador. Quando entrei por aquelas portas eu me senti bem. Gostaria de parabenizá-los por isso, afinal, ter uma família como esta é a coisa mais difícil atualmente.

Meus pais se entreolham e ficam de mãos dadas. Sorrio admirada. Eu também me inspiro neles. Batalhadores, parceiros, pais excepcionais, amantes apaixonados. Observo a expressão de Cadu e percebo o quanto ele está comovido, o que me leva a recordar, imediatamente, do que ele passou nas mãos daquela mulher. Uma coisa ela não conseguiu, não tirou a sua essência. Ele poderia muito bem ter partido para a violência, para as drogas etc., mas não, ele persistiu e não desistiu. Quem vê o sorriso, a bondade, o jeito fácil de levar a vida, não imagina que ele já esteve na escuridão, como eu não imaginava e o julgava injustamente.

Aproximo-me apertando sua mão livre e Cadu me observa, *as íris* brilhantes, então beija minha testa.

— Conheci a Gabi há poucos meses, mas é como se eu a conhecesse há anos. Somos parecidos e diferentes na mesma proporção, a nossa troca tem sido incrível. Ela tem me ensinado e me mostrado que é possível recomeçar.

Retruco, beijando o dorso da mão grande:

— Ah, Cadu. Você tem feito o mesmo comigo.

— *Bah*, vocês são tão lindos... — Pietra divaga e eu balanço a cabeça.

— A gente torce pela felicidade de vocês — minha mãe entra em cena. — Vocês são jovens, merecem viver, aproveitar a vida. Têm meu total apoio.

— O meu também — Marco Fiore diz em seguida e sorrio para ele, lembrando do seu olhar pelo retrovisor de um carro não faz muito tempo. O quanto ele estava arrasado com a minha situação e precisou me acudir no meio de uma crise em frente ao meu antigo apartamento.

— Fico feliz e aliviado por ter o apoio de vocês. Agora preciso dar o presente da minha namorada antes que Pietra diga que está na hora do bolo.

Não tenho nem tempo de rir da piada porque a palavra *namorada* martela em minha mente. Acho que vai demorar um pouco para me acostumar, mas gostei. Gostei bastante.

— Mal entrou na família e já está tirando uma comigo, Cadu? — Pipa finge estar ofendida, mas a risada logo dá o ar da graça.

— Não leve para o pessoal, Pietra. — Sorrindo, ele abre a bolsa e tira um pequeno embrulho. — Espero que goste, Gabi.

— Com certeza vou gostar.

Pego o presente, rasgo o invólucro e uma caixinha preta quadrada é revelada. Abro a tampa e suspiro com a beleza e o significado do conteúdo. É uma gargantilha de prata com um pingente que eu nunca tinha visto. Uma garrafa entornando vinho em uma taça. Dentro desta taça há uma pedrinha vermelha incrustada no formato de um coração, representando o vinho tinto.

— Que lindo, Cadu! Eu amei demais.

— Que bom que gostou, linda. Quando vi na loja só pensei em você.

— Acho que vou ter que esconder da Pietra.

— *Barbaridade*. Minha irmã acha que eu sou o quê? Deixa eu ver.

Mostro para ela à distância e sua mão vai até a boca.

— *Bah!* Que coisa mais linda! Marcelo, preciso de um desse.

Meu cunhado sorri e revira os olhos.

— Eu disse que vou ter que esconder dela — repito.

— É realmente muito lindo, Gabi — minha mãe diz, apreciando a

peça.

— Não é? Estou apaixonada.

— Fico feliz que gostaram, meninas. Mas agora vem o presente principal.

— Como assim? — Afasto os olhos do cordão, desconfiada.

— Uma coisa não podemos negar: Carlos Eduardo está se esforçando — meu pai faz piada e todos caímos na risada.

— Não precisava, Cadu. Já estaria satisfeita só com esta lindeza aqui — comento, admirando a gargantilha novamente.

— Eu sei, mas um complementa o outro. Fique tranquila. — Mais uma vez ele pega a bolsa e tira de dentro dela uma embalagem que eu conheço bastante.

— Um vinho? — pergunto, analisando a embalagem comprida.

— Abra. — E me estende o presente.

Ao obedecer seu comando, confirmo que é um vinho e deslizo a garrafa para fora. Um vinho branco. Antes que eu veja o rótulo ele começa a falar:

— Este é o meu novo produto, pronto para ser comercializado. Lembra do *Chardonnay* que você experimentou?

— Claro que lembro. Delicioso. Até comentei com meu pai — digo, apreciando o design do rótulo. Lindo, elegante, dá um ar de requinte ao vinho. Muito bom gosto.

— É verdade. Estou querendo experimentar — Marco Fiore confirma.

— E podemos, ainda hoje, mas antes preciso explicar que o nome dele foi inspirado em Gabrielle.

Todos param de falar e olham para o nosso vizinho, inclusive eu.

— O quê? — pergunto.

— Eu o chamei de *Recomeços*. Quando disse que você me mostrou

que é possível recomeçar, não estava mentindo. A nossa história é exemplo disso. Quando surgiu a ideia na minha cabeça, corri para preparar tudo a tempo. — Sua voz baixa um tom e ele chega mais perto ao dizer: — Veja a parte de trás, minha linda. Esta é sua. Uma unidade exclusiva, digamos assim.

Seus lábios beijam meu rosto, demorando-se no contato, e eu continuo sem conseguir me mexer. Os olhos estão embaçados pelas lágrimas não derramadas, Teresa e Marco Fiore em um silêncio contemplativo e Pietra boquiaberta. Todos sabemos o quanto o nome de um vinho é importante para uma vinícola. Demoro um pouco para, enfim, desviar meu foco para a garrafa.

Sabendo da nova informação, analiso cada detalhe do rótulo sofisticado. Abaixo do nome *Recomeços*, escrito na cor preta com verniz localizado, há o desenho de uma estrada e a figura de uma mulher com as mãos protegendo os olhos do sol olhando para um parreiral.

— Meu Deus! É incrível. Perfeito! — As lágrimas antes represadas molham a calça do meu macacão e me preparo para girar a garrafa, como Cadu recomendou.

Ao ver o que está escrito, abaixo dos dados obrigatórios, posso jurar que um soluço escapou da minha garganta.

Passo os dedos por cada palavra, apreciando a letra cursiva que contém o mesmo brilho do título sobre a aspereza da etiqueta. Minha irmã não aguenta a curiosidade e senta ao meu lado.

— *Barbarida...* — ela nem termina de falar, tão chocada quanto eu. — Mãe, pai, venham ver isso.

Carlos Eduardo apenas observa a movimentação, uma perna cruzada em cima da outra, tranquilo, pleno. Meus pais vêm até mim, inquietos, e eu entrego a garrafa para eles ainda entorpecida.

Os dois leem em voz alta:

— *Para a minha linda Gabrielle,
Que me mostrou que é possível recomeçar.*

Minha mãe coloca uma mão na boca e não consegue conter a emoção.
Meu pai pigarreia, antes de falar:

— Carlos Eduardo, nunca vi uma homenagem tão... tocante. Ainda mais em algo que prezamos como o vinho. Uma bebida que traz alegria, conta histórias, une pessoas, assim como uniu vocês dois e, o mais importante, possibilita *recomeços*. Parabéns pela escolha do nome, dos detalhes. Está digno de um ótimo produto, acima de tudo, está digno do que a minha filha representa. *Tu tem* minha bênção, filho.

A comoção é geral.

Carlos Eduardo levanta do sofá e abraça o homem que cuidou de mim nos bons e maus momentos, meu exemplo, meu protetor.

— Você não sabe o que isto significa para mim, Marco. Obrigado!

Mais uma vez a vida me surpreende e mostra que não somos nós que guiamos o barco. Eu não poderia imaginar, nem nos meus melhores dias, uma comemoração como esta. O que estou vivendo é algo que transcende meu próprio entendimento da palavra *recomeço*. Ah, como é bom finalmente poder *recomeçar*.

Capítulo 28

(...)Todos os passos que me levaram até você e todo o inferno que eu tive que percorrer, mas eu não trocaria um dia para ter a chance de dizer. Meu amor, estou apaixonada por você(...)

(The Words – Christina Perri^[16])

Gabrielle

Sonolenta, sinto os meus pelos arrepiarem, mas não sei identificar o motivo. Depois de alguns segundos é que vou tomando ciência da situação e abro um sorriso preguiçoso.

— Só assim para a donzela acordar, hein? — Cadu pergunta, sem parar de deslizar seus dedos suavemente por todo meu corpo.

— Culpa sua — murmuro, a voz grave e mais rouca que o normal.

— Pelo visto, sou sempre culpado.

— Sim — afirmo e fecho os olhos. — Eu estava sonhando.

— Hum... E era bom? — pergunta, aconchegando-se mais perto de mim na cama grande, beijando meu ombro exposto.

— Por um lado sim.

— Confuso isso.

— Bom porque minha Giulia apareceu, viva, linda e serelepe, mas era como se fosse uma lembrança do meu passado... Meu ex-marido também estava presente.

Olho para o meu namorado e ele me encara de volta. Depois de se passar quase um minuto, sua voz sai baixa, frágil até:

— Você sente falta dele?

Mudo de posição, antes estava de bruços, e fico de frente para Carlos

Eduardo. Não é uma pergunta fácil de responder. A noite passada foi especial, *ele* a tornou especial e tenho receio de magoá-lo sendo totalmente sincera. Mas o que adianta omitir uma verdade se ele me lê com tanta facilidade? Não quero um relacionamento baseado na desconfiança.

— Estaria mentindo se dissesse que o esqueci completamente. Foram anos de convivência, tivemos uma filha. Não que eu queira voltar para o Marcos, até porque ele seguiu em frente e vai se casar, mas esse sonho me trouxe um sentimento nostálgico. Não dele, mas daquela época. Apesar de tudo, éramos felizes.

O semblante de Cadu é indecifrável. Ele continua me olhando sem desviar a atenção. Depois do que pareceram horas, sua voz grave preenche o ambiente:

— Entendo. — Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — De verdade, eu entendo. Não quero que se sinta mal por isso, Gabrielle.

— Obrigada por me entender, Cadu. Às vezes acho que você não existe, que é parte de um sonho ou uma alucinação. Por falar nisso, onde está minha garrafa exclusiva?

Depois que ele me deu os presentes, ficamos todos bebendo o seu vinho branco delicioso, cujo nome é em minha homenagem, até tarde da noite. Resultado: fiquei alegrinha e não lembro de ter trazido comigo quando vim para sua casa.

— Está na sala, pode ficar tranquila.

— Ah. Que bom! — Colando meu corpo no dele, sinto todos os músculos que me deixam louca se enrijecerem com a proximidade. Ele fica tão afetado quanto eu. — Ainda não acredito que você se inspirou em mim para o nome do *Chardonnay*, Cadu. Eu nunca vou esquecer disso.

— Pode acreditar, minha linda. O mérito é todo seu. Quem manda ser

irresistível? — pergunta, enlaçando minha cintura, fazendo-me arfar ao senti-lo ereto em meu centro já molhado.

— Eu sou irresistível? E o que posso dizer de você?

— Pode dizer que sou comestível. Eu aceito.

Caio na risada e segundos depois nossas expressões tornam-se sérias, tomadas pelo prazer uma vez mais. Ele pega um preservativo, sem desviar os olhos dos meus, e quando menos espero está dentro de mim, levantando minha perna e se movendo vagarosamente. Eu o sinto centímetro a centímetro, me preenchendo.

É sublime. Sibilo seu nome, grito, arranho, aperto, arquejo, e enfim, me satisfaço.

Faz cinco dias que completei 35 anos e, conseqüentemente, comecei a namorar com Carlos Eduardo. A princípio achei que sermos namorados não era uma boa ideia, afinal, não nos conhecemos há tanto tempo assim, mas aprendi que as coisas com ele não são nada previsíveis.

Apesar de estar feliz, uma parte do meu coração insiste em se manter sombria. A sensação de culpa me mantém presa ao passado, mas venho buscando aprender a conviver com ela de maneira que eu não me perca e nem estrague o que eu e Cadu estamos construindo.

As consultas com a Dra. Nanci foram reduzidas a uma vez por semana, depois que eu demonstrei uma melhora significativa no tratamento. Falando em melhora, com o notebook que ganhei de Pietra comecei a definir um período para entrar na internet a fim de realizar pesquisas de mercado e colher dados. Trinta minutos por dia e nada mais. Com isso, tenho obtido resultados mais rápidos e sem precisar ficar dependendo da empresa de

Marketing que estava cuidando da vinícola, ou da minha irmã.

Celular é um outro caso. Cadu tem me ajudado, faz alguns testes quando estamos juntos, obrigando-me a ouvir a campainha do telefone e, com isso, que eu aprenda a respirar e afastar o pânico. O que tenho conseguido gradualmente. Sua ajuda tem sido fundamental e o agradeço todos os dias.

— Filha, vamos a Gramado — minha mãe avisa.

— Vocês estão com um novo fornecedor por lá?

— Não, por quê?

— É a segunda vez que vocês vão *pra* lá em menos de um mês. Achei estranho.

Meu pai me olha, surpreso, e diz:

— Estamos tratando de um assunto importante.

— Entendi — respondo e volto a trabalhar no computador. Se eles não querem me falar o motivo, eu que não vou perguntar novamente.

Eles continuam parados, me observando, e eu ergo minhas sobrancelhas:

— O que foi? — pergunto.

— Nada! — Teresa Fiore responde. — Nos vemos mais tarde?

— Vou dormir na casa do Cadu, então é provável que a gente só se veja amanhã.

— Tudo bem — ela diz, estranhamente inquieta.

— Tudo bem — repito.

Depois que eles saem, fico um pouco pensativa, mas resolvo deixar para lá. Vou até a cozinha e separo alguns ingredientes para fazer uma *lasagna* à bolonhesa na casa de Carlos Eduardo. Pego algumas roupas no meu quarto, uma camisola de renda preta e meu conjunto de corrida para amanhã, produtos de higiene pessoal e, por último, um par de tênis que está na entrada de casa. Coloco tudo na mochila e sigo ao encontro do meu

namorado.

— Hoje não estou bem, Cadu. — Tiro os fones de ouvido e coloco as mãos nos joelhos, procurando ar depois de correr por alguns minutos.

— O que está sentindo, Gabi? — pergunta, ofegante.

— Um aperto no peito, angustiante. Vontade de chorar. Uma saudade incontrolável da minha filha. Acordei assim, mas achei que me exercitando poderia passar. — Massageio meu tórax, tentando aliviar o peso de alguma forma, mas nada está adiantando.

— Vamos parar então. É melhor não forçar.

Ergo meu tronco e olho para Cadu.

— Eu estava bem, nossa noite foi ótima e não tive pesadelo, mas desde que acordei estou apreensiva, sentindo o coração acelerar de repente, as mãos suando. Fazia tempo que eu não sentia isso.

— Tem dias que acordamos mais indispostos, Gabi. Não tem como prever. Nosso histórico não ajuda e quando estamos vulneráveis, por um motivo qualquer, é mais difícil de segurar a ansiedade.

— O pior é que eu sei. A Dra. Nanci sempre diz que pode acontecer, mas odeio me sentir assim. Os pensamentos não param de rodar, as lembranças... principalmente do dia do acidente. Só de falar eu quero chorar.

Uma lágrima desliza pela minha bochecha, depois outra e outra. Meu namorado chega mais perto e segura meu rosto com esmero.

— Gabi, sei que é horrível. Dá vontade de sumir, de não falar com *ninguém*, mas precisamos lidar com a situação da maneira mais tranquila possível. Respire fundo, solte o ar. — Obedeço ao seu comando, repetindo o processo na sequência. — Você está fazendo a sua parte, cuidando da mente

e do corpo, é só não dar poder para isto te dominar. Meu analista costuma dizer que, na nossa vida, nós lutamos constantemente contra inimigos invisíveis. Uns não sentem o impacto e vivem normalmente, sem apresentar qualquer alteração, outros, como nós, já fragilizados por um trauma, sentem cada golpe e precisam aprender a lutar. Você tem lutado, Gabi, e estou do lado de fora do octógono, segurando na cerca de segurança, gritando para você revidar e nocautear o que quer que venha a te afligir.

Só Cadu para fazer uma metáfora com um ringue de luta. Não poderia ser mais oportuno.

Fecho os olhos, suas mãos ainda me segurando, e colo meus lábios nos dele. Um agradecimento silencioso pelas suas palavras de conforto e que levarei como aprendizado. Ele me abraça, o peitoral forte e bronzeado desnudo, e beija o topo da minha cabeça ao se afastar.

— Está melhor?

Assinto e digo:

— Acho que você precisa abrir um consultório, Dr. Carlos Eduardo Barcellos. — Divirto-me com a ideia, mas logo meu sorriso morre. — Pensando bem, é melhor não abrir não.

Ele solta uma gargalhada e pergunta:

— Por quê?

— Porque o que vai ter de mulher com “problema” — sinalizo as aspas com os dedos —, querendo se tratar com você, não vai ser brincadeira.

— É o que eu estou pensando? — Ele estreita os olhos, desfazendo toda a tensão que eu estava sentindo há poucos minutos. Só de pensar em compartilhar meu namorado com um monte de mulheres, meu rosto fica vermelho de raiva e me espanto com meu acesso de ciúme, algo novo para mim.

— Pode pensar o que quiser — retruco.

Sua risada é música para os meus ouvidos.

— Gabi, Gabi, agora fiquei interessado em abrir um consultório. Vou começar a estudar psicaná... — Não espero ele terminar de falar e dou um tapinha em seu braço.

— Você está gostando de provocar, não é?

No momento em que Cadu ia responder, ele paralisa.

— O que foi? — pergunto, preocupada.

— Eu acabei trazendo meu telefone e ele está vibrando no short, mas não preciso atender agora.

Molho meus lábios que ficam subitamente secos e aceno, indicando que ele pode atender.

— Tem certeza, Gabi?

— Tenho. Eu estou no ringue neste exato momento.

— Essa é a minha garota! Só um minuto.

Ele caminha alguns metros à frente e tira o celular do bolso. Vejo o cenho franzido e fico curiosa para saber quem pode ser. Segundos depois Cadu retorna, dizendo:

— Era sua mãe.

— O que ela queria? Está tudo bem? — Meu coração acelera com a possibilidade de ter acontecido alguma coisa.

— Está sim, fique tranquila. Ela nos chamou para ir até o Castelinho.

— Agora? — Isso está muito estranho.

— Sim.

— Então vamos.

Enquanto não chegar até minha casa não vou ficar tranquila, por esta razão começo a correr freneticamente e Carlos Eduardo segue ao meu lado.

Que esteja tudo bem, que esteja tudo bem. É só o que eu peço.

Chego esbaforida na varanda com Cadu ao meu encalço, sem demonstrar cansaço. Às vezes fantasio que ele pode ser um robô, mas desfaço a imaginação fértil quando o acompanho na academia e vejo que é tudo resultado de muita malhação.

— Está tudo bem? — Ele respeitou meu silêncio desde que começamos a correr até aqui, mas no fundo sei que está preocupado comigo.

— Espero que sim.

Em meu frenesi, abro a porta com tudo e encontro meus pais conversando na sala.

— Como vocês estão? — É a primeira coisa que pergunto.

Eles viram para mim e sinto uma batida a menos no peito quando vejo a consternação estampada no rosto da minha mãe, fazendo-me disparar até ela.

— O que aconteceu? Você estava chorando?

— Calma, Gabrielle. Está tudo bem — responde com a voz trêmula, sorrindo fracamente.

— Aconteceu alguma coisa com Pietra? Bernardo? — Sinto que os dois estão escondendo algo.

— Te acalma, minha filha — meu pai reage. — Não há *nada* de errado.

Ainda assim não estou convencida.

— Mas precisamos conversar — a voz grave e séria de Marco Fiore me assusta.

— Conversar? Sobre o que, pai? Vocês estão me assustando!

— É que a nossa conversa será muito importante. Pode mudar tudo — Teresa Fiore diz, cautelosa.

— Mudar tudo? — indago, começando a ficar impaciente.

— Sim. Só estamos esperan...

A fala da minha mãe é interrompida pelo som da campainha. Carlos Eduardo está perto da porta e logo se dispõe a ver quem é. Fico ainda mais perdida quando vejo a Dra. Nanci parada na entrada.

— Pode entrar, doutora — meu pai pede.

— Com licença. Olá, Gabrielle. Olá, Sr. Marco e Sra. Teresa. Imagino que este seja o Carlos Eduardo — ela diz, sorrindo, e estende a mão ao homem à sua frente.

— Sou eu sim. Prazer, doutora.

— Muito obrigada por atender nosso pedido, Nanci — minha mãe agradece.

O que está havendo?

O nervosismo ameaça controlar meu corpo inteiro.

— Por que ela está aqui? — pergunto para ninguém em específico.

— Fique calma, Gabrielle — a psicanalista diz. — O que teus pais têm para falar é do teu interesse. Eles ainda estão assimilando o que souberam mais cedo.

— E o que vocês souberam? — questiono, olhando para os meus genitores. — Estou ficando nervosa.

Olho para Cadu e ao ver como estou agitada, rapidamente, ele se junta a mim e passa a mão nas minhas costas, para cima e para baixo em um carinho reconfortante. Meu pai me observa, parecendo exausto e diz:

— Vamos sentar, minha filha.

Busco ficar calma mesmo que o meu coração esteja acelerado. Sento no sofá e meu namorado se aconchega ao meu lado. Minha mãe senta no meu outro lado e meu pai na sequência. Ela segura minha mão, como se o que está por vir fosse me desestabilizar de alguma forma e a Dra. Nanci fica de pé em

nossa frente.

— Só vamos esperar alguns minutos — minha analista informa.

A porta se abre e Pietra, parecendo tão alheia quanto eu, me encara com diversas perguntas no olhar.

Até minha irmã foi convidada? O que isso significa?

Cadu observa a cena que se desprende, também sem entender muita coisa, mas em todo momento permanece me dando apoio.

— Vai ficar tudo bem, filha — minha mãe sussurra. Tento interpretar alguma informação, mas não tenho êxito.

Pietra senta ao lado do meu pai, mas deixa o corpo na ponta do assento.

— Olá para todos. Sou psicanalista da Gabrielle, a Teresa e o Marco resolveram chamá-los porque descobriram algo muito importante. E eu fui convidada para trazer algumas explicações técnicas.

— *Bah*, estou ficando nervosa! — Pietra reclama. Se eu sou ansiosa, ela é duas vezes mais.

— Acho que o Marco poderá explicar melhor a primeira parte.

— Tudo bem, Dra. Nanci. — Ele se ajeita e começa a falar. — Todos sofremos bastante com o acidente da nossa filha, há quase três anos.

Um ar gelado percorre minha coluna e fico paralisada. Como se sentisse meu corpo retesar, uma mão forte aperta meu joelho e meus olhos encontram os de Carlos Eduardo.

Meu pai continua:

— Depois de saber o que havia acontecido com a nossa neta... — Ele para e segura o ar, esforçando-se para não desabar. — Pensamos que Gabrielle não fosse sobreviver. Eu e Teresa não conseguíamos sequer pensar na hipótese. Quando a Gabi nos contou o que tinha acontecido, o que tinha ocasionado o acidente, assim que voltou do coma, tanto eu quanto minha

esposa não nos convencemos. Gabrielle era uma mãe carinhosa, dava o melhor para a nossa neta, tinha seus defeitos como todos temos, mas *nunca, nunca* seria irresponsável com a vida da sua filha. Então, enquanto estivemos naquela luta diária para Gabrielle não tirar sua vida... — Ele engole em seco, demonstrando ser um martírio ter que se lembrar daqueles dias horríveis. — ... nós procuramos um investigador.

A sala fica em silêncio total. Até as respirações estão mais silenciosas. Eu fico paralisada, mas minha mãe continua acariciando minha mão.

— Sabíamos que seria demorado encontrar respostas com a Polícia, havia muitos casos a serem solucionados e a Gabrielle não parava de dizer que era a culpada, que tinha consultado o celular no momento daquela fatalidade. Eu não vi opção a não ser buscar por respostas com minhas próprias mãos.

Eu não tenho ideia de onde Marco Fiore vai chegar, mas lágrimas rolam pelo meu rosto mesmo assim. O assunto sempre me traz um aperto no peito e a sensação incômoda de mais cedo agora parece fazer sentido.

— O Sr. Pontes é policial civil e também trabalha com investigações particulares. Ele tem atuado incansavelmente em busca das filmagens daquele dia, pois a Polícia disse que a câmera principal estava quebrada e não havia registrado *nada*. E o que aconteceu? Eles pararam de investigar. Se não fosse pelo investigador, não estaríamos tendo esta reunião agora, com informações que podem mudar a vida da nossa filha.

Ele faz uma pausa, mas a voz do Cadu reverbera na sala:

— E o que ele descobriu, Marco? — O aperto em meu joelho dá lugar a uma carícia para me preparar para a bomba que meu pai está prestes a jogar.

— Neste último mês, nos encontramos com o policial por duas vezes em Gramado. Ele estava chegando perto de uma resposta e resolveu vir até o Sul para repassar tudo o que havia encontrado. Hoje de manhã, finalmente,

conseguiu concluir o caso e nos ligou. — Olho para minha mãe e ela fecha os olhos.

Todo esse tempo os dois têm procurado respostas, sozinhos, confiantes de que eu não era a culpada enquanto eu estava certa da minha irresponsabilidade.

A voz do meu pai me tira dos meus devaneios:

— O Sr. Pontes encontrou uma testemunha do acidente.

Um soluço sobe pela minha garganta e minha mãe aperta minha mão com força. *Será que eu quero saber o resultado de tudo isso?*

— O guri estava fazendo um documentário naquela região. Um desses casos onde há mais que coincidências. Ele pegou o momento exato do acidente. Quando um caminhão passou com tudo no sinal vermelho... — Meu pai respira fundo, antes de prosseguir. — ... atingindo em cheio um *Honda Civic* prata, que logo depois girou e girou no ar, até parar no meio da avenida. O motorista, culpado por tudo isso, passou direto sem prestar socorro.

Só pode ser um engano.

Eu lembro... Eu lembro do que aconteceu.

— Mas eu passei no sinal vermelho... — balbucio, as lembranças daquele dia vindo à tona. — Eu peguei meu celular.

— Filha, segundo as imagens, que já estão sendo levadas para a Polícia, o teu sinal estava verde e as tuas duas mãos estavam no volante — minha mãe rebate meu argumento. — É por isto que a Dra. Nanci está aqui. Para explicar uma outra parte que nós também não havíamos entendido.

Assim que ela termina de falar, faz um sinal para a analista se pronunciar.

— Gabrielle, *tu* passou por um evento traumático muito sério e a nossa mente tem diversas maneiras para se proteger desses casos. Às vezes ela esconde memórias, fazendo com que não lembremos do que aconteceu de

fato e, com isso, nossas emoções são preservadas. E há casos em que uma memória falsa pode ser acrescentada.

— Uma memória falsa? — interpelo, o ar sendo sugado dos meus pulmões e calafrios atingindo minha espinha.

— Não há um motivo certo do porquê disso acontecer, afinal, estas memórias podem levar uma pessoa a um sofrimento enorme, como aconteceu contigo. O que mais chega perto de uma explicação é que, o teu inconsciente sabia que *tu estava* querendo se afastar do celular, que vinha recebendo reclamações, perdendo alguns momentos importantes. Eu imagino que, te conhecendo como conheço, *tu deva* ter melhorado com o decorrer dos dias, mas aquilo ficou guardado.

Ela pausa por um momento, dando tempo para que eu assimile tudo o que está sendo dito. Pietra leva as duas mãos à boca, incrédula, e Carlos Eduardo chega mais perto, passando seu braço forte e acolhedor em torno dos meus ombros. Dra. Nanci volta a falar:

— Gabrielle, o que eu quero dizer é, o que *tu achou* que havia acontecido não condiz com a realidade. A tua mente criou uma memória falsa. *Tu não foi* responsável pelo acidente, muito menos pela morte da tua filha.

Minha irmã cai no choro, mas eu fico estática.

Minha mãe me abraça, em lágrimas, mas continuo imóvel.

Cadu aproxima seus lábios do meu rosto e ouço um soluço escapar, o peso da notícia o atingindo.

Eu estou em choque.

Não pode ser.

A tua mente criou uma memória falsa.

O que eu acreditei durante quase três anos...

Ouço alguém falando comigo, porém não consigo responder.

Pisco uma vez.

Pisco novamente.

Tu não foi responsável pelo acidente, muito menos pela morte da tua filha.

A ficha vai caindo...

Meu Deus!

Não consigo respirar.

Tu não foi responsável pelo acidente, muito menos pela morte da tua filha.

A culpa que me corroía de dentro para fora.

A culpa que me fez querer morrer.

Foi um engano.

Um grito sai de dentro da minha alma.

Aaaaaaaah!

Um grito de libertação.

Aaaaaaaah!

Contorço-me porque não sei como agir, como fazer para expulsar todos os demônios que me aprisionaram por tanto tempo.

Cerro meus punhos e, entre soluços, digo:

— E-eu não m-matei minha filha! Eu n-não matei a minha Giulia! —
Choro copiosamente, semelhante ao choro desesperado de uma criança, sem me importar em manter a postura.

Libero por meio das lágrimas, dos meus gritos, as minhas frustrações, tudo o que eu tive que passar porque achava que não era digna de ser feliz, de ter uma segunda chance.

De repente, estou fraca demais e preciso apoiar minhas costas no encosto do sofá.

— Gabrielle — alguém me chama. — Gabrielle. — Mais vozes.

Antes que a minha visão escureça completamente, digo uma última vez, com o que sobrou da minha voz:

— Eu não matei a minha filha!

Capítulo 29

(...) Ei, medo. Eu não te escuto mais. Você não me leva a nada e se quiser saber pra onde eu vou, pra onde tenha Sol, é pra lá que eu vou (...)

(O Sol – Jota Quest^[17])

Gabrielle

Descobrir a verdade me deu uma nova perspectiva, mas a tristeza de ter perdido a minha filha nunca irá embora. Isto é indiscutível. A diferença é que agora, toda vez que eu lembrar da minha pequena Giulia, a saudade será o sentimento principal e não a sensação de culpa que eu trazia. Serei eternamente grata aos meus pais por terem sido incansáveis em sua busca.

É incrível como nos adaptamos às situações, ainda que aos trancos e barrancos. Eu estava começando a me acostumar a conviver com a culpa. Quando me sentia feliz, ela me puxava para baixo, então eu não tinha forças para manter uma constância. Porém, com a descoberta... nada se compara com a tranquilidade de saber que não fui a causadora daquele acidente.

Depois de desmaiar, fui levada a um hospital da região, mas foi apenas um susto. Logo voltei para casa e meus pais que, juntamente com minha irmã, me fizeram ficar deitada para me recuperar totalmente. Carlos Eduardo ficou comigo até a noite e, quando cochilou, tão exausto que não conseguia permanecer com os olhos abertos, eu o convenci de que ele precisava descansar.

Quase 24h depois que a minha vida deu mais um giro de 180°, ainda estou pensativa. Foram muitas informações jogadas de uma vez. A emoção à flor da pele não me deixou entender a situação com clareza e eu não havia conseguido analisar friamente o efeito que a notícia poderia gerar no meu dia

a dia. E desde a hora que acordei estou fazendo isso.

Como um soco no estômago, de repente, sinto minha visão nublada com o impacto da real compreensão do que isso pode acarretar, não só na minha vida.

Grito o nome de Pietra e segundos depois ela está no meu quarto.

— O que foi? Está passando mal? — ela escancara a porta e pergunta, quase sem ar.

— Tenho que falar com você.

— *Bah!* Que susto, Gábi.

— Eu estou bem. Não precisa ficar preocupada. Só estou deitada porque é mais confortável para refletir sobre tudo o que fiquei sabendo.

Minha irmã entra no quarto, fecha a porta e se deita ao meu lado na cama de casal.

— E como está se sentindo?

— É surreal pensar que a minha mente criou aquela memória partindo do meu maior medo, que era perder a minha filha por causa do celular.

— *Bah!* Eu também fiquei chocada, irmã.

— O mais impressionante é que, aos poucos, a memória mentirosa está se dissipando e é como se eu não recordasse mais do momento do acidente. Agora consigo lembrar de como eu trabalhava para me policiar no uso do telefone. Eu estava melhorando, Pipa. Estava usando menos.

— Gábi, eu... eu não tenho nem o que dizer. Só de pensar que *tu poderia* viver com essa culpa pelo resto da vida, injustamente, sinto vontade de chorar.

Um suspiro trêmulo sai de dentro de mim e olho para ela, buscando coragem para dizer o que preciso, o real motivo de tê-la chamado até aqui.

— Pietra, eu tenho um pedido a fazer.

— Irmã, *tu sabe* que pode contar sempre comigo.

Disparo de uma vez:

— Eu tenho que ir ao Rio de Janeiro. Tenho que falar com o Marcos e gostaria que você fosse comigo.

Seus olhos se arregalam, a boca abre e fecha. Aproveito seu silêncio e continuo:

— Ele precisa saber da verdade, Pipa. Pela minha boca.

Parecendo encontrar sua voz, ela pergunta:

— E isso não pode ser por telefone?

— Não quero fazer o mesmo que ele fez. Eu me sinto na obrigação de contar o que aconteceu, pessoalmente.

Minha irmã reflete.

— Quando *tu gostaria* de ir?

— O mais breve. Qual o melhor dia para você ainda nesta semana?

— Tão rápido?

— Sim, o quanto antes. Não quero deixar passar o que estou sentindo aqui dentro. — Esfrego a mão acima do meu peito esquerdo. — Em algum momento iria acontecer.

— *Bah!* Preciso pedir para o Marcelo ficar com o Bernardo, ou a mamãe. Resolvendo esta questão, fico livre.

— Ótimo. Em dois dias você acha que conseguimos ir? — Não me importo se estou sendo imediatista ou se demonstro estar desesperada, eu apenas sei que tenho que fazer isso.

— Acho que sim... — Ela repensa e diz com firmeza: — Sim, conseguimos sim.

— Vou comprar as nossas passagens.

Sentindo-me bem melhor, decido ir até a casa de Carlos Eduardo para compartilhar meu plano. Não sei qual será a sua reação, só espero que ele entenda minha motivação.

Fico surpresa ao encontrá-lo pilotando um trator entre as fileiras de parreiras em espaldeira — um sistema vertical de exposição da videira, semelhante a uma cerca. Ele está acompanhado por um homem que não reconheço e os dois usam chapéus de palha para se protegerem do sol.

Caminho adiante e em determinado ponto ele me vê e acena. Rapidamente deixa o trator nas mãos do outro rapaz e corre até mim. Perco o fôlego por alguns segundos diante de sua beleza. Ele usa uma camisa polo branca que ressalta seu tronco definido e uma calça jeans escura. Não me canso de admirá-lo.

— Oi, linda! Não esperava te encontrar tão cedo. — Cadu beija meus lábios e a saudade do seu corpo faz com que eu o aperte contra mim, aprofundando o beijo. Com a boca ainda na sua, digo:

— Desculpa se te atrapalhei.

— Pode me atrapalhar mais vezes se quiser. — Sua risada grave me faz estremecer.

— Fiquei com saudade — sussurro em seu ouvido com sinceridade.

Seu nariz toca levemente meu pescoço e com este simples contato meus pelos eriçam. Eu não imaginava que precisava tanto dele até encontrá-lo.

— Vamos para dentro. Lá posso demonstrar melhor como fiquei com saudade.

— Cadu, você está no meio do trabalho. Vim porque preciso falar com você.

— Gabi, fique tranquila. Eu só estava mostrando algumas coisas ao meu novo enólogo. Vamos entrar e conversamos melhor. O sol está forte

demaís.

— Tudo bem.

Seguimos para sua casa de mãos dadas, a mão forte cobrindo a minha, o polegar acariciando o dorso.

Assim que entramos ele me encosta na porta e me dá um beijo tão quente que minhas pernas se apertam inconscientemente. Meus cabelos são agarrados e uma leve pressão no couro cabeludo me faz gemer. Uma mistura deliciosa de suave e intenso.

— Uau! — consigo balbuciar.

— Um pouquinho da minha saudade — ele diz, mordendo meu lábio inferior.

— Isso porque dormimos juntos duas noites atrás.

— Fazer o que se a donzela me viciou?

— Então eu também estou muito viciada.

Ele repara no meu cordão e um sorriso de lado, aquele que eu amo, aparece em seus lábios.

— Fico feliz que tenha gostado do presente.

— Eu disse que amei. Não quero mais tirar.

De maneira repentina, seu semblante fica mais sério e ele desgruda do meu corpo. Sinto falta do seu calor no mesmo instante.

— Como você está, minha linda? Eu fiquei tão eufórico quando te vi que nem me passou pela cabeça que você poderia estar fragilizada. Desculpe.

— Ei! Nada disso. Eu que te agarrei lá fora. Estou ótima, Cadu.

— Fico mais aliviado. Quer uma água, um suco?

— Obrigada, mas não quero *nada*. Eu quis vir agora porque não iria aguentar esperar até a noite para te contar.

Saindo de perto dele, sento no sofá e meu namorado faz o mesmo, cruzando uma perna em cima da outra. A posição só o deixa mais viril e eu

me perco por um instante em sua imponentia.

— Estou curioso — diz, indiferente à minha circunstancial perda da capacidade de falar.

Balanço a cabeça, voltando ao foco da minha visita e viro totalmente para ele. Minha expressão muda completamente porque o assunto é complexo.

— Cadu, eu tive tempo para pensar e assimilar todas as informações que os meus pais descobriram. Agora há pouco, inclusive, fiquei sabendo que o caminhoneiro será indiciado, mas já disse que não quero ver a cara daquele homem. Minha filha não vai voltar e eu preciso seguir com a minha vida, tentar esquecer daquele dia, só espero que a justiça seja feita, que os jornais e sites se retratem e que o assassino pague por todo o mal que causou, porque durante quase três anos eu paguei por ele. Não na cadeia, mas na minha mente e no meu coração.

— Ah, Gabi... — Ele pega minha mão e a beija, trazendo um conforto bem-vindo.

— Estou bem, Cadu. Sério! Você tem me ajudado tanto, despertou sentimentos adormecidos que pensei não ser capaz de sentir novamente, me trouxe uma nova perspectiva e transformou a minha insegurança em coragem. É por isso que preciso fechar o ciclo de uma vez por todas.

— Não estou entendendo aonde você quer chegar, Gabi — ele me encara, desconfiado, aguardando meu próximo passo.

— Daqui a dois dias irei ao Rio de Janeiro.

— Rio de Janeiro? Para quê? — ele pergunta, mas suas feições dizem que já sabe a resposta. Ele é esperto.

— Preciso contar para o Marcos.

Sua cabeça sobe e desce lentamente e seus dedos encontram a barba por fazer, traçando um vai e vem.

— Entendo. — Seu rosto não demonstra raiva, reprovação, contrariedade, nada disso. Ele está refletindo. — E você acha uma boa ideia encontrá-lo pessoalmente?

— É a melhor forma. Tanto eu quanto ele temos muito o que falar e, pela primeira vez durante todo esse tempo, eu tenho oportunidade e a coragem necessária para fazer isto. Pela primeira vez eu me sinto preparada.

— Eu quero ir com você.

Avanço para ficar a poucos centímetros de distância dele e meus dedos deslizam por seu rosto anguloso.

— Eu vou com a Pietra. Quero fazer as coisas do jeito certo e eu não vou te envolver nisso.

— Mas eu...

— Não, Cadu. Não. Você já se afundou demais nos meus dramas, preciso resolver essa questão sozinha. Pietra vai para me fazer companhia. Será coisa rápida.

Ele passa as mãos no cabelo e vislumbro um sinal de agitação em sua feição sempre calma.

— Gabi, você me promete que não vai perder o controle? Que vai falar o que precisa e vai voltar para casa? Voltar para mim?

Então compreendo.

O vislumbre não era um sinal de agitação, mas de vulnerabilidade. Ele que sempre demonstrou força, controle, plenitude, está expondo sua fraqueza. O medo de que eu possa não voltar, de que eu retome minha vida com meu ex-marido.

— Carlos Eduardo Barcellos, agora é a minha vez de dizer para você ficar tranquilo. Quem diria, não é? — Brinco, segurando seu rosto firme para que ele me olhe nos olhos. — É claro que vou voltar. E é claro que vou voltar para você. Como não voltar para o que estamos construindo? Você não

vai se livrar de mim tão cedo, querido.

Ele abre um sorriso fraco e segura o lábio inferior com os dentes. O clima ficando mais leve.

— Você está ousada demais, gatinha. Estou gostando desta Gabrielle 3.5 turbo, sem medo, que enfrenta seus fantasmas. *Porra!* Como dizem por aqui, estou com um *baita* orgulho de você.

Nós dois caímos na risada.

Eu não poderia estar mais plena. É como se tudo o que me afligia antes não tivesse mais poder sobre mim. Como se, enfim, estivesse livre, faltando apenas fechar a porta chamada Marcos. Só espero que esta chama, esta coragem, não se apague assim que eu puser meus pés no Rio de Janeiro.

Como eu consegui morar aqui por tanto tempo? Não paro de suar e Pietra de reclamar.

— *Barbaridade*, que calor é esse, Gábi?

— Bem-vinda ao Rio de Janeiro, querida.

— *Bah!* Cadê esse carro que não chega? — Ela não para de atualizar o aplicativo, mas cada hora um motorista cancela.

— Quando eu morava aqui era sempre esse caos.

Chegamos no Aeroporto Santos Dumont e está um calor absurdo do lado de fora do desembarque. Sorte que estamos de vestido.

— Não me diga! — ela exclama, irônica.

— Pietra, se você parar de reclamar vai ser bem melhor.

Minha irmã fica em silêncio, mas sei que daqui a pouco ela volta com tudo. Finalmente avisto o automóvel que ela disse que chegaria e aceno para o motorista.

— Graças a Deus! — ela quase grita.

Entramos no carro e pedimos para o homem colocar o ar condicionado no máximo.

— Você adicionou o endereço do Marcos ou do hotel? — pergunto, nervosa.

— Do Marcos, como tu pediu. Será que ele está lá?

— A mamãe disse que ele trabalha em casa e nós chegamos bem cedo. O máximo que pode acontecer é ele estar dormindo.

Fiz minha mãe ligar para o Marcos ontem, como quem não quer nada, a fim de averiguar onde ele está morando, se está trabalhando em casa... Foi aí que descobri que ele está em um apartamento que tem desde antes de me conhecer, em Ipanema, e que costumava ficar alugado quando éramos casados. Seu escritório é no mesmo lugar. Certas coisas não mudam.

Cutuco minhas unhas olhando a paisagem, perdida em devaneios. Não pensei que fosse voltar ao Rio de Janeiro. A beleza que eu via, o prazer que sentia de estar aqui, agora não passam de lembranças. Não me vejo retornando à cidade.

O trânsito intenso vai me deixando mais nervosa. Será que vou conseguir ficar cara a cara com Marcos? Será que vou ser capaz de falar tudo o que venho guardando?

Passamos pelas praias do Flamengo, Botafogo, Copacabana e, enfim, estamos nos aproximando do nosso destino. Até a beleza litorânea perdeu o sentido para mim. Não sinto qualquer saudade.

Respiro fundo quando o motorista vira à direita, saindo da vista da orla para entrar nas ruas de Ipanema. Inspiro. Expiro. Inspiro. A perna balança sem parar. Pietra apoia a mão no meu joelho e sussurra:

— Vai dar tudo certo, irmã! Confio em tua coragem e na tua verdade.

Coloco minha mão em cima da dela e fecho os olhos, buscando

forças.

— Chegamos — o rapaz anuncia.

— Obrigada! — agradecemos juntas.

Saio do carro e observo o prédio onde estive apenas uma vez, anos atrás.

— Vamos? — Pietra pergunta.

— Será que ele vai nos receber?

— *Bah!* Ai dele se não receber. Eu faço ele escutar daqui os nomes carinhosos que tenho guardado.

Toco o interfone, o porteiro pergunta nossos nomes e o número do apartamento.

O tempo parece ter parado. O porteiro não retorna e começo a ficar preocupada. Quando vou falar com Pietra sobre a demora, a voz do homem diz que podemos entrar. Eu quase não posso acreditar e alívio me preenche.

— Eu falei! — Pipa joga.

No *hall*, chamo o elevador. Seco as mãos suadas em meu vestido e agradeço internamente por ser escuro. Tanto eu quanto Pietra trouxemos apenas uma mochila com algumas peças de roupa e bolsas a tiracolo. Nossa intenção é sair daqui, passar a noite em um hotel próximo e partir logo cedo.

Décimo andar. Um barulho indica que chegamos, mas eu fico travada no lugar. Não parece que sou tão audaciosa agora. Ousada, foi como Cadu me chamou.

Carlos Eduardo. Ele quem nos levou até o Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre. Uma hora e cinquenta minutos de distância do Vale.

— *Estarei te esperando, minha linda*. — Foi sua última frase antes de eu descer da sua caminhonete.

— Gabrielle, o elevador vai fechar se você não sair logo.

Volto para a realidade e saio.

— Qual o número do apartamento mesmo? — ela sussurra, mas outra pessoa responde por mim.

— 1002.

Viramos em sua direção e eu me detenho no lugar. Tem quase o mesmo tempo do acidente que não o vejo, desde o dia em que contei que fui a culpada, ainda no hospital.

Eu não sei o que esperava, mas ele continua lindo. A única diferença é a barba que cobre parte do seu rosto. Os olhos que eu sempre admirei, de um verde intenso, são os mesmos e o corpo está mais definido, musculoso.

— Oi, Gabrielle. Pietra — a mesma voz.

— Oi, Marcos — minha irmã cumprimenta.

— Olá, Marcos — respondo em seguida.

— Venham. Não reparem a bagunça.

Ele abre espaço para entrarmos em seu apartamento e tomo nota de tudo ao meu redor. O lugar está equipado com um sofá cinza de quatro lugares, uma TV, as paredes são pintadas de branco, uma mesa de jantar para seis pessoas está disposta perto da cozinha americana que tem móveis escuros e em outra parte da sala, onde a luz natural avança, está a mesa que ele usa para desenhar seus projetos. Tudo novo. Nenhum sinal de sua vida antiga. Bom.

— Podem sentar — ele diz. — Vocês chegaram agora? Já estavam no Rio?

— Chegamos agora — minha irmã responde por mim.

— Querem alguma coisa? Água, chá? Você adora chá gelado, Gabrielle.

É estranho ouvi-lo me chamando de Gabrielle quando só me tratava por *Gabi* ou *amor* ou *linda*. É realmente muito estranho ver como duas

peessoas que viveram juntas por uma vida podem se tornar meras desconhecidas.

— Adorava — respondo. É a verdade. Até o hábito que eu tinha de beber chá se esvaiu com o meu passado. — Mas aceito água.

— Eu também — Pietra me segue.

A conversa será longa e minha boca costuma ficar seca quando estou nervosa. Prontamente ele segue para a cozinha, ao mesmo tempo que Pietra murmura:

— Vou ficar um pouco afastada de vocês, para terem liberdade, o que acha?

— Por mim, tudo bem.

Marcos volta com os copos de água e eu pergunto:

— Você está ocupado? Podemos conversar?

Capítulo 30

*(...) Você se lembra quando eu te disse. Que eu te amo para o fundo do mar?
Sim, eu sei, eu sei que acabou, mas eu acho que é apenas a maneira que tem
que ser (...)*

(Moving On – Kodakline^[18])

Gabrielle

— Claro, Gabrielle. Vocês vieram de longe — Marcos responde.

— Sim, o que tenho para falar é importante.

Ele me observa, o olhar repleto de significados que não consigo identificar, e diz:

— Eu esperava que acontecesse algum dia.

— É, eu também.

Ele me guia até o sofá e eu sento em uma extremidade enquanto ele senta em outra. Pietra fica na mesa de jantar, atenta, mas dando espaço.

— Como você está? — ele pergunta, *num* tom mais baixo.

— Finalmente posso dizer que estou seguindo em frente.

Ele ergue as sobrancelhas, parecendo realmente surpreso.

— Que bom. Você está diferente.

Sem querer saber se estar “diferente” significa fisicamente ou na personalidade, sigo para o meu discurso:

— É, a gente se reinventa. Depois de ter passado pelo inferno, ser internada por meses em uma clínica psiquiátrica, ter que aprender a lidar com as crises de pânico, com a culpa que me corroía todos os dias, ter voltado a morar com os meus pais... os únicos que me amaram incondicionalmente, culpada ou não.

— Gabrielle...

— Eu vou falar tudo o que eu preciso falar, Marcos, e você não vai me impedir. Fui eu que viajei milhares de quilômetros para ter esta conversa, então quando chegar a sua vez, você fala. Por favor.

Ele fica calado. Bom.

— Meus pais e minha irmã, eles sabiam que eu nunca teria ocasionado um acidente de propósito, um acidente que me faria perder uma filha, a *nossa* filha. — Ele estremece. — Não, eles me consolaram, cuidaram de mim... — Lágrimas já rolam livremente, mas não as impeço. — Eles fizeram o que ninguém mais fez. Descobriram a verdade.

Marcos enrijece no lugar, piscando diversas vezes.

— Como assim? Que verdade?

Bebo um gole de água e peço que Pietra pegue um pouco de papel higiênico para limpar o meu rosto.

— Você sabia que eu quase tirei minha vida no nosso antigo apartamento, logo depois que saí do hospital? Dias depois que você me olhou como se eu fosse um monstro quando contei que tinha sido a culpada pelo acidente.

Ele permanece em silêncio, com um choro contido, uma fungada tímida.

— Ah, sim. Você sabia.

— Eu pensei em ligar para a sua mãe, mas eu estava acabado. Só o que eu via era o rosto da nossa filha, sem a luz que ela irradiava, sem o sorriso que a acompanhava diariamente, tudo porque você foi irresponsável.

A palavra que eu tanto usei. *Irresponsável*.

Minha irmã volta com um rolo de papel e eu estendo um pouco para Marcos. Lentamente, enquanto seco minhas bochechas e meu nariz, pergunto:

— E se você soubesse que eu não fui a responsável pelo acidente? — Seu semblante se contorce em confusão, a boca fica aberta pelo impacto da pergunta.

— O-o quê? — questiona *num* fio de voz, quase inexistente.

— E se você soubesse que uma memória falsa foi inserida na minha mente, devido ao trauma de ter perdido a minha filha, e eu tomei aquilo como verdade?

— Eu diria que isso não é possível — ele responde, hesitante.

Solto uma risada grave, sem qualquer graça, e olho para as minhas mãos que brincam com o papel higiênico.

— Há quatro dias eu também achava. Mas, pelo jeito, nós temos muito o que aprender.

— Gabrielle, o que você quer dizer com tudo isso? Seja direta comigo, por favor.

— Há quatro dias fui surpreendida. Sem meu conhecimento desde a época do acidente, quando eu ainda estava no hospital e gritava aos quatro ventos que era a culpada, meus pais resolveram contratar um investigador.

Uma respiração funda parte de Marcos. Uma preparação para o que se desenrolaria.

Eu fui contando tudo com tranquilidade e clareza, para que ele pudesse compreender cada palavra. Conteí sobre a câmera quebrada, como a Polícia parou de investigar pela falta de provas, a fé que meus pais tinham em mim a ponto de não se renderem ao meu testemunho, até finalmente chegar na parte principal.

— Há alguns dias o investigador entrou em contato com os meus pais, dizendo que encontrou uma testemunha. Um rapaz que estava fazendo um documentário no exato momento em que o acidente aconteceu.

Passando as mãos no rosto freneticamente, consternado, Marcos

pergunta:

— E o que ele descobriu?

— No vídeo... — Não consigo ficar indiferente e minha voz sai trêmula enquanto meus olhos liberam mais lágrimas. — ... eu estou dirigindo com as duas mãos no volante porque o meu semáforo estava verde, quando um caminhão passa no vermelho...

— Não! Não! Pelo amor de Deus, Gabrielle.

Meu ex-marido berra.

— O caminhão bateu com tudo no meu carro e o resto... o resto você já sabe — finalizo, vendo em sua agonia, a minha.

— Eu não posso acreditar no que você está dizendo. — Sua voz está irreconhecível. É mais como um sussurro aflito, como se implorasse para que tudo o que eu disse não seja verdade. — Todo esse tempo... — Soluça e se abraça no assento, atormentado. —... todo esse tempo eu tive raiva de você, eu te culpei, eu precisei... eu precisei te arrancar do meu coração para conseguir respirar, para sobreviver! *Porra!* Não! Não pode ser.

— Marcos... — estou em prantos e escuto o choramingo de Pietra ao fundo. — Eu fui tão enganada quanto você. Achei que eu fosse a culpada, tentei tirar a minha vida porque eu havia perdido tudo. A nossa filha, você, eu mesma... Nunca poderia imaginar que a minha mente poderia pregar uma peça como essa. Só com a explicação da psicanalista que fui saber que é possível. Passei quase três anos em um sofrimento dilacerante, tendo crises só por ouvir ou pensar em um celular, senti a sua raiva, o seu ódio, mesmo à distância, fiquei raquítica, estava definhando e não me importava com mais *nada*. Eu só comecei a me reerguer porque meus pais estavam morrendo comigo...

Não consigo mais falar porque o choro vem com tudo. Invade a minha garganta, meus olhos, minhas narinas, meu coração. Marcos é uma bagunça

na minha frente.

— Você me falou que era a culpada... — ele murmura consigo mesmo, em meio aos soluços, repetindo-se sem parar. — Você me fez ter ódio da mulher que mais amei em toda a minha vida. Da mulher que era o meu mundo! Eu só conseguia pensar que a minha esposa havia matado a minha filha. Que ela não tinha cuidado da nossa pequena por causa de um maldito celular.

Eu preciso colocar a mão na minha boca para não berrar. Ele continua:

— Mas é tudo uma mentira. Uma memória falsa! — Marcos se joga no chão, encolhendo-se em posição fetal.

Eu me ajoelho ao seu lado, sentindo a realidade me atingir com força. Só agora a ficha caindo realmente. Foi aquela memória que ditou o nosso ponto final, que selou o nosso destino, e por isso Marcos está inconsolável, assim como eu fiquei quando achei que era a responsável pela morte da minha filha.

A descoberta da verdade, para mim, foi um alívio, mas para ele trouxe a culpa de ter arruinado com a chance de ficarmos juntos.

Mas será que teríamos sobrevivido ao luto? Já não tenho certeza. Será que, de alguma forma, Marcos me culparia apenas por estar dirigindo? Vejo tantos casais que se separam depois que perdem um filho. Quem garante que não aconteceria com a gente?

Se for para seguir o ensinamento de que tudo acontece com um propósito, devo cogitar que já estávamos fadados a ficar separados? Eu não teria ido para o Sul, não teria conhecido Cadu...

Eu não sei. São perguntas demais, achismos demais.

Marcos continua se desfazendo, debulhando-se em lágrimas.

— Não foi culpa sua, Marcos. Nem minha. Não posso me recriminar

por algo que eu tinha certeza de que era verdade. Nós fomos vítimas de uma fatalidade e pagamos por isso.

— *Gabi...* — *Gabi*. Noto a mudança no tratamento e não sei o que isso quer dizer. — Eu disse que precisei te arrancar do meu coração, mas... não consegui. Eu não consegui! Só que precisava acabar com aquela dor, então tranquei o que sentia no fundo do meu coração — sua voz é fraca, o choro vai diminuindo ele resolve se sentar com as costas apoiadas no sofá. — Você foi e sempre será a mulher da minha vida.

— Marcos, prefiro não entrar neste assunto.

— Mas é a verdade!

Se ele quer argumentar, terei que argumentar também.

— Não! Sinto dizer, mas não pode ser, Marcos. Independente de culpa, não consigo ver um homem que diz amar uma mulher a abandonar, ignorando anos de convivência, cumplicidade, carinho, sem esperar que, pelo menos, ela estivesse apta para se explicar. Até pouco tempo eu achava que você era um homem exemplar, quase sem defeitos, mas depois que descobri como é ser cuidada e protegida de verdade, eu desfiz a minha opinião.

Não vou mencionar o nome da pessoa com quem fiz estas descobertas, porque não vem ao caso. Pego o copo de água e entorno em minha boca seca. Ele tenta se justificar:

— Um pedaço meu tinha ido embora com a minha filha, Gabrielle. Eu estava morto por dentro, não sabia o que fazer da minha vida....

— Da mesma forma que você, eu estava no luto — interrompo. — Eu era *mãe*. Sofri horrores, ainda mais sob o peso avassalador de pensar que era a responsável pela morte da pessoa que eu mais amava neste mundo. Você sabia que ela era o meu tudo. Eu já estava pagando pelo meu suposto erro e não precisava que você me julgasse também.

Uma quietude invade o ambiente e o suspiro angustiado de Marcos

quebra o silêncio.

— Eu estou desnortado, Gabrielle. É muita coisa para processar. Meus sentimentos estão conflitantes, loucos, dúbios, eu preciso... preciso entender o que fazer com toda essa informação.

— Entendo bem o que você está sentindo. Foi assim que fiquei quando meus pais falaram comigo.

Ele apoia a cabeça no assento e encara o teto.

— Tanto tempo procurando te esquecer... procurando em outros olhos os seus. Eu me odiava por isso.

— Mas você seguiu em frente, não é? — Não pergunto em um tom acusatório ou de reprimenda, apenas uma verdade.

Rapidamente ele vira na minha direção, perplexo, e responde:

— Você já sabe. — Envergonhado, ele desvia o olhar do meu.

— Sim, já sei.

— Eu precisava seguir com a minha vida. Estava sempre preso aqui dentro, meus pensamentos eram mórbidos, os pesadelos constantes, onde eu via Giulia correndo até que um carro a atropelava. No outro sonho era um caminhão, e assim por diante. Daí, *num* dia, uma cliente nova veio solicitar um orçamento. Nunca tive a intenção de me envolver com outra mulher, muito menos casar de novo...

— Mas aconteceu — completo e abro um sorriso fraco. — Tem horas que a gente cansa de lutar sozinho, não é?

Marcos assente, sem se pronunciar, e me surpreende quando se arrasta para perto de mim.

— Você pode me perdoar, Gabi? E-eu não posso mudar o passado, nem o quanto te fiz sofrer. Eu fui horrível com você, mas... daqui *pra* frente as coisas podem ser diferentes. Por favor, me perdoe.

Uma lágrima solitária desliza, seguindo para sua bochecha coberta de

pelos e, involuntariamente, a enxugo com meu polegar. O ato surpreende tanto a mim quanto a ele. Minha mão fica paralisada e ele para de respirar. Foi tão natural que não percebi a intimidade do gesto.

Não foram dias ou meses que ficamos juntos, mas anos. Ele é o pai da minha filha. É óbvio que há uma familiaridade, mesmo que eu relute.

Desfaço a estranheza do momento e me afasto, pigarreando antes de dizer:

— Eu te perdoo, Marcos. Uma vez me disseram que nós somos humanos, portanto, somos falhos e, acima de tudo, merecemos ser felizes.

Cito as palavras que Cadu proferiu no momento em que contei sobre o meu passado e uma onda de paz percorre meu corpo, de dentro para fora.

— Não é a minha intenção prosseguir com todo aquele rancor, a mágoa que me consumiu por meses, já é bastante doloroso ter perdido a nossa Giulia — minha voz falha. — Eu quero virar a página, fechar o ciclo, viver.

— Muito obrigado, Gabi. Você sempre foi a mais coerente entre nós dois, a mais inteligente, porém o que percebo é que você se tornou uma mulher ainda mais incrível e eu não sabia que seria possível.

— Obrigada — respondo, sem dar muita atenção aos seus elogios.

O cansaço da viagem, a exaustão de toda a conversa, o alívio por ter dado tudo certo me deixam letárgica. Minha energia está sugada e preciso descansar. Levanto do chão e ele faz o mesmo.

— E você? — Marcos pergunta, tocando meu braço, impedindo que eu vire e chame Pietra para ir embora.

— O quê? — Finjo não ter entendido.

— Está... — ele reluta, mas chega ao seu objetivo. — Está com alguém?

Sorrio, lembrando do homem que está me esperando e meu ex-marido

franze o cenho.

— Sim. Eu estou, Marcos.

Ele abre um sorriso fraco que não chega aos olhos, mas é a tristeza que marca seu semblante. Olho para Pietra e ela levanta da cadeira, entendendo que está na hora de ir embora.

— Você já está conseguindo mexer no celular? — ele pergunta, como se estivesse enrolando ao máximo para que eu não saia.

— Ainda não, mas estou caminhando para isso. Um passo de cada vez.

— Um passo de cada vez — repete. — Obrigado por ter se dado ao trabalho de vir aqui, Gabi. Nunca serei grato o suficiente.

— Foi por mim, Marcos. Porque *eu* precisava seguir sem olhar para trás. Obrigada por nos receber.

Sem ter o que responder, ele apenas me observa enquanto caminho com Pietra para a porta e digo ao meu passado:

— Fique bem e espero que tenha uma boa vida.

Eu não quis ficar nem mais um segundo no Rio. Perguntei a minha irmã o que ela achava de a gente ver se conseguia adiantar o voo e ela topou na hora. Por sorte, havia um horário disponível, daí cancelamos a reserva no hotel sem qualquer custo e conseguimos chegar em Porto Alegre às 20h, após 1h30 de percurso.

Depois que saí do apartamento do meu ex-marido, eu desabei. A adrenalina baixou de uma forma que passei o caminho todo até o Aeroporto chorando, resultado da tensão da conversa que tive com Marcos.

— *Tu foi uma guerreira, irmã* — Pietra não parava de dizer. — *Eu*

sabia que a minha mulher-maravilha não me decepcionaria. — Só ela para me fazer rir.

Neste momento, estamos aguardando Carlos Eduardo nos buscar. Pedi para Pipa ligar para ele porque não faria os meus pais virem a essa hora e o meu cunhado estava cuidando do filho. No final das contas, ele quem preferiu ficar com o meu sobrinho.

Vejo uma *Hilux* preta e grande se aproximando e um sorriso se abre em meus lábios. São tantos os sentimentos que me atingem que eu nem tomo ciência de quando ele estaciona, sai do carro e me levanta pela cintura.

— Não acreditei quando Pietra pediu para buscar vocês — ele diz, beijando meus lábios e em seguida parte para o meu pescoço. É tão bom estar em casa.

Ele é a minha casa.

Eu só fui me dar conta disto quando conversava com meu ex-marido. Quando o comparava, inconscientemente, com o homem à minha frente e via quão abençoada eu fui por tê-lo encontrado em meio às adversidades.

— Já estava com saudade, meu lindo?

Ele me olha, abismado, e eu não compreendo até ele perguntar:

— *Meu lindo?* Devo ficar preocupado com o novo apelido?

— Claro que não. Você é lindo mesmo. E é meu.

Ele morde o lóbulo da minha orelha e sussurra em uma promessa:

— Diga que vai dormir comigo hoje.

— Tudo bem. Só preciso falar com meus pais antes porque devem estar loucos para saber o que aconteceu.

— E eu também.

— No caminho eu te conto.

Pietra, que tinha ido ao banheiro, chega ao nosso lado.

— Vamos parar de estripulias em público, crianças. — Meu

namorado me coloca no chão e solta uma risada. — Obrigada por vir, Cadu.

— Nossa, eu nem te agradei — digo, sentindo-me culpada. Atrevido como só ele, sua boca encosta da minha orelha e o ouço dizer em um tom que apenas eu consigo ouvir:

— Mais tarde você me agradece daquele jeitinho que só *você* sabe.

Fico corada e Pietra revira os olhos de maneira divertida diante da nossa demonstração de afeto.

Entramos no carro e quando estamos na estrada, me preparo para contar os últimos acontecimentos para Carlos Eduardo. Em todo o tempo ele me ouve com atenção, sem falar ou perguntar coisa alguma. Ora uma mão está na minha perna, ora em meu rosto, reconfortando-me como pode, enquanto a outra permanece no volante.

— E foi isso — finalizo e sinto meus olhos marejados.

— Linda, você foi incrível. Parabéns! Estou orgulhoso da minha namorada.

Pego sua mão e beijo o dorso carinhosamente, colocando-a de volta em minha perna.

— Obrigada. Não foi fácil, mas consegui.

Depois de passar o tempo todo em silêncio, minha irmã resolve abrir a boca:

— E aquele papinho do Marcos de que *tu é* e sempre será o amor da vida dele, irmã? *Bah!* Conta outra.

Fico tensa no meu lugar e a mão de Cadu, que estava acariciando meu joelho, para de mexer, contudo ele não a recolhe. Em vez de Pietra ficar quieta, ela continua:

— Ainda bem que quando ele perguntou se estava com alguém *tu respondeu* que sim. Eu adorei aquilo, Gábi!

Não sei se é impressão minha, mas de esguelha vejo o peito do meu

namorado descer em um longo suspiro e seus dedos voltam a circular desenhos em meu joelho.

Faz cinco dias que me encontrei com Marcos e eu não poderia estar mais leve. É engraçado como a normalidade me parece estranha. Ficar sem aquele peso, o aperto no peito, não me parece certo.

Depois de contar tudo aos meus pais, logo que cheguei do Rio de Janeiro, fui para a casa do meu namorado e tivemos uma noite inesquecível. Sem amarras, tristeza, dor. Não carregamos nada a não ser carinho, admiração e desejo. O resultado foi impactante. A partir daquele momento algo mudou entre nós.

Tem sido cada vez mais difícil ignorar o quanto ele tem me feito *feliz* e como é *fácil* sorrir ao seu lado. É difícil de ignorar a *saudade* quando não estamos juntos. É difícil de ignorar o que o seu toque, seus beijos, sua atenção, suas palavras me fazem *sentir*, me fazem *querer*. Eu quero ser *dele*, total e inteiramente *dele*. Ao mesmo tempo que isso me assusta, me dá um propósito.

A primeira coisa que fiz no dia seguinte àquela noite foi pedir para Carlos Eduardo me levar em um shopping. Ele não entendeu muito bem o motivo, mas me levou mesmo assim. Lá, encontrei o que estava buscando e ele ergueu os olhos, atônito.

— *Você tem certeza, Gabi? Acha que está preparada? Quer dizer, eu estou disposto a te ajudar...*

Ele ficou desconcertado e eu ri.

— *Fique tranquilo, Cadu. Eu sei o que estou fazendo.*

Saí de lá com um celular novo.

Não vou dizer que a minha boca não continua secando, que as minhas mãos não ficam molhadas, que a minha respiração não fica acelerada, mas faz parte do meu processo de cura. Eu preciso transpor aquilo que me limita.

Eu não aguentava mais ter que ficar pedindo para minha mãe ligar para alguém, ter que esperar Carlos Eduardo sair da sua casa para falar qualquer coisa comigo, ou eu ter que ir até lá. Nos últimos dias tenho enviado mensagens, ligo para quem preciso, tudo com muito equilíbrio e moderação.

Enquanto estou trabalhando, evito olhar para o visor, quando estou com Cadu ou reunida com a minha família, finjo que o aparelho não existe, tenho usado constantemente o modo *Não Perturbe*, assim não sou notificada de cada mensagem que chega, e se alguém me liga eu retorno depois. Tudo isso porque *eu sei*. Eu sei que se começar a abrir brechas será uma porta aberta a um ciclo vicioso para o qual não quero voltar. O telefone é essencial, sim, mas não pode ser o meu dono.

Aos poucos o controle está voltando às minhas mãos. O domínio sobre a minha vida. Sou mais forte do que um aparelho e não vou deixar que ele me vença. Não mais!

Depois de correr e malhar pesado na casa de Carlos Eduardo, estou chegando na Família Fiore quando sinto um arrepio perpassar meu corpo ao avistar um carro estacionado na entrada da vinícola. Não entendo o porquê até levantar meus olhos e encontrar uma pessoa, ao longe, parada na varanda.

Eu reconheceria aquela silhueta em qualquer distância.

O que está fazendo no Vale?

Capítulo 31

O curso do amor verdadeiro nunca fluiu suavemente.

([William Shakespeare](#))

Carlos Eduardo

Há dias venho refletindo sobre tudo o que tenho vivido com Gabrielle. Eu a comparo a um botão de rosa que aos poucos foi desabrochando, abrindo-se para a vida, formando sua essência. Ela já possuía uma beleza notável, mas quando a flor assumiu toda potência, aberta, com uma cor vívida — quando deixou que o sol a guiasse —, se tornou única. Uma rosa vistosa, linda, com espinhos que simbolizam seu passado sofrido, mas ainda assim, bela, magnífica.

A minha rosa.

Gabrielle tem povoado minha mente, meu desejo, minhas aspirações, minha alma.

Eu acordo pensando nela, durmo e sonho com ela. Respiro e lembro da sua vivacidade ao correr, se exercitar, me tocar, me beijar... O fogo que a envolve e que me esquentar, a brasa que faísca quando nos encontramos, queimando de um jeito que me faz ansiar ser tomado pela sua chama.

Porra! Se Gustavo me ouvisse falar desse jeito ele riria de mim, com certeza. É por isto que estou rindo por mim e por ele. Balanço a cabeça, passando as mãos pelos cabelos, agitado, inquieto. Fico assim quando recordo da conversa que Gabi teve com o ex-marido.

O sentimento de posse e uma necessidade de pertencimento tomou conta de mim quando ela disse que iria para o Rio de Janeiro e eu não gosto nem de lembrar. Nunca fui inseguro e, em consequência disso, ciúme não fazia parte do meu vocabulário. Porém, naquele dia, eu me senti

miseravelmente inseguro.

Não contei *nada* disso para ela, obviamente. Ela *precisava* fazer aquilo e eu seria um idiota se a impedisse. Afinal, Gabrielle não me pertence, é minha por livre e espontânea vontade. A partir do momento em que não me quiser mais, não caberá a mim pressioná-la, mesmo que só de pensar nesta hipótese meu peito se contraia.

Então quando Pietra jogou aquelas palavras no meu carro, dizendo que Marcos havia declarado que sempre amaria Gabrielle, o ar fugiu dos meus pulmões. Foquei na estrada, nos carros que passavam ao meu lado, nos faróis que tremeluziam com a sinuosidade do asfalto. Só fui voltar ao normal quando ouvi que Gabi disse a ele que está com *alguém*.

O que Marcos queria? Depois de todo esse tempo ignorando, desprezando e machucando a ex-mulher, agora que ela está refeita, recém-erguida após sair de um poço sem fundo, ele a quer de volta?

Não sou de ferro. Tento ser o mais correto possível, mantenho a cabeça no lugar, evito me alterar, prezo pela educação, contudo não conseguiria suportar perder Gabrielle.

Ela... Ela é o meu achado. Minha luz no fim do túnel. A esperança que achei que havia perdido. Antes eu não queria compreender, mas as coisas mudaram.

Está mais do que claro. Límpido. Reluzente. Piscando como um maldito letreiro que eu não queria dar importância porque sempre achei que não era a hora certa.

Vou esperar. Ela acabou de sair de uma situação complicada. Eu não sei se estou preparado. Ela não está pronta. Ela está com muita coisa na cabeça. Ela vai fugir de mim. São algumas das minhas desculpas.

E *quando* é a hora certa?

Por que continuar relutando, retraindo, escondendo o que eu sinto?

Medo de ela me afastar? De *eu* me machucar novamente? O tempo não espera. Pode acontecer alguma coisa comigo a qualquer momento e preciso que ela saiba.

Eu a amo, *porra!*

Amo como nunca achei que fosse possível amar uma mulher. Ela está agarrada em mim. Entranhada no meu ser. Ela é a minha energia, meu fôlego.

Ouso dizer que a amo desde o momento em que a vi chorando naquele balanço, perdida em agonia e meu coração se contorceu para ajudá-la sem nem mesmo conhecer sua história.

Amo cada pedaço, cada cicatriz. Amo a sua dor, a sua felicidade.

Não posso esperar nem mais um minuto. *Porra!*

Por experiência própria, sei como a vida é curta. Eu entendo a urgência do que preciso fazer. Depois de ter perdido um casamento, um filho que não era meu, quase ter enlouquecido.... Compreendo muito bem como a vida pode escorrer pelas nossas mãos.

Gabi saiu daqui faz mais ou menos duas horas, então imagino que deva estar trabalhando. Não vai fazer mal encontrá-la por alguns minutos. Ela precisa saber o quanto significa para mim. Ainda que eu demonstre dia após dia com atitudes e gestos. Preciso dizer que não apenas a admiro ou que ela me inspira... Eu preciso *falar!*

Saio correndo em direção à Família Fiore. Passo pelas minhas videiras que se recuperam da Vindima e que estão entrando em uma nova fase. Sinto a grama sob os meus pés descalços e só agora me dou conta que esqueci de colocar sapatos. Não ligo. Continuo avançando, disparado, o sorriso sem abandonar meu rosto.

Contorno à esquerda em direção ao meu objetivo e entro no vinhedo dos Fiore. Vejo uma silhueta ao longe, mas não consigo reconhecer à distância. Diminuo a velocidade e, caminhando, vou chegando perto da

varanda.

Paro de andar.

Um homem está de costas e o seu corpo cobre a imagem da mulher que está à sua frente.

Será Pietra?

Já não sei dizer se meu coração continua bombeando sangue porque a sensação que tenho é que estou pálido, a cor fugiu do meu rosto e estou gelado.

Não é Pietra.

O desconhecido está abraçando Gabrielle com ternura.

E o que acontece a seguir me destroça.

Ele está beijando a *minha Gabrielle*.

Meu coração se quebra, estilhaça em míseros pedaços e sou obrigado a afagar meu peito para aliviar a dor, uma dor que conheço muito bem. Eu quero me afastar, mas minhas pernas não obedecem. Sigo para um canto e continuo observando.

Duas horas antes

Gabrielle

— Marcos?

Ele se vira e me olha dos pés à cabeça, analisando minha roupa de ginástica. Os olhos verdes me queimam e eu finjo que não percebo sua reação.

Estranho sua face limpa, sem os pelos que cobriam suas bochechas e os maxilares há poucos dias, deixando-o exatamente como ele era quando estávamos juntos.

— Oi, Gabi.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, subindo as escadas da varanda, sem conseguir acreditar que ele realmente está no Vale dos Vinhedos.

— Eu vim para conversar com você.

— Conversar? Mas eu já disse tudo o que precisava quando fui ao Rio.

— Eu não — retruca, remexendo as mãos, nervoso.

Meus pais estão em uma reunião dentro da vinícola, o que pode ser bom para não gerar uma situação constrangedora. Olho para Marcos e solto um suspiro pesado.

— Tudo bem. Vamos entrar. — Passo por ele e abro a porta.

Logo que entra ele observa tudo ao redor e comenta:

— Não lembro quando foi a última vez que vim.

— Foi quando Giulia tinha três anos.

— É verdade. — Ele caminha pela sala, perdido em lembranças. — Sempre fico pensando como seria se a nossa filha estivesse viva. Ela estaria com sete anos, indo para oito. Uma mocinha. Será que ainda pareceria com você? Ou mais comigo?

Sento no sofá e prendo meu lábio inferior com os dentes.

— Eu também me pego imaginando às vezes — confesso com a voz baixa, sentindo-me tola por admitir e ao mesmo tempo aliviada por não estar sozinha. — Acho que ela continuaria sendo uma mistura minha e sua.

— É... quem sabe. — Ele parece refletir, o clima fica denso e eu incomodada por ver meu passado uma vez mais na minha frente.

Marcos senta ao meu lado e respira fundo.

— Antes de mais nada preciso dizer que você está linda. Quando você apareceu na minha casa eu quase não te reconheci. Não só pelo cabelo, que

apesar de gostar do loiro, está tão bonito quanto. Mas porque você parece *inteira*. E te vendo assim, como se tivesse acabado de malhar... Eu não paro de lembrar das vezes em que você me dizia que odiava ir à academia.

Ele sorri, sem jeito.

— Como eu disse antes, Marcos, eu mudei, me reinventei. Meus gostos mudaram. Não porque eu quis, mas porque eu *precisei*. Se não fosse por essas mudanças, eu não estaria *inteira*, como você destacou.

Ele abaixa a cabeça, os cotovelos apoiados nas coxas, as mãos entrelaçadas.

— Gabi, eu vim porque... Eu não estava conseguindo digerir o nosso último encontro. Você simplesmente apareceu, falou aquelas verdades e sumiu. Fiquei em choque por dois dias. Não parei de matutar, de imaginar o que você passou, o que eu fiz, ou melhor, *não fiz*, quando você mais precisava.

— Marcos, eu já falei tudo o que...

— Não. Por favor, me ouça, Gabrielle. Nunca te esqueci. — Viro o rosto e ele segura meu pulso, chamando minha atenção. — Acredite em mim. Eu nunca deixei de te amar, mas não sabia lidar com aquele sentimento, com o fato de que eu não conseguia esquecer da mulher que havia sido a responsável pela morte da minha filha.

Meu ex-marido pausa sua fala, a mão ainda segurando meu pulso.

— Então, eu descubro que você foi a vítima e não a causadora daquele acidente maldito. Descubro que a mulher à qual dediquei toda a minha vida foi culpada injustamente. Descubro que eu nunca deveria ter me afastado de você, que fui um covarde por não correr atrás da verdade, como seus pais fizeram... descubro, enfim, que você se levantou sozinha e seguiu em frente.

— Não sozinha — interrompo.

— Mas não foi comigo, entende? Não foi com a minha ajuda. Eu só te prejudiquei e isso está acabando comigo, Gabi.

— Marcos, as nossas escolhas definem quem somos e o que queremos fazer. Quando uma escolha é feita, não dá para reverter até que seja tarde demais. Toda essa culpa que você está sentindo agora, eu senti durante quase três anos, em uma proporção bem maior e te garanto que não é saudável. Não vá por esse lado. O que aconteceu, hoje eu compreendo, tinha que acontecer.

— Escolhas... — ele reflete, a expressão derrotada. — Eu não te escolhi.

— Não. Você não me escolheu.

— Eu não lutei por você — meu ex-marido abaixa a cabeça novamente e a segura entre as mãos.

— Não. Não lutou. Marcos, para. Para porque não vai adiantar ficar buscando motivos. Olha *pra* mim — comando e lentamente ele me encara com os olhos vermelhos. — Escute. Eu não te julgo. Não te julgo porque eu não sei o que faria se a situação fosse invertida. Se você tivesse me falado que causou um acidente que matou a nossa filha, por pura irresponsabilidade.... De verdade, não sei o que eu faria. Não perca o seu tempo procurando porquês, justificativas, apenas viva a sua vida como você estava vivendo. Volte para o Rio, case com a pessoa que você encontrou e seja feliz. De todo meu coração, seja feliz.

Ele ri e lágrimas deslizam pelo rosto liso, um rosto que eu admirei por tantas vezes e agora me é tão estranho.

— Eu nunca vou te esquecer, Gabi. Vim decidido a pedir para você voltar para mim, mas não serei egoísta novamente. Você está com a felicidade estampada no rosto, dá para ver que está muito bem. Você merece. *Como merece.*

A única coisa que faço é abrir um sorriso em concordância. Deus sabe

quanto me custou para estar recuperada.

— Eu posso pegar um pouco de água? Minha garganta ficou seca de repente.

— Esqueci completamente de te oferecer, Marcos. Espera que já vou pegar.

Volto com dois copos cheios e percebo que o clima mudou. Assim que entrego sua água ele resolve compartilhar informações da nova vida e eu me espanto por não me sentir mal ou incomodada.

— Minha noiva se chama Analice. Ela tem 30 anos e é dentista. Eu desenhei o consultório dela e fomos nos aproximando aos poucos. Ela me ajudou muito quando lembrava da minha... *da nossa filha*, era difícil demais.

— Fico feliz que esteja bem acompanhado, Marcos. Tenho certeza de que vai dar tudo certo entre vocês. — Eu não poderia estar falando mais sério. Nós dois merecemos ser felizes.

Estou tão orgulhosa de mim, da minha força e estabilidade que quase não ouço a pergunta de Marcos.

— E o seu *alguém*?

Meus lábios se curvam para cima em um largo sorriso e meu ex-marido chega a erguer as sobrancelhas, surpreso com minha alegria repentina.

— Meu alguém se chama Carlos Eduardo. Ele veio de São Paulo depois de se divorciar, adquiriu uma vinícola aqui do lado e criou a Casa Barcellos. Nos conhecemos em um momento que até você não me reconheceria. Eu estava péssima, imersa na tristeza e ele foi o meu porto seguro.

— Pelo visto nós dois fomos resgatados. — Percebo que ele fica sem graça, porém consegue esboçar um sorriso. — Eu... eu não sei nem o que dizer.

— Sinta-se feliz por mim que já é o suficiente.

Ele assente.

— Justo. Estou feliz por você, Gabrielle. Com toda a minha sinceridade.

— Obrigada, Marcos. Significa muito *pra* mim.

Ele se levanta do sofá e pigarreia antes de falar:

— Acredito que o meu tempo tenha acabado. Muito obrigado por me receber, Gabi.

— Foi muito bom.

Abro a porta e saímos para a varanda.

Agora

Parados na ampla varanda, contemplamos a beleza do vinhedo em silêncio. Ele, com as mãos nos bolsos da calça, eu com os braços cruzados sobre o meu top.

— Marcos — chamo e ele se vira na minha direção com a feição pesarosa, cobrindo minha visão com seu corpo esguio. — Quero que você saiba que todos os anos que vivemos juntos foram maravilhosos. Obrigada por ser um marido admirável e um pai — engulo em seco, emocionada —, extraordinário. Eu não me arrependo de nenhum momento porque éramos felizes. Obrigada por dar o seu melhor para mim... e para a Giulia.

— Meu amor....

Por um momento é como se nunca tivéssemos nos separado. *Meu amor*. Era como Marcos carinhosamente me chamava.

Ele me abraça forte, suas lágrimas vertendo em meus cabelos e as minhas em sua camisa branca.

Ambos sabemos o significado do momento.

Uma despedida.

Estamos nos despedindo das memórias, dos traumas, das mágoas, do que vivemos, do que tivemos. Deixando para trás os votos que fizemos quando casamos. Desfazendo amarras e vínculos. Um liberando o outro.

Um perdoando o outro.

Dou um passo para trás, desvencilhando-me dos braços de Marcos e nos encaramos. O que vejo me emociona e a ele também. É como se agora, enfim, estivéssemos preparados para criar novas experiências e novas memórias. Novos laços.

Fechando a última porta, ele se inclina e roça os lábios próximo aos meus. Um adeus.

Marcos segura o meu rosto e encosta a testa na minha ao dizer:

— Obrigado, Gabrielle.

Sorrindo, ele vira e caminha de volta para o Rio de Janeiro sem olhar para trás.

Um barulho chama a minha atenção e eu caminho mais para frente para verificar o que é. Arregalo os olhos quando o vejo, acuado, escondido. Ele está imóvel, *as íris* azuis rodeadas por linhas vermelhas, a expressão arrasada. O que será que ele está pensando?

Meu Deus! Eu não posso perdê-lo.

— Cadu! O que aconteceu?

— Você o ama? — ele pergunta, impassível.

Afasto-me e franzo o cenho.

— O quê? Não é nada dis...

— Você o ama? — ele repete com a voz firme.

— Não, eu não o amo.

— Por que ele estava aqui? — Eu nunca o vi tão transtornado e meu coração chega a afundar no peito.

— Ele veio conversar. Estava perdido depois de tudo que contei e não

pude ignorar.

Cadu respira fundo e fecha os olhos, apoiando-se na beirada da varanda. Só agora tenho noção de que está descalço. Ele parece tão vulnerável. Chego mais perto e sussurro:

— Vamos subir. Vamos conversar direito.

— Quando eu o vi te beijando... Eu...

— Não foi um beijo, Cadu. Não na boca. Foi uma despedida. Um adeus de tudo aquilo que, um dia, um significou para o outro. Nada mais.

Ele apenas me observa, sem falar nada, o que me impulsiona a continuar falando:

— Quando eu precisei de uma chance ele não me deu. Quando precisei de consolo ele fugiu. Quando eu estava perdida ele não me encontrou. — Com as mãos em formato de concha, pego seu rosto e permito que Cadu veja a verdade através dos meus olhos. — Concluo que, apesar de falar que me amava e que ainda me ama, ele nunca me amou de verdade. Eu sempre achei que Marcos me incentivava, mas agora percebo que não estava disposto a ficar na cerca do octógono para me ver lutar.

Lágrimas rolam pelo rosto que tenho tanto carinho e meus dedos as enxugam.

— Ele ficava com o restante da torcida, na arquibancada. Ele não estava comigo quando precisei me reerguer. Não foi ele quem me perguntou se eu estava bem. Ele não estava comigo quando comecei a correr. Ele não me deu um *Ipod* para que eu pudesse ouvir música. Ele não cuidou de mim quando tive uma crise porque o celular tocou. Ele não fez uma linda homenagem criando uma linha de vinho inspirada em mim.

Beijo o canto da sua boca e completo:

— O homem que eu amo fez tudo isso. O homem que eu amo se chama Carlos Eduardo Barcellos.

Reagindo às minhas palavras e demonstrando que ficou convencido de cada uma delas, ele me abraça e sinto seu nariz em meu pescoço, seguindo para minha orelha. O sussurro me arrepia dos pés à cabeça:

— E eu te amo, Gabrielle Fiore. Foi isso o que eu vim dizer. — Ainda abraçado, ele me olha: — Quando percebi que estava perdendo tempo sem me declarar, sem dizer o quanto eu te amo, saí de casa correndo e ao chegar aqui me deparei com você e Marcos.... Eu achei que estava tudo perdido.

— Muito pelo contrário, meu lindo. Naquele momento eu tive certeza de que estava pronta para me declarar. Eu tive medo de me entregar, de você não querer uma mulher tão problemática, mas aqui estou, sendo refeita, remendada, um pouquinho a cada dia, com a sua ajuda, com a confiança que você depositou em mim, com a esperança que você me deu. Eu te amo tanto, Cadu. Como é bom poder falar isso.

— Gabi, minha linda, meu amor...

Meu amor.

Uma nova memória é criada e eu sorrio.

— Você me salvou quando nem eu achava possível ser salvo, de tão quebrado que eu estava. Desenganado pela dor, pela traição, pelo amor. Então você me encontrou, chamou a minha atenção com a sua tristeza e quando vi o seu potencial, as chances que tinha de desabrochar, eu apenas a reguei. E olhe só a linda rosa que se tornou. *A minha rosa. A minha Gabrielle.*

— Você e o seu dom de me fazer ficar ainda mais apaixonada só com palavras.

— Sou seu analista preferido, não é mesmo? — ele brinca e eu rio em meio às lágrimas.

Como não podia ser diferente, estou chorando como uma criança, mas desta vez é de alegria. E é tão bom chorar sorrindo. Há quanto tempo não

sinto isso. A primeira vez que chorei assim foi quando vi minha filha, logo após o parto, e a lembrança me faz sorrir. Sorrio por ter encontrado o amor em meio à dor e sorrio de saudade pela minha Giulia, querida, que sempre será amada e estará em meu coração.

— Está tudo bem? — Ele fica preocupado com o meu choro e não posso deixar de rir com a pergunta que iniciou a nossa história.

— Está tudo ótimo e com você?

— Melhor, impossível.

Seus lábios encontram os meus e é tudo que preciso para afastar as dúvidas, receios, medos e dores antigas. São jogados, sem dó nem piedade, no mar do esquecimento. Sua língua pede passagem e eu a libero, querendo sentir, provar, saborear seu gosto. No beijo deixo marcado o meu amor, a minha devoção e uma declaração:

*É com você que eu quero sorrir, chorar e construir novas memórias.
Só você.*

Epílogo

(...) Eu sei que vou te amar, por toda a minha vida eu vou te amar.

Desesperadamente, eu sei que vou te amar (...)

(Eu Sei Que Vou Te Amar – Vinícius de Moraes^[19] e Tom Jobim^[20])

Cinco anos depois

Gabrielle

— Bom dia, meu amor — Carlos Eduardo chega por trás e me abraça, o nariz roçando em meu pescoço.

— Bom dia, lindo. Dormiu bem? — Sorrio e ele ri sobre meus cabelos, o som reverberando por todo meu corpo.

Anos depois e ele ainda me causa o mesmo efeito.

— Maravilhosamente bem. Senti sua falta quando acordei.

— O dever me chamou — digo, preparando o café da manhã.

— Feliz três anos, minha rosa — sua voz sai sussurrada, repleta de ternura e significado.

Viro meu corpo e sou atingida por sua beleza. A cada ano ele parece ficar ainda mais robusto, lindo, impressionante.

— Feliz três anos, meu amor.

Eu o beijo vagorosamente, apreciando os lábios que são o meu lar, o meu melhor lugar, e relembro da noite passada. Um momento comemorativo só nosso, sem interrupções, onde nos entregamos, nos consumimos, matamos a saudade do corpo um do outro em cada mínimo detalhe. Ele me levou ao céu por mais vezes do que sou capaz de contar.

Hoje faz exatamente quatro anos que nos casamos, um ano depois que nos declaramos embaixo da varanda da casa dos meus pais. Três anos que

novas memórias foram incluídas com sucesso.

Desde que acordei a minha mente não para de me levar ao dia do nosso casamento. Foi um *mini-wedding*^[21], organizado pela minha mãe e Pietra. Simples, intimista, mas com tanto amor que eu não parava de sorrir.

O amigo de Carlos Eduardo, Gustavo, foi seu padrinho juntamente com a namorada, Vanessa, que hoje é sua esposa. O homem é uma figura, mas um grande amigo.

Do meu lado os padrinhos foram Pietra e Marcelo. Bernardo levou as alianças, tão lindo e sorridente, que eu não pude evitar que as lágrimas escorressem pelo meu rosto. Agradeço por ter contratado um fotógrafo e um cinegrafista, porque as fotos e a filmagem ficaram maravilhosas e emocionantes. Uma lembrança que levarei para o resto da minha vida.

Casamos em meio ao vinhedo da Famiglia Fiore e não poderia ter sido mais perfeito. Um caminho de rosas vermelhas chegava até o pequeno altar improvisado onde o Pastor celebrou nossa união.

Meu vestido era branco, leve, com um corpete de renda e decote em formato V, de mangas curtas, e a mesma renda cobria minhas costas. A cintura era marcada por um cinto fino de cetim com um lacinho no meio e a saia descia fluida, esvoaçante. Eu me senti uma princesa. Ainda mais quando Pietra prendeu uma linda coroa de flores brancas no topo da minha cabeça, deixando os cabelos soltos, abaixo dos ombros, com as pontas onduladas. Quando estava pronta ela me deu um buquê magnífico de rosas vermelhas colombianas, grandes, vistosas. Foi o único pedido de Cadu. Que a decoração tivesse rosas, fossem vermelhas, brancas, não importava a cor, ele queria rosas. E seu desejo foi realizado.

Ele estava deslumbrante, como não poderia ser diferente. Vestia uma camisa branca com um colete cinza por cima e calça social da mesma cor. Lembro que meu coração bateu descompassado quando o vi, parado ao lado

do altar, as mãos nos bolsos, o rosto enfeitado com um sorriso de parar um quarteirão e os olhos tão brilhantes que pareciam um oceano recebendo raios de sol.

Na hora dos votos ele lembrou a fala de quando me comparou com o desabrochar de uma rosa e ali compreendi o porquê era tão importante para ele que nosso casamento tivesse rosas. Suas palavras ficaram marcadas na minha alma.

Vez ou outra me pego revendo a filmagem. Choro, me emociono e me apaixono uma vez mais.

— Está tudo bem? — ele pergunta, beijando as lágrimas que nem percebi que havia derramado. Meu marido sabe o significado que esta pergunta em particular representa, e sempre representará, para mim.

Quando vou respondê-lo o caos se instaura.

— *Mainhêeeeeeee!* O Biel *pegô* o meu *blinquito*. — Ela vem correndo.

— *Paiê é mentila*. A Duda que *pegô* o meu. — Ele vem atrás.

Rio da situação e Cadu me acompanha, beijando minha testa ao se separar. Depois de uma noite inteira sem as crianças, já que elas ficaram com os meus pais, agora precisamos exercer o papel que nos foi delegado um mês após casarmos.

Como eu sempre digo, com Carlos Eduardo nada é previsível. As coisas apenas acontecem. Não tenho do que reclamar. Nós não planejamos, mas se aconteceu é porque tinha que acontecer. Eu nunca mais vou duvidar que para tudo há um propósito.

Bato palmas para chamar atenção e digo em alta voz:

— Podem parar vocês dois! Eu já não falei que não é para ficar brigando? Vou ligar agora para a tia Pipa para ela não trazer o Bê.

— *Nãaaaaaaaoo!*

Os dois gritam de uma vez, esperneando, e eu fico ainda mais louca. Como eu gostaria de ter a paciência que eu tinha aos 30 anos. Respiro fundo, junto as mãos em prece e digo em um tom mais baixo:

— Então podem parar de correr e de gritar. E nada de pegar o brinquedo do irmão, estamos entendidos?

— Sim! — respondem.

Ainda hoje, depois de quase três anos sendo mãe de gêmeos, eu fico espantada com a sincronia dos dois. Eles não são idênticos. É o que chamam de “gêmeos falsos” ou fraternos, pois eles se formaram diretamente a partir de óvulos diferentes.

Gabriel é a minha cara quando eu era pequena e alguns traços me lembram muito da Giulia. Os cabelos loiros ondulados lembram os meus, como estão agora, sem a tinta escura que usei quando cheguei em Bento. Maria Eduarda é toda o Carlos Eduardo, com o *plus* de ser geniosa demais. Ela comanda e o irmão a segue para tudo que é canto, os dois brincam juntos o tempo todo, brigam, fazem as pazes. O que tenho percebido é que tendo um ao outro, eles não ficam ociosos e permanecem tranquilos por algum tempo, porém quando começam a chorar juntos, gritar juntos, aí o mundo acaba. Eu pego de um lado, Cadu pega do outro e assim vamos levando.

O mais engraçado foi o susto quando descobrimos que eu não teria apenas um bebê, mas dois. Perguntei a Carlos Eduardo se ele tinha gêmeos na família, porque na minha não havia, e ele disse que não. A obstetra logo informou que os principais fatores que ocasionaram a gravidez gemelar foi a minha idade — 36 anos na época, um pouco acima da média — e o fato de ter engravidado anteriormente.

Passado o susto, ao ouvir os coraçõezinhos batendo tão rápidos, foi impossível não nos emocionarmos. A comoção no consultório foi tanta que a Dra. Marília disse para ficarmos a sós. Ela virou uma amiga e sabia da nossa

história. O que nós dois vivemos.

Eu e Cadu não conseguimos ignorar a simbologia daquele presente. Eu perdi uma filha e ganhei uma vida. Ele perdeu um filho, mesmo não sendo seu, e ganhou uma vida. Fomos abençoados com dois filhos de uma só vez. Eles não tomaram o lugar do que perdemos, mas trouxeram cura aos nossos corações feridos.

A cada sorriso que hoje presencio em seus rostinhos, a cada descoberta, meu coração fica pequeno. Alguns medos tentam se infiltrar, o senso de proteção não me deixa ficar 100% tranquila, mas estou reaprendendo e aprendendo novas maneiras de cuidar dos meus filhos. O que eu errei no passado serve para que eu não erre novamente, dou mais atenção à maternidade, aproveito mais, contudo, é impossível não cometer outros erros. Somos humanos, portanto, imperfeitos.

— Vai para a empresa hoje? — meu marido pergunta, tentando fazer Gabriel ficar em seu colo.

— Hoje não. Pietra vai no meu lugar.

Com o terreno que os meus pais me presentearam, eu levantei há um ano, juntamente com a minha irmã, uma empresa de cosméticos que tem o óleo da uva como base de todos os produtos. Hidratante corporal e facial, desodorante, linha de cuidados com o cabelo, sabonetes, maquiagem, abrangendo para os homens também com pós-barbas. *Vinho & Beleza*, foi como nomeamos a marca.

A ideia de usar o terreno para este fim foi de Carlos Eduardo. Ele sabia que eu tinha o desejo de entrar nesse ramo e me ajudou bastante logo que comecei. Eu e Pietra revezamos as manhãs, que é quando as crianças estão na creche, e na parte da tarde sempre fico em casa. Assim tenho tempo de trabalhar, mexer com o marketing da Casa Barcellos e da *Famiglia Fiore*, cuidar dos meus filhos e, de quebra, ficar com o meu marido quando ele não

está na vinícola que, por sinal, depois de muito trabalho de imagem, está recebendo cada vez mais visitas e os vinhos vêm sendo indicados por grandes revistas. Cadu não poderia estar mais realizado.

Uma buzina toca lá fora e meus filhos reconhecem o som que Pipa sempre faz ao chegar. A gritaria recomeça. Gabriel se esforça e consegue fazer com que o pai o coloque no chão e Maria Eduarda corre até a janela da sala. Levo um susto quando ela tropeça no degrau que divide a cozinha da sala, mas a menina é osso duro e rapidamente se recompõe, cumprindo seu objetivo. Logo que engravidei, Cadu decidiu adaptar sua casa — que é a *nossa* casa — para abrigar nossos filhos sem qualquer problema, mas em se tratando de crianças nunca é o suficiente.

— É o Bê! É o Bê! — ela berra e o irmão faz o mesmo, os dois pulando de alegria quando veem meu sobrinho saindo do carro.

Eles amam o Bernardo e justamente por isso é que a minha irmã o deixa aqui antes de ir à empresa. Ele está com seis anos, mas quando se junta com os primos é como se todos tivessem a mesma idade. Abro a porta de casa com Cadu ao meu lado e os dois pedacinhos de gente passam por nós como um raio, correndo até o primo por todo vinhedo, um tanto bambos por serem pequenos, mas com uma força impressionante. O dia está lindo, o típico céu de Bento Gonçalves com nuvens rasas e esparsas e o sol reinando imponente, o que só embeleza o quadro que pinto em minha cabeça.

Eu rio quando meu sobrinho cai na grama e meus filhos caem em cima dele, rindo tanto que escuto daqui. É contagiante. Tão puras, tão inocentes. As crianças não têm ideia do quanto a vida pode ser feia, das suas reviravoltas, da crueldade. O que eu puder fazer para mantê-las protegidas, eu farei. Lutarei para mostrar que, em meio ao caos e à dor, a vida também pode ser bela.

Para completar a pintura, meus pais aparecem ao longe, cansados, o

peso do tempo cobrando seu preço, mas com o sorriso de sempre nos lábios. A alegria de ver a casa cheia, a família crescendo, gerando frutos. Ao vê-los, Biel, Duda e Bê correm para abraçá-los.

Carlos Eduardo me puxa, colocando um braço em meus ombros e eu passo o meu em sua cintura. Juntos, apreciamos a beleza do momento. Ambos perdidos em nossos próprios pensamentos.

Eu consegui. *Nós conseguimos.*

— Somos felizes, não somos? — ele pergunta, minutos depois, beijando meu rosto, demorando-se mais que o necessário. De repente, sinto o respingar de uma lágrima.

Ao olhar para seu rosto, *as íris* azuis brilhantes, inundadas pelo choro contido, declaro:

— Felicidade é uma abreviação para o que somos, Cadu. Eu nunca vou cansar de te agradecer por ter olhado para mim e visto algo de bom quando eu só tinha escuridão. Em *você* encontrei esperança. Em *você* eu *me* encontrei, meu amor.

Ele acaricia meus cabelos. Beija minha testa, as bochechas, as pálpebras, meus lábios. Um gesto de veneração e ternura. Sua voz reverbera na minha alma:

— Você me deu uma família, minha linda. Eu nunca vou deixar que o nosso vinho acabe, porque enquanto ele durar haverá alegria, esperança, amor, perdão e a chance de *recomeçar*. Nós dois fomos refeitos, reconstruídos e não é da boca *pra* fora que replico que em *você* eu *me* encontrei, rosa mais formosa, minha Gabrielle. É com *você* que eu quero estar pelo resto da minha existência. *Você*, os nossos filhos e o nosso vinho.

(...) e cada verso meu será pra te dizer que eu sempre vou te amar.

Por toda a minha vida (...)

FIM.

Nota da Autora

Antes de mais nada, espero que a mensagem desta história tenha chegado ao seu coração. Eu não canso de dizer que escrever este livro foi desafiador. Cresci de diversas maneiras e me emocionei demais.

Quando mostrei o projeto para a Dani, eu estava confiante de que ele tinha potencial, porque eu acreditava muito no que estava contando, mas não tem como controlar a insegurança. O tema ao mesmo tempo que era muito pessoal, era dramático, e eu nunca havia navegado por essas águas. Assim que leu os primeiros capítulos, ela disse: *Talitha, eu preciso desse livro*. Eu respondi: *sério, você gostou?* Ela: *Eu mais que gostei, eu amei!*

Eu não poderia ter ficado mais feliz, grata e com a sensação de que eu poderia levar assuntos importantes, e necessários, para muitas pessoas.

Mas como a ideia surgiu?

Tudo começou em uma das vezes que meu marido me chamou a atenção por não parar de mexer no celular enquanto estávamos juntos. O único momento que tínhamos para conversar era à noite e eu estava no telefone, seja trabalhando, seja respondendo mensagens de leitoras ou simplesmente porque não conseguia ficar afastada. Ali comecei a perceber que estava passando dos limites. Eu tinha a necessidade de ficar olhando o visor de minuto a minuto, passava horas nas redes sociais, deslizando a tela como se estivesse no automático.

Você sabia que o uso excessivo do celular pode causar dependência? Você sabia que o uso do celular ao volante já é a 3ª maior causa de mortes de trânsito no Brasil? E você sabia que o uso abusivo dos smarthphones pode gerar transtornos psíquicos como ansiedade e depressão?

Pois é. Fiquei assustada com tantas matérias falando sobre o assunto e percebi que não estava sozinha. Há uma comoção geral, mas, infelizmente,

muitas pessoas só têm consciência, ou levam a sério, quando é tarde demais e perderam momentos preciosos.

Então nasceu a triste, porém inspiradora história de Gabrielle Fiore, e com ela decidi inserir minha paixão pelo mundo dos vinhos.

Reviver a experiência e os detalhes de quando fui ao Vale dos Vinhedos, em 2013, foi incrível, mas eu não contava com o quão fantástico seria de fato. Ao inserir a descrição da minha visita à *Casa Valduga* pelos olhos de Carlos Eduardo, não imaginei o elo que seria criado com aquela citação.

A fim de obter conhecimento para traçar a personalidade do meu personagem, eu queria saber mais das histórias, das dificuldades que a *Casa Valduga* viveu para que chegasse no exemplo de sucesso que é hoje. Para isto, entrei em contato com o guia que conduziu a visita que fiz em 2013 e descobri que ele ainda trabalhava lá, em outro setor. O querido *Tasso Bertolini*.

A partir daquele momento, o livro tomou outra proporção. E aqui preciso exaltar a Vinícola, que acolheu tão prontamente este projeto na pessoa do querido amigo *Eduardo Luiz Valduga*, um dos membros da *Famiglia Valduga*.

O que aconteceu? Sete anos depois, eu e meu marido voltamos ao Sul e fomos recebidos pelo Eduardo e o Tasso. Eu me emocionei com o tratamento que nos deram, conversamos por horas em uma linda mesa preparada na cave subterrânea, degustamos os melhores produtos da Vinícola, almoçamos aquele típico almoço de colônia italiana no *Maria Valduga*. Foi um sonho realizado!

Dessa viagem voltei com mais ideias, enriqueci o texto com informações precisas e verídicas, mesclando realidade com ficção, e o coração repleto de felicidade.

Por isso eu sempre digo: acredite em você e nos seus sonhos. Não os ignore por achar que são impossíveis, busque uma forma para que um dia ele seja realizado. *Insista, persista e não desista!*

“Que depois do pó reste o amor de nosso trabalho
e as videiras brotando esperança e
paixão nos vinhedos de nossas vidas.”

Eduardo Luiz Valduga

Agradecimentos

Deus, graças te dou. Ontem, hoje e sempre.

Eduardo Dória, parceiro de vida. Obrigada pela inspiração, pelos puxões de orelha, pelo amor e compreensão. No meu desespero, você me acalmou. Na minha alegria, você celebrou comigo. Um brinde a nós.

Pai, mãe, irmão, obrigada por sempre torcerem por mim. Pela base e o amor incondicional.

Dani Soares, por ter aberto as portas da 3DEA. Obrigada por ter acreditado em mim e na história da Gabi e do Cadu. De coração!

Bianca Bonoto e Helô Delgado, minhas betas incríveis, amigas maravilhosas que suportaram minhas inseguranças e receios, vocês foram fundamentais. Sério, obrigadaaaa por tudo!

Dani Assis, uma querida que aceitou, prontamente, meu convite para prefaciar esta obra. Você sabe o quanto admiro seu trabalho e estarei sempre grata pelo carinho.

A vinícola Casa Valduga, em nome dos amigos, Eduardo Luiz Valduga e Tasso Bertolini que me incentivaram, ajudaram com informações e fizeram com que eu me apaixonasse ainda mais pelo mundo dos vinhos. Minha eterna gratidão.

Nana Simons, foi muito importante ter a sua leitura prévia e receber todo aquele carinho. Sua reação me renovou. Obrigada, amiga.

Zoe X, Agatha, Raquel Cazes, Ramone, amigas que me acompanharam, acalmaram e me deram ouvidos. Vocês são maravilhosas.

Misteriosas leitoras, amigas de Angra-Rio-Sampa, meus amores, gratidão! Espero que tenham gostado de mais esta obra, porque foi escrita com o coração e a minha alma. *Amo tus.*

Parceiras, blogueiras, ajudadoras, muito obrigada por acreditarem no meu trabalho. Como sempre digo, vocês são essenciais.

A você que me acompanha ou está conhecendo minha escrita agora, muito obrigada pela oportunidade e por prestigiar a literatura nacional. Juntos somos mais fortes e podemos fazer deste mundo um lugar muito melhor.

Beijo grande,

T. M. Kechichian

- [1] Hoobastank: Banda norte-americana de rock alternativo.
- [2] Ruelle: Norte-americana, cantora e compositora de eletropop.
- [3] UNIONS: Banda pop norte-americana, formada por Marie Hines and Justin Halpin.
- [4] Imagine Dragons: Banda de rock norte-americana.
- [5] William Shakespeare: Poeta, dramaturgo e ator inglês, tido como o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo.
- [6] Avril Lavigne: Canadense, cantora pop, compositora e multi instrumentista.
- [7] Evanescence: Banda de rock norte-americana.
- [8] Katy Perry: Norte-americana, cantora pop, compositora e atriz.
- [9] Michael Kiwanuka: Britânico, cantor, compositor e produtor musical.
- [10] Kell Smith: Brasileira, cantora e compositora de pop e R&B.
- [11] Jess Glynne: Britânica, cantora e compositora.
- [12] Sara Ramirez: Mexicana, atriz, cantora e compositora.
- [13] Shawn Mendes: Canadense, cantor pop e compositor.
- [14] Coldplay: Banda britânica de rock alternativo.
- [15] Snow Patrol: Banda irlandesa/escocesa de rock.
- [16] Christina Perri: Norte-americana, cantora pop e compositora.
- [17] Jota Quest: Banda brasileira de pop rock.
- [18] Kodaline: Banda indie irlandesa.
- [19] Vinicius de Moraes: Poeta, dramaturgo, jornalista, diplomata, cantor e compositor brasileiro.
- [20] Tom Jobim: Compositor, maestro, pianista, cantor, arranjador e violonista brasileiro.
- [21] Mini-wedding: casamento intimista, com um número reduzido de convidados.